

RAFAEL ANTONIO TEIXEIRA DAS NEVES

O combate às enchentes no município de Santo André/SP: caracterização socioambiental do problema e subsídios dos afetados ao planejamento das ações de Defesa Civil

Dissertação apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Engenharia Ambiental.

Prof^a Dr^a Norma Felicidade Lopes da Silva Valencio
Orientadora

São Carlos - SP
2008

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Tratamento
da Informação do Serviço de Biblioteca – EESC/USP

N518c Neves, Rafael Antonio Teixeira das
 O combate às enchentes no município de Santo André/SP
 : caracterização socioambiental do problema e subsídios
 dos afetados ao planejamento das ações de defesa civil /
 Rafael Antonio Teixeira das Neves ; orientador Norma
 Felicidade Lopes da Silva Valencio . -- São Carlos, 2008.

 Dissertação (Mestrado-Programa de Pós-Graduação e Área
 de Concentração em Ciências da Engenharia Ambiental) --
 Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São
 Paulo, 2008.

 1. Desastres. 2. Defesa civil. 3. Enchentes. I.
 Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

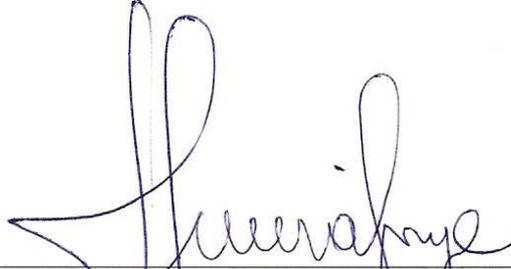
Candidato: Engenheiro **RAFAEL ANTONIO TEIXEIRA DAS NEVES**

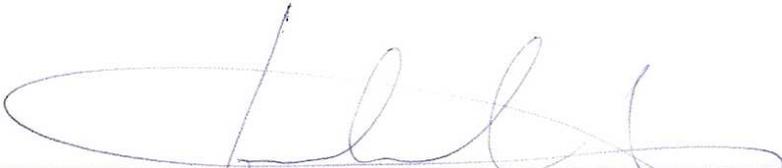
Dissertação defendida e julgada em 04/09/2008 perante a Comissão Julgadora:


Prof.^a Associada **NORMA FELICIDADE LOPES DA SILVA VALENCIO**
(Orientadora)
(Universidade Federal de São Carlos/UFSCar) **APROVADO**


Prof. Dr. **TADEU FABRICIO MALHEIROS**
(Escola de Engenharia de São Carlos/USP) **APROVADO**


Prof. Titular **FERNANDO LEFEVRE**
(Faculdade de Saúde Pública/USP) **APROVADO**


Prof. Titular **MARCELO PEREIRA DE SOUZA**
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Engenharia Ambiental


Prof. Associado **GERALDO ROBERTO MARTINS DA COSTA**
Presidente da Comissão da Pós-Graduação da EESC

A *minha família, que com
respeito e amor me apoiou
irrestritamente, dignificando o ato
de aprender o belo e o consistente.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Prof. Norma Felicidade Lopez da Silva Valencio que incansavelmente me sustentou na parte intelectual e acadêmica, mostrando-me os caminhos de forma alegre para a conclusão desta tarefa. À minha dedicada professora Cleusa M Augusto Da Silva, me ensinando a língua portuguesa e inglesa para dar suporte ao aprendizado. Aos amigos Prof. Dr. Michael Lindell e Carla S. Prater, por possibilitar o uso de seus escritos em minha dissertação. Aos professores da pós graduação: Prof. Dr. Carlos Celso do Amaral e Silva, Prof^a Dr^a Adelaide Cássia Nardocci, da USP FSP; Prof^a. Dr^a Vanderli Custódio e Prof. Dr. Wagner Costa Ribeiro da USP SP Geografia; Prof^a Dr^a Deise Aparecida do Nascimento Rebelatto da USP SC Eng^a de Produção. Todos, antes do que mestres mostraram-se amigos, dirigindo meus pensamentos para as novas idéias e ideais acadêmicos, aprendidos e adquiridos com liberdade e felicidade. Aos amigos da secretaria, biblioteca e centro de informática do PPG-SEA, em especial ao Nelson E Tessarin e a Claudete Poianas que com tolerância e apreço garantiram a continuidade deste trabalho na sua forma legal e apropriada. Aos Prof. Dr. Evaldo Luiz Gaeta Espinola e Prof. Dr. Marcelo Pereira de Souza que me acolheram em sua escola, permitindo-me sentir como parte integrante do egrégio corpo acadêmico. Aos Prof. Dr. Tadeu F. Malheiros da EESC- USP, e Prof. Dr. Frederico Mauad, pelos conselhos quando do exame do projeto que referenciou esta dissertação. Aos Profs. Dr. Fernando e Ana Lefreve da FSP-USP, mais que mestres, pessoas de brilho próprio pelo qual me orientei em meio ao nevoeiro do aprendizado para a pesquisa, a análise e a compreensão dos problemas sociais que foram levantados. Aos amigos e colegas que comigo comungam o trabalho da DEFESA CIVIL de Santo André, sempre dispostos ao auxílio e solidariedade à população afetada pelas situações de risco da cidade, e que concorreram para o levantamento dos dados colocados nesta dissertação.

RESUMO

NEVES, Rafael Antonio Teixeira das. O combate às enchentes no município de Santo André/SP: caracterização socioambiental do problema e subsídios dos afetados ao planejamento das ações de Defesa Civil. Dissertação (Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

Trata-se de uma análise sócio-ambiental do fenômeno de enchentes, recorrente no município de Santo André/SP, permitindo identificar, de um lado, um esforço contínuo do poder público para combater esse fator de ameaça relacionado às chuvas. E, de outro, a persistência da vulnerabilidade espacial de populações de baixa renda na localidade, em especial, em áreas marginais. A dissertação levanta problemas que estão na área do gerenciamento do desastre de enchentes, descreve os processos sociais e urbanos, demonstra as vulnerabilidades e as ações tomadas para minimizá-las, verificar quais são as perspectivas futuras para as vulnerabilidades e qual é o discurso coletivo das representações sociais dos afetados para as questões do risco, dos danos imateriais, o entendimento da política aplicada para as áreas de enchente, buscando a dimensão do desastre nas percepções dos atingidos pelas enchentes e inundações. . Apresenta-se, daí, uma compreensão sociológica – baseada no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) – do relato padrão dos afetados na convivência com as enchentes. A pesquisa qualitativa, realizada através de entrevista, identifica um discurso coletivo de sofrimento que, ao lado das perdas materiais, revelam a ausência de cidadania para levar adiante alternativas para a segurança do lugar frente às enchentes. A dissertação visa destacar seu valor informativo para balizar as ações de gerenciamento de risco através das ações integradas de prevenção, preparação, resposta e recuperação mais eficazes no futuro.

Palavras-chave: Desastres; Defesa Civil; Enchentes; Gerenciamento de Risco.

ABSTRACT

ABSTRACT

NEVES, Rafael Antonio Teixeira das. The Fight against Floods in Santo André/SP: The affected people's subsidies to Civil Defence actions plan. Dissertação (Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

This dissertation is about a social-environmental analysis of the floods phenomenon in Santo André City/SP, which, on one hand, allows us to identify a non-stop effort of the public power to beat this threat related to rain and, on the other hand, the spatial vulnerability persistence of the low-income population in the region, especially, on river banks. This dissertation brings up problems that are in the area of the flood disaster management, describes the social and urban processes, shows the vulnerability factors and the actions taken to minimize them. It verifies which the future prospects for the vulnerability factors are and which the collective speech of the social representatives of the affected people is, concerning the risk and immaterial damage issues. This dissertation also verifies the understanding of the policy applied to the flood areas, analysing the disaster dimension from the point of view of the ones affected by floods. Thus we have a sociological comprehension – based on Collective Subject Speech – of the standard-report of people affected by floods. The qualitative survey identifies a collective speech of pain that, besides the material loss, reveals lack of citizenship to carry on alternatives for the local safety against floods. This dissertation aims to highlight its information value to delimit the risk management actions through more efficacious integrated actions of prevention, preparation, response and recuperation in the future.

Key Words: Disasters; Civil Defence; Floods; Risk Management

LISTA DE FIGURAS

1 Quantidade de desastres por cidade.....	23
2 Número total de desastres e distribuição espacial por cidade.....	24
3 Quantidade de afetados por cidade.....	25
4 Gráfico dos municípios atingidos e vítimas.....	26
5 Crescimento da urbanização no mundo.....	29
6 Foto da imagem de satélite do Estado de SP, destacando a mancha urbana da região metropolitana da cidade de SP.....	30
7 Localização na região metropolitana.....	31
8 Foto aérea formatada em mapa apresentando a parte urbana e a área de proteção ao manancial da represa Billings e da Serra do Mar.....	35
9 Foto da vista aérea do Paço Municipal da cidade de Santo André.....	36
10 Foto Rio Tamanduateí.....	37
11 Foto Bairro Bom Pastor.....	43
12 Mapa com as estradas de ferro do estado de São Paulo.....	45
13 Foto da Estação de Santo André, 1930 – pátio das manobras e início da instalação de indústrias ao seu largo.....	46
14 Gráfico participação da indústria andreense no Estado de SP.....	47
15 Gráfico participação dos serviços andreenses no Estado de SP.....	47
16 Gráfico da Distribuição da população, segundo IPVS 2000 – Estado de São Paulo e município de Santo André.....	49

17 Fluxograma demonstrativo da política pública adotada para a atuação da Defesa Civil de Santo André.....	56
18 Gráfico da quantificação dos chamados pela população para verificação de eventos de risco.....	58
19 Mapa de apresentação das áreas inundáveis da cidade de Santo André.....	59
20 Gráfico de quantificação das chuvas ocorridas na cidade de SP nos verões de 2001 à 2008.....	60
21 Gráfico da variação dos eventos mundiais por tipo de desastre.....	61
22 Gráfico Concentrações atmosféricas.....	75
23 Comparação de mudanças da temperatura de superfície.....	76
24 Mudança da precipitação futura.....	78
25 Evolução mensal e anual da média diária da temperatura do ar (oC); As medidas do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas no período de 1936 a 2005.....	79
26 Evolução mensal e anual da média diária da umidade relativa do ar (%). As medidas foram realizadas pela Estação Meteorológica do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas no período de 1936 a 2005.....	80
27 Evolução mensal e anual da média diária da precipitação (mm). As medidas foram realizadas pela Estação Meteorológica do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas no período de 1936 a 2005.....	80
28 Gráfico do índice acumulado dos verões das chuvas ocorridas na cidade de São Paulo nos verões de 2001 à 2007.....	81
29 Mapa do estudo da enchente.....	87

30 Gráfico dos índices pluviométricos do município de Santo André das chuvas ocorridas no período de verão.....	113
31 Gráfico dos eventos de enchentes ocorrido durante os anos de 2001 a 2007.....	114
32 Foto da Vila América – verão 2005.....	116
33 Foto do Rio Tamanduateí, Av. dos Estados – Rotatória da Rhodia verão de 2005.....	116
34 Mapa das manchas que representam as áreas inundadas em consequência da chuva do dia 24 de fevereiro de 2008.....	117
35 Ilustração das Bacias de Santo André com os pontos de alagamentos acontecidos no verão de 2006/2007.....	119
36 Planta do bairro Bom Pastor.....	119
37 Mapa de risco do Córrego dos Meninos.....	120
38 Foto da vista aérea do local da pesquisa ao lado do Córrego dos Meninos, lado de Santo André.....	121
39 Foto da passarela entre Santo André e São Bernardo junto a um núcleo não regularizado em área pública de Santo André.....	122
40 Foto da parte do tanque de contenção do Bom Pastor executado pela PMSA.....	123
41 Foto do tanque de contenção do DAEE, no Bairro Bom Pastor.....	123
42 Gráfico da população atingida por inundações no Bairro Bom Pastor por periodicidade da ocorrência quando há pluviometria intensa.....	124
43 Gráfico da relação da população afetada por inundações no Bairro Bom Pastor.....	125
44 Mapa das áreas inundáveis da margem do Córrego dos Meninos no Bairro Bom Pastor.....	126
45 Área escolhida para a pesquisa realizada no Bairro.....	126

46	Área da pesquisa – Bairro Bom Pastor.....	129
47	Gráfico da distribuição dos pesquisados.....	130
48	Gráfico do percentual de moradores estabelecidos por tempo de moradia no mesmo local.....	131
49	Gráfico da relação de propriedade dos imóveis pesquisados.....	132
50	Gráfico da distribuição da idade dos pesquisados.....	132
51	Gráfico da distribuição de renda familiar dos pesquisados.....	134
52	Gráfico da distribuição educacional dos entrevistados.....	135
53	Gráfico da distribuição profissional dos pesquisados.....	136
54	Gráfico da quantidade dos imóveis pesquisados afetados pela enchente.....	137
55	Gráfico de instrumentos estruturais para minização das enchentes nos imóveis pesquisados	138
56	Gráfico das ações de evacuação dos afetados.....	139
57	Gráfico da quantificação do dano na percepção do afetado.....	140
58	Quadro da distribuição dos piscinões na região do Grande ABC.....	149
59	Quadro sintético da relação de custo benefício das obras de drenagem executadas no município de Santo André de 1997 a 2006 pelo Semasa.....	159
60	Gráfico relacionando índice pluviométrico acumulado de chuvas e o número de eventos de enchentes ocorridas em cada ano.....	159

LISTA DE TABELAS

1 Vítimas fatais de acordo com CEDC, 2005.....	26
2 Resultado da operação verão entre dez/2006 até mar/2007, CEDEC OPERAÇÃO VERÃO 2007	27
3 Correspondem aos dez municípios com maior PIB.....	48
4 Dados a serem coletados quando de um desastre.....	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 O risco existente.....	20
1.2 Impactos devido à urbanização.....	28
2 OBJETIVOS	32
2.1 Objetivo Central.....	32
2.2 Objetos específicos.....	32
2.3 Justificativa.....	32
2.4 A área de estudo.....	34
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
4 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO, AS ENCHENTES E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DEFESA CIVIL EM SANTO ANDRÉ	44
5 AVALIAÇÃO DE DANOS COMO INSTRUMENTO DE POLÍTICA DE DEFESA CIVIL	64

6 OS DESASTRES RELACIONADOS ÀS CHUVAS: DOS FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS À PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	72
6.1 Eventos extremos relacionados às mudanças climáticas.....	72
6.2 Análise de risco: Dimensão sócio-política das interações do meio com os fenômenos atmosféricos.....	82
6.3 Sociedade de risco: Dimensão sociológica do problema.....	89
6.3.1 Conflitos socioambientais imbricados nos desastres: A dimensão comunicativa.....	97
7 SISTEMA DE DEFESA CIVIL COMO GERENCIADOR INSTITUCIONAL DOS RISCOS DO MUNICÍPIO	104
8 UM ESTUDO DE CASO DE ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ: O SOFRIMENTO SOCIAL SEGUNDO OS AFETADOS	112
8.1 Resultados da pesquisa de campo.....	130
8.2 Análise integrada dos resultados da pesquisa documental e pesquisa de campo.....	158
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
9.1 Considerações analíticas sobre a pesquisa.....	171
9.1 Considerações analíticas sobre a pesquisa.....	171
9.2 Recomendações.....	173
9.3 Recomendações Finais.....	173

REFERÊNCIAS	183
ANEXOS	188

1 INTRODUÇÃO

No debate contemporâneo, há várias definições de desastre, que são relativamente próximas.

Para Mattedi; Butzke (apud VALENCIO, 2003, p.223) desastre é “(...) um acontecimento, ou uma série de acontecimentos, que altera o modo de funcionamento rotineiro de uma sociedade. Estes acontecimentos são provocados por uma grande variedade de agentes ou criados pelo homem”.

Já a Secretaria de Estratégia Internacional para a Redução de Desastres das Nações Unidas EIRD (2004, p.3), define desastre.

Interrupción seria del funcionamiento de una comunidad o sociedad que causa pérdidas humanas y/o importantes pérdidas materiales, económicas o ambientales; que exceden la capacidad de la comunidad o sociedad afectada para hacer frente a la situación utilizando sus propios recursos. Un desastre es función del proceso de riesgo. Resulta de la combinación de amenazas, condiciones de vulnerabilidad e insuficiente capacidad o medidas para reducir las consecuencias negativas y potenciales del riesgo.

Por fim, para Castro (1998), desastre é o “Resultado de eventos adversos, naturais ou provocado pelo homem, sobre um ecossistema (vulnerável), causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e conseqüentes prejuízos econômicos e sociais”.

Os autores supra, compartilham, assim, da idéia de que desastres são eventos hostis, que trazem infortúnio e infelicidade, normalmente súbitos, podendo ser inesperados, capazes de produzir danos e prejuízos diversos, resultando em mortos e feridos.

Pela definição, os desastres naturais são determinados a partir da relação entre homem e natureza, sem a qual não há dano. Os desastres naturais resultam da

tentativa frustrada em dominar a natureza. Ou uma ilusão de dominação que gera formas inapropriadas de utilização de recursos naturais ou ocupação territorial, dentre outros. Tal ilusão faz parte de uma cultura de segurança que subjaz à cultura de risco

O número de ocorrências de desastres naturais, nas últimas décadas, tem aumentado, principalmente, pelo aumento da população e conseqüente ocupação de espaços de forma intensa e desordenada provocada pela urbanização e pela industrialização, além do empobrecimento que suscita a vulnerabilidade de expressivos contingentes em países de menor desenvolvimento.

Conforme estudo de Diniz; Diniz (2000):

A partir do final do século XIX e até aproximadamente 1970, o município de São Paulo e a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) assumiram, de forma crescente, a posição de centro econômico e industrial do país, com forte processo de concentração das atividades industriais e econômicas nessa região. Em 1970, entendido como pico da concentração, a RMSP participava com 44% do Valor da Transformação Industrial (VTI) e 26% do Produto Interno Bruto (PIB) nacionais" (...) "A partir de então a RMSP passou a crescer menos que outras regiões e áreas metropolitanas do país, levando a uma perda de posição relativa. Por volta de 2000, estima-se que as participações no Valor da Transformação industrial e no PIB tenham sido reduzidas para 26% e 23%, respectivamente. A queda de participação na produção industrial foi muito maior que no PIB, indicando mudanças no papel e nas funções da RMSP como centro econômico nacional. Este fato está relacionado com a reversão do processo de polarização industrial, em função do aumento dos custos de produção e comercialização naquela localidade, conjugado com a criação de economias externas e de aglomeração em várias outras regiões e localidades além dos incentivos fiscais e tributários em outras regiões do país, o que alterou o padrão locacional da indústria.

Por outro lado, as mudanças no cenário mundial, a globalização, a abertura da economia brasileira, as mudanças tecnológicas e organizacionais, as mudanças na concepção e papel do Estado vêm provocando alterações na posição e papel da RMSP e da cidade de São Paulo, tanto com relação à economia nacional quanto em

relação à inserção internacional do Brasil. Nesse sentido, São Paulo perdeu importância relativa como centro industrial, mas ampliou sua posição em termos da concentração dos serviços modernos e de centro de comando do capital.

O histórico apresentado por Diniz, acima, nos direciona a causa dos processos de loteamento indiscriminados, a especulação imobiliária. A população crescente, pois o mercado de trabalho exigia mão de obra, na época sem preparo, uma população precisando morar e sem dinheiro buscando acomodação barata e em qualquer espaço. Tal situação gera a ocupação das várzeas a princípio, pois eram loteamentos permitidos. O risco instala-se.

Tal concentração incitou a impermeabilização do solo, o adensamento das construções, a conservação de calor e a poluição do ar e loteamentos irregulares favorecem, no meio urbano, inundações e enchentes que provocam danos ambientais, materiais e humanos. As inundações e enchentes, então, têm sido considerada como um tipo de desastre, bastante recorrente, relacionado às chuvas. Nem sempre tal fenômeno, contudo, pode assim ser considerado.

Tanto as inundações como as enchentes são processos naturais de escoamento das águas provenientes de intensas chuvas em uma determinada bacia. As várzeas, como são conhecidas às áreas para extravasar dos rios em períodos de cheias, têm suma importância para o equilíbrio da bacia hidrológica, como também benéfica para a agricultura por propiciar o transporte de nutrientes que fertilizam o solo e favorecer o processo de sedimentação. Tanto o fato da sedimentação das várzeas como da erosão das margens são processos naturais aproveitados pela sociedade para sua ocupação. Entretanto, quando ocorre ocupação da várzea – como na forma de moradias e demais estabelecimentos além da infra-estrutura viária, fluxo de pessoas e

veículos – as cheias naturais encontram obstáculos inexistentes outrora, dando ensejo a um processo de vulnerabilidade desses novos elementos da paisagem construída e decorrente oneração, por danos, dos sujeitos cujos fixos e fluxos desconsideraram a dinâmica natural acima referida.

A associação das suscetibilidades das áreas urbanas aos perigos naturais da inundação agregada, ainda, à modificação mais ampla do território - envolvendo, por exemplo, a deposição inadequada de resíduos sólidos nos mananciais e sistemas de drenagem - gera danos para contingentes humanos substanciais, retirando a cidade do estado de normalidade – isto é, das rotinas aos quais os vários agentes se acomodaram - ao ponto desses danos serem considerados desastres.

1.1 O risco existente

Assim, se os perigos de inundação ou enchentes são provocados por forças de natureza externa e ambiental, os desastres de inundação ou enchentes nas cidades são causados por um processo endógeno da produção material de existência de certa sociedade num dado local e destacam-se, neste aspecto, os territórios que, no âmbito do uso privado, são atingidos (como moradias), e no âmbito econômico (como estabelecimentos comerciais) também o são, retirando as condições de exercício, de um lado, da dinâmica familiar e, de outro, das condições de provimento dos que necessitam ali realizar seu trabalho.

Como o fenômeno das inundações e enchentes está ligado a eventos hidrometeorológicos que são sazonais, desta forma são fatores de perigo, temporalmente bem estabelecidos; tratar-se-ia, de frente aos mesmos, promover-se a redução da vulnerabilidade. Todavia, a história recente de produção das cidades latinoamericanas denota que esta vulnerabilidade persiste (EIRD, 2004). Está-se defronte à ocorrência periódica dos mesmos tipos de danos materiais, ambientais e humanos, que se tornam cada vez mais avolumados quando, ao invés de incitar uma desterritorialização das inserções vulneráveis e uma reterritorialização embora seguras numa atitude preventiva, na época de estiagem, ocorre uma ausência de efetividade da participação pública na busca de soluções, novas ocupações são deflagradas em áreas de risco e ampliam-se as tragédias. Ou seja, a sociedade tem sido pouco reflexiva no que concerne à convivência com inundações ou enchentes.

Ser reflexiva significa corrigir, de maneira planejada, com base nas lições aprendidas, a orientação das práticas de produção social do lugar, o que implica na existência e efetividade de sistemas de gestão dos riscos urbanos, no qual as medidas de prevenção não sejam vistas como desperdício de verbas. Na ausência destes, o desastre, ao invés de algo “súbito”, torna-se algo certo, previsível, e não pode ser relegado a uma circunstância de fatalidade, posto que reporta a dimensões estruturais de uma fazer urbano equivocado e persistente (VALENCIO et al, 2004).

De acordo com a Organização Meteorológica Mundial (OMM), órgão pertencente a ONU, a temperatura da superfície terrestre nos meses de janeiro e abril do ano de 2007 foi a mais alta já registrada desde 1880, quando começou a ser analisada. Segundo o comunicado da OMM (OMM, 2007) a temperatura global de janeiro foi 1,89°C mais quente que a média e 1,37°C no mês de abril. Os reflexos desta

mudança aparecem ao redor do mundo sob a forma de fenômenos extremos ou incomuns. Neste ano, de 2007, foi registrado o mês de maio mais seco da Inglaterra desde 1766 e o primeiro ciclone ocorrido no Mar Árabe¹.

Os noticiários nacionais, reportando os acontecimentos na estação chuvosa de 2007, nos mostram a situação crítica que se encontrou em Belo Horizonte, Sul de Minas, Petrópolis, baixada fluminense no Rio de Janeiro, o Sul do Espírito Santo, além das cheias do Rio São Francisco e o Estado de São Paulo na região central e na região metropolitana gerando expressivo número de afetados por enchente e deslizamento. É uma amostra do que ocorre todos os anos e denota a escala nacional do problema e ausência de medidas preventivas de caráter estrutural e não estrutural.

Dos cinco mil desastres reconhecidos no Brasil, de 2003 a 2006, em número e em localização dos afetados a sua maior parte é recorrente e estão no Sul e Sudeste e está relacionado às chuvas (figuras 1 a 3). Vê-se que o país apresenta considerável vulnerabilidade aos eventos perigosos, o que requer uma reflexão acerca das várias estratégias que as municipalidades adotam no enfrentamento do fenômeno objetivando alcançar a redução do número de afetados. Conforme Castro (1998), “afetado é qualquer pessoa que tenha sido atingida ou prejudicada por desastre (deslocado, desabrigado, ferido, morto, etc.) e os números demonstram que os afetados estão ampliando-se”.

1. SALA DA IMPRENSA. Disponível em: <www.unicrio.org.br/saladaimpressatextos.php?texto=1608e.htm>. Acesso em 21/08/2007 – notícia veiculada pelo CENTRO DE INFORMAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS em 16/08/2007



Figura 1. Quantidade de desastres por cidade (fonte: SECRETARIA Nacional de Defesa Civil, 2006).



Figura 2 - Número total de desastres e distribuição espacial por cidade (fonte: SECRETARIA Nacional de Defesa Civil, 2006).

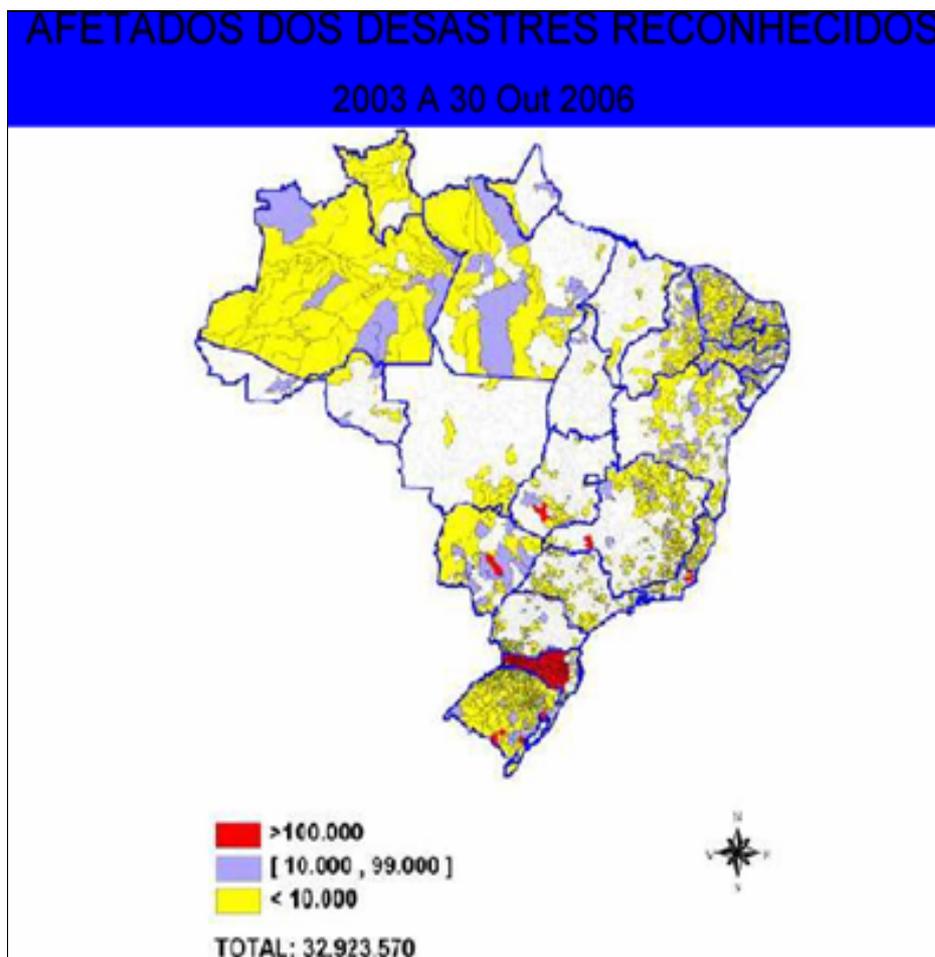


Figura 3. Quantidade de afetados por cidade (fonte: Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2006).

Os gráficos a seguir demonstram os resultados dos vários planos preventivos colocados em operação nos períodos de verão, que corresponde à estação de chuvas, no Estado de São Paulo, pela CEDEC-SP (Coordenadoria de Defesa Civil do Estado de São Paulo). Vê-se que as inundações e enchentes são as causas de perda de vida num período de pluviosidade normal como o do verão de 2006-2007 comparados com o verão anterior (2005 – 2006) quando o índice pluviométrico esteve acima da média.

	DESLIZAMENTO/DESABAMENTO			ENCHENTES			RAIO		
	2002/2003	2003/2004	2004/2005	2002/2003	2003/2004	2004/2005	2002/2003	2003/2004	2004/2005
Grande São Paulo - CONTREM	8	0	4	0	1	1	0	0	0
PPDC Serra do Mar	0	0	0	1	0	0	0	1	0
Vale do Ribeira - CONVAR	3	0	0	0	1	0	0	0	0
Vale do Paraíba - CONVAP	0	0	0	0	0	2	2	1	1
Região de Campinas - CONCAMP	1	0	0	8	0	4	3	0	0
ABCD	3	2	10	0	0	0	0	1	0
Região de Sorocaba - CONSOR	1	5	0	0	0	0	0	0	0
Interior	0	1	0	0	15	5	4	1	0
	16	8	14	9	17	12	9	4	1

Tabela 1. Vítimas fatais de acordo com CEDEC, 2005

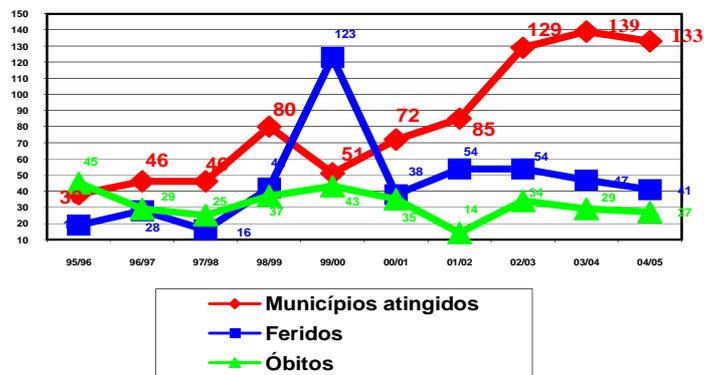


Figura 4. Gráfico Municípios atingidos e vítimas (fonte : CEDEC-SP, 2005).

Período 01/12/2006 até 31/03/2007

Região	Municípios atingidos	Feridos	Falecidos	Desabrigados	
				Pico	Atual
São Paulo	1	3	0	6	28
Grande ABCD-GUARULHOS-OSASCO	16 *	1 *	3 *	11 *	0 *
Interior	43	7	5	259	149
Região de Campinas	23	1	6	187	1
Região de Sorocaba	9	0	0	102	58
Baixada Santista	5	0	2	18	0
Litoral Norte	2	2	0	0	0
Vale de Ribeira	5	0	0	40	12
Vale do Paraíba	11	1	1	26	5
TOTAL	115	15	17	649	253

Tabela 2. Resultado da operação verão entre dez / 2006 até mar/ 2007, CEDEC – OPERAÇÃO VERÃO 2007

1.2 Impactos devido à urbanização

O crescimento urbano brasileiro, no qual o planejamento territorial tem sido falho, produziu um aumento caótico na frequência das inundações, na produção de sedimentos e na deterioração da qualidade da água superficial e subterrânea. À medida que a cidade se urbaniza, ocorre o aumento das vazões máximas (em até 7 vezes) devido à impermeabilização e canalização de rios e córregos. A produção de sedimentos também aumenta de forma significativa, associada aos resíduos sólidos e à qualidade da água que chega a ter 80% da carga orgânica proveniente do esgoto doméstico. O caso paulista é emblemático.

O impacto e a degradação ambiental tendem a piorar na medida da expansão urbana nas cidades médias. A TV e a imprensa mostram parte do problema: cenas de enchentes, escorregamentos, desabamentos associadas a danos materiais e humanos. Na ilustração abaixo (figura 5), vê-se o crescimento da população nos centros urbanos. Tal gradiente de ampliação populacional não foi antecipada pelo planejamento e adequação da infra-estrutura. Além disso, houve recorrente descaso institucional e permissividade na ocupação ilegal ou indevida das áreas com perigos conhecidos, como várzeas e morros com inclinações acima de 35%.

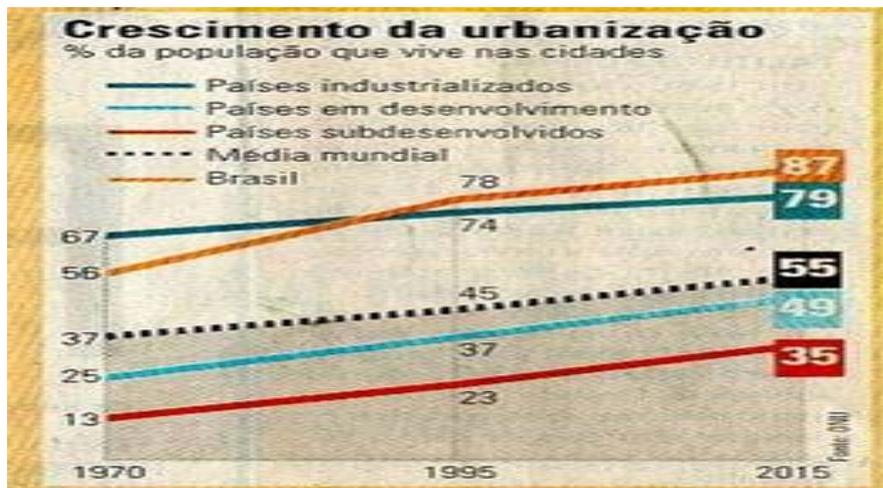


Figura 5. Crescimento da urbanização no mundo
(fonte: ONU)

A falta de vontade política e mobilização de peritos sobretudo na área da engenharia e urbanismo para sensibilizar o poder público quanto a vulnerabilidade das moradias de população empobrecidas nas cidades promoveu uma situação na qual o risco só tende a ampliar. Se os perigos estivessem estabilizados, ao invés de ampliando o seu espectro e a gravidade, a ampliação dos agentes modificadores do território seria já por si só preocupante, considerando-se que cerca de 87% da população brasileira se encontra nas cidades, o que se traduz processo complexo para solução habitacional visando uma ocupação menos suscetível às enchentes.

Como tantos outros, o município de Santo André, no estado de São Paulo, está inserido numa das regiões mais dinâmicas do país e também tornou-se susceptível às enchentes num caso paradigmático da situação supra e, por isto, escolhido para objeto desse estudo.

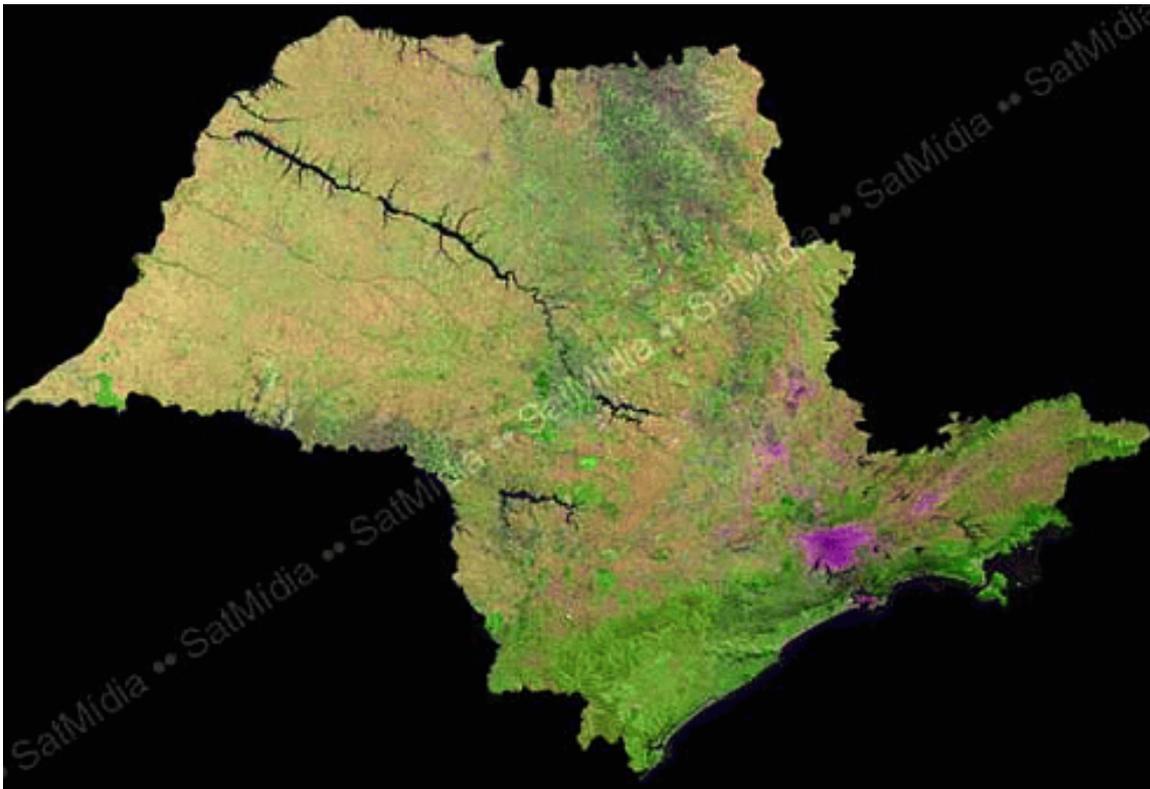


Figura 6. Foto da imagem de satélite do Estado de São Paulo, destacando a mancha urbana da região metropolitana da cidade de São Paulo (fonte: SATMÍDIA, 2005).

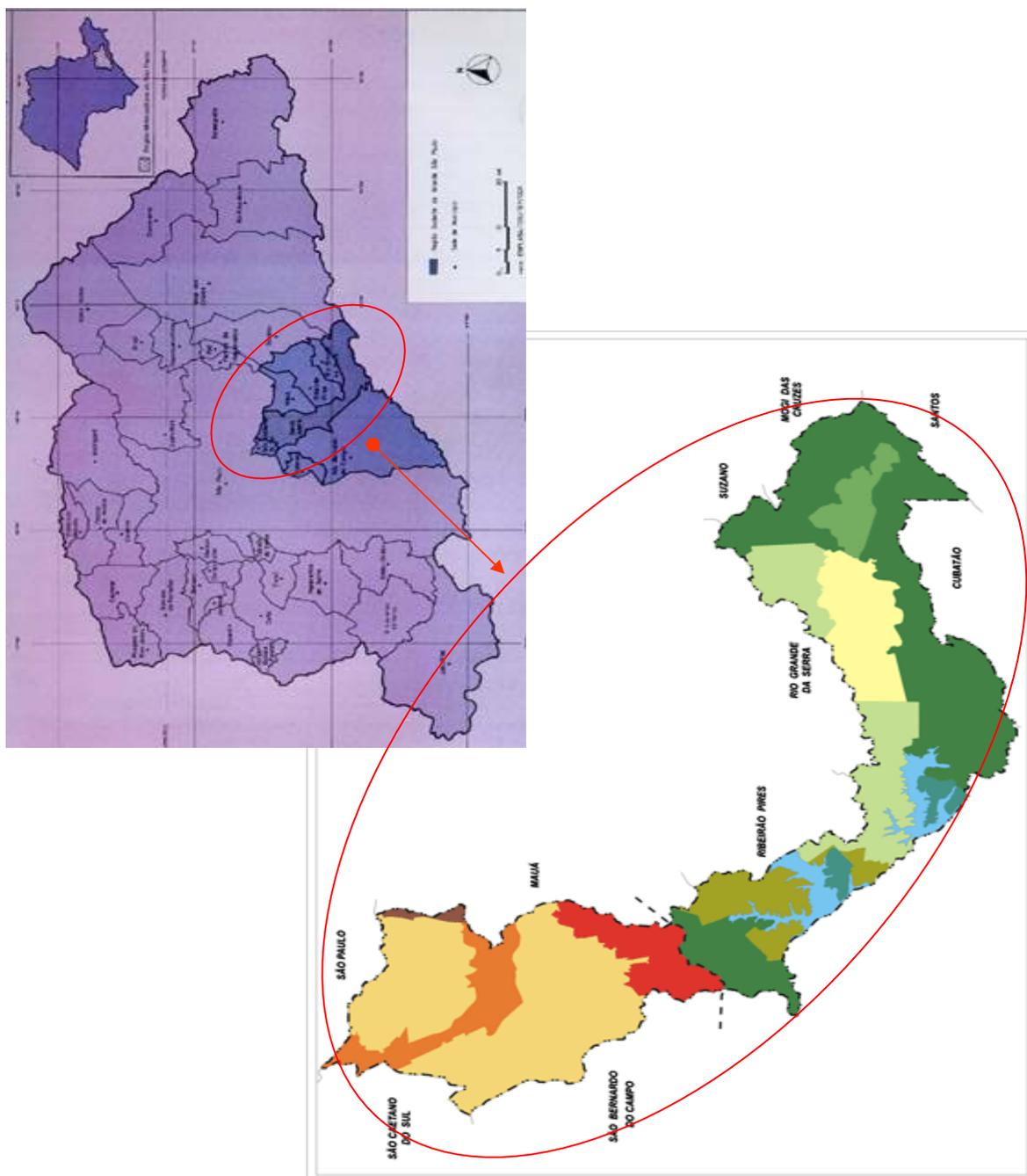


Figura 7. Localização na região metropolitana (fonte: DDC, 2007).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Central

Numa perspectiva qualitativa das Ciências Sociais e em vista do contexto supra, este estudo tem por objetivo descrever e analisar os danos materiais e imateriais provocados por enchentes, na perspectiva do afetado.

2.2 Objetivos específicos

- a) Analisar as práticas sociais apresentadas pelo discurso do sujeito coletivo aplicado no município de Santo André/SP.
- b) Sugerir aperfeiçoamento dos instrumentos técnicos de avaliação e práticas de Defesa Civil

2.3 Justificativa

O entendimento da visão do dano e do desastre pela população que é socorrida e que deve ser protegida, muda a constituição dos processos de precaução utilizados.

A literatura sobre a sociologia de desastres é relativamente recente no mundo e particularmente no Brasil.

Uma forma de contribuir é se debruçando sobre a interpretação, na forma de um estudo de caso, de uma realidade social de uma localidade inserida numa região dinâmica do país, Santo André, próximo à capital paulista. Exatamente por ser dinâmico, o município de Santo André é referência de formas de produção de riqueza econômica que são confundidas com desenvolvimento e, por conseguinte torna-se modelo para outros municípios equivocadamente pensarem na intensificação do uso de sua base biofísica, tornando-se, também eles, suscetíveis a desastres relacionados a enchentes ou inundações. Erros históricos podem estar sendo replicados em outras regiões, se repetindo uma forma de urbanização equivocada, como a criação de vias marginais e ocupação por moradias em áreas de várzeas, onde também carecem políticas públicas para atendimento eficaz aos afetados. Qualquer córrego, em qualquer cidade, por exemplo, no interior do Pará, tendo um riacho, pode supor adequada a abertura de uma via expressa ao lado da qual brotam moradias subnormais. Pronto: o cenário propício às enchentes, com afetados, está dado.

Há que se notar que um município como Santo André, por ser dinâmico, em termos econômicos, parece ser bem sucedido em suas políticas públicas, tornando-se passível de ser referência de lógica de urbanização para o restante do país e, nesse sentido, replicando os equívocos que ele tenha nesse processo de urbanização, cujos efeitos são os desastres. Logo, ao criticar-se o processo de avaliação de danos desde a ótica dos afetados moradores e comerciantes - sinalizando tanto pra a insuficiência que persiste nas políticas públicas quanto nos desafios da estrutura e dinâmica do espaço urbano – quer-se evidenciar os equívocos que ajudem a subsidiar não apenas a mudança das práticas territoriais no município de Santo André/SP, mas de demais territórios que tenham tais práticas como sua referência de produção social do lugar.

Conforme dissemos, esse estudo pode subsidiar o melhoramento dos instrumentos oficiais de avaliação de danos, e nesse sentido indicar para o gestor público, novas formas de ação na investigação de danos e perdas na comunidade dos afetados, como por exemplo, da qualidade do apoio psicossocial que precisa ser dado a esse grupo social.

2.4 A área de estudo

O município de Santo André situa-se no Estado de São Paulo, latitude 23°39'50"S, longitude 46°32'18"W, (figura 7), com população estimada de 669.592 habitantes (IBGE -2004 – projeção) em uma área de 181 Km² (Fundação SEAD, 2004). A área em APRM é de 108 km² que perfaz 62% da área do município. Ali se encontra a vila de Paranapiacaba, uma das áreas de Patrimônio Histórico Nacional (Foto 9).



Figura 8. Foto aérea formatada em Mapa apresentando a parte urbana e a área de proteção ao manancial da represa Billings e da Serra do Mar (fonte: SEMASA, 2007)

Santo André conta com 188 mil domicílios, sendo que 27 mil estão contidos em 139 assentamentos informais. Segundo CEPAGRI - Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura da UNICAMP, o município está em área de clima tropical, com verão quente, sem estação seca de inverno, do tipo Cfa conforme a CLASSIFICAÇÃO CLIMÁTICA DE KOEPPEN onde a temperatura média do mês mais frio está entre 18°C e -3°C – mesotérmico.



Figura 9. Foto da vista aérea do paço municipal da cidade de Santo André (fonte: DDC, 2005).

O município pertence à bacia do rio Tamanduateí, um dos maiores rios da região metropolitana, com nascente na cidade vizinha de Mauá e que segue entrecortando os vales junto com outros dois córregos dos vales adjacentes Oratório e Dos Meninos que deságuas nele na cidade de São Caetano do Sul (Figura 10).



Figura 10. Foto do Rio Tamanduatei, região de Santo André (fonte: PMSA, 2005).

O Tamanduatei foi eixo do transporte e penetração dos Portugueses no século 16 pela sua proximidade com os caminhos que serviam como subida da Serra do Mar para chegar ao Pátio do Colégio, centro entreposto comercial e de onde partiam as caravanas para o centro do país utilizando o Rio Tietê (SANTOS, 2002, p.13).

Santo André está inserida no contexto da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), que ocupa um Sítio Natural com dois tipos principais de embasamento geológico: uma porção mais central, de origem sedimentar, e suas bordas, de origem cristalina. Estas porções se comportam de maneira bastante distinta quando apropriadas para fins urbanos. Enquanto a porção central da Bacia Sedimentar de São

Paulo tem declividades mais suaves e melhores condições de aproveitamento, as bordas dessa bacia apresentam condicionantes ambientais desfavoráveis ao assentamento urbano, basicamente em função de altas declividades e de instabilidade geológica. A Zona Urbana de Santo André apresenta na sua porção centro norte embasamento geológico constituído principalmente por sedimentos terciários consolidados (areias, argilas e cascalhos da formação São Paulo) e por sedimentos quaternários inconsolidados nas várzeas dos principais rios e córregos. Esta região apresenta declividades suaves e os principais problemas ambientais são as enchentes, em face da pouca declividade natural dos terrenos, que leva os rios há um padrão meandrante, com várzeas relativamente extensas, apropriadas a extravazão das águas dos leitos nas épocas mais chuvosas. A porção sul da Zona Urbana, assim como a maior parte da Zona de Expansão Urbana do Município, tem o embasamento geológico constituído principalmente por rochas metamórficas do embasamento cristalino brasileiro (micaxistos, metarenitos e filitos: rochas metamórficas de origem sedimentar; migmatitos e gnaisses graníticos: rochas metamórficas de origem ígnea). Nesta região, há uma predominância de grandes declividades e a ocorrência de eventos geotécnicos expressivos (escorregamentos, desmontes, erosão em sulcos que evoluem facilmente para ravinamentos), que tornam o ambiente físico desfavorável ao assentamento urbano (PSA, 1998).

Formando grandes várzeas sedimentares em suas margens, sobre uma planície, o rio Tamanduateí serpenteava, antes das retificações, até o Rio Tiête, que desbrava o Estado.

As planícies de Santo André rapidamente foram ocupadas pela população para plantações e, depois, com a passagem da ferrovia, torna-se o centro da região

com indústrias implantadas nas suas planícies e o comércio na suas adjacências. Conhecida, inicialmente como São Bernardo e subdividida nas cidades da região conhecida por ABC, tornou-se o pólo comercial, residencial e industrial na década dos anos 1960 (SANTOS, 2002).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa se caracteriza como um estudo sociológico de base qualitativa.

Neste sentido serão adotados na investigação, três procedimentos de pesquisa, quais sejam:

- 1) Pesquisa bibliográfica;
- 2) Pesquisa documental e;
- 3) Pesquisa de campo. Essa última compreendida por:

A. Coleta de relatos orais (entrevista); sistematizada e interpretada através do Método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC);

B. Foto-documentação.

Na pesquisa bibliográfica, será feita a revisão de literatura em sociologia dos desastres, trazendo a síntese os principais autores da sociologia dos riscos, desastres e áreas afins, como os autores têm entendido as questões de vulnerabilidade a que as populações hoje, sobretudo no meio urbano, estão expostas.

Entre os autores estão: Lindell; Perry (2005), Lindell; Prater (2006), entre outros, dos quais serão feita a síntese de livros e artigos científicos recentes. Junto à base da literatura da sociologia contemporânea no tema dos riscos, estão: Beck (1997), Giddens (1991, 1997), Guivant (1998), Irwin (2001), entre outros.

Na pesquisa documental, será feita uma síntese da história recente das enchentes em Santo André, no uso dos registros e documentos da Diretoria da Defesa Civil do município de Santo André e órgãos afins a fim de contextualizar a pesquisa de

campo que se realizou posteriormente. Intentar-se-á sistematizar e interpretar os registros oficiais mostrando quantos casos de enchentes houve nos últimos dez anos, quantos afetados e tipo de afetação registrado pelo AVADAN (Documento de Avaliação de Danos) ou documentos correlatos que órgãos da Prefeitura Municipal tenham, incluindo fotos.

A pesquisa de campo será baseada em técnicas de entrevistas em profundidade e fotodocumentação de representantes dos dois grupos de afetados que serão investigados, que são o grupo de moradores e o grupo de comerciantes. As informações serão interpretadas de acordo com a metodologia do discurso do sujeito coletivo, DSC.

A metodologia do DSC – DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO, a ser aplicada, foi desenvolvida pelo Prof.s Dr.s Fernando Lefevre e Ana Maria Lefevre da Faculdade de Saúde Pública da USP. É descrita por Lefevre; Lefevre (2005, p.7) como:

Um conjunto harmônico de processos e procedimentos destinados, a partir de depoimentos colhidos em pesquisas sociais de opinião, a conformar, descritivamente, a opinião de uma dada coletividade como produto qualiquantificativo, isto é, como um painel de depoimentos discursivos, ou seja, qualidades provenientes de quantitativos de indivíduos socialmente situados.

A representação social é elaborada pela atividade simbólica do indivíduo que, assim, apreende o seu ambiente. E, desta forma, só pode ser compreendida se também for buscada a história individual relacionada à história da sociedade a qual o indivíduo pertence.

A proposta sugerida da análise em pesquisa social é utilizar o depoimento e o discurso de grupos, no nosso caso, na população vulnerável e não preparada para enchentes e inundações, como comerciantes e moradores locais procurando

significados comuns para experiências similares, desde onde referências do agir coletivo público, de forma a orientar novas políticas preventivas.

A pesquisa de campo ocorrerá a partir de entrevistas semi-estruturadas com uma área escolhida pela característica da sua urbanização e das intervenções já executadas e da existência de enchentes ainda depois da construção de contenções e outras obras para a minimização dos efeitos. A população se fará por sorteio, obedecendo, contudo, sua localização nas ruas escolhidas. Desse grupo, se fará a composição do Discurso do Sujeito Coletivo e da constituição de uma fala do conjunto.

As questões formuladas para a formação do discurso estarão relacionadas com as emoções e sentimentos causados pelas enchentes, focando também os danos e a percepção da política pública aplicada à área através das obras executadas ou mesmo das ações não estruturais de Defesa Civil.

A busca pela identidade do morador que lá mora e sua motivação, também faz parte do modelo. A percepção do seu mundo e dos danos causados por estar morando ou tendo comércio na área é de suma importância para entender os motivos e os danos não materiais que a enchente causa como o enfrentamento de cada entrevistado dá ao processo de desastre.

Na visita, quando o pesquisado expressa seu sentimento de perda fez da frase um recurso para propor ao pesquisador uma observação crítica do contexto de danificação: *“Olha aqui, olha o meu sofá. Olha a foto do meu filho”*. Trata-se de avivar a experiência de perda, ali a pesquisa é incitada a enxergar o significado do discurso do afetado para além de meros dados que vão ser registrados no AVADAN. Isto é, onde, no documento oficial, conta “uma moradia danificada”, ali houve uma rotina de vida familiar que entrou em colapso e é de difícil recomposição.

A base do espaço geográfico da pesquisa tem por foco os locais de enchente recorrente, isto é que seja representativo de uma situação crônica.



Figura 11. Foto Bairro Bom Pastor, área escolhida para a pesquisa (fonte: DDC, 2005).

4 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO, AS ENCHENTES E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DEFESA CIVIL EM SANTO ANDRÉ

Embora a criação do município de Santo André seja relativamente recente, datada de 1938, a formação e a ocupação de seu território começaram no início do processo de colonização de São Paulo. As referências históricas, entretanto, ressaltam duas épocas distintas. A mais remota refere-se à antiga vila de Santo André da Borda do Campo que, apesar da breve existência (1553-1560), teve papel fundamental na história do planalto. Instalada por João Ramalho, localizava-se entre São Paulo e as matas da Serra do Mar, em uma região cortada pelo caminho primitivo dos índios e meio estratégico para se chegar ao litoral. Os conflitos entre João Ramalho, os fundadores de Piratininga e os padres jesuítas causaram a extinção da vila de Santo André da Borda do Campo por Mem de Sá (Governador-Geral do Brasil). Seus habitantes foram transferidos para os campos de Piratininga, junto ao Pátio do Colégio, onde foi reerguido seu novo pelourinho. A antiga vila permaneceu, assim, em completo abandono até que um grupo de itinerantes, chefiado por Antônio Pires Santiago, construísse uma capela em honra de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, criando um novo núcleo populacional que, depois, formaria a cidade de São Bernardo do Campo.

A formação de Santo André atual, por sua vez, aconteceu no século XIX, com a passagem da Estrada de Ferro São Paulo Railway, em 1861, e com a criação do primeiro povoado da cidade, denominado Alto da Serra ou Vila de Paranapiacaba (figura 12).



Figura 12. Mapa com as estradas de ferro do estado de São Paulo (fonte: PSA, 2007).

O centro histórico da hoje conhecida cidade de Santo André começou a se formar ao redor da estação ferroviária de São Bernardo, como era conhecida em 1867. Nessa época, toda a região pertencia a São Bernardo do Campo. O grande impulso veio graças à inauguração das diversas estações locais, cujo papel era escoar a produção de café do interior para o litoral paulista. Apenas em 14 de dezembro de 1910, quando foi criado o distrito com sede no povoado da estação de São Bernardo, retomou-se a denominação da cidade como Santo André, menção à antiga vila quinhentista.

O bairro da estação (foto 13), naquele momento, destacava-se como o principal pólo industrial do município de São Bernardo, atraindo fábricas de diversas modalidades e um operariado proveniente do interior do Estado. A proximidade com a estação, as terras planas do vale do Tamanduateí e os estímulos fiscais contribuíram

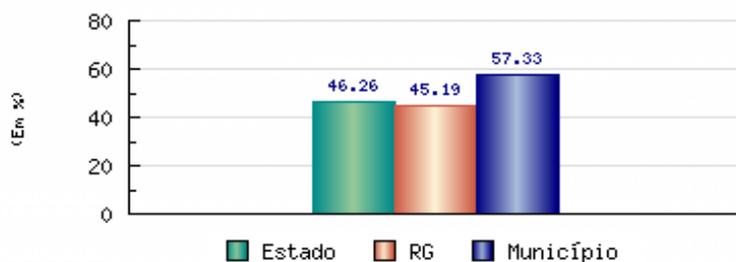
muito para o desenvolvimento de Santo André, que acabou se emancipando do município de São Bernardo em 30 de novembro de 1938.



Figura 13. Foto da ESTAÇÃO DE SANTO ANDRÉ, 1930 – pátio de manobras e início da instalação de indústrias ao seu lado (fonte: PSA, 2007).

Atualmente, a atividade econômica de Santo André está centrada na indústria petroquímica e química, como também na moveleira e metalúrgica de autopeças tendo 1058 indústrias registradas (PSA, 2003) (mapa 1, no anexo 2), sendo que o comércio e os serviços são o mais ativo da região. Conta com uma frota licenciada, na cidade, de 347.104 veículos (PSA, 2003). Como mostra os gráficos (figura 14 e 15) do SEADE 2004, abaixo que comparam a participação dos municípios nos indicadores econômicos por setor que, no setor de serviços e da indústria, a região e em especial o município de Santo André são expressivos participantes da riqueza econômica do Estado de São Paulo.

Economia
Participação da Indústria no Total do Valor Adicionado - 2004
Estado de São Paulo, Região Metropolitana de São Paulo e Município de Santo André

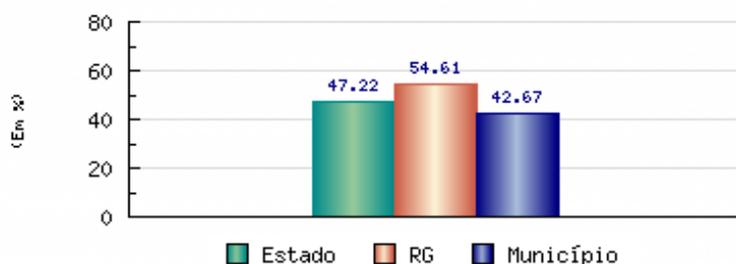


Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.
Fundação Seade.

SEADE
Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Figura 14. Gráfico participação da indústria andreense no Estado de SP
(fonte: SEADE, 2004).

Economia
Participação dos Serviços no Total do Valor Adicionado - 2004
Estado de São Paulo, Região Metropolitana de São Paulo e Município de Santo André



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.
Fundação Seade.

SEADE
Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Figura 15. Gráfico participação do serviços andreenses no Estado de São Paulo
(Fonte: SEADE, 2004).

Em valores relativos ao ano de 2004 mostram que o PIB foi de R\$ 9.629,90 milhões e o PIB per capita de R\$ 14.460,98 (FUNDAÇÃO SEADE, 2004) sendo o maior da região metropolitana. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) é de 0,835, segundo o PNUD (2000).

A tabela abaixo compara a participação do PIB em relação à Participação no Total, dos maiores municípios do Estado de São Paulo no ano de 2004. Nela, verificamos que o município de Santo André é um dos maiores produtores de riqueza do Estado, acima de grandes municípios de características industriais, como Osasco e Sorocaba.

<i>Municípios</i>	<i>PIB R\$ milhões correntes</i>	<i>Participação (%)</i>
Total do Estado	546.606,82	100
São Paulo	160.637,53	29,39
Guarulhos	18.194,92	3,33
São José dos Campos	17.679,81	3,23
São Bernardo do Campo	16.906,08	3,09
Campinas	14.716,83	2,69
Barueri	11.346,63	2,08
Paulínea	10.010,04	1,83
Santo André	9.629,90	1,76
Osasco	9.496,52	1,74
Sorocaba	8.524,11	1,56

Tabela 3. Correspondem aos dez municípios com maior PIB (Fonte: Fundação Seade IBGE, 2004).

Mesmo sendo Santo André um dos grandes pólo industriais e de serviço, se compararmos a vulnerabilidade social existente na cidade, esta apresenta baixo IPVS (Índice Paulista de Vulnerabilidade Social), (gráfico 16) comparado com o Estado, entretanto se compararmos a renda individual e a localização dessas famílias no município pode-se demonstrar que esta parcela da sociedade, com níveis de pobreza mais acentuado – IPVS (Grupos do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social) mais alta ou muito alta, está inclusa nas áreas de risco, tanto de enchentes como nas de deslizamentos

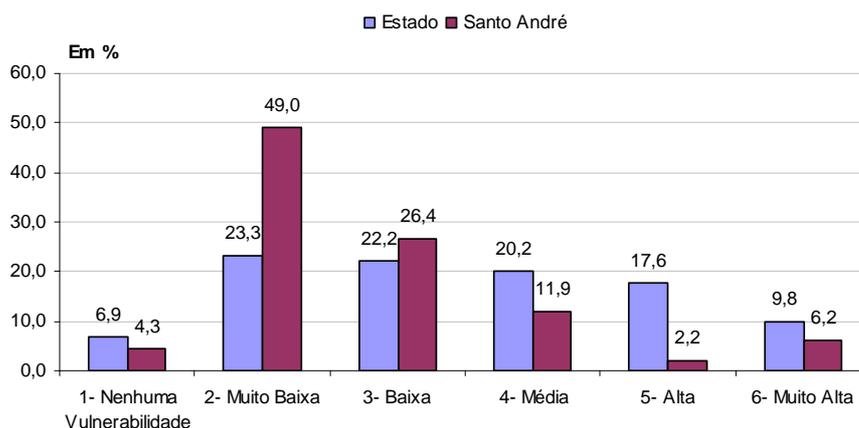


Figura 16. Gráfico da distribuição da população, segundo IPVS 2000 - Estado de São Paulo e Município de Santo André (fonte: Fundação Seade IBGE, 2004).

A conturbação urbana já visível ao longo da segunda metade do século XX, promovida pela industrialização, fruto da migração intensa para os municípios avizinhos da região do ABC Paulista e com conseqüente aumento na construção civil, produziu um processo de desmatamento, arruamentos, construções de bairros inteiros e do aumento incessante da pavimentação das várzeas dos rios e córregos da

região, que foram consideradas pela população como parte legítima do mercado imobiliário.

A população de Santo André, em 1960, era de 245 mil habitantes e, em 2000, de 649 mil (IBGE, 2000), crescimento de 2,5 vezes e o menor da região metropolitana que apresentou crescimento de 4,6 vezes. Entretanto, tem-se mantido em porcentagem igual ao do crescimento demográfico nacional. Mais complexo é para os demais municípios da região que atingiram um crescimento de 29 vezes a população atual se comparado com 1960. Tal crescimento regional traz para a região um acelerado aumento da frota e de passageiros. Em 1997, a frota do município era de 267 mil veículos passando para 347 mil em 2003 (PSA, 2003), entretanto o município não teve um incremento igual em logradouros. Na área econômica não se sentiu tal incremento. O crescimento da economia, por exemplo, em número de empregados de serviços bancário, cresceu em 1,3 vezes, o comércio e o serviço liberal perdeu 0,89 % dos postos de emprego, caracterizando diminuição de renda e empregos, fazendo com que a população, visto não haver crescimento econômico com inclusão social, ir morar na periferia de risco.

A ocupação da cidade, sem uma política pública de ordenamento territorial com preocupação sócio ambientais, aconteceu de maneira espontânea, induziu, dentre outros, um sistema de escoamento de drenagem crítico, problema que é percebido de maneira aguda na atualidade. As obras de engenharia de outrora não se atinham à visão sócia ambiental. A engenharia achava a solução nas obras de grande vulto, transformadoras das paisagens urbanas. Aliadas, ainda, aos fatores econômicos exógenos atuantes nas cidades, como a necessidade de intensificação das atividades industriais. Buscava-se solucionar a equação hídrica pelo aumento da vazão dos

córregos e dos rios e postergaram-se os estudos urbanos ou mesmo não se importando com o impacto futuro da ocupação das várzeas e dos meandros restantes. Tal falta de política pública promoveu um ciclo inesgotável de problemas urbanos sem solução que perdura até hoje, podendo agravar-se na medida em que as populações persistem ocupando as áreas de risco que não têm estrutura geológica para assimilar tal urbanização.

Os dados mostram que o município de Santo André é comparável aos municípios da região metropolitana, principalmente aos municípios de São Paulo e São Bernardo tanto nos processos econômicos de formação industrial e comercial, no de ocupação do solo, no de assentamento da população pobre.

Essa similaridade de Santo André quanto ao padrão paulista e particular paulistano de desenvolvimento implica em semelhanças das vulnerabilidades socioambientais, em particular na ocupação do solo nas áreas de drenagem, até por que pertencem a mesma bacia, a do Rio Tietê, no caso da Capital, e do Rio Tamanduateí, na região do ABC. As semelhanças, ainda, se estabelecem na formação geológica e no perfil topográfico, nas vulnerabilidades dos processos de escorregamentos e aos processos sociais de incrementos populacionais que promoveram ocupações em áreas de mananciais e em locais de inclinação da encosta superior a 30%. Por pertencerem à mesma bacia ou ao mesmo ambiente hidrográfico, apresentam semelhantes processo de precipitação e formação de chuva tendo, como conseqüência, os índices pluviométricos medidos parecidos e as mesmas conseqüências, como a extravasão do rio Tamanduateí em toda extensão da sua várzea, desde Mauá até a sua foz, no rio Tietê.

Os problemas de desastres relacionados às chuvas no território urbano de Santo André, pelas semelhanças nas causas e nos resultados, podem ser comparadas à capital ou a região metropolitana, embora, nas dimensões demográficas ou econômicas, tenha volume menor.

A opção por estudar-se as inundações e enchentes em Santo André dá-se porque o processo de afetação é comparável como padrão, aos dos demais municípios da região metropolitana de São Paulo. A escolha também se voltou por ser o primeiro município da região metropolitana a implantar políticas públicas e programar obras estruturais de controle de enchentes já no início da década de 1990, como “piscinões”, controle da vazão das galerias ao escoadouro da bacia por válvulas retentoras, políticas públicas que seriam implantadas pelo Governo Estadual somente nos anos 2000. Também, e, principalmente, por ser iniciadora na coleta de dados, no exame e na análise dos eventos perigosos (*hazard*) para a população como uma política pública voltada às situações de prevenção e não mais como subsídio às ações de resposta assistencial de Defesa Civil e afim. Santo André foi o primeiro município do Brasil a fazer o estudo das vulnerabilidades, o diagnóstico dos eventos desastrosos ou riscos potenciais de cada área e sua localização geográfica na cidade e o publicou denominando MAPA DE RISCO, no ano de 2001 (figura 1 e 2, anexo 3).

O mapa de risco referido trouxe ao município uma visão macro quanto às ameaças existentes e as vulnerabilidades potenciais e reais. O primeiro mapa de risco realizado dá conta dos problemas existentes antes da implantação das políticas preventivistas, principalmente para a implantação de ações estruturais e não estruturais de forma a subsidiar a elaboração do Plano Diretor de Drenagem e das Políticas de Defesa Civil.

O mapa 2 do anexo 2 mostra o levantamento das áreas inundáveis ou de enchentes no município. Esse levantamento demonstrou que as áreas mais suscetíveis eram as regiões das várzeas do Tamanduateí nas vilas de Santa Terezinha e Utinga e nas várzeas do Córrego dos Meninos, local do nosso estudo, conhecido como Bom Pastor, Palmares e Sacadura Cabral, envolvendo uma população afetada diretamente de duas mil famílias. No anexo 3, figuras 1 a 11 os Mapas de Risco feitos pelo DDC - SEMASA nos anos de 2001 e 2006 mostram todos os Riscos Urbanos do município de Santo André e indicam um conjunto de vulnerabilidades ou perigos preocupantes, aonde os afetados podem chegar a milhões, caso haja desastres com produtos químicos ou mesmo doenças pela ação da poluição atmosférica.

Apesar da formulação e implantação de programas como a formação de NUDEC – Núcleos de Defesa Civil, PROJETO ESCOLA, elaborados pelo Departamento de Defesa Civil – SEMASA (Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André), levando às comunidades e escolas municipais, estaduais e particulares nos Bairros afetados ou de maior risco palestras para promover comportamentos mais seguros, as vulnerabilidades que tendem a crescer em vista da intensificação dos fluxos e fixos sobre o território de risco da cidade, na escalada de urbanização desregulada. Isto é, as ações de prevenção estão sendo feitas pelo poder público tem como foco ações do indivíduo e famílias enquanto o problema estrutural da pobreza, da ausência de equipamentos públicos eficientes ainda é mal equacionado.

Anualmente, na época do verão, que corresponde à estação chuvosa na região Sul e Sudeste do país (meses de dezembro à abril), a Prefeitura de Santo André, através do Departamento de Defesa Civil - SEMASA implanta o Programa Operação Chuvas de Verão que centraliza os esforços e os recursos para a coordenação dos

socorros quando dos eventos desastrosos, agilizando o atendimento e diminuindo as vulnerabilidades das pessoas em situações de risco. Todavia, cabe investigar, do ponto de vista dos afetados, se os danos materiais e imateriais vividos têm sido efetivamente mitigados devido à implantação da política pública supra.

A afetação relacionada a um desastre relacionado às inundações e enchentes não é apenas material. Trata-se de um processo de desgaste emocional no qual cada família e seus membros compreendem a circunstância e vivenciam-na como uma experiência de sofrimento, tão mais desgastante quanto mais recorrentemente se deparam com tal situação, fruto de uma relação socioambiental estruturalmente deteriorada. Neste sentido, o estudo aqui produzido lança sua visão social do problema, trazendo à luz o ponto de vista do afetado, valorizando a vocalização de seu sofrimento como um lugar de experiência que deve balizar uma política de Defesa Civil consistente no município.

O atendimento da Defesa Civil de Santo André tem como missão ser solidária à população, enfrentando, em conjunto com os afetados, a passagem do desastre até sua mínima normalização. Para tanto, não basta recursos materiais ou recursos para precaução. Há de ter o conhecimento efetivo do sofrimento passado pelos afetados, a fim de que esse registro gere lições apreendidas, para ente público e a comunidade, gerando resiliência.

A gestão de risco implantada no município tem características próprias e tem ênfase na precaução ou no estado anterior a prevenção, buscando a educação e pró atividade do cidadão sendo co-participante da gestão de risco tanto na fase preventiva, como é chamada, como na fase de socorro, que inclui o socorro às vítimas e a assistência aos afetados.

Todo o processo é realizado não só pelo Departamento de Defesa Civil, mas como um conjunto do SEMASA, órgão ao qual a Defesa Civil está subordinada e que tem como objetivo o Saneamento e Meio Ambiente.

A sociedade local é, assim, receptora de uma cultura institucional de gestão de risco, como a gestão ambiental no cuidado com o seu meio geográfico. Como tal, é uma cultura nascida no meio perito e de forte inspiração militarizada, foi elaborada sem levar em conta a narrativa dos afetados acerca de seu próprio sofrimento.

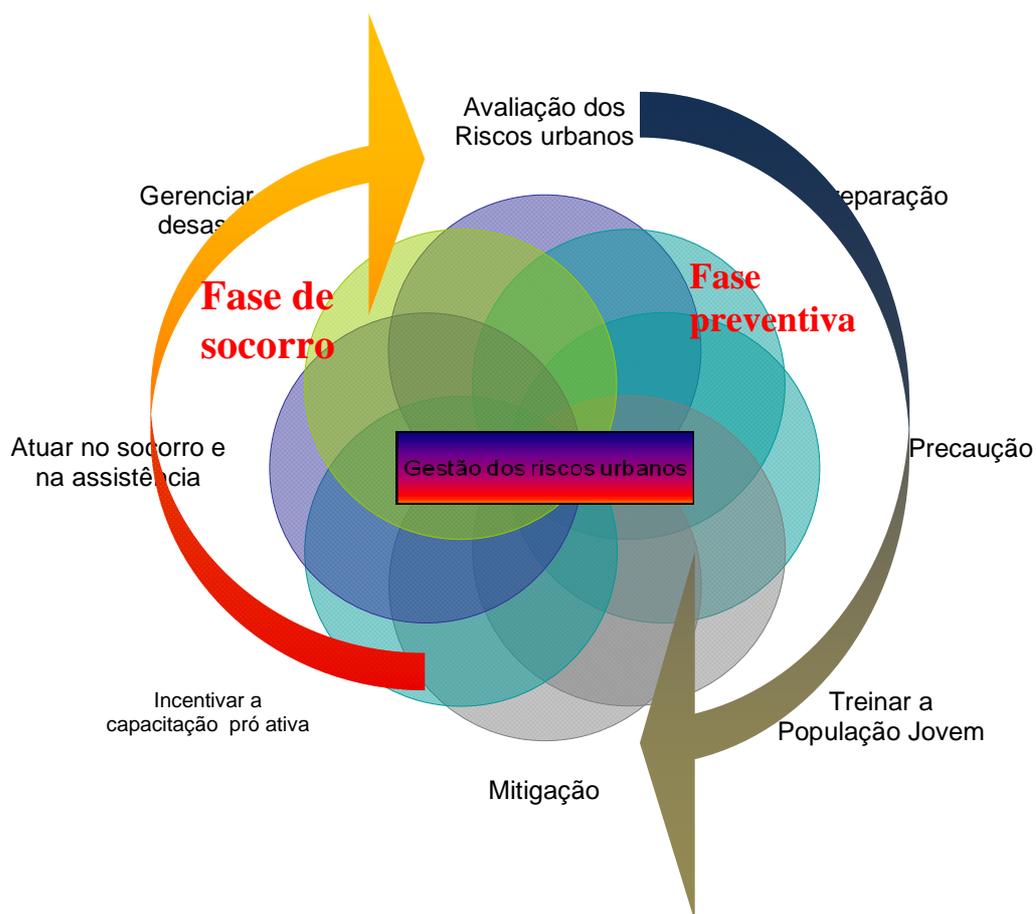


Figura 17. Fluxograma demonstrativo da política pública adotada para a atuação da Defesa Civil de Santo André (fonte: SEMASA DDC, 2007).

A organização e implantação de uma estrutura administrativa e gerencial para a Defesa Civil foi realizada através de autonomia administrativa, desligando-se do gabinete do prefeito e adquirindo um funcionamento próprio.

A Defesa Civil, quando do início da suas atribuições legais, foi instituída como Comissão Municipal de Defesa Civil, pelo decreto municipal de nº 8932 de 27 de dezembro de 1976, que regulamentou as ações de Defesa Civil no município, diante da sua necessidade para que o governo estadual repassasse verbas emergenciais ao município. Outro Decreto Municipal, o de nº 10.272, de 10 de junho de 1981, autorizou

a criação da Comissão Distrital de Defesa Civil – CODDEC. Nesta mesma data, o Decreto 10.273, autorizou a criação de Núcleos Comunitários de Defesa Civil – os NUDEC. Apenas em 1984, 18 anos após a criação da Comissão Municipal de Defesa Civil, é que, através do Decreto nº 11.001, de 26 de outubro daquele ano, se aprovou o Regimento Interno da Comissão Municipal de Defesa Civil. Em 1990 foi promulgada Lei Municipal 6.729 que autorizou a Prefeitura constituir sete equipes com técnicos e operacionais para plantões de emergência, disponibilizando-os para ações de socorro e auxílio técnico ao Corpo de Bombeiros. Em 1997, através da Lei nº 7.469, criou-se a Encarregatura de Defesa Civil, vinculada à diretoria da Guarda Municipal. Ainda neste ano ocorreu o licenciamento da linha direta 199, ligado ao CONTRAL - sistema interligado de rádio comunicação e atendimento à população - instalado na Guarda Municipal, ampliando de forma exponencial o número de pessoas atendidas. Em 1999, criou-se uma equipe de atendimento 24 h. O sistema permanece em prontidão permanente, diminuindo o tempo resposta das ocorrências graves.

A Diretoria de Defesa Civil foi incorporada ao SEMASA (Serviço Municipal de Saneamento Ambiental), autarquia da Prefeitura que lida com a gestão de água, esgoto, drenagem, resíduo sólido, meio ambiente e risco, em 2001 para somar com outros departamentos que estão muito afeto às problemáticas de riscos ambientais que a cidade enfrenta. Dessa forma, as ações com os Departamentos (Drenagem, Gestão Ambiental, Planejamento e Obras e Resíduos Sólidos) tornam-se mais eficazes e dinâmicas. Desenvolveram-se as NUDECs. A Distrital de Defesa Civil de Paranapiacaba sai do papel, criando-se um núcleo para as ações de Defesa Civil na Vila de Paranapiacaba. Na região urbana (1º e 2º Sub-distritos) constituem-se nove núcleos, hoje consolidados e atuantes.

Cursos e simulados foram ministrados, trabalhos em campo com as comunidades e entidades governamentais trouxeram nova esperança com a conseqüente diminuição dos eventos adversos.

O processo de institucionalização da Defesa Civil, cuja existência foi paulatinamente identificada pela sociedade civil, fez ampliar-se as solicitações conforme gráfico abaixo.

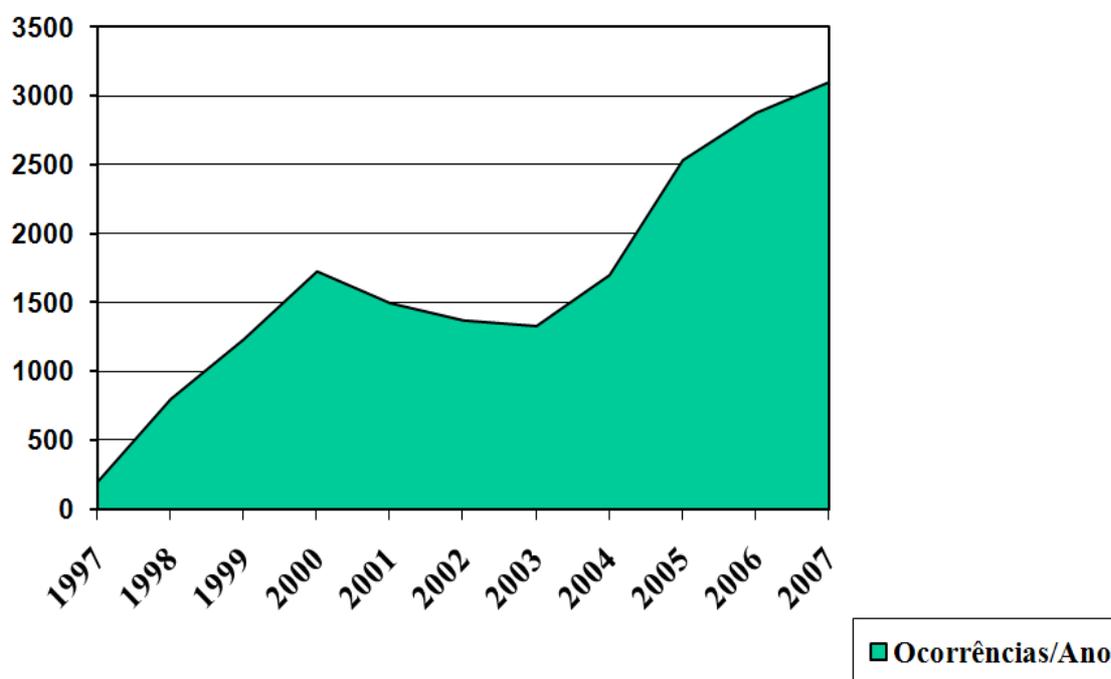


Figura 18. Gráfico da quantificação dos chamados pela população para verificação de eventos de risco (fonte: DDC, 2007).

Mesmo o município tendo feito investimentos na área da drenagem, conforme mostra o relatório do anexo 5, principalmente nos locais de enchentes e inundações aonde há grande dano tanto material como os sociais. Não conseguiu-se eliminar o risco e o dano em virtude da ampliação sistemática das áreas urbanas e a intensa impermeabilização, tanto por conta do asfaltamento ao redor como pelas

construções na totalidade dos lotes na área de várzea. Agrava-se o processo pelo volume e intensidade das chuvas, como pode ser verificado pelo gráfico abaixo que traz a variação pluviométrica dos últimos sete anos.

Percebe-se uma ampliação dos índices de chuva acumuladas no período de verão, em relação à média climatológica histórica para a região metropolitana. É ocasionado por vários fatores acumulativos tais como: a urbanização intensa, a impermeabilização, a verticalização, todos os fatores em estudo científico e que produzem a alteração climática das regiões metropolitanas, como as denominadas “ilhas de calor”. Nos mapa 19 e gráfico 20 a seguir a situação que perdura desde o início dos anos 2000 para cá, picos de chuvas e enchentes se intercalam com períodos secos.



Figura 19. Mapa de apresentação das áreas inundáveis da cidade de Santo André (Fonte: DDC, 2008).

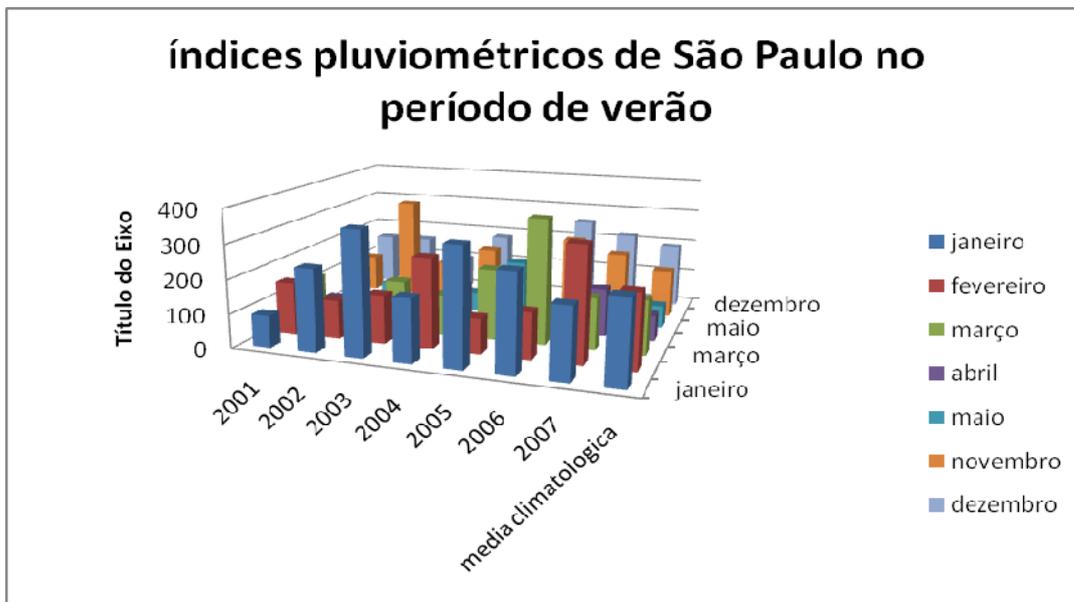


Figura 20. Gráfico de quantificação das chuvas ocorridas na cidade de São Paulo nos verões de 2001 à 2008 (fonte: DDC, 2008).

As informações constantes no relatório do IPCC aprovado formalmente na 10ª sessão do Grupo de Trabalho I do IPCC, Paris, fevereiro de 2007, dos variantes globais, referentes à elevação substancial dos gases de efeito estufa, níveis de temperatura e precipitação média e caracterizando as Mudanças Climáticas, indicam que desastres de maior envergadura relacionados às chuvas ocorrerão já num futuro próximo principalmente para as regiões metropolitanas, aonde o processo climático tende ao agravamento.

No gráfico abaixo, apresentado pela EIRD (Estratégia Internacional para la Reducción de Desastres), a variável hidrometeorológica é a principal causa dos desastres naturais e induzidos pela urbanização no mundo, representando 75% dos eventos mundiais. O crescimento das condições de intensificação dos eventos pluviométricos em toda a Terra traz aos pesquisadores uma angústia na busca de interpretações que subsidiem políticas públicas que minimizem os desastres que estão

e estarão ocorrendo proximamente. Nas Ciências Sociais, focaliza-se, dentre outros, as informações sobre os danos psicossociais e materiais sofridos pela população afetada que gerem lições aprendidas na interlocução da sociedade com o Estado.

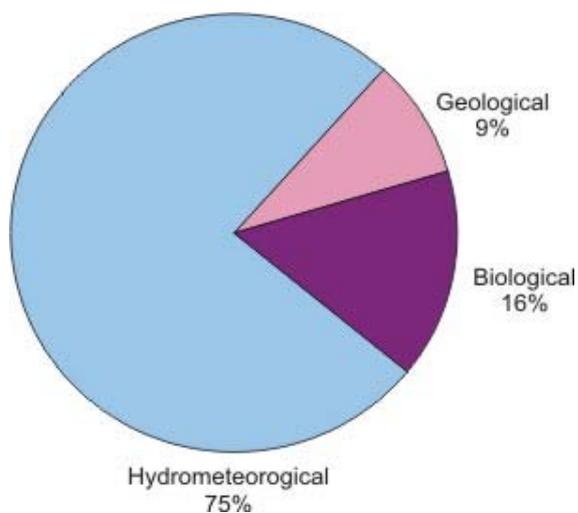


Figura 21. Gráfico da variação dos eventos mundiais por tipo de desastre (fonte: EIRD, 2007).

Os eventos extremos relacionados às Mudanças Climáticas, sobretudo as chuvas severas, deverão impactar municípios da região Sudeste do Brasil, como Santo André, no qual as políticas públicas, no sentido de mitigação dos danos, são apenas delineadas, mas, ainda, claramente insuficientes, razão pela qual são relevantes os estudos debruçados sobre os desastres mais recentes, sinalizando recomendações de melhoria da política local de Defesa Civil.

Na medida em que os agravos relacionados aos desastres das enchentes no Município de Santo André fazem parte de sua tessitura histórica e na medida em que o contexto ambiental no futuro próximo, com os eventos extremos relacionados às Mudanças Climáticas, tende a tornar esses agravos mais severos, a severidade dos

desastres – no que concerne aos danos gerados - precisa contar com instrumentos de aferição capazes de dar conta de expressar o fenômeno com adequação.

A atual política da Secretaria Nacional da Defesa Civil imprime, em termos discursivos, à prevenção seu justo valor, importando-se com os processos mitigadores da afetação social. Entretanto, ainda sem condições de analisar, em termos qualitativos, o ponto de vista dos afetados como uma referência ao fazer perito na política voltada para emergencial, podendo esse estudo projeto subsidiar teoricamente as formas para sua implementação.

Por fim, as diversas representações da afetação relacionadas às chuvas, na ótica de grupo afetados, abrem portas para o entendimento, em bases qualitativas, do processo psicossocial pelo qual os indivíduos desconstroem os seus papéis sociais ativos para reconstruí-los como afetados, isto é, vitimados pelos acontecimentos; então, a análise dos danos sociais não é uma análise de uma coisa concreta, de um 'lá fora' que foi objetivamente danificado ou destruído, de um cenário que entrou em anormalidade. Trata-se de uma análise de como o 'lá fora', o cenário desestruturado, destrói o entendimento do morador sobre o que ele é e a inteligibilidade de suas interações com o mundo vivido. O cenário é secundário, sendo que o que importa, principalmente em termos sociológicos, é a atribuição de significados às perdas havidas, incluindo o sentimento de impotência sobre quem o morador é e a qualidade de suas interações privadas e públicas diante os danos.

As descrições e as interpretações que disso surgem podem abrir caminhos para a reformulação de políticas públicas, promovendo ações participativas ao processo de reabilitação e reconstrução, na vivência de enchentes, que possa ser mais sustentável e mais eficaz na promoção da cidadania.

Os grupos sociais têm uma relação diferenciada com o território, em termos espaço-temporais. O território denominado 'casa', para o morador, é um espaço de vivência, extra-econômico, onde ele se reconhece em vários papéis (o marido, o pai, o vizinho etc.). Para o comerciante, há uma relação econômica com o lugar chamado 'estabelecimento comercial', com relações com clientes, fornecedores, poder público etc. Tudo que ele tem são mercadorias, e, portanto ele não tem, a princípio, uma relação afetiva com o lugar. Contudo, o sentido do trabalho dele pode ter um sentido afetivo. A princípio, a mercadoria é instrumental, desde o balcão até ao sabonete que ele vende. Ele não tem apego àquelas coisas, mas, ao mesmo tempo, há a questão do ponto comercial, esse de caráter simbólico. O ponto não é somente o conjunto das pessoas que passam: perpassa a camaradagem com a clientela, a fidelidade um ritmo com a localidade, que começa a gerar apego do comerciante com o território, e começa a aparecer a dimensão sentimental naquilo que era somente uma atividade econômica.

Os dois grupos - moradores e comerciantes - que, a princípio, são dois grupos distintos, dado a relação econômica e extra-econômica preponderante com o território, no entanto, numa abordagem qualitativa de pesquisa, pode revelar aspectos bastante parecidos no significado de suas perdas, embora mantidas suas peculiaridades.

Portanto, um estudo de caso no município de Santo André focalizando tais grupos pode contribuir com o debate, sobretudo o que se debruça sobre a escala do município onde o cidadão vive, sofre, e mais imediatamente pode participar de políticas que modifiquem sua realidade.

5 AVALIAÇÃO DE DANOS COMO INSTRUMENTO DE POLÍTICA DE DEFESA CIVIL

Atualmente, o instrumento técnico que os órgãos componentes do sistema Nacional de Defesa Civil (SINDEC) utilizam-se para comunicar os desastres é o AVADAN - Formulário de Avaliação de Danos (anexo 6). Quando da ocorrência de um desastre, o AVADAN é preenchido e tramita do nível municipal ao federal, de onde, no Ministério da Integração Nacional, há a providência de reconhecimento do estado de calamidade pública ou da situação de emergência, circunstância na qual aquisição emergencial pode ser feitas sem necessidade de licitações públicas, além de verbas específicas para providencias na calamidade.

Embora a longo tempo de utilização do instrumento supra, existente há mais de uma década, os órgãos do SINDEC clamam pelo melhoramento do AVADAN. Entre outros aspectos, para que seu preenchimento permita levar às instâncias superiores do Sistema a complexidade necessária dos danos e requerimentos da municipalidade, por conseguinte, para atender às exigências mais amplas do desastre, tal como o mesmo ocorre na vida real.

A compreensão das representações sociais da população afetada poderá dar subsídios para o melhoramento do instrumento de avaliação de danos referido.

A avaliação de danos, segundo Castro (1998), é o método de exame sistemático de um equipamento, sistema, instalação, comunidade ou área geográfica, com o objetivo de definir e quantificar os danos humanos, materiais e ambientais e os prejuízos econômicos e sociais provocados por um determinado desastre. Isso é

sistematizado, na Política Nacional de Defesa Civil, através do AVADAN, que é o processo hoje disponível que se aproxima das quantificações de perdas e prejuízos, inclusive monetários, para o dano do desastre.

As avaliações pelo AVADAN são constituídas por variáveis sociais e econômicas relacionadas às várias formas de ocupação de um território que constituir-se-á num município eventualmente atingido.

Quando de um desastre, no preenchimento do formulário pela autoridade local de Defesa Civil, a análise dos níveis de comprometimento dos itens acima dirá a magnitude e intensidade do fenômeno. O avaliador chegará ao entendimento que o município passa por um desastre com tal ou qual nível de severidade qualificando, assim, a situação como situação de emergência, ou estado de calamidade pública, em torno do quais providências administrativas serão tomadas. Esse documento permite um laudo, e esse laudo permite providências burocráticas para a reabilitação e recuperação das áreas atingidas. A análise das informações pode ser base para reflexão e organização comunitária em NUDEC (Núcleos de Defesa Civil), para obras estruturais etc.

Quanto ao dano psicossocial, trata-se de algo que transcende a dimensão meramente quantificável e, no geral, está relacionado às dimensões simbólicas das perdas. Como um ser de cultura, tais dimensões são tão ou mais significativas que as perdas materiais *per se*, pois que importa ao Homem é tanto possuir objetos no mundo, ou transformá-lo quanto, essencialmente, dar sentido ao mundo e, assim, à sua própria existência no contexto em que se insere. Significa dizer que, muitas vezes, quando um território é danificado, não apenas certos fixos e fluxos do território sofrem modificações e precariedade, mas também é prejudicado a produção de sentidos do mundo e o

exercício dos papéis sociais ali estabelecidos, fundamentalmente as interações nas quais tais papéis se concretizam (na forma do relacionamento da mãe com seu filho; do empregador com seu empregado; do lojista e seu cliente; do médico com seu paciente etc.). Com as casas destruídas, mães não têm como dar provimento aos seus filhos (SIENA; VALENCIO, 2006), empregados não têm como se apresentar no trabalho (VALENCIO et al, 2004), e por aí em diante. Cessam fluxos no território inviável e isso compromete o próprio papel social daqueles que desse espaço necessitam para se realizar como ser social.

As pessoas se vêem numa posição vulnerável, como a acima descrita, podem estar sujeitas não apenas a um estado de sofrimento superável com a recomposição de perdas materiais, mas àquilo que os técnicos chamam de stress pós-traumático, que vai causando a perda do reconhecimento das capacidades e habilidades e vai colocando os atingidos numa situação de sentir-se impotente por um espectro temporal mais longo. Esse processo vai inviabilizando a interação e a comunicação social, e gerando, inclusive, doenças psicossomáticas, desenvolvendo doenças fisicamente expressas em função da tristeza profunda além de tornar-se cada vez mais conflituosa a comunicação estabelecida com agentes de defesa civil nos processos, posteriores ao desastre, de reabilitação e reconstrução, no qual a recomendação perita é que os vínculos dos afetados com o lugar sejam descartados, o que é emocionalmente um processo doloroso (VALENCIO et al, 2007).

Os danos materiais provocados pelas conseqüências das chuvas de grande intensidade e volume chegam a centenas de milhões de reais quando computados as perdas indiretas como: perda no sistema de transporte, atrasos que prejudicam o fechamento de negócios, interrupções da energia elétrica e do sistema de telefonia.

Situações individuais, como a perda da consulta médica a inviabilidade de ida ao trabalho, a impossibilidade de ir buscar os filhos nas escolas e tanto outro traz prejuízos incalculáveis e imensuráveis.

Problemas de saúde gerados pela vivência do desastre, como o estresse do pós-acidente, depressões, medos, constrangimentos e tantos outros embora possam manifestar-se através de doenças tangíveis ainda não são devidamente documentadas não constando do escopo do atual instrumento de avaliação de danos, o AVADAN.

Pelo acima exposto, é relevante o aperfeiçoamento do instrumento de avaliação de danos em termos das dimensões qualitativas dos danos humanos, naquilo que indica o sofrimento do afetado, expressando não apenas a ausência de capacidade de realização dos papéis sociais, como em uma interligação mãe e filho, o chefe da casa e família, mas também expressando a perda de objetos materiais no que é principal que é na sua correspondência do sentido simbólico, muitas vezes inestimável, como recordações da história família, álbuns de família, roupas de rituais sagrados (matrimônio, batismo), artefatos de herança, dentre outros, sem recuperação (SIENA; VALENCIO, 2006), que denotam o que ocorre no campo invisível do ordenamento social é mais complexo e profundo na existência do grupo do que as perdas visíveis.

Portanto, se o que é visível e material guarda um conteúdo simbólico, e, por conseguinte invisível, são esses invisíveis contidos no objeto que causam diferentes níveis de sofrimento humano ao qual é preciso políticas públicas para reparação. Assim, é preciso que esse sofrimento humano seja explicitado em trabalhos científicos voltados para o aperfeiçoamento de instrumentos de avaliação de danos para que haja, no futuro, um melhoramento de tais instrumentos visando que o gestor público operacionalize um atendimento indicado a esse tipo de perda.

Outro aspecto importante no que concerne à necessidade de melhoria do AVADAN é que tal instrumento, atualmente, no aspecto dos danos humanos, contemple quantitativamente, apenas, os afetados, nos subtipos: mortos, feridos, desabrigados e desalojados. No entanto, supõe-se que dimensões coletivas de danos, isto é, sociais, porquanto que dizem respeito não à pessoa, ao indivíduo, mas dizem respeito às interações de indivíduos no núcleo familiar, numa comunidade, numa relação de vizinhança, na relação com o trabalho, precisam ser expressas em formulários mais adequados quanto ao preenchimento de informações de base qualitativa. Por exemplo, a perda de um estabelecimento religioso, que desabe durante uma enxurrada, pode ser considerada de mau agouro pra os fiéis de uma localidade, envoltos em medos e receios relacionados à sua crença, além da perda do seu espaço de exercício da fé. A assistência religiosa precisa, aí, ser provida com a ajuda do ente público a fim de que a coesão social e saúde psicossocial dos fieis sejam mantidas para dar conta de manter sua fé e esperança para dar sentido ao processo de reconstrução em meio à adversidade do ambiente circundante.

Os danos humanos são compatibilizados por números de pequena significância econômica. Abaixo, colocamos a tabela do AVADAN que mensura o dano. Como se nota, o processo de avaliação é muito restrito a situação material, mesmo quando se trata do dano humano. A quantidade de bens perdido, seu valor material, não há postura que se consiga após o desastre continuar a quantificação, falta a qualificação das perdas e dos danos.

Um exemplo é o desalojado. A perda de seus bens, provavelmente de pequeno valor, pois na sua maioria, são economicamente pobres os afetados, têm significados distintos para o que se chama de adulto (entre 15 anos e 64 anos) e

crianças. Gestantes requerem cuidados que não comprometam a saúde de seus bebês. Muitos são enfermos crônicos, cuja manutenção terá que ser de forma sustentável, não tutelar, os feridos terão necessidade de um novo cuidado no qual a sua família não estará preparada para tal.

A simplicidade de dados para uma coleta que deveria mensurar o dano efetivo traz, na realidade, uma camuflagem para os que estão fazendo as ações para assegurar recursos. Os enfermos precisam de remédios e cuidados, como mais graves são as ações para os feridos. Em um desastre, há saturação dos postos de saúde, remédios, etc. Como avaliar a estratégia e a logística de tais ações? Como a secretaria de saúde pode aplicar recursos na área se ela não mensura os danos a saúde após o desastre? onde estão estes enfermos e feridos, quais as conseqüências, para se dar a resposta adequada?

A tabela abaixo apontada pelo AVADAM mostra os dados a serem coletados quando de um desastre, verifica-se que o ênfase se dá em perdas matérias diretas.

6 - Danos Humanos - Número de Pessoa	0 a 14 anos	15 a 64 anos	Acima de 65 anos	Gestantes	Total
Desalojadas					
Desabrigadas					
Deslocadas					
Desaparecidas					
Levemente Feridas					
Gravemente Feridas					
Enfermas					
Mortas					
Afetadas					

7 - Danos Materiais Edificações	Danificadas				Destruídas			
	Quantidade		Mil R\$		Quantidade		Mil R\$	
Residenciais Populares								
Residenciais - Outras								
Públicas de Ensino								
Infra-Estrutura Pública								
Obras de Arte								
Estradas (Km)								
Pavimentação de Vias Urbanas (Mil m ²)								
Outras								
Comunitárias								
Particulares de Saúde								
Particulares de Ensino								
Rurais								
Industriais								
Comerciais								

Tabela 4 - Dados a serem coletados quando de um desastre

A tabela fornecida pelo AVADAN, procura caracterizar o evento pela numerologia do desastre, tais dados, importantes, não representam a dor e os sentimentos que são o conhecimento básico para a solução efetiva e o alcance rápido da volta a normalidade, ou seja, da vida cotidiana depois da situação gerada pelo desastre. (tabela 4)

Dados complementares, após o evento, um acompanhamento das necessidades sociais, além das materiais e o seu mapeamento, com certeza gerará um mapa de risco social adequado, que determine a solução definitiva do risco.

6 OS DESASTRES RELACIONADOS ÀS CHUVAS: DOS FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS À PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

6.1 Eventos extremos relacionados às mudanças climáticas

Ao longo da história da humanidade, o Homem passou pelas mais diferentes experiências e com elas aprendeu a lidar com adversidades as mais diversas como: terremotos, vendavais, ciclones, furacões, secas, enchentes, guerras, terrorismos etc, além de uma gama de outras adversidades, o que tem tornado mais complexo o viver em sociedade. Como se isto não bastasse, surge agora mais uma preocupação que afeta toda a humanidade, configurada pelo que se convencionou chamar de aquecimento global.

O efeito estufa faz com a temperatura média da Terra esteja nos parâmetros ideais para a manutenção da vida humana, como a conhecemos. Caso não ocorresse, a temperatura média da Terra estaria em 6 °C negativos, o que tornaria inviável a vida no planeta. Portanto, o efeito estufa dentro de uma faixa térmica aceitável, é de vital importância para a manutenção da vida no planeta.

O que preocupa é o agravamento deste efeito e como consequência o rompimento do equilíbrio energético do planeta, o que se convencionou chamar de aquecimento global.

As mudanças climáticas sempre foram objeto de preocupação da comunidade científica internacional, tanto é assim, que, em 1988, as Nações Unidas criaram o Intergovernamental Panel on Climate Change (IPCC), que tem como objetivo

primordial manter a população mundial informada sobre as mudanças climáticas do planeta.

Vivemos em um planeta supostamente protegido por uma camada atmosférica de aproximadamente 50 km, constituída de gases tais como nitrogênio, oxigênio, argônio, vapor de água, dióxido de carbono, hélio, metano, néon etc., onde a predominância em termos percentuais nessa massa gasosa está representada pelo nitrogênio e pelo oxigênio com 78,1% e 21%, respectivamente. Os demais gases que somam 0,9% são conhecidos como gases raros. Entre os gases componentes deste manto gasoso percentualmente equilibrado, conhecido como atmosfera terrestre, o dióxido de carbono (CO₂) principalmente, funciona como uma capa protetora impedindo que a quase totalidade do calor absorvido da irradiação solar atravesse a atmosfera em direção ao espaço exterior, enquanto que uma parte deste calor é absorvida principalmente pelo vapor de água, metano e gás carbônico nas baixas camadas atmosféricas de modo que a temperatura global média do planeta se mantenha na faixa de 15 °C. Sem este efeito decorrente do equilíbrio existente na massa gasosa que compõe a atmosfera ditada pelas leis da Natureza, a vida no planeta seria impossível em decorrências de temperaturas elevadas durante o dia e altas temperaturas negativas durante a noite. Poderemos compreender melhor a importância do efeito estufa ao atentar para as condições existentes na Lua, onde não existe uma atmosfera e, por consequência a inexistência de um efeito estufa. Por esta razão as temperaturas lá existentes variam de 100 °C durante o dia e -150 °C durante a noite.

O IPCC (2007) faz algumas previsões a respeito das mudanças climáticas inclusive a que projeta um aumento médio na temperatura média do Planeta entre 1,5 e

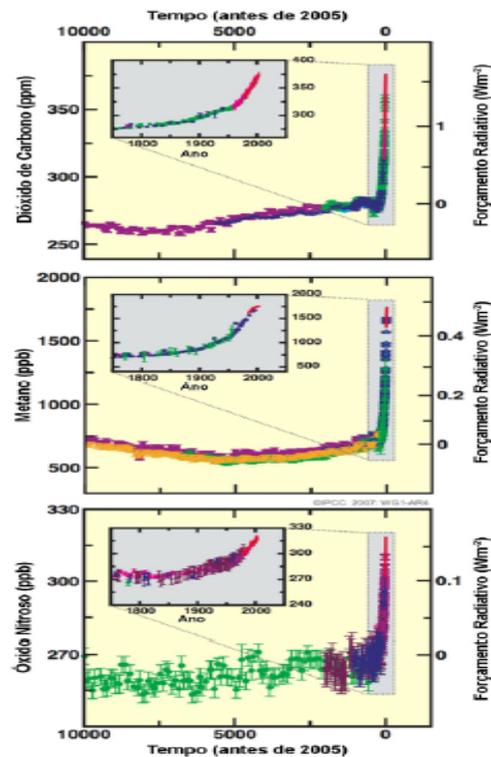
5,8 °C entre 1990 e 2100. Com isto, o nível do mar deve subir de 0,1 a 0,9 metros nesse período.

É mais prudente atribuir o aquecimento global não apenas a causas antropogênicas, mas também a causas naturais. O ciclo solar que é um fenômeno natural que se repete a cada 11 anos, período que o Sol sai da mínima a máxima atividade solar. A atividade solar está relacionada com as tempestades solares, que tem lugar na Fotosfera, onde surgem as Manchas Solares e que foram observadas pela primeira vez por Galileu Galilei em 1611. Estas tempestades afetam os equipamentos eletrônicos dos satélites, causam distorções no cinturão magnético da Terra com efeitos imprevisíveis sobre o clima, telecomunicações, rede de distribuição elétrica, meio ambiente, etc. Atualmente a Terra passa por um período de intensa atividade solar correspondente aos 23º ciclo que iniciou por volta do ano 2000.

A cada ano 6 bilhões de toneladas de CO₂ são lançadas na atmosfera do planeta. Não resta dúvida de que a ação do homem na Natureza (causas antropogênicas) tem contribuído para aumentar a quantidade de dióxido de carbono (CO₂) lançado à atmosfera originando o efeito estufa adicional. Estudos estimam que, em 1850 (início da Revolução Industrial), a quantidade de CO₂ na atmosfera era de 270 ppm. Hoje, esta quantidade é de aproximadamente 360 ppm, um aumento de 33% (IPCC, 2007).

Os modelos climáticos simulados mostram que o aquecimento ocorrido de 1910 até 1945 pode ser explicado somente por forças internas naturais (variação da radiação solar), mas o aquecimento ocorrido de 1976 a 2000 não consegue ser explicada sem as emissões dos gases emitidos por indústrias, automóveis e outros.

Mudanças nos Gases de Efeito Estufa a partir de Dados de Testemunho de Gelo e Dados Modernos



URA SFP-1. Concentrações atmosféricas de dióxido de carbono, metano e óxido nitroso longo dos últimos 10.000 anos (painéis grandes) e desde 1750 (painéis inseridos). As concentrações são obtidas a partir de testemunhos de gelo (símbolos com diferentes cores para os diferentes estudos) e amostras atmosféricas (linhas vermelhas). Os forçamentos radiativos correspondentes são mostrados nos eixos do lado direito dos painéis grandes. {Figura 6.4}

Figura 22. Gráfico concentrações atmosféricas
(Fonte: IPCC, 2007).

Mas não é apenas o CO_2 o responsável pela alteração do clima no planeta, muito embora seja ele o que exerce maior influência. Entre outros podemos citar o vapor de água, aerossóis, a redução do fenômeno da fotossíntese como consequência do desmatamento e da queima de florestas que contribui para o aumento do CO_2 lançado à atmosfera, monóxido de carbono, óxido de enxofre responsável pelas chuvas ácidas em determinadas áreas do mundo, clofluorcarbono e nitrogênio decorrentes da queima de combustíveis fósseis nos parques industriais e nos veículos, cuja taxa vem

aumentando progressivamente a uma velocidade que supera a capacidade de auto-depuração do planeta.

Mudança na Temperatura Global e Continental

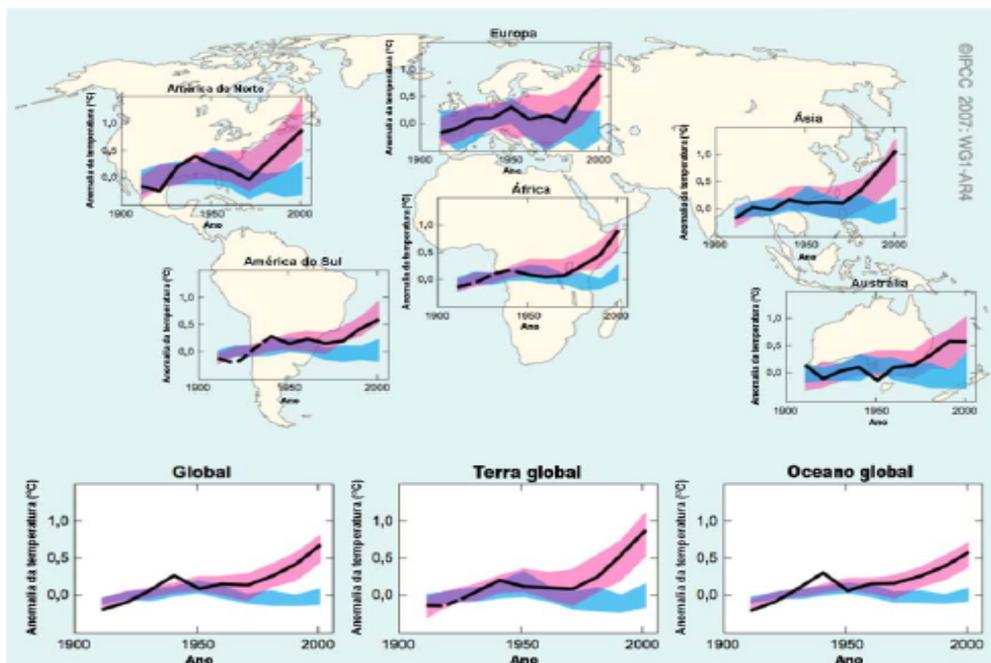


FIGURA SFP-4. Comparação das mudanças observadas de escalas continental e global na temperatura da superfície com resultados simulados por modelos climáticos, usando-se forçamentos naturais e antrópicos. As médias decenais das observações são apresentadas para o período de 1906 a 2005 (linha preta) plotadas sobre o centro da década e relativas à média correspondente para 1901-1950. As linhas são tracejadas quando a cobertura espacial é inferior a 50%. As zonas azuis indicam a faixa de 5 a 95% para as 19 simulações dos 5 modelos climáticos com o uso apenas dos forçamentos naturais devidos à atividade solar e aos vulcões. As zonas vermelhas mostram a faixa de 5 a 95% para as 58 simulações dos 14 modelos climáticos com o uso dos forçamentos natural e antrópico. {FAQ 9.2, figura 1}

Figura 23 - Comparação de mudanças da temperatura de superfície (fonte: IPCC, 2007)

A ciência presumia que a Natureza era capaz, por si só, de absorver todos os poluentes lançados à atmosfera, não relacionava a poluição atmosférica à saúde dos seres humanos. Este pensamento, no entanto logo foi desfeito com o aparecimento das

primeiras chuvas ácidas surgidas na Europa. A acidificação da água das chuvas reduziu a vida animal nos lagos no Canadá, na Suécia e na Noruega. Na Alemanha as estimativas dão conta de que mais de 78% das árvores da Floresta Negra estão praticamente mortas. Os estudos indicam que alteração percentual dos constituintes da atmosfera começou a surgir com o emprego da lenha como combustível seguido do carvão mineral.

A descoberta do petróleo, depois de 1856 quando ocorreu a perfuração do primeiro poço às margens do rio Oil Creek em Titusville nos Estados Unidos da América, iniciou-se o processo de mudança da matriz energética do carvão e lenha para o óleo de petróleo, tornando-se o responsável pela produção de 90% da energia consumida no mundo.

Na atualidade, há um consenso de que o aumento do efeito estufa só não é maior porque uma grande parte do CO₂ é dissolvida nos oceanos e extraída pela vegetação. Sem esses mecanismos reguladores, há muito que o ser humano já teria, sozinho, desequilibrado totalmente o clima da Terra.

Para este estudo, o importante é que com o efeito estufa, as mudanças meteorológicas tornam-se mais abruptas: geleiras a derreter, mais secas, tempestades cada vez mais fortes, enchentes recorde e daí as conseqüências aos seres vivos, como a elevação do nível marítimo, fome, doenças etc.

Padrões Projetados de Mudanças na Precipitação

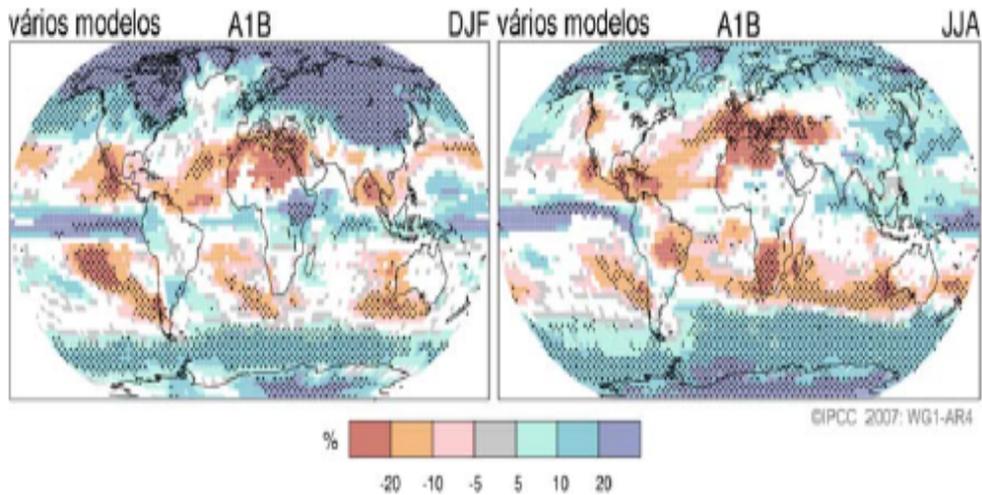


FIGURA SFP-7. Mudanças relativas na precipitação (em porcentagem) para o período de 2090 a 2099, em relação ao período de 1980 a 1999. Os valores são médias de vários modelos, com base no cenário A1B do RECE para dezembro a fevereiro (à esquerda) e junho a agosto (à direita). As áreas brancas estão onde menos de 66% dos modelos concordam com o sinal da mudança e as áreas pontilhadas estão onde mais de 90% dos modelos concordam com o sinal da mudança. {Figura 10.9}

Figura 24. Mudança da precipitação futura
(Fonte: IPCC, 2007).

As perspectivas quanto a enchentes não são boas, a maioria dos cientistas que estudam tal fenômeno deixa clara a necessidade de haver um acompanhamento das gestões de risco para cada local. As cidades que pertencem às regiões metropolitanas ainda têm o agravante causado pela bolha de calor natural de centros urbanos, causando mudanças no micro clima e amplificado as tempestades como cita o estudo feito pelo Departamento de Ciências Atmosféricas do Instituto Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP. Tal estudo revela que houve aumento da temperatura

do ar em 2,1°C, aumento da precipitação em 395mm, aumento do vento zonal(E) em 0,5 m/s, decréscimo do vento meridional(S) em 1,0 m/s e decréscimo da umidade relativa do ar em 7% no período estudado de 70 anos. Os estudos mostram que as mudanças sejam devidas do microclima que resultou da diminuição das áreas verdes, da expansão vertical e da horizontal da área urbana, o aumento da poluição do ar e das mudanças globais, mesmo estas sendo menos significativas que o esperado (SANTOS, 2006).

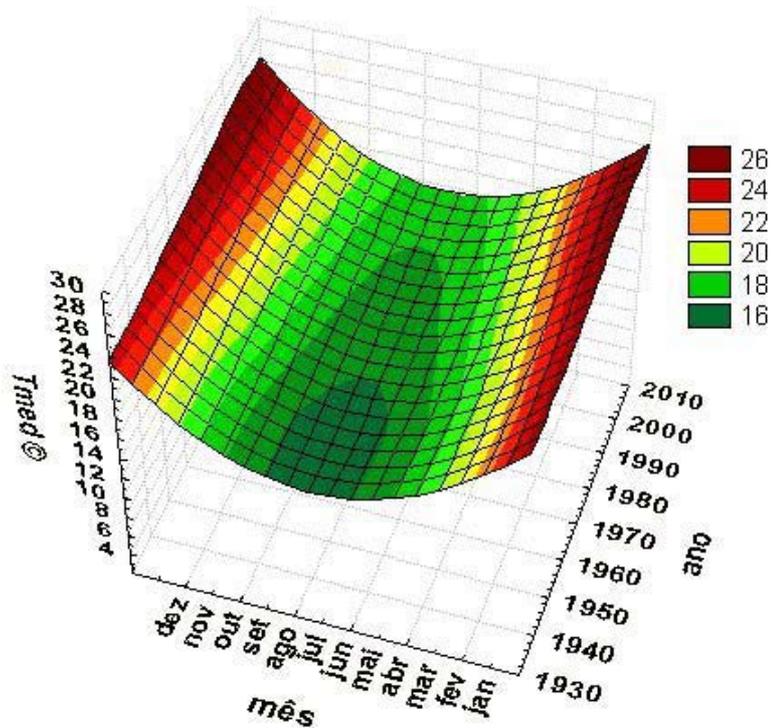


Figura 25. Evolução mensal e anual da média diária da temperatura do ar (oC); As medidas foram realizadas pela Estação Meteorológica do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas no período de 1936 a 2005 (fonte: IAG, 2006)

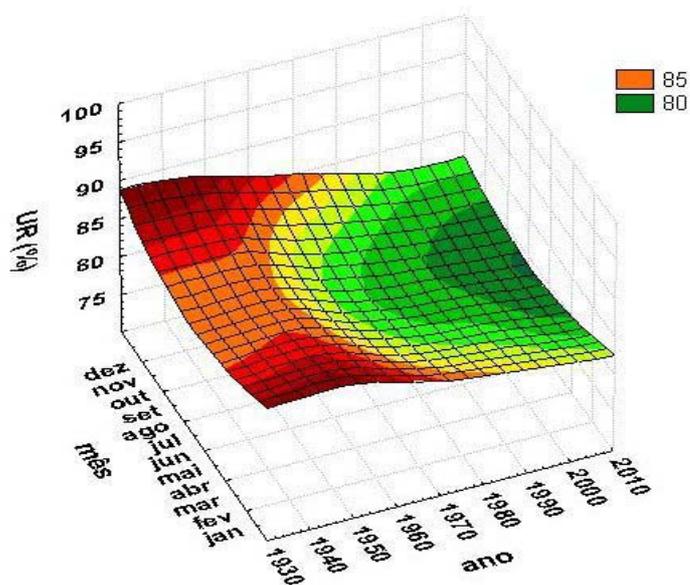


Figura 26. Evolução mensal e anual da média diária da umidade relativa do ar (%). As medidas foram realizadas pela Estação Meteorológica do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas no período de 1936 a 2005 (fonte: IAG, 2006).

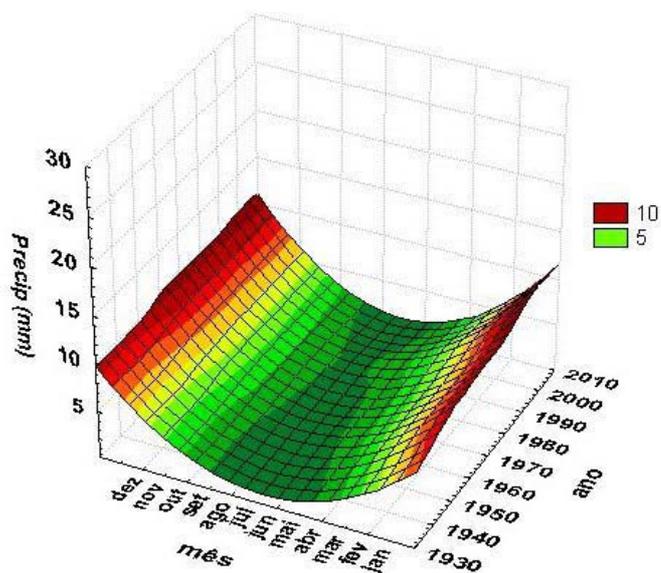


Figura 27. Evolução mensal e anual da média diária da precipitação (mm). As medidas foram realizadas pela Estação Meteorológica do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas no período de 1936 a 2005 (fonte: IAG, 2006).

Na região do grande ABC, parte da metrópole de São Paulo-SP, tem-se percebido tais efeitos como a alteração do calendário das chuvas. Como técnico em Defesa Civil, observamos empiricamente que o início e o término das estações climáticas está defasado em relação ao que ocorria anos atrás, fazendo com que o Plano Preventivo de Chuvas de Verão realizado em Santo André seja ampliado para a quinzena final do mês de abril, quando persiste a ocorrência de chuvas intensas com pluviometria elevada e períodos secos superiores há dez dias, assemelhando-se ao inverno.

Levantamentos feitos pela Defesa Civil de Santo André ao longo da aplicação dos planos preventivos tanto de enchentes como para seca têm constatado modificações no comportamento do microclima. Um dos aspectos é a ampliação pluviométrica mostrada no gráfico abaixo.

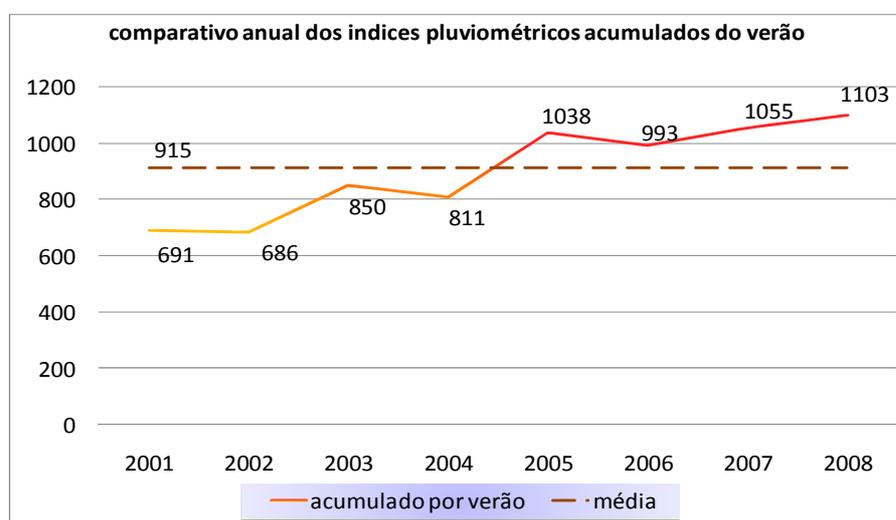


Figura 28. Gráfico do índice acumulado dos verões das chuvas ocorridas na cidade de São Paulo nos verões de 2001 à 2007 (fonte: DDC, 2008).

A série 1 representa a soma dos meses de dezembro a maio do ano seguintes das média climática e a série 2 a somatória dos índices mensais de

novembro a maio do ano seguinte representando as estações das chuvas do sul sudeste do Brasil.

Outra ocorrência que se percebe é a umidade relativa gerando situações de seca, quando acontecem queimadas, problemas respiratórios pela ampliação dos poluentes residuais na atmosfera projetando-se como uma constante já último verão.

As pesquisas ainda não mostram, em definitivo, os acontecimentos descritos como um novo padrão, entretanto, cabe já, ao poder público, buscar os dados para seu entendimento e formular as conclusões para criar políticas públicas que contenham ações estruturais e não estruturais de forma a minimizar as vulnerabilidades que se apresentam hoje.

6.2 Análise de risco: Dimensão sócio-política das interações do meio com os fenômenos atmosféricos

Medidas de planejamento das cidades são fundamentais para a minimização dos problemas acima descritos. Poucas são as cidades que assim o fazem, constituindo Plano Diretor de Drenagem Urbana para as medidas estruturais e Planos Preventivos para atendimento a populações que sofrem enchentes como alternativas não estruturais.

As ações públicas atuais estão indevidamente voltadas para medidas estruturais pontuais e para soluções de interesse político como as canalizações dos córregos e aberturas de vias para o tráfego. No entanto, esse tipo de obra somente transfere a enchente para jusante. O prejuízo público é dobrado, já que além de não

resolver o problema, os recursos são gastos de forma equivocada. Esta situação é ainda mais grave quando se soma o aumento de produção de sedimentos (que reduz a capacidade dos condutos e canais) e a qualidade da água pluvial (associada aos resíduos sólidos).

Esta situação é decorrente, na maioria dos casos, da falta de consideração dos aspectos hidrológicos quando se formulam os Planos Diretores de Desenvolvimento Urbano, quando são estabelecidos, por exemplo, índices de ocupação do solo incompatíveis com a capacidade macro drenagem urbana.

Dado a crescente porcentagem de desastres no mundo oriundo dos perigos naturais, tecnológicos e, recentemente, os ataques terroristas usando agentes tecnológicos, a sociedade deve decidir quais os riscos são aceitáveis. Além do mais, dada a quantidade de tempo e recursos que podem ser devotados à gestão de risco, decisões devem ser feitas sobre quais riscos priorizar.

Quando indivíduo, organizações ou políticos chegam a um consenso que um dado risco é inaceitável, recursos podem ser deslocados para a redução do risco a um nível julgado mais aceitável. Tais recursos podem ser usados para tentar eliminar a fonte de perigo.

As atividades antrópicas vêm provocando alterações e impactos no ambiente há muito tempo, existindo uma crescente necessidade de se apresentar soluções e estratégias que minimizem e revertam os efeitos da degradação ambiental e do esgotamento dos recursos naturais que se observam cada vez com mais freqüência.

O problema das inundações em áreas urbanas existe em muitas cidades brasileiras e suas causas são tão variadas como assoreamento do leito dos rios, impermeabilização das áreas de infiltração na bacia de drenagem ou fatores climáticos.

As várias sociedades, por sua vez, procuram combater os efeitos de uma cheia nos rios, construindo represas, diques, desviando o curso natural dos rios, etc. Mesmo com todo esse esforço, as inundações continuam acontecendo, causando prejuízos de vários tipos.

Há de se compreender dois aspectos das inundações ribeirinhas:

1. Inundações de áreas ribeirinhas: os rios geralmente possuem dois leitos, o leito menor onde a água escoar na maioria do tempo e os leitos maiores, que é inundado em média a cada dois anos. O impacto devido à inundação ocorre quando a população ocupa o leito maior do rio, ficando sujeita a inundação;

2. Inundações devido à urbanização: as enchentes aumentam a sua frequência e magnitude devido à ocupação do solo com superfícies impermeáveis e rede de condutos de escoamentos. O desenvolvimento urbano pode também produzir obstruções ao escoamento como aterros e pontes, drenagens inadequadas e obstruções ao escoamento junto a condutos e assoreamentos. Estas enchentes ocorrem, principalmente, pelo processo natural no qual o rio ocupa o seu leito maior, de acordo com os eventos chuvosos extremos, em média com tempo de retorno superior a dois anos.

Este tipo de enchente, normalmente é decorrência de processo natural do ciclo hidrológico, causando impactos sobre a população principalmente

A causa principal é ocupação inadequada do espaço urbano que são processos que advêm, em geral, da falta de um Plano Diretor Urbano, a

desregulamentação e restrições aos loteamentos em áreas de risco de inundação e outros.

Uma observação importante é a de que, quando há uma seqüência de anos sem enchentes, os proprietários de áreas inundáveis sentem que há razão suficiente para se lotear tais áreas inadequadas. A mesma causa acontece nas áreas de invasão ribeirinhas que pertencem ao poder público pela população de baixa renda.

Mais grave se torna as ocupações de áreas de médio risco, que são atingidas com freqüência menor, mas que quando o são, sofrem prejuízos significativos. O que hoje é um risco médio, com a continuidade do processo meteorológico poderá vir a tornar-se um risco alto.

Os principais impactos das enchentes sobre a população são:

1. Prejuízos de perdas materiais e humanas
2. Interrupção da atividade econômica das áreas inundadas
3. Contaminação por doenças de veiculação hídrica como leptospirose, cólera, entre outros
4. Contaminação da água pela inundação de depósitos de material tóxico, estações de tratamentos entre outros.

O processo de precaução nos municípios não incentiva a prevenção dos problemas através de medidas não estruturais e estruturais, já que, à medida que ocorre a inundação o município, declara calamidade pública e recebe recursos a fundo perdidos e não necessita realizar concorrência pública e disponibilidade de recursos sem restrições para gastar. Como a maioria das soluções sustentáveis passa por medidas não-estruturais que envolvem restrições a população, dificilmente o governo sem a visão política pública da precaução, buscará este tipo de solução, pois a

população espera por obra de solução definitiva. As medidas preventivas e de capacitação ao risco são secundárias para a população, interessando-se somente pelas medidas assistências pós desastre.

Para a implementação de medidas não estruturais, haverá sempre a interferência nos interesses de proprietários e moradores dessas áreas de risco, muitas vezes complexos politicamente a nível local.

A solução é uma efetiva comunicação de risco, tanto para os governantes como a população, não somente a das áreas de risco, mas como formação de cidadania.

Através da coleta de dados sistemáticos no município de Santo André, constatamos, nos últimos anos, um pequeno mas constante aumento dos índices pluviométricos na estação chuvosa (verão na região sul / sudeste). Tal aumento tem sido verificado pela Defesa Civil do município. A Defesa Civil tem procurado estabelecer políticas públicas para transformar-se como gerador e coletor de dados e de informações de forma a possibilitar a melhoria nos processos de análise e do gerenciamento de risco da cidade.

Houve a introdução, no Plagesan (Plano de Gestão Ambiental de Santo André), de indicadores não só de poluentes, mas de valores pluviométricos, fluviométricos e sua relação com as enchentes, através do mapa de risco á enchentes no município. A necessidade de coletar e estabelecer um sistema de mapas da cidade, geoprocessado, acoplados às tabelas de eventos ocorridos e de forma facilitada para pesquisas on line, são medidas de alteração da política pública de imediatismo para ações de longo prazo.

Um exemplo da situação pode ser dado no mapa apresentado abaixo do município no ano de 2008, no dia 21 de fevereiro quando ocorreu um intenso evento chuvoso que chegaram a 120mm, no período do final da tarde até seu término por volta das 21h, culminando numa inundação compatível a acontecida no verão de 2001, uma das maiores enchentes registradas na cidade.

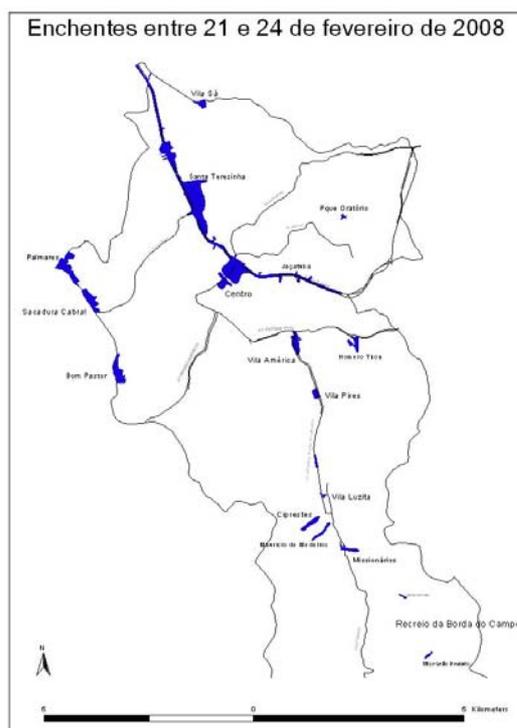


Figura 29. Mapa do estudo da enchente

Os riscos são avaliados através das perspectivas técnicas capazes de antecipar possíveis danos à saúde ou ao ecossistema. Avaliar os eventos naturais causadores desses danos é uma das formas de produzir cenários predefinidos do que possa vir ocorrer. Mas variáveis caras à modelagem da área de hidrologia podem não contar todos os aspectos relevantes para que o cenário seja compreendido impedindo danos materiais e imateriais aos que estão circunscritos às áreas de risco.

Nos casos das enchentes, a parcela da população afetada e atingida diretamente pela inundação perde tudo, seja porque a informação técnica não chega aos mesmos a tempo de conciliar com medidas de preparação; seja porque as condições sócio-econômicas são impeditivas a que tais medidas sejam tomadas pelas famílias seja, ainda, porque o apoio em medidas de preparação direta das famílias por agentes da Defesa Civil em convergência com demais órgãos e competências, falha. Para os atingidos, aos olhos de terceiros, mesmo que o *“tudo”* pareça irrelevante materialmente, não o é. A saúde psicossocial fica abalada e esse é um fator relevante como propensão a futuras doenças e, portanto significativo para que a avaliação dos danos havidos seja resignificada pelos agentes do Estado. Entretanto, para os concidadãos que não são atingidos diretamente, o testemunho do sofrimento alheio, no geral, é um acontecimento desprezível, uma tragédia dentre outras numa circunstância socioambiental de naturalização das desgraças. Como ouvimos muitas vezes: *“Eles nada tem a perder o que tanto se queixam de perda?”*.

Os termos risco e perigo são expressões derivadas, em geral, de atos políticos de escolha, expressando valores e pontos de vista os mais diversos possíveis. No entanto, as pessoas e os grupos sociais que realizam esses atos parecem tomar decisões sem a posse adequada de informações suficientes a respeito das conseqüências potenciais de determinadas ações. Tal fato gera conflitos de diversas ordens, cuja solução passa pela escolha de alternativas adequadas, o que nem sempre é possível.

6.3 Sociedade de risco: Dimensão sociológica do problema

O estudo das ameaças e desastres como uma necessidade frente ao aumento das ocorrências desses fenômenos. Os autores colocam que, por um lado, há a crescente vulnerabilidade dos países em desenvolvimento em termos de perdas de vidas, prejuízos materiais e os seus efeitos cumulativos indiretos sobre desenvolvimento das regiões afetadas. Por outro lado, refletem também o progresso adquirido no conhecimento científico e tecnológico desenvolvido para a confrontação do problema. O aumento da frequência e intensidade das “calamidades naturais” coloca no centro do debate das ciências sociais as relações sociedade/natureza e a questão da sustentabilidade do desenvolvimento. Como todos os problemas ambientais, também as “calamidades naturais” se estabelecem nos pontos de interseção entre sociedade/natureza. O aumento da intensidade dos impactos provocados por “calamidades naturais” constitui apenas o ponto mais evidente de uma longa cadeia de interações recíprocas estabelecidas entre sociedade-natureza: as atividades sócio-econômicas transformam o ambiente natural o qual, alterado, acaba constringendo o próprio desenvolvimento sócio-econômico (MATTEDI; BUTZKE, 2001).

Para Lindell; Perry (2004) o risco tem a haver com comunicação o qual tem relação intrínseca com a cultura que é heterogênea e não é razoável esperar que todos os indivíduos que compartilham uma cultura interpretarão ou se comportarão precisamente da mesma forma. Outro aspecto importante desta concepção de cultura é que normalmente se recorre a um sistema de conhecimento compartilhado por um número grande de pessoas, quer dizer, é visto cultura comumente como coincidindo

(entretanto não exclusivamente) com limites políticos entre países e, assim, é freqüentemente associado com nacionalidades. Assim, o pressuposto de um sistema compartilhado em nível nacional pode gerar constrangimento de compreensão aos grupos que não participam, dentro da nação, daquele sistema de códigos, pra nele assentar comportamentos mais seguros.

Giddens (1991) explica que, nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contém e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo espacial da comunidade. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa.

“A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim seu caráter” (GIDDENS, 1991, p.44).

Entretanto a mudança é um processo doloroso, como acentua Giddens (1991, p.44):

Em todas as culturas, as práticas sociais são rotineiramente alteradas à luz das descobertas sucessivas que passam a informá-las. Mas somente na era da modernidade a revisão da convenção é radicalizada para se aplicar (em princípio) a todos os aspectos da vida humana, inclusive a intervenção tecnológica no mundo material. Diz-se com freqüência que a modernidade é marcada por um apetite pelo novo, mas talvez isto não seja completamente preciso. O que é característico da modernidade não é uma adoção nova para si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada – que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão.

A própria reflexão como meio de crescimento em sociedade, também se encontra quando o assunto é risco (*hazard*). A mudança cultural necessária para o desenvolvimento da sociedade em questão de segurança é muito árduo, pela

quantidade de desinformação existente tanto no campo dos leigos como dos especialistas ou peritos.

Um especialista é qualquer indivíduo que pode utilizar com sucesso habilidades específicas ou tipos de conhecimento que o leigo não possui. “Especialista” e “leigo” têm de ser entendidos como termos contextualmente relativos. Há muitos tipos de especializações, e o que conta em qualquer situação em que o especialista e o leigo se confrontam é um desequilíbrio nas habilidades ou na informação que – para um determinado campo de ação – torna alguém uma autoridade em relação ao outro (GIDDENS, 1991).

“Na verdade, as regras burocráticas formais tendem a negar essa própria abertura à inovação, que é o selo de garantia da especialização; elas transformam habilidades em deveres” (GIDDENS, 1991, pg 106).

A comunidade vê os especialistas como verdades absolutas e acreditam que estes estão fazendo o que é certo. Com certeza, estarão fazendo o melhor que sua capacidade, individual ou coletiva, considera como melhor. Mas, a história das enchentes não condiz com esta percepção da comunidade, e este fato é primordial para que a discussão entre comunidade e especialistas ou peritos se faça de forma a constituir um legado de tensões no viver da cidade. Se o especialista não tem confronto, este assume a razão das questões. Há, portanto não só os próprios peritos que se confrontam tecnicamente entre si nas suas várias especialidades, mas o cidadão que cada vez mais exige que a resposta técnica seja compatível com um ambiente de direitos.

Por outro lado, a sociedade vê os benefícios alardeados pelo processo político omitindo riscos, evidenciando apenas e tão somente aqueles cuja sanção gera

capital eleitoral aos que agem. A imponderabilidade sentida nas situações de risco são muito extensas e os medos buscam na forma do governante o amparo que, o geral, não tem capacidade de se mostrar sensível aos temores.

Os conflitos da distribuição em relação aos bens sociais (renda, empregos, seguro social, moradia inserida em local farto em equipamentos públicos etc) são encobertos pelos conflitos de distribuição dos “malefícios”. Ulrich Beck afirma que podem ser decodificados como conflitos de responsabilidade distributiva. Eles irrompem sobre o modo como os riscos que acompanham a produção dos bens (mega tecnologia nuclear e química, pesquisa genética, a ameaça ao ambiente, super militarização e miséria crescente fora da sociedade industrial ocidental) podem ser distribuídos, evitados, controlados e legitimados (BECK, 1997).

Os malefícios distribuídos ficam escondidos nas ações de grande impacto “visual”, quando a população só vê os benefícios imediatos de uma situação pontual. Porém, quando o problema é a urbanização, não há benefício imediato que possa superar um planejamento estratégico de longo prazo e coerente com a situação de minimização da degradação ambiental. Entretanto, tais situações contrapõem com as necessidades imediatas.

Perigos, emergências e desastres afligiram a sociedade humana por muito tempo, a ponto de deflagrar, nas últimas décadas, a profissão de gestor de riscos bem como a pesquisa acadêmica no tema dos desastres. Assim, são muito conhecidas de nós palavras que se referem às conseqüências negativas de eventos ambientais: acidentes, emergências, crise, desastre, catástrofe, tragédia e calamidade, para citar algumas. Ao longo dos anos, muitos desses termos foram embutidos no vocabulário, freqüentemente introduzido através da mídia de massa ou uso literário. Como tais

eventos tem se tornado o foco de estudos acadêmicos e do gerenciamento de risco profissional, tem-se tornado necessário padronizar significados técnicos para que comuniquem no sistema perito com um entendimento comum. Apesar disso, continuam em amplo debate tais noções.

A fim de uma introdução para a gestão de risco, é importante distinguir o significado mais corrente de, pelo menos, três termos: perigo, desastre e emergências. O importante é ter em mente a necessidade de estabelecer uma correspondência biunívoca entre termo e conceito.

Os riscos se dividem em objetivos e subjetivos. Os riscos objetivos são aqueles estimados a partir de cálculos estatísticos e metodologias quantitativas, enquanto que os riscos subjetivos são aqueles avaliados com base em julgamentos intuitivos (NARDOCCI, 2002). Os riscos advêm dos processos tecnológicos e naturais, que possibilite ocorrências indesejáveis e causadoras de danos para a saúde, para sistemas econômicos e para o meio ambiente. Quando o evento torna-se certeza, não se pode mais falar em risco. As estimativas de risco modificam-se à medida que o conhecimento a respeito do assunto é aperfeiçoado.

O termo perigo consideramos como sendo a própria ameaça em si, ainda não mensurável e não totalmente evidente.

Hazard (perigo) já é o termo cujo conceito está ligado ao nosso termo risco ou à probabilidade de a operação dos processos produzirem conseqüências negativas para o homem.

Todos os conceitos de risco ou hazard têm um elemento comum: a distinção entre realidade e possibilidade.

O risco nunca é zero (BURTON; KATES; WHITE, 1993; CUTTER, 2001).

O risco humano causado por estes perigos varia com o nível de intromissão humana e o conhecimento e tecnologia associado ao perigo (LINDELL; PERRY, 2004). Riscos são inerentes à possibilidade. Eles representam o potencial para a ocorrência de eventos ambientais extremos.

Para conquistar sobrevivência em longo prazo, seres humanos precisam ajustar-se ou acomodar-se aos processos naturais ou provocados de alguma forma.

A definição clássica do ajuste do risco se foca sobre a modificação do comportamento do humano no qual se incluem até mesmo o modelo de assentamentos ou a modificação das características ambientais para possibilitar as pessoas de morar num dado lugar com maior segurança (LINDELL; PERRY, 2004).

Em um cenário de risco, visando principalmente a saúde humana, seus efeitos serão uma característica da exposição e poderão ser evitados ou mitigados se os eventos ou ações causais puderem ser evitados ou modificados.

O termo emergência é comumente usado de duas maneiras levemente diferentes, mas intimamente relacionadas. O primeiro uso do termo se refere a um evento que envolve conseqüências menores para a comunidade, algumas baixas e limitada quantidade de danos à propriedade. Nesse sentido, emergências são eventos freqüentemente experienciados, relativamente bem entendidos pelo sistema de Defesa Civil local e podem ser gerenciados com sucesso com recursos locais, algumas vezes, com recursos de uma única agência governamental local. São ocorrências comuns em que vemos uma gestão de resposta uniforme: batidas de carros, rupturas de dutos de gás natural, incêndios residenciais, traumas, crises cardíacas. Elas são gerenciadas por organizações geralmente governamentais, mas, às vezes, particulares com pessoal especialmente treinado e equipado. Comumente, associam-se ações emergenciais com

bombeiros, polícia, organizações de serviços médicos de emergência. Esses eventos são rotineiros no sentido em que são bem entendidos e, assim, contam com protocolos e equipamentos de resposta gerais. Contudo, é importante entender que cada situação de emergência pode apresentar elementos únicos, os peritos alertam que não há coisa tão rotineira quanto um incêndio em casa. Acresça que cada novo incêndio será como todos os anteriores; porém, têm grande probabilidade de produzir mortes e ferimentos nos bombeiros (LINDELL; PERRY, 2004). E nas pessoas já adstritas no local.

O segundo uso do termo emergência se refere mais à iminência de um evento do que às suas graves conseqüências. Assim, uma emergência essa associada a uma probabilidade mais alta do que a normal de um evento extremo acontecer.

A urgência da situação requer atenção e, até certo ponto, ação para minimizar os impactos do evento extremo. Diferente do uso anterior termo emergência, o evento não devem provavelmente ser menor e métodos de respostas rotineiras provavelmente não devem ser efetivos se o evento realmente acontecer.

O termo desastre é reservado para um real evento que produza mortes e destruição a um nível superior ao da capacidade da comunidade enfrentar. O desastre envolve a combinação muito específica de eventos severos e tempo e probabilidade. Diferente do tempo incerto do impacto associado ao perigo (se ou não o impacto exceda os recursos da comunidade), um desastre reflete a realidade de um evento cuja conseqüência exceda os recursos da comunidade. Diferente das emergências iminentes, as conseqüências ocorrem e, diferentes das emergências de rotina, têm menor impacto. Os desastres envolvem conseqüências graves para a comunidade.

Fizeram a primeira tentativa de uma definição formal do termo desastre. Presentemente, desastre é comumente definido como um evento não rotineiro em

tempo e espaço produzindo danos financeiros à propriedade e ou ao ambiente, cuja remediação requer o uso de recursos externos à comunidade diretamente afetada. Essa definição captura as duas características de desastre: eles estão fora dos eventos comuns, cujas conseqüências são suficientemente substanciais para requerer que recursos fora da comunidade sejam disponibilizados para responder e propiciar a recuperação do impacto (LINDELL; PERRY, 2004).

Há muitas diferentes definições de desastre presentes na literatura acadêmica e profissional, mas a maiorias delas incluem as dimensões listadas nesta definição. Além disso, algumas outras definições no campo da cultura de uma sociedade afetada que especificam os mecanismos que dão origem ao evento, como: atos de Deus, injustiças sociais, atos da natureza, aspectos da organização social etc. Certamente, as explicações que serão lançadas afetarão as atitudes que as vítimas expressarão sobre si mesmos assim como os recursos culturais dos que assistem ao fenômeno poderão lançar mão de outras explicações, compatível ou não com aquela que a comunidade afetada adotou para si.

A profissão de gerenciador de risco tem foco na suposição de que desastres são causados pela superposição de sistemas de uso humano com processos tecnológicos e naturais e a tarefa é a de gerenciar as conseqüências, levando em conta todas as dinâmicas tecnológicas, políticas e, principalmente, a questão social.

6.3.1 Conflitos socioambientais imbricados nos desastres: A dimensão comunicativa

Em termos gerais, pode-se afirmar que os conflitos configuram tecnicamente situações de crise, enquanto fenômenos políticos, voluntários e controlados, circunscritos a um período temporal. Como outras realidades humanas, o conflito é dialético (já que se pode ganhar ou perder) e dilemático (pode-se ganhar se estando sujeito a riscos, ou, então ceder perante o opositor, com as conseqüências que decorrem dessa decisão). O ambiente de crise envolve, portanto e, sobretudo imprevisibilidade, sujeito a três condições: medo, tensão e urgência. Academicamente, um conflito é originado por divergências quanto a interesses. Começa por resultar daqui o que se designa de conflito brando, abaixo do patamar de crise. Para que ocorra o que se designa por crise é necessário um catalisador geral, indicador do nível de tolerância máximo perante determinada situação de conflito entre dois opositores. O catalisador específico determina o início das (re) ações hostis, funcionando como desafio ao adversário e podendo algumas vezes ter caráter accidental ou forjado (MESTRE, 2003).

Os conflitos ambientais, como outros tipos de conflitos, deverão ser entendidos como processos dinâmicos com diferentes níveis de intensidade, numa gama que vai da guerra até ao estado de paz duradoura, conforme os níveis de cooperação envolvidos. Após um desafio adversário, não tem necessariamente que ocorrer confrontações violentas, podendo ser resolvida as crises através de compromissos, portanto sem guerras nem capitulações (MESTRE, 2003).

Os conflitos socioambientais se manifestam através de aspectos políticos, econômicos, étnicos, religiosos, disputas territoriais, resultantes de interesses nacionais

diversos, ou, quaisquer outros. Contudo, são induzidos pela degradação de fatores ambientais (no nível da sua qualidade e quantidade), ou, pelo acesso diferencial a recursos ambientais, traduzindo problemas de dependência assimétrica: um recurso de que determinado ator carece é degradado por um ou vários outros atores ou porque estes são independentes desse recurso, ou, porque, sendo utilizado por todos, se reduz a capacidade de suporte do sistema, o qual se degrada.

As formas pelas quais se manifestam os conflitos socioambientais agrupam fatores do mesmo gênero (sociais, políticos etc.), considerados fatores de contexto. Os fatores de contexto influenciam no desenvolvimento do conflito (escalada e potencial de incidência) (MESTRE, 2003).

Lietzman; Vest (1999) descrevem, determinando a disposição para empreender ações visando mitigar ou repor situações de menor stress dos fatores ambientais em jogo:

Padrões de percepção: o modo como os atores entendem que a situação de stress lesa os seus interesses, prioridades e bem estar físico; Vulnerabilidade econômica e dependência dos recursos: o grau de dependência de um grupo ou de um Estado relativamente a determinado(s) recurso(s) os torna susceptíveis, na mesma proporção, de sofrer os impactos decorrentes de alterações geradas sobre esses recursos; Capacidade institucional, socioeconômica e tecnológica: a resposta, designadamente para promover atos cooperativos perante uma situação de degradação de determinado(s) recurso(s) é função destes fatores; Fatores culturais e etno-políticos: se estes fatores forem causa de diferenças de posição, tenderão a agravar o posicionamento perante um conflito, tanto mais se houver marcada assimetria das facções no acesso aos recursos em jogo; Potencial de violência e estruturas de segurança interna: os suportes legais e os instrumentos de reposição de ordem pública deverão funcionar e, funcionar para todos os que estão envolvidos no conflito, sob o risco do problema passar a estar instrumentalizado por parte dos atores que participam do conflito; Estabilidade política: os fatores sociais estão fortemente relacionados com os de natureza política; se as estruturas políticas não forem capazes de controlar as tensões significa que os propósitos para os quais existem estão a falhar e a sua própria existência corre riscos; Participação: qualquer processo visando à exploração de recursos naturais que pretenda implementar sem o mais amplo consenso corre

riscos de ser contestado; Interação: em geral decorrem efeitos positivos sobre os fatores ambientais a consideração de acordos internacionais (que importaria ratificar) e uma posição neutra que pode servir de mediação para situações onde há conflitos de interesse (esta é uma realidade válida para diversos domínios, servindo também ao domínio dos conflitos ambientais); Mecanismos de resolução de conflitos: o reconhecimento como legítimos de instrumentos úteis à resolução de impasses negociais é essencial para que tenha lugar a negociação, o compromisso e a mediação.

Daí a dizer que as relações entre o stress ambiental e os problemas de segurança provem de múltiplas causas, sendo impossível prever a magnitude a que podem chegar os conflitos resultantes da degradação ambiental, ou, pela partilha de fatores ambientais. Desta forma a segurança global deve ser estudada e gerenciada por processos e políticas integradas.

Um dos fatores de maior stress está na comunicação com o grupo em risco.

A dificuldade de se encontrar solução para os problemas ligados à falta de comunicação está exatamente na falta de uma educação norteada pela cultura do diálogo, pelo ato de refletir em grupo e pensar com espírito de compartilhamento, respeitando as diversidades culturais e as ideológicas de cada pessoa ou grupo, para consolidar um ambiente de convivência das diferenças; aliás, esse é o princípio básico da democracia.

A falta da formação numa educação voltada ao diálogo e compartilhamento e a solidariedade - e que se pode traduzir como respeito ao próximo - é um dos principais problemas pela falta de feedback, certamente o maior complicador para o sucesso da comunicação e o estabelecimento de relações duradouras.

A moderna sociedade é voltada para a informação. Somos literalmente bombardeados por notícias dos mais variados teores e objetivos, criando um enorme congestionamento de idéias e pensamentos, de grande espectro cultural, ético e moral,

que nos faz menos seguro na nossa formação e práticas sociais. Esse bombardeio carece de debate e discussões sobre os temas abordados, tais como os relativos ao risco aceitável e os riscos a que a sociedade deve irmanar-se para eliminar, reduzir ou mitigar, o que é mais um elemento para que os diversos entendimentos e ausência de uma compreensão comum deflagrem um ambiente de conflito.

A tecnologia coloca à nossa disposição informações sobre praticamente tudo o que imaginarmos. Por meio de INTERNET, e-mails e blogs, podemos conversar virtualmente com pessoas do mundo todo. Porém, nenhuma tecnologia, por mais arrojada que seja, substitui a riqueza do contato humano, a conversa e a passagem emocional que só o fator presencial pode advir.

Antes de ser instrumental, a comunicação é essencialmente humana e extremamente humanizadora. De nada servem veículos e canais oficiais de comunicação interna, tais como Intranet, jornal dos funcionários, boletim e mural de notícias, se não houver efetivamente a disposição das lideranças para o diálogo e um ambiente favorável à conversação e à troca de idéias.

Em sua essência, a comunicação só assim é chamada quando o agente retorna mensagem, caso contrário é um comunicado, pura transmissão de dados. É como se fosse o impulso eletrônico ou mecânico de uma máquina para outra. A comunicação formal e burocrática é sem *feedback*, e, portanto é falha e incompleta.

As empresas, principalmente a mídia preocupa-se mais com a eficácia dos mecanismos de transmissão da mensagem do que propriamente com o seu conteúdo, pois o processo econômico é mais importante do que a real utilidade da mensagem que é o de sempre ser capaz de promover a reflexão necessária para gerar mobilização. O retorno almejado de toda comunicação é a influenciação do outro agente, sua

motivação para que supere desafios e alcance as metas estipuladas, sejam na dimensão pessoal, seja na profissional.

Há limites para a atuação da gerência de risco, não importando a eficiência que ela se desenvolva, pelo fato de que a comunicação dos perigos, a classificação dos riscos depende profundamente da cultura do diálogo entre peritos e afetados diante do risco na forma de compreender os problemas e disso derivar soluções. A mediação dos interesses da comunidade e do poder político, é definitivo para a minimização dos danos, visto que enchentes em várzeas são crônicas e de difícil e dispendiosa solução estrutural.

Normalmente, as hostilidades e o ceticismo dos representantes das comunidades recorrentemente afetadas são agravantes e limitantes para a comunicação de risco e uma boa solução não estrutural para eventos adversos. Há o ruído comunicacional entre os vários participantes do processo de desastre porque as partes sociais desempenham distintos papéis e conjuntos específicos de comportamento, ditando regras de convivência ou outras imposições ao meio de que participam, tanto gerado por fatores intencionais como fortuitos. O entrechoque das influências, dependendo da natureza, podem ocasionar situações conflitantes, muitas vezes intransponíveis. Neste caso, é importante o conhecimento da composição e do funcionamento de um sistema social é útil para a elaboração de previsões sobre como os membros interdependentes desse sistema se comportarão em uma determinada situação comunicacional.

De um modo geral, as escolas deixam de educar as pessoas para as comunicações plenas, que engloba as dimensões do falar, ouvir e dar *feedback*. Na realidade, tem faltado até mesmo educar a pensar. Recebemos apenas instruções

técnicas, com que, em geral, somos treinados a não pensar, e, portanto, induzidos a simplesmente memorizar e arquivar informações. Privilegia-se o escutar mecânico e não o ouvir orgânico. Não fomos incentivados a refletir sobre a relação de causa e efeito dos fatos que acontecem em nosso bairro, cidade, país, quanto mais, em nosso planeta. A falta de *feedback* torna as comunicações deficientes e geradoras de conflito e improdutividade, como não fomos ensinados, seja por uma equivocada sensação de poder, pela falta de hábito, negligência, desvalorização do outro ou por simples falta de educação, não há por parte da comunidade de risco o comprometimento com o retorno da comunicação efetuada pelas agências ou poderes políticos ou sociais. Daí, as crises crônicas de relacionamento, disputas de poder e falta de integração.

Para a Defesa Civil de Santo André uma maneira de transpor a falta de comunicação com a sociedade em risco são as atividades educacionais dentro das escolas estabelecendo parâmetros comunicativos e de *feedback* adequados para que a comunidade se aproxime dos conceitos de risco diminuindo o ruído comunicacional. O objetivo geral é oferecer conhecimento através de conceitos teórico e prático sobre os temas relacionados à Defesa Civil, à redução de desastres através das ações de prevenção de acidentes e a importância de novas atitudes para a melhoria da qualidade de vida. O programa pretende promover a reflexão, ação e transformação dos professores, alunos, dos profissionais e comunidades afetadas. Dentre os assuntos voltados para a melhoria da comunicação e risco o programa, através de objetivos específicos, busca desenvolver o conhecimento dos diversos tipos de riscos e de como evitá-los, sem se arriscar. Aprender as normas de prevenção de acidentes para a realização das tarefas diárias; de forma a prevenir desastres através de pequenas mudanças de hábitos e atitudes; melhorando as condições de vida da população

afetada. Distinguir os riscos; conhecer e identificar as situações de risco do município, conhecer os procedimentos de prestação de socorro em ocorrências de desastres tornando-os técnicos em emergências. Estimular os professores e alunos a serem agentes multiplicadores pela atitude tomada para evitar desastres, ser pró-ativo ao medo ou ao pânico, incentivar a educação preventiva do meio ambiente protegendo o *habitat* de forma harmônica, mas não contemplativa.

O programa utiliza a escola como veículo de desenvolvimento humano, transmitindo, mas também debatendo conhecimento nas questões dos riscos ambientais urbanos com os professores e a direção de forma a criarem sua própria didática facilitando a compreensão por parte dos alunos e enriquecendo os conteúdos.

7 SISTEMA DE DEFESA CIVIL COMO GERENCIADOR INSTITUCIONAL DOS RISCOS DO MUNICÍPIO

O acidente propriamente dito é uma conjunção de vários incidentes que interligados provocam o desastre. Podemos pensar como num jogo com peças de dominó que, quando alinhados de modo aonde uma peça bate na outra e acionadas por uma força externa, desencadeiam o tombamento até da última peça.

O processo de segurança e controle do perigo é complexo, mas pode-se prever as etapas dos perigos existentes para cada classe de risco.

As ações de Defesa Civil, com a função básica de proteger a vida, desenvolvem-se nas seguintes fases:

Preventiva: para preparar as populações, operada em situação de normalidade, sugerindo-se medidas e obras públicas para os pontos críticos, elaborando planos operacionais específicos. Os Núcleos de Defesa Civil – NUDEC é uma arena importante de comunicação dialógica entre comunidade e Defesa Civil. Historicamente, a educação oferecida às comunidades não tem caráter preventivo. A Defesa Civil, visando prevenir situações adversas, oferece às populações treinamento permanente para o atendimento das ações de socorro e assistência. A criação e consolidação dos Núcleos de Defesa Civil – NUDECs, foi o caminho adotado para se atingir este objetivo de uma maneira mais participativa. Voluntários da comunidade atuam como agentes multiplicadores junto à população, em prol da melhoria de vida da comunidade frente aos fatores de risco. Foi estimulada a idéia de pró-atividade da sociedade civil nos NUDECs para que junto às medidas de Estado, a população também desenvolva mudanças de hábitos frente aos perigos e capacidade de análise

de risco. Inicialmente, a instalação do NUDEC era prioritariamente em áreas de risco de desastres e tinha por objetivo organizar e preparar a comunidade local a dar a pronta resposta aos desastres. Hoje, o objetivo principal do NUDEC é a prevenção de acidentes, e para atingirmos esse objetivo de forma plena, a partir de 2005, está-se ampliando o envolvimento de toda a população do município de Santo André. Através da divisão do município em 19 regiões, conta-se, hoje, com representantes em 14 destas regiões, com 52 multiplicadores atuantes no repasse a comunidade sobre prevenção de acidentes, que participam dos treinamentos e orientações em defesa civil. Atividades do NUDEC são as seguintes: incentivar a educação preventiva; organizar e executar campanhas; cadastrar os recursos e os meios de apoio existentes na comunidade; coordenar e fiscalizar o material estocado e sua distribuição; promover oficinas e cursos para a capacitação da equipe; manter contato permanente com o Departamento de Defesa Civil; colaborar com o Departamento de Defesa Civil na execução das ações de Defesa Civil, dentre outras.

O Alarme Solidário faz parte do plano Operativo de Chuvas de Verão do município de Santo André e tem um caráter preventivo na época de maior incidência de chuvas que vai de novembro a março. O NUDEC tem uma interface com esse programa no qual é um dos recursos de interação entre a comunidade, através de seus voluntários, e a Defesa Civil, em casos de emergência por onde são repassadas informações sobre possíveis adversidades e o retorno da situação em cada região. A Defesa Civil recebe diariamente boletim meteorológico da Coordenadoria Estadual de Defesa Civil (CEDEC). Em caso de alerta, monitora pelo radar e conta com os dados dos 5 pluviômetros distribuídos pela cidade. Com base nessas informações, em caso de alerta iminente, faz uso do Alarme Solidário para que os voluntários sejam informados e

possam minimizar os efeitos de um possível desastre. Da mesma forma que os voluntários recebem alerta sobre a previsão climática na região, repassam também a Defesa Civil as informações de como está a situação real em suas comunidades, auxiliando no planejamento das ações de auxílio à população.

As ações complementares de Defesa Civil, no caso efetivo de desastre, são as seguintes:

Socorro: conduzindo as vítimas aos hospitais;

Assistencial: encaminhando os flagelados os locais e abrigos seguros e atendendo-os com medicamentos, agasalhos, alimentos e conforto moral;

Recuperativa: possibilita o retorno à normalidade e, se possível, executando obras que, além de recuperar a área atingida pelo desastre tenham caráter preventivo quanto a outros eventos adversos que possam assolar a comunidade, fechando-se, dessa maneira, o círculo em que se inserem as fases de atuação de Defesa Civil.

Utilizando-se de determinados critérios para catalogar os riscos, os eventos causados e suas conseqüências, o sistema de análise desenvolvida pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos APP - Avaliação Preliminar de Perigos (*hazard*), que determina categorias de severidade ao evento e descrita inicialmente para problemas de segurança militar. As enchentes, caso de nosso estudo, por procedimentos técnicos de levantamento exclusivamente material e econômico de valoração do dano que os critérios do AVADAN lançam mão pode ser considerada, em sua maioria, como Marginal ou de danos irrelevantes ao meio biogeofísico e socioeconômico do entorno.

Entretanto, ao considerar as perdas morais e emocionais, além das perdas econômicas e materiais, colocando na equação de risco as possibilidades de doenças endêmicas advindas exclusivamente dos aspectos de vivenciamento de perdas e

danos, a categorização de severidade passará a Crítica ou até passível de gerar danos duradouros. No caso de mortes associadas teríamos a severidade denominada Catástrofe.

O gerenciamento de risco deve ter uma série de processos de avaliação das conseqüências dos eventos potencialmente capazes de causar impactos na saúde pública e no meio ambiente. As conseqüências são, na realidade, danos, mensuráveis ou não, que estão presentes em cada cenário sob estudo, no caso enchentes. Tais conseqüências podem ser de curto, médio e longo prazo. A exposição de comunidades a um risco poderá acarretar danos tanto imediatos como a médio e longo prazo, dependendo de outros fatores, associados ao tipo de exposição.

Por esta metodologia podemos conceituar os riscos associados em três níveis: negligenciáveis, gerenciáveis e não toleráveis.

Para o nosso caso, o risco de enchente em áreas de várzeas não pode ser avaliado como risco de nível negligenciável, aonde as probabilidades e magnitudes são de pequena monta. Porque as perdas econômicas e sociais imediatas e médio prazo trazem os históricos de recorrência, mostrando pressões tais que a probabilidade de haver perda da saúde física e emocional em magnitudes amplificadas são maiores a cada evento.

Então, deveriam ser gerenciáveis, pois a probabilidade e magnitude são controláveis, através de obras estruturais de contenção das águas, de acompanhamento de afetados feridos ou adoecidos na estrutura de saúde local, etc. Assim, se há continuidade do fenômeno de afetação sem que o poder público faça o devido acompanhamento com a mudança, para melhor da realidade socioambiental do processo, pode-se dizer que houve negligência do Estado de forma a tornar cada

ocorrência um evento não tolerável mais imediatamente pelos que são freqüentemente afetados.

Mesmo na aplicação do Plano Chuvas de Verão do município de Santo André, que faz prevenção ao longo do ano, acompanhamento no verão, assistência aos afetados como resposta e atuando cada vez mais preventivamente, investe no alerta de chuva intensas para as populações em risco, os dados indicam que as áreas e suas comunidades se degradam chuva após chuva, constringendo-se a cada evento tal como se tivesse havido negligência, o que, contudo, não foi o caso. As causas da degradação insanável dessas áreas está em desconsiderar-se os elementos estruturais da vulnerabilidade da população atingida persistentemente. As medidas de enfrentamento da situação social dos afetados não são apenas de grande monta em termos econômicos, caso o Estado quisesse considerá-las. São incompreensíveis na forma como hoje o risco é avaliado bem como os danos decorrentes das enchentes. Carece, o Estado, de incorporar dimensões da vida social, sobretudo expressas em termos qualitativos, para associar-se aos levantamentos e parâmetros técnicos estabelecidos e reconhecidos atualmente. Contemple-se não só a perda monetária, muito pequena em valor corrente, mas as individuais, as familiares, a da vida comunitária e relações de vizinhança e os custos futuros com doenças, desvalorização da área etc.

Como gerenciador dos riscos das cidades, estados e nação, a Defesa Civil, deve se preparar para tal, estabelecendo um sistema nacional de avaliação de risco que considerem novas dimensões dos riscos de cada evento de chuvas, tanto material como os psicossociais causados pelas perdas simbólicas e objetivas, valorando a

situação pelo custo futuro que a situação representará àquele cidadão, àquela comunidade e ao Estado.

Só pode ser compreendida essa sociedade de risco se também for buscada a história individual e relacionar à história da comunidade a qual este indivíduo pertence.

Daí, a proposição do estudo que indiquem quais são as dimensões qualitativas, materiais e imateriais, causados pelos danos relacionados a um tipo de desastre como as enchentes, freqüente no país podem causar ao cidadão inserido nessa circunstância. Com tais informações as ações de formular, programar, implantar e monitorar a “qualidade de vida” da população, principalmente as das áreas de risco ou recorrentemente afetada possam se concretizar.

Tal conjunto de dados e técnicas para a melhoria da qualidade de vida pela minimização dos riscos antrópicos que produzidos pelas novas tecnologias ou pela sociedade de risco, tem hoje incitado em uma nova especialização, denominada gestão e gerenciamento de riscos.

Com a densidade e o tamanho da população crescente e padrões de uso da terra e assentamento em mudança, um maior número de pessoas está exposta a perigos naturais e conseqüentemente a perdas econômicas e humanas que se acumulam. Muito dessas exposições ao perigo é uma escolha. Às vezes, as pessoas escolhem lugares perigosos, às vezes materiais de construção perigosos. Algumas exposições resultam de escolhas forçadas. Terra barata ou baixo aluguel em áreas inundáveis freqüentemente atraem os pobres. E o empobrecimento é resultante da ausência de eficácia de políticas públicas e/ou um modelo de desenvolvimento excludente. Como Mileti (1999) escreve em “Disasters by Design”, o crescente

populacional, nossos padrões de assentamento, a densidade como nos aglomeramos e nossas escolhas de locação para casas, trabalho e recreação nos colocam muito mais em risco. E, quando os desastres ocorrem, trazem grandes prejuízos.

A gestão de risco tem origem no processo de identificação de riscos inaceitáveis, avaliando vulnerabilidades e projetando estratégias para sua redução para níveis mais aceitáveis.

Em termos gerais, a gestão de risco é a disciplina e profissão de se aplicar ciência, tecnologia, planejamento, gerenciamento para lidar com eventos extremos que podem ferir ou matar grande número de pessoas, a ocasionar extenso dano a propriedade e desarticular a vida da comunidade. Assim, os gestores de risco, identificam, antecipam e respondem aos riscos de eventos catastróficos a fim de reduzir a níveis mais aceitáveis a probabilidade de sua ocorrência ou a magnitude e a duração de seus impactos sociais.

Muitos meios têm-se feito para aprimorar a gestão de risco: estudos das vulnerabilidades, cálculos dos riscos, projeção das ameaças e muito mais. Na área da sociologia do desastre, muito ainda tem-se a fazer. Para cada local, cada ameaça, cada vulnerabilidade, cada afetado, terá um tipo de desastre.

No estudo de caso, cujo resultado se apresentará a seguir, as seguintes questões para análise estarão buscando consonância com a busca dos dados necessários para a gestão de riscos em áreas afetadas por enchentes, causadas pela ocupação das áreas inundáveis de várzeas de rios:

- I. Os danos materiais e imateriais vividos pelos afetados em áreas de enchente têm sido efetivamente mitigados devido à implantação da política pública apropriada?

II. Como identificar e compreender as representações sociais do desastre desde o ponto de vista dos atingidos pelas enchentes e inundações?

8 UM ESTUDO DE CASO DE ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ: O SOFRIMENTO SOCIAL SEGUNDO OS AFETADOS

O estudo a seguir apresentado busca entender as representações sociais dos afetados pelas enchentes e inundações que moram na área inundável recorrentemente, área esta situada no Bairro Bom Pastor, no município de Santo André, estado de São Paulo. Reconhecer as relações desses afetados com a enchente e seu local de moradia ou trabalho, através de suas representações coletivas pode subsidiar um novo olhar para a adoção de novas políticas públicas de defesa civil aplicável a cidade.

Os gráficos e tabelas contidas no anexo 7 demonstram as variações das enchentes em Santo André a partir de 2001. No período em que as chuvas foram menores, como nos anos de 2002 a 2004, as solicitações foram menores. Mas, na medida em que as chuvas tornam-se mais intensas, nos períodos seguintes, as ocorrências de enchentes atendidas ampliaram, embora minorado a magnitude do dano nas áreas nas quais obras estruturais e não estruturais foram implantadas.

Conforme o gráfico a seguir, a partir de 2005, as chuvas ampliaram-se, ultrapassando a média histórica nos últimos anos, nos quais as áreas de risco, mesmo com as obras estruturais, sofreram severos danos.

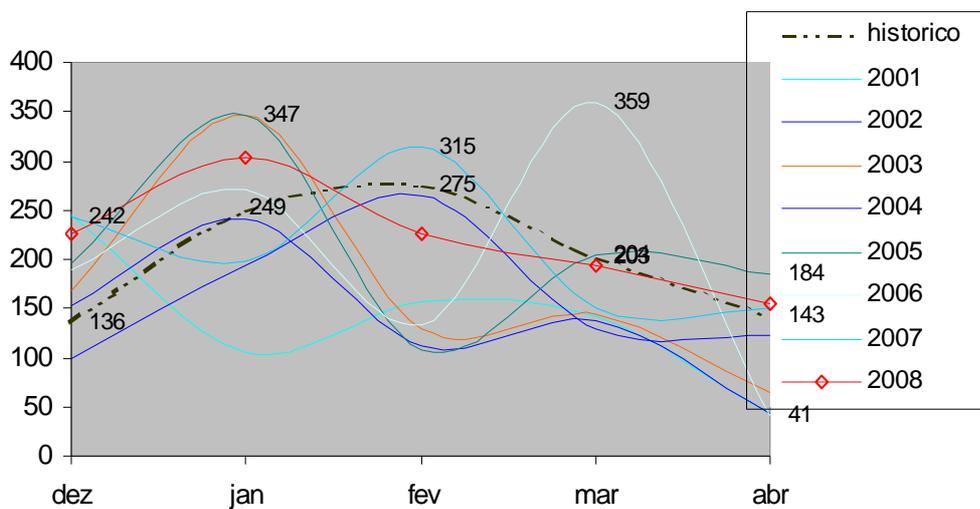


Figura 30. Gráfico dos índices pluviométricos do município de Santo André das chuvas ocorridas no período de verão.

Os levantamentos feitos pela Defesa Civil de Santo André nos atendimentos a enchentes mostraram quais as bacias mais comprometidas e vulneráveis a enchentes promovidas pelo extravasamento dos principais córregos que cortam a cidade. O gráfico a seguir, procura mostrar essas áreas por vulnerabilidade a enchente.

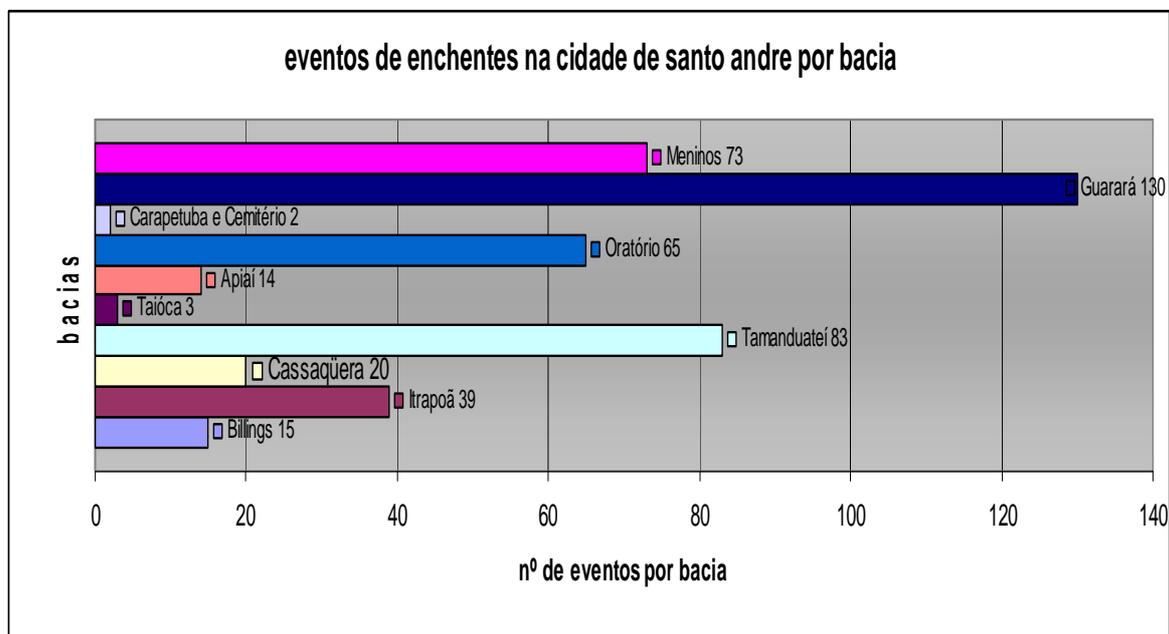


Figura 31. Gráfico dos eventos de enchentes ocorrido durante os anos de 2001 a 2007 (fonte: SEMASA- DDC, 2007).

Sintetizando as informações supra, podemos dizer que as bacias mais afetadas são:

- Bacia do Córrego dos Meninos, onde está contida a Vila Sacadura Cabral; Jardim Bom Pastor; Vila Palmares;
- Bacia do Córrego Guarará, onde estão contidos Vila Pires; Vila Vitória; Jardim Irene; Vila Alzira; Jaçatuba.
- Bacia do Rio Tamanduateí que coleta todas as demais bacias hidrográficas da cidade.
- Bacia do Córrego Oratório aonde estão contido as Vila Sá; Parque Novo Oratório.

A evolução das áreas inundadas pode ser verificada a partir de 2001 e apresentada no mapa 2 do anexo 2. Comparando com o mapa de áreas inundadas de

2006, apresentadas no mapa 3 do anexo 2, se percebe que não houve alteração significativa no número de pontos inundáveis para menor, principalmente para eventos de grande pluviosidade. Entretanto as áreas de inundação (manchas) diminuíram, mostrando que as obras estruturais executadas, como apresentado nos relatórios do anexo 5, obtiveram êxito dentro do período de retorno calculado. Essa melhoria de escoamento ou de retenção também tem relação as obras estruturais realizadas pelo Estado que apresentamos nos mapas seguintes mostramos os locais de retenções.

Por anos seguidos, o município de Santo André sofreu com enchentes nas várzeas dos rios Tamanduateí, Ribeirão dos Meninos e Córrego Oratório. As inundações causadas pelas enchentes dos rios, somente nos acontecimentos do verão de 2005, geraram um número de afetados da ordem de cinco mil pessoas, trazendo danos de fixos nas cifras aproximadas de R\$ 1 milhão de reais (DDC, 2005)² (gráficos 1 a 3 no anexo 4). Nos dias que se seguiram com chuvas constantes, os picos de chuva e os índices de pluviosidade foram de tal forma que imobilizaram os corredores principais de transporte da cidade, e região do Grande ABC, que cruzam os principais desaguadouros da cidade e região e pertencem a Bacia do Rio Tamanduateí. Foram estas paralisações dos fluxos, por horas, nos principais corredores da região que fazem o escoamento industrial da região do ABC e que margeiam esses córregos e rios, tanto para o transporte de carga como de passageiros, o principal componente dos prejuízos econômicos contabilizados para a população das cidades da região metropolitana na ordem de milhões de reais, (foto 32 e 33 a seguir). No nível das rotinas familiares, as enchentes são capazes de desestruturar os meios e modos de vida dos afetados, além de gerar outros tipos de danos, de natureza imaterial.

2 SEDEC- AVADAN apresentado por Santo André-SP do desastre acontecido no verão de 2005.



Figura 32. Foto da Vila América – verão de 2005 (fonte: DDC,2005).



Figura 33. Foto do Rio Tamanduateí, Avenida dos Estados.
Rotatória da Rhodia – verão de 2005 (fonte: DDC, 2005).

No dia 24 de fevereiro 2008, houve a ocorrência de chuva de grande intensidade, com índice pluviométrico de 120mm/h, em um período de seis horas, a cidade sofreu dano de grande intensidade, chegando a ter mais de 150 veículos atingidos nas vias periféricas aos córregos que passam pela cidade. O mapa abaixo apresenta as áreas inundadas que, se comparadas com as áreas inundáveis de 2001, mostram que as obras estruturais para tempo de retorno de chuva de 10 a 20 anos não diminuí o dano à cidade ou aos afetados.

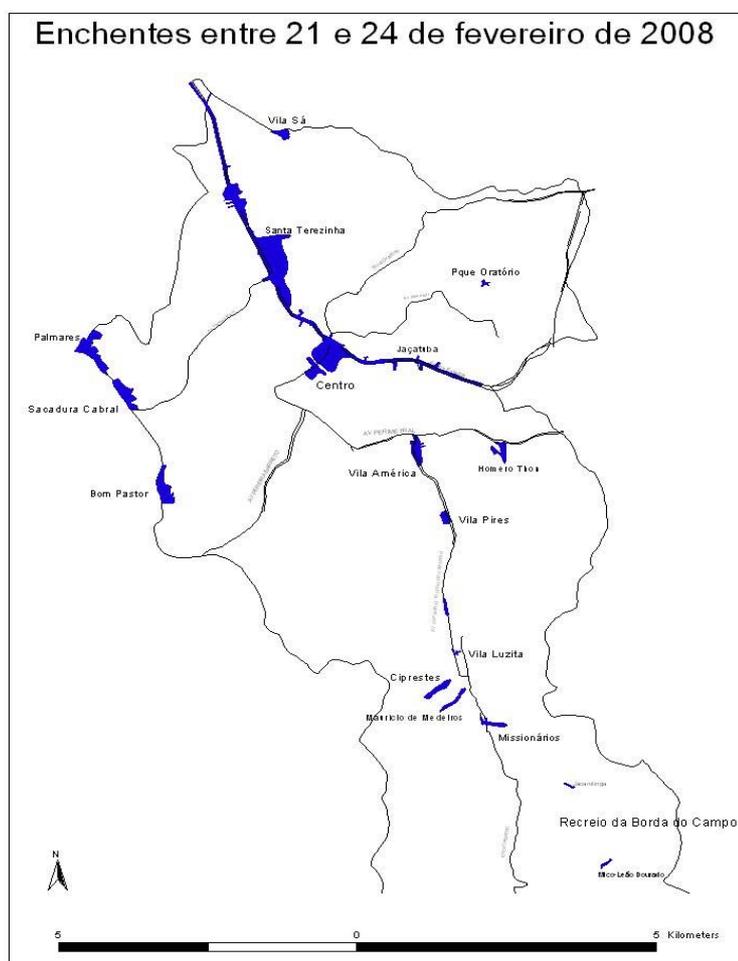


Figura 34. Mapa das manchas que representam as áreas inundadas em consequência da chuva do dia 24 de fevereiro de 2008 (fonte: DDC, 2008).

As áreas mapeadas pelo Mapa de Risco de Enchentes e Inundações de Santo André nos dão uma idéia do problema que se agrava, ano a ano, mesmo com investimentos superior de R\$ 20 milhões de reais no sistema de drenagem da cidade nos últimos cinco anos (SEMASA, 2007), com a construção de “piscinões” e outras obras de drenagem como também a manutenção do sistema de drenagem da cidade (tabela 5 anexo 5).

O bairro conhecido como Bom Pastor foi a opção de escolha para a pesquisa quali-quantitativa cujos resultados serão mostrados a seguir. Isso porque, na situação geográfica do município, é um dos bairros mais antigos da cidade e aquele que vive o problema das enchentes como algo recorrente no período das chuvas.

A sua localização está ao longo do eixo do Córrego dos Meninos, entre São Bernardo do Campo e Santo André, o que facilitou a construção de casas e indústrias que se servia como ligação de São Bernardo à ferrovia no município de Santo André.

Pontos de enchente por bacia hidrográfica
Verão 2006 - 2007



Figura 35. Ilustração das Bacias de Santo André com os pontos de alagamentos acontecidos no verão de 2006/2007 (fonte: DDC, 2007).

INUNDAÇÕES - Bom Pastor

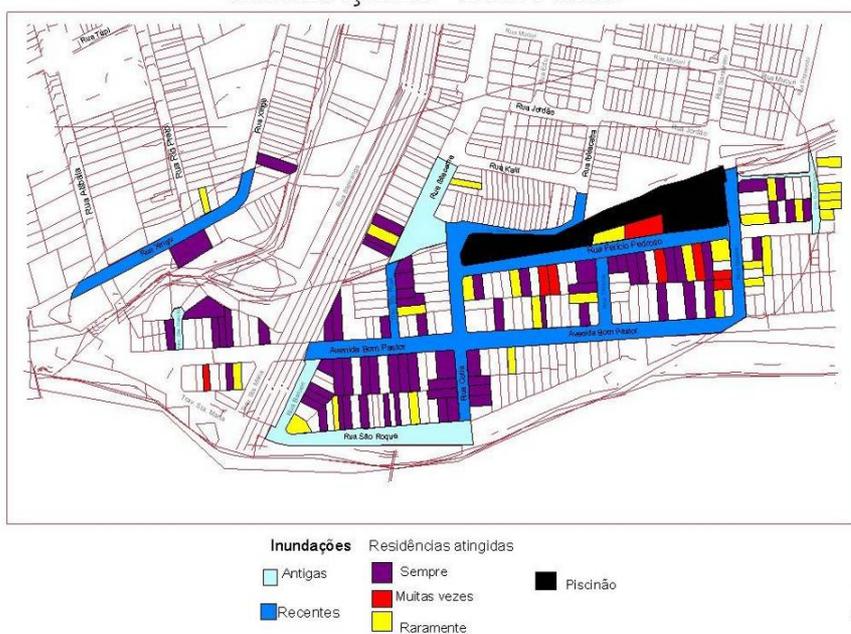


Figura 36. Planta do bairro Bom Pastor (fonte: DDC, 2007).

Bacia do Ribeirão dos Meninos

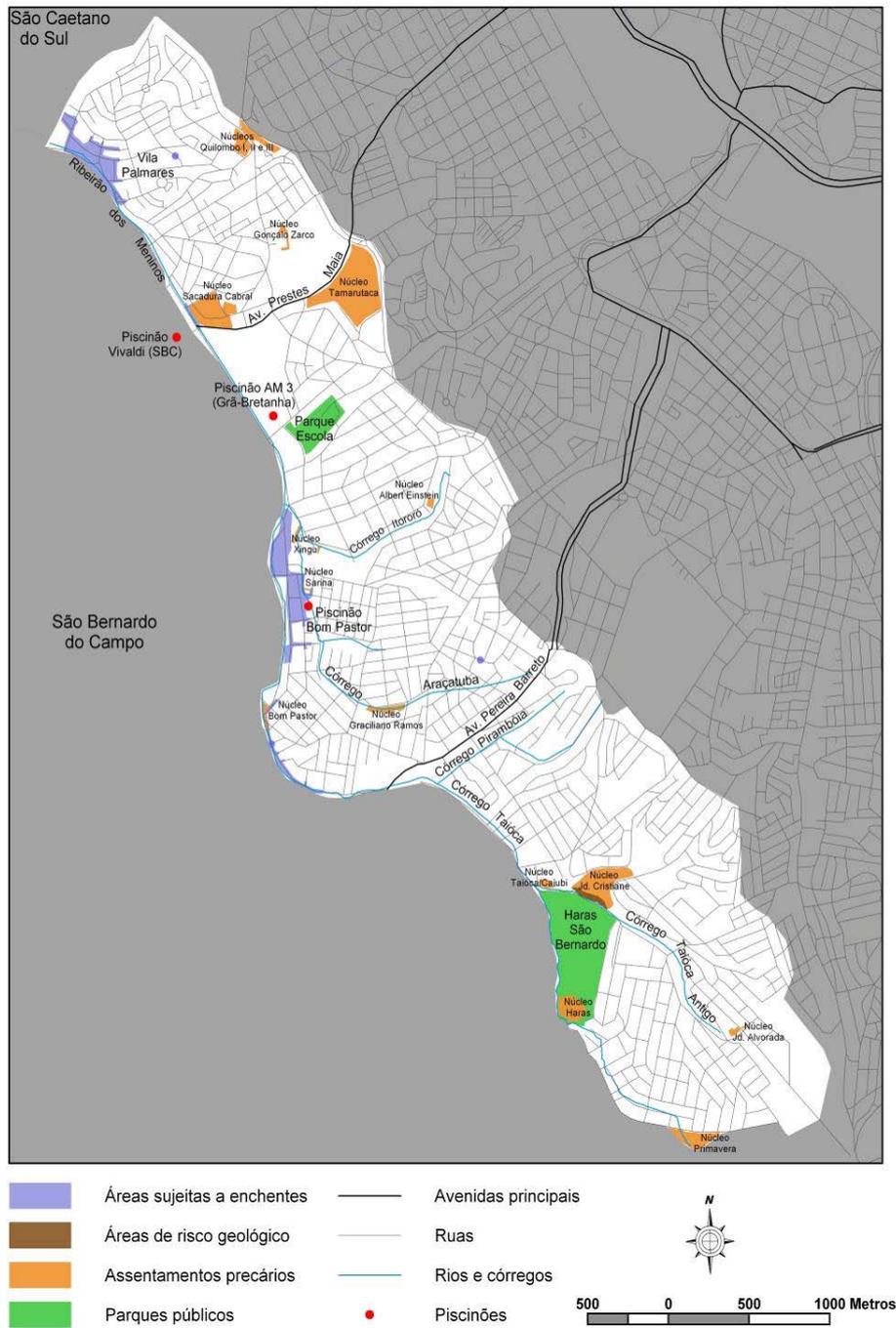


Figura 37. Mapa de risco do córrego dos meninos (fonte: DDC, 2008).

A região, na área da várzea do rio, há anos é considerada área não edificante para desapropriação e parte dela o município já adquiriu. Entretanto, pela propriedade ser pública e a dificuldade de fiscalização, associada à falta de política adequada no princípio da industrialização regional e no seu apogeu, grande parte da área foi invadida por população carente que ocupa as margens do rio ou terrenos baixos com pode ser constatado na figura 38, abaixo.

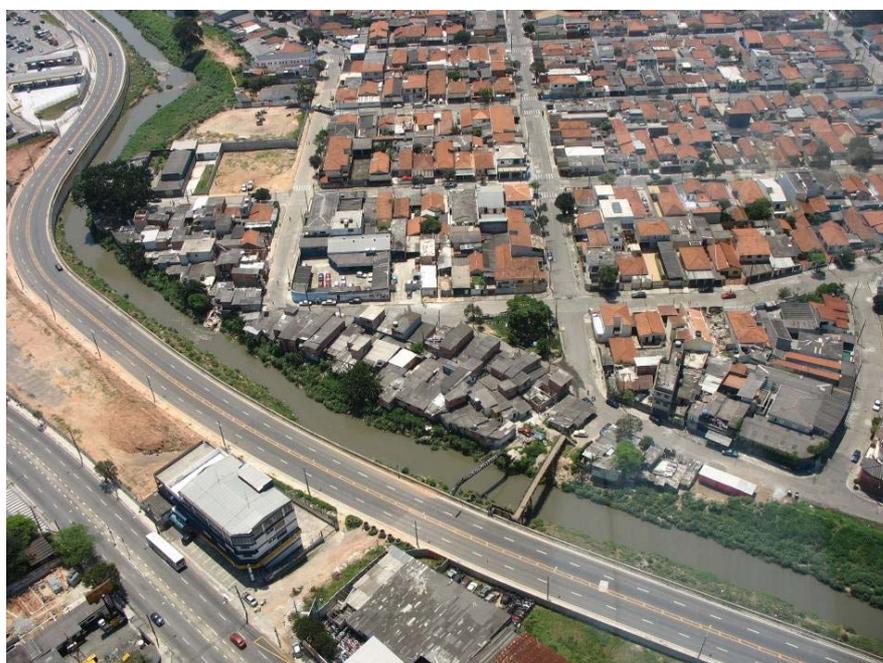


Figura 38. Foto da vista aérea do local da pesquisa ao lado do Córrego dos Meninos, lado de Santo André (fonte: DDC, 2006).

Os moradores que lá vivem seja em lotes regularizados ou não, trazem a história do bairro e seus problemas, de forma a mostrar nitidamente a formatação urbana não planejada e muito dos descasos que associam as áreas periféricas com os problemas de enchente. Como muitos outros locais próximos aos rios e de construção urbana semelhante, tanto no município de Santo André como nos demais da região

metropolitana de São Paulo ou no interior paulista ou de outros estados, podemos correlacionar processos semelhantes de crescimento urbano e problemas provocados basicamente pela inadequada ocupação.



Figura 39. Foto da passarela entre Santo André e São Bernardo junto a um núcleo não regularizado em área pública de Santo André.

A área do Bom Pastor foi um dos primeiros loteamentos da cidade. Nas margens do córrego, tem-se, então, uma relação sistemática com os processos de enchente. Tanto assim que, nos anos 90, foi escolhido junto com outra área de igual perfil para ser executado pela Prefeitura Municipal um sistema para contenção das águas do córrego afluentes conhecido, hoje, por “piscinões” e ter o seu sistema de drenagem requalificado com tanques de retenção e comportas de abertura automática nas saídas para o Córrego dos Meninos.



Figura 40. Foto da parte do tanque de contenção do Bom Pastor, executado pela PMSA (fonte: DDC, 2006).

Nos anos 2000, o Governo Estadual construiu um dos primeiros tanques de contenção de águas pluviais, modelo que coletam as águas do rio principal para um tanque inferior à cota do rio e incorporam bombas para expulsão das águas contidas. Este “piscinão” se mantém funcionando na região em estudo dando contribuição na minimização dos processos de enchente das áreas a montante.



Figura 41. Foto do tanque de contenção do DAEE, no Bairro Bom Pastor (fonte: DDC, 2006).

No entanto, como veremos nos relatos dos moradores, essa ação pública não tem sido suficiente para lidar com o problema das enchentes.

Mais três piscinões se seguiram a este, no município de São Bernardo, mais dois no município de Mauá e um no município de Santo André, todos contemplando as bacias do rio Tamanduateí.

Os moradores do bairro Bom Pastor, na sua maioria, moram a mais de vinte anos no local e muitos participam da liderança comunitária da cidade. No local escolhido está a maioria do comércio local, um dos grupos focalizados na pesquisa de campo.

Uma pesquisa feita na área em 2001 pela Defesa Civil de Santo André nos traz dados, como os mostrados abaixo no gráfico da figura 42 o qual verificamos a periodicidade da enchentes por ocasião do verão (período de maior pluviosidade na região sudeste). O gráfico mostra que essa periodicidade é alta e gera afetação considerável.

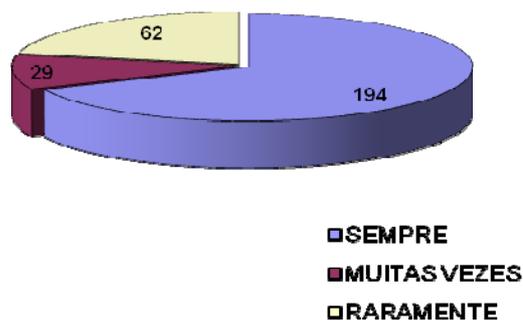


Figura 42. Gráfico da população atingida por inundações no bairro Bom Pastor por periodicidade da ocorrência quando há pluviosidade intensa (fonte: DDC, 2001).

Tal população afetada e atingida representa quase um terço do bairro, parte dos moradores são os mais antigos e de menor poder aquisitivo, pois os que tinham condições financeiras mais favorecidos dali saíram, deslocando-se para áreas mais altas, mesmo que no mesmo Bairro, visando, nisso, não perder as relações de vizinhança estabelecidas.

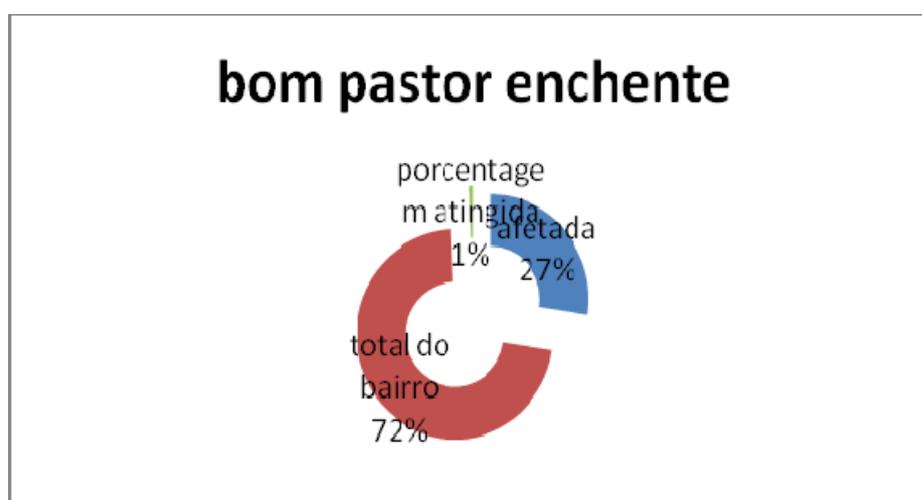


Figura 43. Gráfico da relação da população afetada por inundações no bairro Bom Pastor. (fonte: DDC, 2001).

Para entender os processos de riscos sociais compartilhados quando das enchentes, realizamos entrevistas com a população afetada (figura 43) refletindo acerca da sua visão de vulnerabilidade persistente e o quê esta vulnerabilidade modifica sua condição social e/ou deflagra medos, ansiedades, adoecimento, dentre outros.

INUNDAÇÕES - Bom Pastor

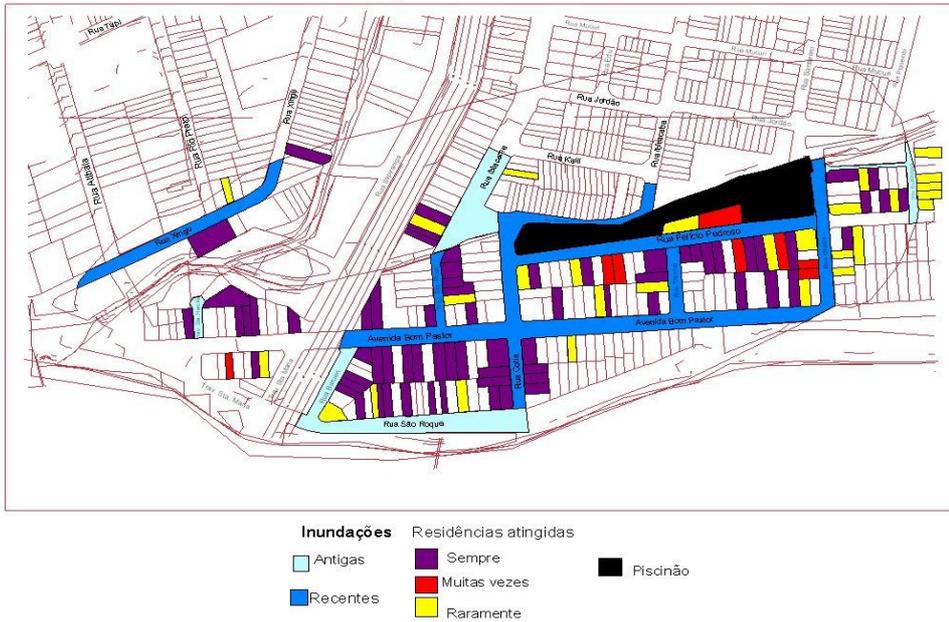


Figura 44. Mapa das áreas inundáveis da margem do córrego dos meninos no Bairro Bom Pastor. (fonte: DDC, 2007).

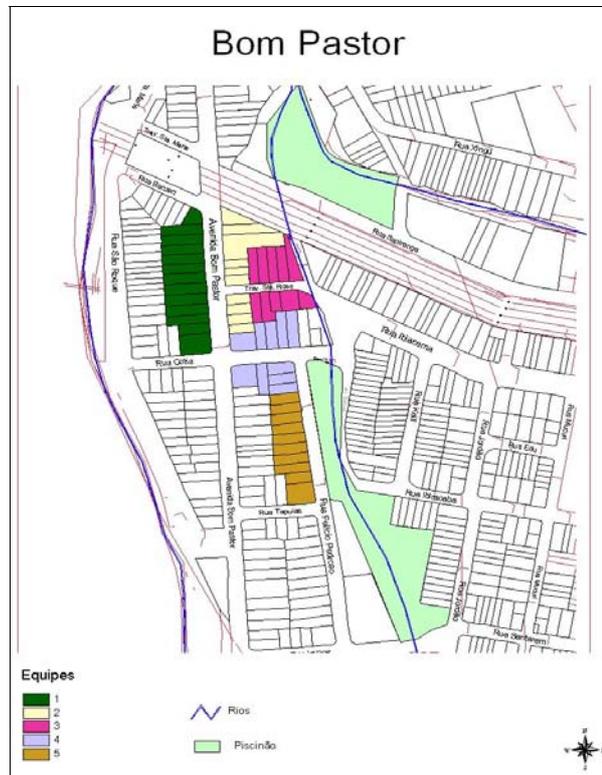


Figura 45. Área escolhida para a pesquisa realizada no Bairro Bom Pastor (fonte: DDC, 2007).

A resiliência ao processo de perdas e danos prolongado faz com que os indivíduos e as famílias tenham sentimentos alterados em face ao viver urbano. Os receios da variação climática, quando as nuvens se fecham, suscitam ansiedades que produzem lembranças dos acontecimentos já ocorridos e das “batalhas” já passadas. A qualidade de vida de seu dia a dia deteriora-se com as expectativas de um novo desastre.

A pesquisa busca compreender, ainda, quais as expectativas com as políticas públicas e as ações estruturais e não estruturais que a municipalidade adota no combate as enchentes.

Finalmente, uma questão relevante desse estudo foi compreender a motivação das pessoas de permanecerem no lugar ou de lá se retirarem procurando outra alternativa de moradia.

Segue abaixo as questões formuladas para a pesquisa:

a) *Você já foi vítima de enchentes, não é mesmo? Explique para mim como é, para você, ser vítima de enchente?*

Tenciona-se, nesta questão, saber como o morador vivencia a situação de enchentes em termos das representações das perdas, as reações, as emoções e sentimentos frente ao desastre.

b) *As pessoas costumam reagir às enchentes de diferentes modos, não é? Como é a sua reação?*

Aqui se pede ao entrevistado para descrever suas reações ou ações quando percebe que irá haver enchente na sua casa e durante a inundação da área da moradia.

c) Uma enchente causa sempre prejuízo para as pessoas, não é? Você consegue, de algum jeito compensar estes prejuízos?

A intenção é que o entrevistado descreva os prejuízos e o processo de como os superou, não só os de caráter material, mas os emocionais. Como o morador compensa, por seu próprio esforço, as perdas havidas. E se as medidas adotadas caracterizam resiliência.

d) O que você espera que o Estado, ou o governo, ou a prefeitura façam frente às enchentes?

Intenta-se que o entrevistado reporte o que ele espera da ação pública, obra estrutural ou não estrutural adequada para enfrentar as enchentes e minimizar, com isso, sua vulnerabilidade.

e) Muita gente continua morando num lugar onde acontecem enchentes porque não tem para onde ir, não é mesmo? No seu caso foi isso, ou tem mais algum motivo para continuar morando aqui?

Tenta-se relacionar a opção de territorialidade do entrevistado com sua condição sócio-econômica e aspectos de sociabilidade.

f) Você teria vontade de participar de alguma ação de prevenção de enchentes, ou não? Fale um pouco sobre isso.

Quer-se, por fim, verificar o interesse do entrevistado em se engajar em ações preventivas e na articulação política em prol da resolução do problema.

Os formulários preparados para a pesquisa quali-quantitativa encontram-se no anexo 8, como também as autorizações de publicação das entrevistas.

Quanto à qualificação inicial do entrevistado perguntamos, além do nome, a idade, o sexo, a composição familiar, a nacionalidade, o grau de instrução, a profissão, a renda familiar, a relação de posse ou titularidade da moradia: (se é própria ou não, se é moradia regularizada ou pertence à favela); se a moradia sofre enchente e qual a altura que alcançada no interior da residência e a frequência; se há necessidade de sair da casa quando há enchentes; qual a causa principal das enchentes; qual o tempo que demora para esvaziar; se a moradia tem proteção estrutural contra enchentes; quais as perdas materiais sofridas e a frequência. A pesquisa não buscou conhecer os valores, em termos monetários, das perdas materiais sofrida pelas famílias uma vez que a dimensão qualitativa do problema socioambiental foi foco do estudo.

A ilustração a seguir mostra, nas áreas em vermelho que as moradias e os estabelecimentos comerciais que passaram pela entrevista.



Figura 46. Área da pesquisa - Bairro Bom Pastor (fonte: DDC, 2007).

8.1 Resultados da pesquisa de campo

8.1.1 Análise dos dados quantitativos dos entrevistados

A análise quantitativa nos mostra tanto a posição sócio-econômica das famílias como a sua permanência na área estudada. A finalidade é compreender e avaliar as respostas qualitativas obtidas pela pesquisa e apresentados em seqüência.

As entrevistas foram gravadas e transcritas (anexo 8). Destas, foram tabuladas tanto para compor a pesquisa quantitativa, apresentada abaixo, como a qualitativa.

A pesquisa foi feita com 47 entrevistados entre moradias e estabelecimentos comerciais, como mostra a distribuição no gráfico abaixo. A coleta das informações de campo deu-se no período de 20 a 30 de setembro de 2007.

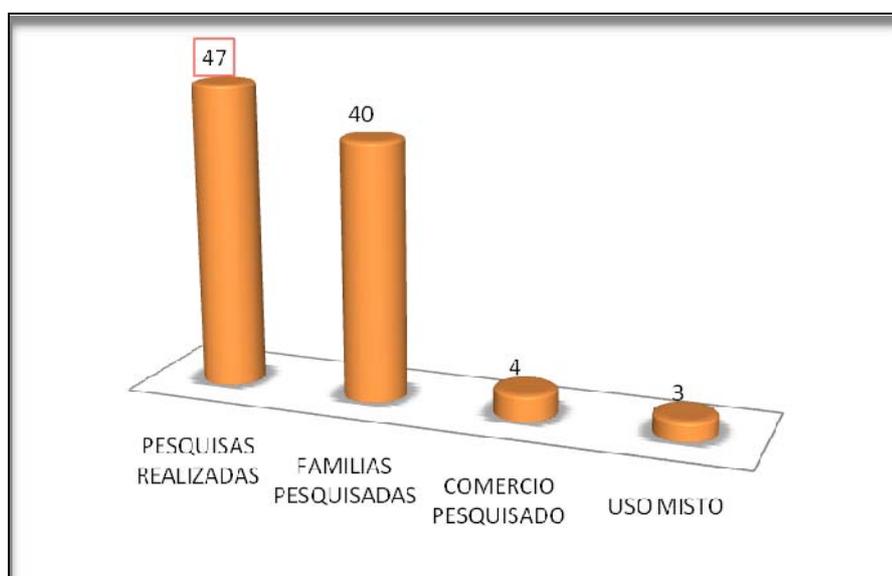


Figura 47. Gráfico da distribuição dos pesquisados.

A principal rua do bairro, a Av. Bom Pastor, apresenta uso misto e a parte escolhida para a pesquisa é a que sofre com as inundações de maior intensidade e mais vezes.

Apresentam, em sua grande parte, comércio local e moradores antigos, muitos com mais de 20 anos de inserção no lugar como mostra o gráfico a seguir.

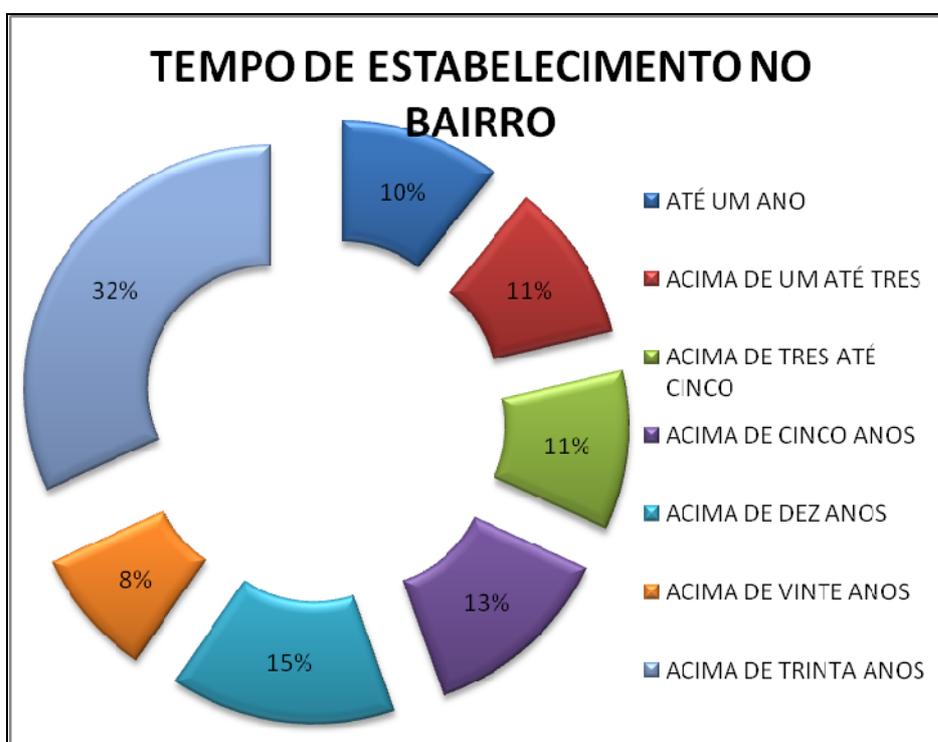


Figura 48. Gráfico do percentual de moradores estabelecidos por tempo de moradia no mesmo local.

A fixação do entrevistado (figura 49) deve-se, em grande parte, à propriedade do imóvel. Isso gera vínculos. De outro lado, há a questão do valor de mercado do imóvel nesta área, em comparação com valor, no mesmo bairro, de imóveis em áreas não inundáveis.

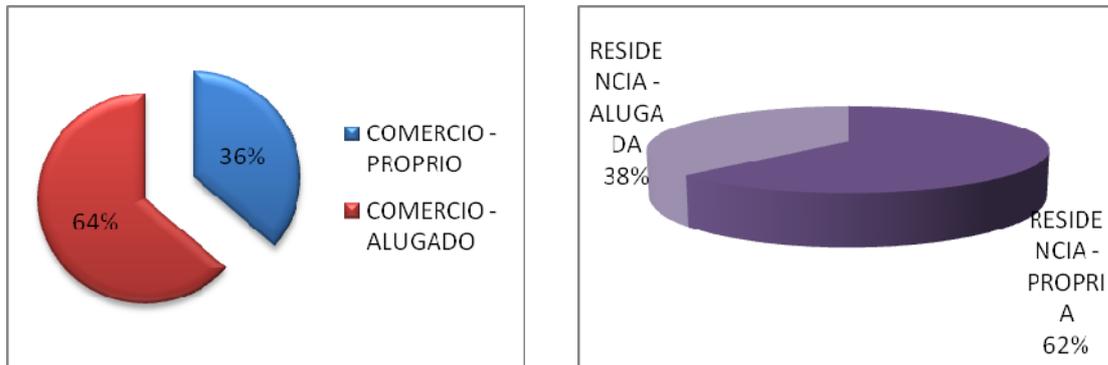


Figura 49. Gráfico da relação de propriedade dos imóveis pesquisados.

Os gráficos a seguir mostram que a idade média do pesquisado, chefe de família ou responsável pelo estabelecimento era de 51 anos. Ao acrescentarmos as entrevistas realizadas com outros membros de família respondentes, este resultado altera para 48 anos.

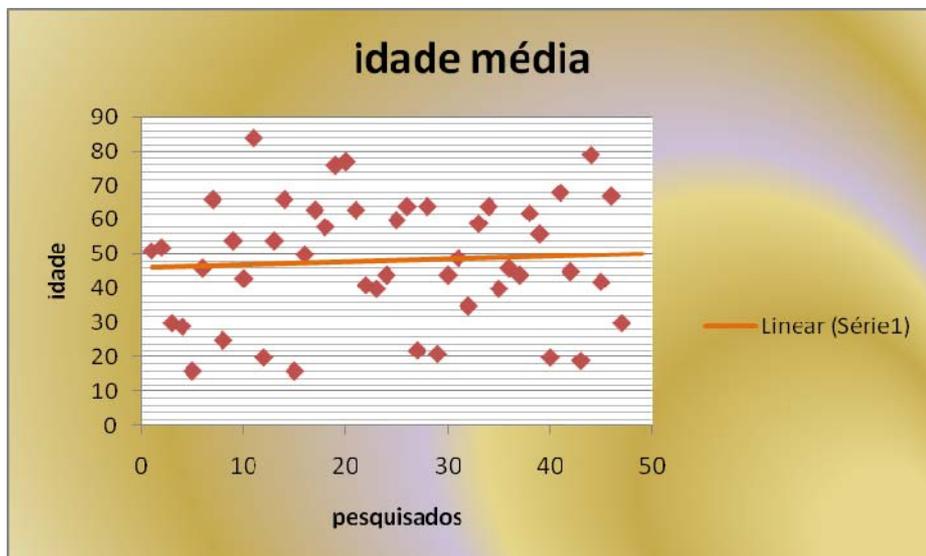


Figura 50. Gráfico da distribuição da idade dos pesquisados.

Na sua maioria, os proprietários são os entrevistados mais velhos, com poucas exceções, ou são os filhos dos antigos moradores, que lá estão com os pais ou parentes ou por herança. O que justifica a continuidade do Bairro e não o seu completo abandono, apesar do problema recorrente das enchentes. Entretanto, nas áreas aonde as enchentes são mais dramáticas, as moradias estão em péssimo estado de conservação e normalmente alugadas à população de baixa renda (entre um e dois salários mínimos) que buscam aluguel barato, mas principalmente porque não há necessidade de fiador ou outra forma de seguro locatício.

A grade encontrada de renda nos possibilita concluir a dificuldade de mudança de imóvel por aqueles que têm sua propriedade, primeiro pela dificuldade de venda do imóvel na área de enchente e pela diferença de valor a colocar para a eventual mudança do entrevistado para um novo imóvel em outro bairro ou no mesmo.

O gráfico abaixo demonstra que quase metade (47%) dos respondentes tem renda familiar até três salários mínimos, demonstrando a fragilidade econômica para adotar comportamental resiliente diante das enchentes.

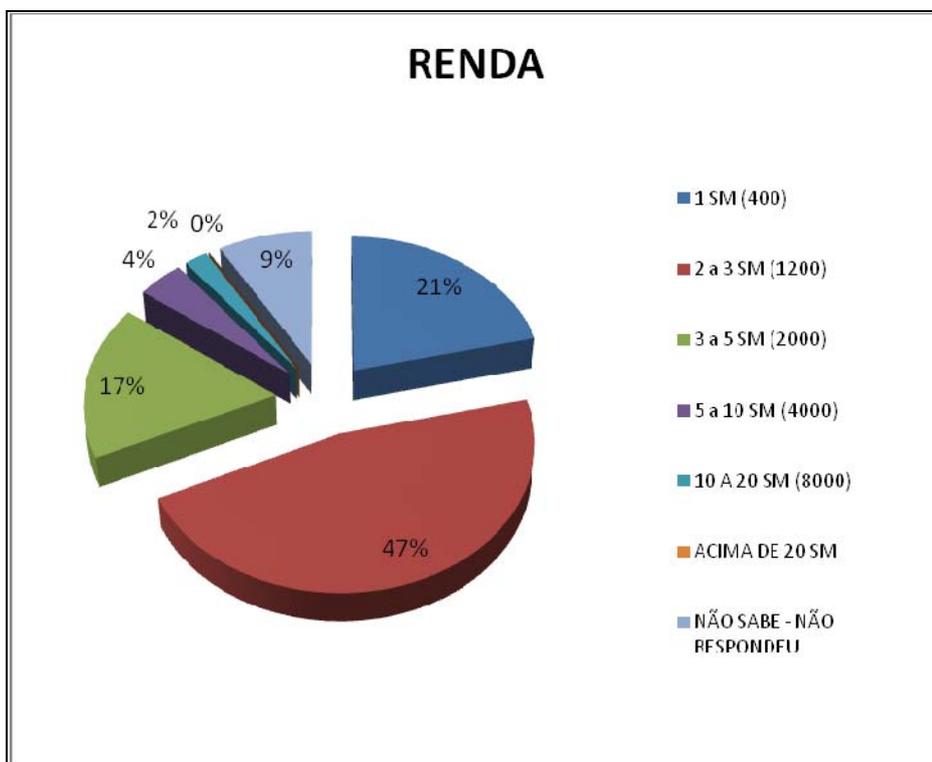


Figura 51. Gráfico da distribuição de renda familiar dos pesquisados.

Percebemos, também, pelos dados, que a população mais nova, estudou mais, o que não tem relação direta com a sua renda ou a familiar, entretanto são também moradores antigo ou de famílias já moradoras na área.

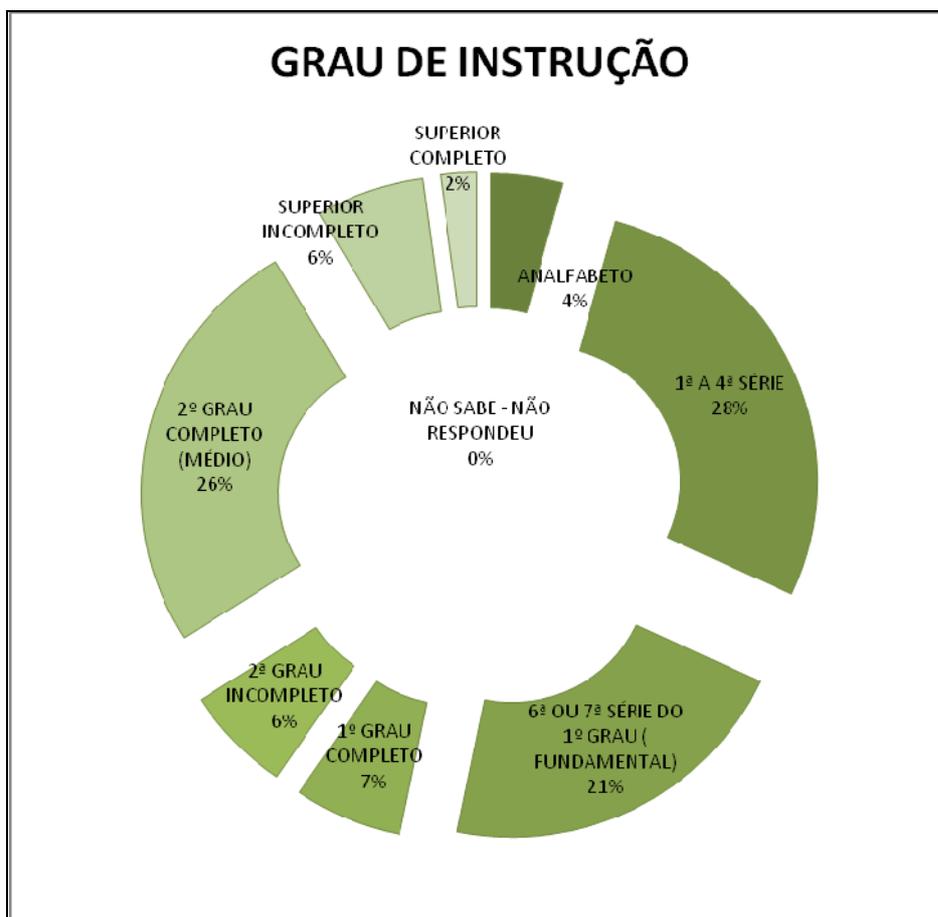


Figura 52. Gráfico da distribuição educacional dos entrevistados.

Quanto à profissão, os aposentados e as donas de casas, muitas viúvas, são moradores antigos e têm muita resistência a sair, até porque a sua renda é baixa, e muitos têm a casa como única propriedade e famílias que moram consigo ou cujos membros saíram do bairro, mas sem condições econômicas de levar o entrevistado junto. Estas pessoas se mostraram as mais sofridas, mas, simultaneamente, as mais conformadas com os aspectos de risco ao qual estão envolvidas (gráfico 53).

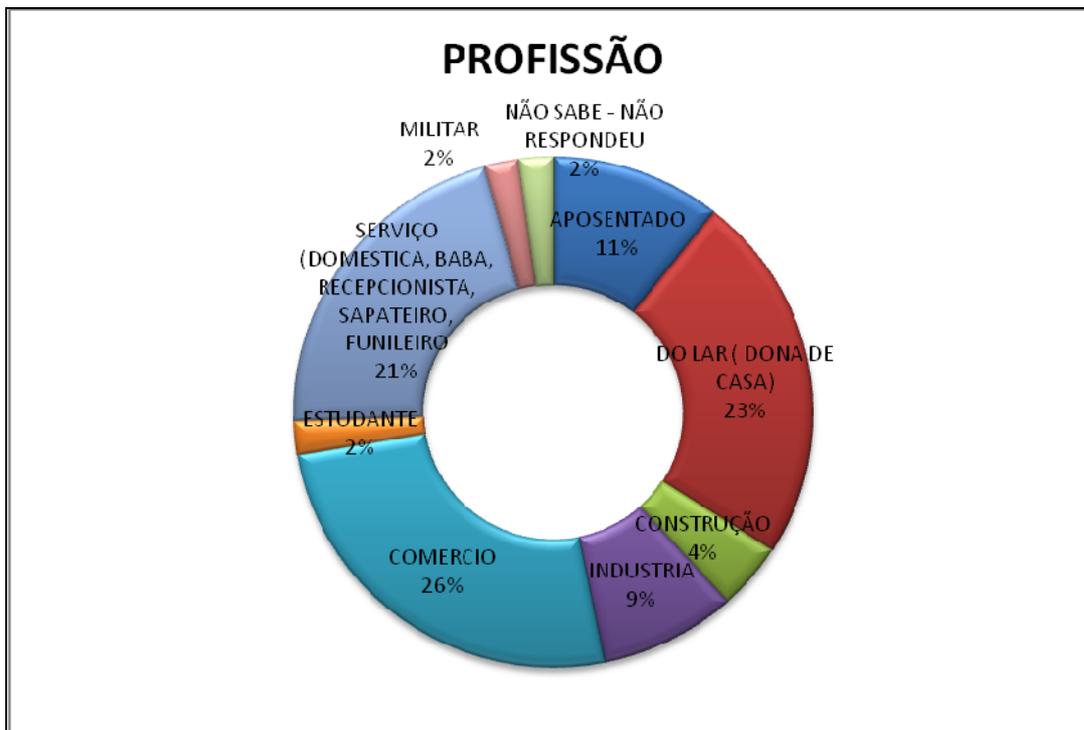


Figura 53. Gráfico da distribuição profissional dos pesquisados.

Na sua maioria, os moradores não têm possibilidade econômica de se deslocar para outros bairros, permanecendo neste local, que conhece e aprendeu a conviver com os riscos existentes dos eventos de chuvas intensa, embora ao custo de um sofrimento persistente.

Verificamos, a seguir, a percepção da população atingida quanto ao evento enchente.

Primeiramente, dos 47 entrevistados, 31% afirmam que há inundação dentro da sua casa ou comércio, embora toda a área amostrada do bairro Bom Pastor sujeite os lotes a isso (gráfico 54).

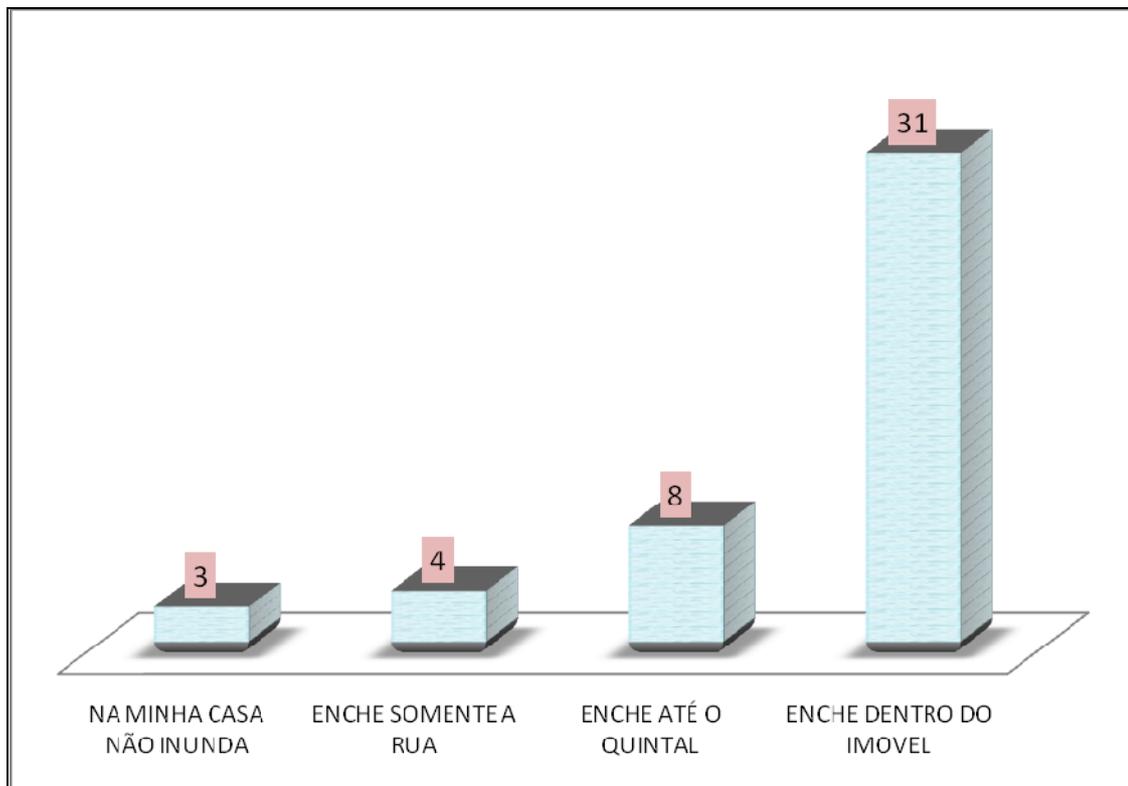


Figura 54. Gráfico da quantidade dos imóveis pesquisadas afetados pela enchente.

Isso se deve ao fato que muitos dos moradores e proprietários procuraram, ao longo do tempo, minimizar a ação das enchentes sofridas colocando comportas ou alteando suas casas. Assim, a idéia de estar sujeito ao risco parece ter minimizado para tais entrevistados crendo na permanência de efetividade de suas medidas (gráfico 55).

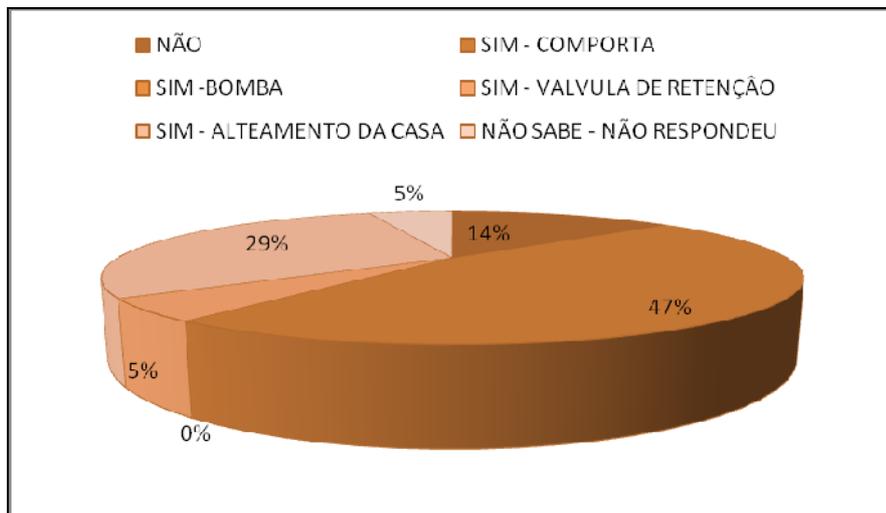


Figura 55. Gráfico de instrumentos estruturais para minização das enchentes nos imóveis pesquisados.

Nas moradias de aluguel normalmente não são encontradas equipamentos de contenção das enchentes e os cruzamentos de dados indicam que nas moradias alugadas há as famílias de menor renda. Portanto, com menor condição de prover por seus próprios meios medidas estruturais de redução de sua vulnerabilidade no local. Na grande maioria dos comerciantes, mesmo não proprietários dos imóveis, fizeram o alteamento do local, protegendo seus investimentos.

A população atingida tem outra preocupação, que importa em sua segurança e da família: a de se evadir do local quando há enchente. Indagamos quantos saem de sua casa e onde buscam abrigo (casa de parentes, amigos etc). O gráfico mostra a ação das famílias atingidas.

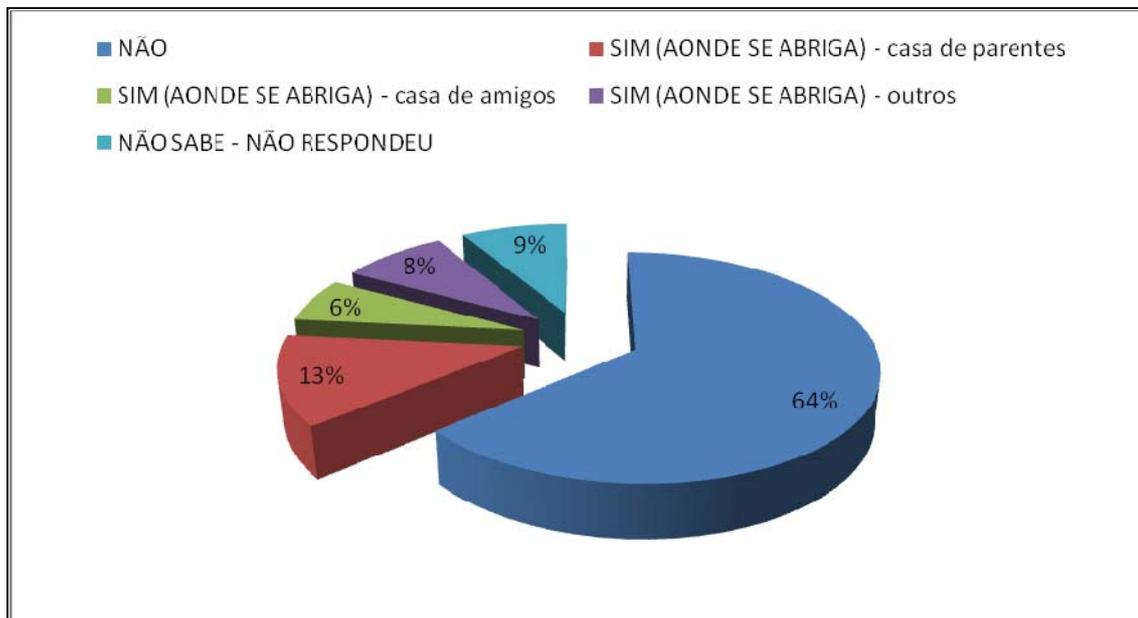


Figura 56. Gráfico das ações de evacuação dos afetados

Os resultados demonstram que os comerciantes e os moradores que não abandonam a casa quando da enchente são os que fizeram obras de alteamento na sua casa ou comércio. Para estes, basta ir monitorando, através da observação direta, a elevação das águas ao redor. Aos que vêm as águas invadindo a área construída de seus imóveis, há, portanto, uma intensa mobilização de pessoas em busca de procedimentos para salvar bem e salvar suas próprias vidas, envolvendo um desgaste emocional maior.

A perda material sempre está presente, mesmo nos casos em que as casas sofreram reformas e se prepararam para enfrentar as enchentes. Na seqüência, apresentamos relatos de como é significativa tal perda e sua constância (gráfico 57).

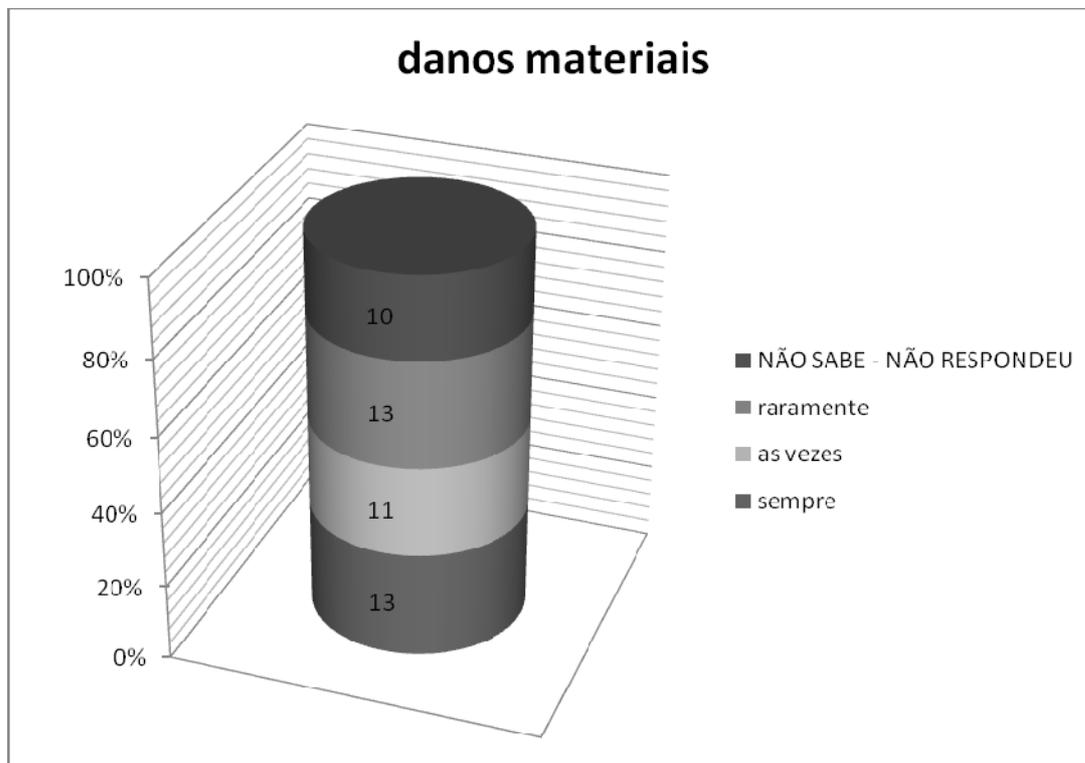


Figura 57. Gráfico da quantificação do dano na percepção do afetado.

Os moradores que altearam suas casas têm menor perda material, isso não significa estabelecer um convívio amigável com a enchente. Muitos desses moradores relataram estar doentes, ter doenças sistêmicas ou ter parentes que moram consigo que as tenham. Pelos relatos, muitas são voltadas ao stress causado pela impotência frente ao processo de enchente.

Há perdas contínuas dos bens dentro da moradia ou do comércio, levando os pesquisados a permitir uma situação de abandono desses objetos. Muitos, por não conseguirem repor o bem, convivem, então, com móveis e utensílios quebrados ou deteriorados ao pesquisador um estado de desânimo, vergonha, impotência e outros devido à incapacidade de recomposição material de sua vida econômica e ou extra econômica.

Os efetivamente atingidos estão sempre preocupados com seus familiares e com as perdas, muitos relatos assim o demonstram, de perdas de familiares pela enchente ou de doenças causadas pelas enchentes. Este grupo que não executou instrumentos estruturais para diminuir as vulnerabilidades é o mesmo grupo dos de baixa renda, o que faz concluir que o grupo de baixa renda é o grupo mais vulnerável às enchentes locais e o mais afetado.

8.1.2 Análise dos dados Qualitativos

A seguir, apresentamos a análise das entrevistas realizadas. Como descrita na metodologia, o processo do discurso coletivo permite a aglutinação de representações semelhantes em torno de questões comuns. Após o tratamento adequado, construímos a resposta mais representativa do subgrupo de afetados focalizado nesta pesquisa.

8.1.2.1 Pergunta 1: *Você foi vítima de enchente, não é? Explique como é para você ser vítima de enchente?*

a) O olhar dos moradores:

“Humilhado, só quem sabe é quem passa. aí vai entrando água e a gente não tem por onde, é um desespero, que entra por um lado, entra por outro e a gente não sabe como fazer. Você vê suas coisa indo tudo no meio, roupa, documentos; é

desesperador. É tudo desespero que dá na hora, é muito terrível, a gente fica com trauma. Quando vem a enchente a gente não sabe se ela vai subir muito ou vai ser baixa, cê vê perdendo todas as 'coisa'. Quando começa a chover, fica com medo porque sempre a água invade a casa, né? a gente fica pensando se essa chuva que vai vir será forte. Medo que cê sai...se chega em casa e tem... tá cheia de água. Nós 'vivemo' numa situação precária. É que você não tem a quem recorrer nada”

b) O olhar do comerciante:

“Ai, é muito difícil, é... Como eu tenho comércio aqui, ainda pra mim é fácil. O difícil é quem... Os moradores que moram mesmo, que têm suas casas e que perdem móveis. Que a gente vê no outro dia as pessoas colocando móveis pra fora - geladeira, fogão. Isso é o que me comove mais. Como é comércio, eu não sinto tanto a perda como os outros, mas isso deixa a gente bastante triste”.

O padrão reportou dano material, dano psicossocial, sentimento de imponderabilidade e de impotência perante a um fato concreto. Os moradores não buscam mais as soluções, estão extenuados. A escuta ou testemunho de suas narrativas e práticas de desfazimento de seus bens torna o outro triste, angustiados, mostrando que a incapacidade para solução do problema marca da existência daquela população.

8.1.2.2 Pergunta 2: As pessoas costumam reagir às enchentes de modos diferentes, não é? Como é a sua reação?

a) O olhar dos moradores

“Ah, eu fico de olho, né? Cê fica nervoso... Olha, quando a enchente tá subindo, a gente fica com medo, dá um... dá medo Pedir socorro pra alguém pra vir me ajudar. (No quê?) Ajudar a levantar móveis, ajudar a puxar a água. Minha pressão vai alta porque eu já me lembro o caso passado, de 1991, tá entendendo? Então eu já tenha medo daquela água que os meus 'filho' 'vai' tirar, sabe? Mesmo com bota, mesmo com 'coisa', mas eu já tenha medo deles 'pegar' a mesma doença. A água subiu em cima da pia. Não tinha lugar. Em cima da mesa. Pra todo lugar subiu, não tinha jeito. Não teve jeito não, entrou no meu dentro do guarda roupa. O álbum das minhas netas, parece que tinha uns 3 ou 2 álbum não sei, com tudo as foto dela, foi tudo, estragou tudo. Aquela correria porque você tem que imediatamente tirar o que mais o que você não quer perder, né ! . Cê quer ajudar as pessoas, mas como aqui enche numa forma que fica perigoso, não dá também pra sair. Então tem que esperar bombeiro, outras pessoas que já tão 'preparada' pra... pra resgatar esses... a... pra ajudar essas pessoas. Eu já sou acostumada. Procuro salvar alguma coisa dentro de casa, não deixar nada molhar e esperar a enchente passar pra voltar pra casa. Aí eu fico com medo de pegar alguma doença naquela água suja porque a gente é obrigado a pisar na água; a gente tem que salvar o cachorro que tá no quintal se afogando, aí eu entro naquela água que chega acima do joelho, quase na metade da coxa no meu quintal. A gente batalha tanto pra conseguir as coisas e, num piscar de olhos, a gente já perde tudo.... o que você conseguiu aí trabalhando, você vê indo embora , já de medo

mesmo, né? Quando cê vem morar aqui, cê tem que tomar cuidado e ter todo um preparo de coisas, pra poder morar aqui. Então é ficar num lugar mais alto e 'vamo' ficar vivo, o resto deixa. Aí, quando ela pára assim, estaciona e começa a baixar, aí já vai dando aquele alívio. [risos] Aí vai dando aquele alívio. Deixa pra lá, deixa correr. A gente não tem muito o que fazer, é... é mais rezar pra parar de chover. Peço a Deus pra acabar aquilo tudo bem.”

b) O olhar do comerciante:

“Ah, Sem dúvida ajudar ao máximo. Depois que passa tudo, é... sempre a gente faz, é... união entre os 'comerciante' pra ajudar a ter roupas, cobertores, colchão, alimento. É ali no Natan, é ele que ajuda as pessoas que não têm mais condições de tá dentro da residência pra limpar e recuperar tudo novamente”.

O medo, das perdas materiais e familiares, das doenças, o processo da enchente que todo ano acontece, traz desesperança e o cansaço acaba trazendo doenças sistêmicas.

A incapacidade de ajudar ao próximo, vizinhos estando na impossibilidade de se ajudar mutuamente, gera um sentimento de impotência, imaginando quando o “problema” vai acabar. Os comerciantes como os moradores das partes altas recorrem aos líderes naturais, aqueles que saem a frente nestes momento, na tentativa de aliviar o processo de desespero frente às inúmeras providências a tomar para minimizar o dano.

As doenças advindas deste processo, é tanto dos que ajudam “em desejo”, quanto aos que sofrem. Na experiência do pesquisador como agente de Defesa Civil, percebemos que a solidariedade efetiva, o “colocar a mão na massa”, é que distingue,

em alguma medida, o doente do trabalhador solidário. Estes passam pelo evento livres de dores e felizes pela postura tomada.

8.1.2.3 Pergunta 3: *Uma enchente causa sempre prejuízo para as pessoas, não é? Você consegue, de algum jeito, compensar estes prejuízos?*

“Nunca é compensado, é... só que a gente vai pro futuro e o passado fica pra trás. Então não tem recompensa, não recompensa. Não tenho! É muito difícil compensar. Igual: a gente morava aqui na rua de trás e 'perdemo' tudo, praticamente[?]. De forma nenhuma... de forma nenhuma. Tem prejuízos assim que são 'incalculável', entendeu? Não só materiais, mas eu acho que em toda situação... Eu mesma nunca tinha visto uma enchente mesmo. A gente ouvia falar, mas quando você está dentro da situação é outra história, é... são cenas que você olha, e que você nunca vai esquecer de ver realmente gente perdendo as coisas, de ver criança, sabe? Correndo no meio da água, com sacola nas 'costa', sabe? Tentando salvar alguma coisa que pode. É complicado, quando dá mesmo de verdade. A água deu no meio da... da cintura, não teve como recuperar nada. Às vezes nem consegue repor todos, né? Cê vai indo aos pouquinhos, né? Demora porque eu tive que comprar tudo novo... Perdi 'despesa', perdi tudo. Compensar... Como? Pagando! .. trabalhando, né? Trabalhando, só nos resta o quê? Fazer o quê? Trabalhar, trabalhar... ? E a gente fazendo aquilo que pode, se der pra comprar uma peça hoje compra, se der pra comprar daqui a um ano compra, se eu num morro, né? Porque a gente tem que pedir a Deus, né? Eu sei que da prefeitura eu não ganhei mais nada não. Eu ganhei muito sim, uns anos atrás eu ganhei muito, eu ia lá e pegava mantimento. Eu fico ansiosa quando

começa a chover, não posso sair de casa. Você sabe que não vai... não vai acontecer nada, eles não vão fazer nada que é só mais uma enchente. ... Então é mais, é materialmente mesmo. ... Olha, sinceramente, o que eu tenho mais desgosto é de não ter... Desde aquele tempo, que são muitos 'ano', né? Nunca ter, assim: -'Vamo' fazer uma coisa, um benefício pra 'poder' esses 'morador' não 'passar' esse sofrimento. Mas só que a gente que a gente vai caminhando pra frente “

Os entrevistados se sentem abandonados, pelo Estado, na esperança de que haja providências eficazes para redução dos danos havidos. Muito deles expressavam sua tristeza pelo fato de ser um munícipe, de pagar impostos não ter retorno a segurança aos seus bens patrimoniais, sua vida, sua saúde, em época de cheias. Os que conheciam os esforços para a minimização das enchentes locais, não admitiam que tal circunstâncias também são de sua responsabilidade. Os cidadãos de maior escolaridade compreendem o processo de melhor maneira e tentam diminuir o impacto dos eventos construindo sistemas de proteção das enchentes.

Todos apresentavam queixas de uma ou outra ordem, relacionadas às ansiedades, medos e angústias relacionadas às enchentes.

8.1.2.4 Pergunta 4: O que você espera que o Estado, ou o governo, ou a prefeitura façam frente às enchentes?

“Ah, 'toma' as 'providência' 'necessária' aí pra não dar mais enchente aqui, que ninguém merece passar por isso, não[?]. Vamo' fazer uma coisa, um benefício pra 'poder' esses 'morador' não 'passar' esse sofrimento. A gente paga tanto imposto aqui e tudo, e não compensa nada. Eles 'devia' de dar um jeito pra arrumar esse rio, né? Em

primeiro lugar, canalização no rio. Que arrumasse esse córrego... esse esgoto aí . Fazer uma praça, um jardim pra nós, os idosos, as 'criança'. Se não fosse canalizar, mas que fizesse uma coisa pra que não houvesse mais isso, esse transtorno pra todo mundo, né? E além do pessoal não ter condição, ainda perde o que tem, compra, perde o que tem; aí quer comprar de novo, ninguém ajuda, ninguém nada. Eu acho que eles tão fazendo o certo, que é fazer os piscinões, mas acho que eles têm que manter limpos os piscinões todo o ano. Sei lá, eles deveriam olhar um pouco mais, entendeu? Bom, às vezes eu acho que eles precisam um pouco da ajuda do... da população. Agora o... o Governo, o prefeito mesmo não pode fazer tanta coisa também se não houver ajuda da gente, né? Se não tiver consciência da população, não é? Consciência, exatamente. Com a conscientização do... do pessoal. E o povo também tem que se conscientizar que não tem mais terra pra absorver a chuva, então cada um tem que fazer tua parte, tanto do Estado, da Prefeitura e do Governo, quanto do pessoal, os moradores também, porque aqui ó, passa o pessoal, para aqui e joga lixo ali. A gente recolhe o lixo tal, 3 vezes por semana tem lixeiro. A gente deixa o lixo aqui e...não. O pessoal passa e para joga as coisa e, entendeu? Mesmo no dia da enchente que tá o córrego cheio, essa última grandona que que teve que eu te falei, a pessoa com um sofá dentro de casa e ele jogou o sofá no rio...escuta, espera! Nós aqui tudo o pessoal tudo teve que esperar no outro dia pra limpar a casa pra tira as coisa pra saber o que que tinha estragado e o que não tinha pra joga fora. Nós não fomo joga na rua. Aí entupiu mais ainda o córrego ainda porque o sofá ficou bem na boca ali ó e a água não ia embora.. Então a gente tem que se virar, né? E... e dentro dessa agonia, é muito triste, você sabe que não vai... não vai acontecer nada, eles não vão fazer nada que é só mais uma enchente. Volto a repetir, né, meu? Mas, Aqui são 24 anos que a gente

mora aqui, né? O riozinho é sempre o mesmo, né, meu. Até então, ninguém vem prevenir de nada ... esse negócio de faltar água no outro dia é um absurdo. Né? Depois que subiram essa avenida aí é horrível, acabou tudo! Acabou o bairro depois que subiu isso, viu? E outra coisa, tiraram os bueiros. Eu acho que não 'devia' nunca ter tirado, nunca, nunca. E às 'vez' a enchente não chega aqui, mas por causa do impacto do caminhão pesado, ônibus, aí joga água e a gente fica preocupado”.

Mesmo aplicando sistematicamente verbas municipais na drenagem do município, o que se nota é que as obras executadas mesmo com o rigor de uma engenharia preocupada com os desdobramentos sociais das enchentes, ainda não contemplam a necessidade da população em área de risco, ficando defasada pela priorização dos recursos na infra-estrutura viária e outras demandas públicas de planejamento. Ocupando várzeas e outras áreas que só levaram a maximizar o efeito das enchentes já existentes nos idos do século XX, tais obras vieram em detrimento das questões de drenagem, tanto quanto a da ocupação ordenada do local por moradias e comércio. O campo da engenharia aprende com seus acertos e erros e não se trata de uma ciência já pronta; é, como todas, experimental. Nestes últimos anos, tem-se tentado minimizar as enchentes com obras de grande impacto político, mas de baixa eficiência, pois faltam áreas para a sua completa execução, como os piscinões. Na região metropolitana, para a bacia do Tamanduateí, foram projetados 32 unidades a princípio, mas foram executados apenas 7 que estão em uso e muitos com dificuldades de utilização por falta de manutenção, como mostra o quadro da figura 58.

PISCINÕES DO DAEE				
<i>atualização 01/2006</i>				
<i>CIDADE</i>	<i>CORREGO RIO</i>	<i>LOCAL</i>	<i>ARMAZENAGEM mil de m³</i>	<i>início de atividade</i>
S A	Ribeirão dos Meninos	Fundação Santo André	120	setembro de 1999
	Corrego Oratório	Jardim Nevada	160	em construção
		Vila Homero Thon	100	projeto
S B C	Sacarantan	Campo Canarinho	95	julho de 1999
		Praça dos Bombeiros	34	julho de 1999
		Av Castelo Branco	114	julho de 1999
		Chrysler	190	junho de 2002
	Córrego dos Meninos	Bairro Demarchi	170	maio de 2003
	Ribeirão dos Couros	Piraporinha	140	maio de 2003
	Ribeirão Mercedes	Paulicéia ou Mercedes	380	agosto de 2004
	Ribeirão dos Couros	Ford Taboão	100	em construção
	Ribeirão dos Couros	km 13 Via Anchieta	485	em construção
	Córrego Pindorama	Jordanópolis	35	projeto
		Paço Municipal		projeto
DIADEMA	Ribeirão dos Couros	Av. Casagrande	85	setembro de 1999
	Ribeirão Capela		120	maio de 2002
MAUÁ	Córrego do Taboão	Paço Municipal	136	julho de 1999
	Corrego Corumbé	Jardim Zaira	105	junho de 2002
	Rio Tamanduateí	Petrobrás	800	agosto de 2002
	Córrego Oratório	Sonia Maria	100	julho de 2004
		Vila América	100	projeto
SCS	Ribeirão dos Meninos		235	outubro de 2005
piscinões previstos			376,7 milhões de m ³	
piscinões construídos			152,8 milhões de m ³	
em obras			10,4 milhões de m ³	
em projeto			50,5 milhões de m ³	
capacidade atual de armazenamento antienchente			42%	
com 21 piscinões prontos			57%	

Figura 58. Quadro da distribuição dos piscinões na região do grande ABC (fonte: DAEE, 2006).

8.1.2.5 Pergunta 5: *Muita gente continua morando num lugar onde acontecem enchentes porque não tem para onde ir, não é mesmo? No seu caso foi isso, ou tem mais algum motivo para continuar morando aqui?*

Neste caso, o conteúdo da resposta entre os moradores não foi comum. A titularidade em relação ao imóvel afetou a opinião e a relação dos entrevistados com o bairro. Portanto, subdividimos as respostas e colocamos o percentual dos entrevistados correspondente a cada uma.

a No caso de morador proprietário do imóvel: (23% dos entrevistados)

“ Faz 30 'ano' que eu moro aqui, eu gosto daqui. Só que na... Assim, na época da enchente a gente fica, assim, a gente não sai de casa, né? Quando o tempo tá assim bom, aí a gente aproveita porque quando... Essa época de enchente não dá nem pra sair, não por... Não, eu gosto daqui . Eu vim morar aqui eu tinha 15 anos e fiquei. A minha casa era bem mais baixa que essa, né? Antigamente enchia quase 1m de água, agora e depois de... O meu... Era do meu pai essa casa, né? E meu marido comprou dele e conforme foi... A gente foi reformando, foi levantando mais e mais e mais. Mas ainda não deu tudo porque ainda entra água aqui, ainda entra água. Mas como eu não tenho, então cê vai... cê vai lidando. Um ano você levanta a calçada, a mu... a mureta, noutro ano cê coloca a comporta e a gente vai vivendo. Fazer o quê? Aí, quando eu pus a casa pra vender, mas eu dizia nas 'imobiliária' que dissesse que dava enchente porque eu não queria depois reclamação pra cima de mim. E quando

ela... Quando aconteceu, que quando eu dizia, ele dizia: pena que o povo não tá comprando porque é na enchente. Então nós não tínhamos mais como sair. Aí então eu resolvi ficar com a minha casa mesmo na enchente. Aí então foi 'onde' nós 'alteamo' 1,50 m, depois 'alteamo' mais 20 cm - 1,70 m - e não teve jeito. E ainda entra água na minha casa, quando dá enchente alta, dá... entra na minha casa. E já fica tudo [palavra inaudível]. E realmente agora, né? o valor dessa casa não pega muito dinheiro. Então não dá pra 'mim' nem comprar um apartamento com o que sobrar pra mim. Meu caso é exatamente esse: não tenho pra onde ir, essa é minha casa e eu não posso sair daqui. Não posso pagar aluguel, não posso... Pra vender também não dá, pra comprar outra também não dá, então continuo aqui. Eu moro aqui porque a casa é minha e eu sou obrigada a morar nessa casa, entendeu? Porque, se não fosse minha, eu já teria morado de aluguel e já teria mudado daqui . Mudar a gente não pode mudar do local, se pudéssemos mudar, estaríamos num... numa montanha, mas como aqui é várzea, nós não 'tem' como."

b No caso dos proprietários dos imóveis em que as enchentes não entram em sua casa (11,5% dos entrevistados)

Eu moro aqui há tempos e eu gosto demais. (O único problema são as enchentes mesmo?) É. Eu não tenho nada contra, o... o bairro é muito bom pra morar. Eu gosto das pessoas, o bairro é bom. Lamentavelmente tem essas mazelas aí, né? O único 'pobrema' que tem aqui é enchente, mas graças a Deus não é sempre, é só quando vem a chuva mesmo. A gente sempre precisa se organizar, né? Porque a

enchente pra mim não me atinge, atinge o pessoal mais que tem as casas baixas, né? Pra mim, nunca... Nunca tive problema, só que não dá pra 'mim' ir pra dentro de casa, né? 'Ma' tudo bem, até aí, um dia cê entra.

c No caso de moradores em residências alugadas (22,8% dos entrevistados)

“ Aqui é mais barato e o bairro é bom ...eu não tenho condições de pagar até o aluguel mais caro aí... porque tem muita casa pra alugar. Então... Aqui eu pago o aluguel de R\$ 400,00, pra 'mim' sair daqui e pagar um aluguel de mais de R\$ 600,00 a R\$ 700,00 'pau' já não tá dando. Aí a gente fica agüentando a situação..... se você vai alugar uma casa tipo essa daqui,(fora da área de enchente) é tudo pela imobiliária. Então complica mais ainda a situação da gente, não é? O povo não aluga casa assim, pra pessoa que tem bastante 'fio'. Eu vim consciente, eu até já falei antes, eu vim consciente do que eu estava fazendo, então, foi uma opção. Eu sabendo que era perigoso, que eu poderia estar passando por uma série de problemas. Mas foi uma opção, até por um aluguel mais em conta, tá? E... Mas eu vejo pessoas assim, que realmente não têm outra alternativa.”

d Comércio (2,7% dos entrevistados)

“É... não que eu não tenha pra onde mudar, é a questão é que eu já tenho comércio no bairro há muito tempo e, pra mim, fica inviável mudar pra outro lugar. E como é só comércio, é o que eu tô te falando, talvez não me afete tanto eu pensar de ter que mudar. Mas se eu tivesse morando na rua, que nem os outros vizinhos, com certeza já tinha mudado. Eu não ia esperar, não... E mesmo o meu ganha-pão, é meu trabalho aqui, eu não posso desfazer, simplesmente sair, fechar as 'porta' do meu comércio e sair..”

e Resposta mais comum (40% dos entrevistados)

“ Porque a gente não tem outra 'obição' pra subir mais pra cima. O lugar é muito bom. Mas, assim, a gente não tem condições, né? ...Se cê não tem condições de morar em outro bairro mais longe da enchente.... Não é que eu não gosto do bairro, eu não gosto das 'enchente', né? Quando enche é difícil, né? Muito difícil... Eu moro aqui, porque essa casa é minha, então eu tô aqui até hoje. Eu gosto do lugar, gosto bastante dos vizinho ... Acontece o seguinte: se a gente for vende a casa aqui, a gente não vai encontrar outra pelo mesmo valor. Aqui desvalorizou muito com esse negócio da enchente. Que nem meu terreno é 9X33, são 297m, pelo IPTU da mais de 100000 reais o valor venal (?) da casa. Se eu pegar 60, 55, 60.000 é muito. E outra, pra quem eu for vender, a pessoa, a caixa econômica não...financia área de risco. Então ou a gente

recebe a vista, e depois tem outra, a gente muda daqui, vai compra casa por 50, 60.000 aonde? É o lugar onde a gente trabalha, o lugar onde a gente arruma emprego muito mais fácil. Se a gente vai pra uma outra área onde não dá enchente e a gente não arruma emprego, não... não tem serviço...”

Notamos que as condições de permanência no local se justificam, para este grupo, pelo aspecto econômico, os sentimentos de ligação ao bairro estão colocados em segundo plano. Na sua maioria, as pessoas se deslocariam para as proximidades aonde não seriam afetados pelas enchentes.

O valor imobiliário muito a menor, indicado pelo relato, é uma constante nas áreas de inundação. As áreas de crescimento demográfico acentuado nas periferias não se comportam assim, tendo uma ampliação dos valores de compra e venda na medida em que os governos implantam estruturas públicas na região, como escolas, postos de saúde, e outros. Nas áreas inundáveis, ocorre o inverso, as estruturas públicas que também sofrem com as inundações acabam sendo deslocadas para outras áreas por segurança. O bairro perde então investimento e se desvaloriza. A situação relatada traduz consistentemente a situação imobiliária das áreas que alagam por enchentes sazonais.

8.1.2.6 Pergunta 6: *Você teria vontade de participar de alguma ação de prevenção de enchentes, ou não? Fale um pouco sobre isso.*

A pesquisa localizou dois grupos bem distintos: os favoráveis à idéia de ajudar o próximo, ser solidário e participativo no processo de mudança nas interações socioambientais e outro que vê a participação como uma forma de ser instrumental do uso político. Percebemos que a participação é entendida como algo que não trará resultados devidos e, neste caso prevalece uma visão voltada para os seus próprios

problemas. A maioria nesse grupo coloca como impedimento a falta de disponibilidade de tempo, recursos, mesmo os que dizem querer participar.

a. Grupo desfavorável: (71,5%)

“ Ó, eu não tenho condições, né? De ajudar porque eu tô... Eu preciso de ajuda, eu não tenho condições de ajudar ... Não, acho que não. Acho que não, a gente já foi em muitas 'reunião' aqui no CA....Sabe? Que não resolveu nada, sabe?... é só balela, não adianta. Junta um... juntar um grupo de pessoas pra discutir. Ou seja, se não... se não investir, se o estado e a prefeitura não 'investir', não resolve nunca. Isso aqui tá perdurando, há mais de 50 anos que tem isso.pela minha descrença, né, cara? Por eu ver muita gente prometendo, prometendo, prometendo e nunca é feito nada.Na hora da enchente, é. Aí so.! .Nessa hora eles viriam, aí que me deixa com mais raiva, porque aí eles aparecem. Aí na hora mesmo do... na hora que você mais 'precisa'... cê precisa deles, eles somem e aí você não consegue achar ninguém. Mas na hora de aparecer, aparecer 'pá' televisão, aparecer pro rádio, todos eles aparecem. E na hora de... e na hora de fazer alguma coisa, eles somem..... Ah, eu acho que... Não sei, eu não tenho nem tempo pra isso. Não tenho nem tempo pra isso porque eu não sei o que fazer e... Sei lá, não...”

b. Grupo favorável: (28,5%)

“ Ah, com certeza, se... Pra ajudar eu teria vontade, sim....Eu gostaria assim, de... se tivesse, assim, uma ONG, alguma coisa, de participar, sim. Pra prevenir a saúde, né? O pessoal tomar cuidado, né? Fechar[?] córrego, lavar. Isso sim, né? Uma... uma prevenção após, né? Na verdade, seria uma coisa após a enchente, né? Ter um cuidado. Aqui tem muita criança, né? Então isso sim, é... ensinar as 'mãe', ajudar as mães assim: -Olha... Né? -Coloca cloro na água, né? Lava o quintal com

cloro, não sei o quê. Sabe? -Porque é bom Não sei como, eu teria que ter uma orientação de alguém, né? Alguém me ajudaria.....Eu acho que cê poderia passar pros outros o que está acontecendo. E pelo menos saberia o que tá trazendo a enchente, além do lixo que provoca uma enchente, entendeu? Que eu sei que a maior causa é o lixo. Às vezes a gente poderia orientar as outras pessoas, porque tem muitas pessoas que não... não tão nem aí, né? E a gente poderia orientar, né? -Ó, não joga lixo, 'vamo' colaborar porque você foi prejudicado.”

Os relatos supra caracterizam uma população sofrida que acaba se tornando refém das ações dos sucessivos governos e aguardando sua solução definitiva aos problemas das enchentes, o que ainda não ocorreu. Mostra também a gravidade de duas situações:

A primeira é a da falta do planejamento no processo urbano, o descaso ao meio ambiente que gera os riscos físicos conhecidos e os riscos a saúde nas formas de doenças transmissíveis pelas águas insalubres e fétidas.

“Bom, às vezes eu acho que eles precisam um pouco da ajuda do... da população. Volto a repetir, né, meu? Mas, sei lá, eles deveriam olhar um pouco mais, entendeu? Aqui são 24 anos que a gente mora aqui, né? O[?] riozinho[?] é sempre o mesmo, né, meu? Aí, sem contar a cavalaria que eles colocam aqui pra pastagem. Ainda bem que ajuda um pouco, né? Que os 'cavalo' já vão pro gramado ali, né?

Agora o... o Governo, o prefeito mesmo não pode fazer tanta coisa também se não houver ajuda da gente, né? Se não tiver [palavra inaudível]... (Consciência da população, não é?) Consciência, exatamente. Com a conscientização do... do pessoal.”

Aí cê tem que ver porque tem que estudar e ver o que pode fazer pra melhorar, né? Eu não sei, né? Não sou engenheira, eu não sei. Eu só sei que entra

água, né? (Entendi.) O único 'poblema' é ser rio sujo, né? Esse rio aqui... O rio dos meninos também, que sempre tá sujo, né? Aí...

A segunda é o processo de risco social da população, um quadro grave e de proporções incalculável na sua extensão, os quadros de doenças físicas e emocionais se entrelaçam produzindo consideráveis custos na área da saúde e laboral.

Ãhn... eu... eu acho assim, ó: que nem, quando a enchente entrou em casa, que a água veio... subiu muito, eu mesmo... vai fazer o quê? Cê tem que, é... co... é... socorrer, que é um barraco que levou a água [trecho inaudível] lugar, só que a gente 'perdemo' tudo. Só que eu [trecho inaudível] sou mandão, então se eu vou [trecho inaudível] essa turma aí pra ver os 'colchão', tal e 'vamo'... 'vamo' reagindo. Porque eu acho uma coisa que fizeram de errado pra nós porque dava enchente antigamente e dava enchente assim, ó: dava e escoava logo. Agora 'é' 5h, 6h pra, assim, pra água esco... é... pra água esco... escoar porque em vez da água descer, ela sobe por causa daquela comporta que tem ali. É o cotovelo, pô! A água desce e vai pra cá. Não tinha comporta, como tinha comporta a água ia embora.'Era'... 'era'... 'era' 10 'minuto' e a água escoava, e agora não! Outro dia eu fiquei sozinho, tudo o mundo lá pra cima, eu fiquei sozinho em casa porque minha mãe [trecho inaudível] ???ada, já faleceu já. Eu fiquei das 8h [20h] da noite até 4h da manhã tirando água dentro de casa, que a água não descia, e antigamente descia, não tinha o fa[?]. É... Também um pou... também atrás da turma também, que 'jogam' muita 'porcariada' também e eu acho errado isso aí. Sabe? Eu falo pra turma e a turma... mas não adianta. Tem um... Eu moro de frente a um terreno baldio que tem ali, eu falei pra fazer uma placa da prefeitura - mas eu mesmo posso fazer - pra 'mim'... eu pregar aquela placa lá pra turma não 'jogar' mais porque eu já levei[?] muito[?] pra colocar aí [trecho inaudível] e tirar. Eu mando! Eu

moro aqui em frente, fiquei duas 'hora' tirando, [trecho inaudível] embora, mas só que a turma pega... vai jogando, vai jogando, vai jogando e vai jogando, aquilo ali... Agora, devia fazer... fazer o [trecho inaudível].

Eu fico nervosa, muito nervosa, e a minha pressão é super alta. Aí eu já vou lá, tomo o meu remedinho de pressão pra me acalmar. Eu não abro as portas porque, se a gente abre as 'porta', entra sujeira, entra rato, saco[?]. E eu fico assim, muito triste, muito triste. Aí eu fico com medo de pegar alguma doença naquela água suja porque a gente é obrigado a pisar na água; a gente tem que salvar o cachorro que tá no quintal se afogando, aí eu entro naquela água que chega acima do joelho, quase na metade da coxa no meu quintal, que ele é mais baixo que a minha casa, né? Vou salvar o cachorro e vou pegar o gato que tá lá também. Então a gente tem que se virar, né? E... e dentro dessa agonia, é muito triste. [trecho inaudível]. [risos]. Eu moro aqui porque a casa é minha e eu sou obrigada a morar nessa casa, entendeu? Porque, se não fosse minha, eu já teria morado de aluguel e já teria mudado daqui.

8.2 Análise integrada dos resultados da pesquisa documental e pesquisa de campo

A análise comparada do Mapa de Risco de Enchentes e Inundações do município de Santo André relativo aos anos de 2001 a 2006 permite afirmar que o problema das enchentes se agrava, ano a ano, mesmo com investimentos superior de R\$ 20 milhões de reais no sistema de drenagem da cidade nos últimos cinco anos (SEMASA, 2007). (Quadros 59).

Obras realizadas	
Valor gasto em obras	R\$ 27 808 405,07
População beneficiada	1.021.200,00

Figura 59. Quadro sintético da relação de custo benefício das obras de drenagem executas no município de Santo André de 1997 a 2006 pelo SEMASA (fonte: DDC, 2007).

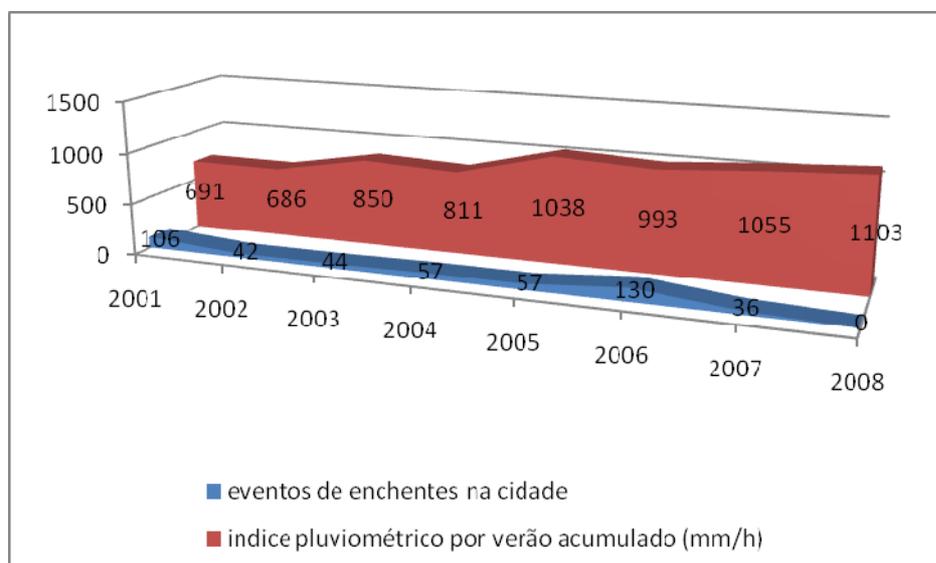


Figura 60. Gráfico relacionando índice pluviométrico acumulado de chuvas no verão e o número de eventos de enchentes ocorridos em cada ano.

O bairro do Bom Pastor é próximo ao Córrego dos Meninos. Constituiu-se um assentamento urbano inicial, conhecido como Av. Bom Pastor, cujos moradores fixaram-se, na sua maioria, há mais de vinte anos e participam da liderança comunitária, sendo este o recorte sócio-espacial desse estudo. Há muitos anos, contudo, o local passou a ser considerado área não edificante. Parte da referida área, a municipalidade adquiriu de terceiros a fim de implementar projetos futuros ambientalmente apropriados. Entretanto, a propriedade pública do terreno, a dificuldade de fiscalização de ocupações irregulares e a falta de política de intervenção efetiva no espaço para compor novas funções da paisagem suscitaram que uma população carente promovesse e persistisse na sua inserção na localidade.

O território denominado 'casa', para o morador, é um espaço de vivência da intimidade. É onde a família reconfirma cotidianamente os seus laços através dos vários papéis exercidos por seus membros, como o de marido, esposa, pai, mãe, filho, avó etc. Cada um dos quais, implica correspondentes práticas; a dona de casa, por exemplo, é ciosa com aspectos de organização dos bens, aquisição alimentos e preparação de refeições, cuidados com o vestuário e saúde da família, dentre outros (SIENA; VALENCIO, 2006). A casa é onde, também, cada um reencontra-se consigo mesmo, na sua privacidade, se permite os cuidados pessoais - de descanso, de higienização física e psicológica, de lazer, de devaneio, de preparação para as interações com o mundo público - e é a referência territorial onde escora sua sociabilidade nas relações de vizinhança, prestando-se a diversas formas de solidariedade comunitária. Quando a casa é edificada em terreno suscetível a enchentes e seus moradores apresentam todo o tipo de vulnerabilidade - social, econômica, física, emocional - tanto a vida privada quanto a vida pública da família

ficam comprometidas, esteando, portanto, a deterioração da identidade da comunidade afetada, da família, no seu conjunto, como de cada um dos seus membros, em particular.

No que concerne o vivenciamento recorrente da situação de enchentes, o processo de dano emocional dos afetados torna-se crônico. Medos de perdas, angústias e ansiedades somam-se quando é chegada à estação das chuvas e as mesmas precipitam. A isso, se acresce a aversão de contato com as águas deterioradas que penetra no domicílio, a necessidade de um sem número de providências urgentes dentro do domicílio, numa mobilização própria para tentar reduzir, na impossibilidade de evitar, os danos materiais. Os bens em risco não são apenas de valor econômico, mas sentimental, ligados à trajetória do indivíduo e da família. Há, ainda, os conflitos entre as providências urgentes a tomar no domicílio e as obrigações formais no emprego; as necessidades urgentes em casa e obrigações morais de auxílio à vizinhança; a busca pela integridade e assepsia do lar e o risco inevitável de contrair doenças de veiculação hídrica. Há a perda de entes queridos e o testemunho das mortes que as águas trazem, com a leptospirose. Tudo isso amplia o contexto de stress e incrementa os danos psicossociais dos afetados por enchentes. Tais aspectos são retratados nos relatos abaixo:

“O que eu atuo aqui é ajudar os ‘colega’, ajudar o outro... ajudar a suspender os ‘móveis’, né? Inclusive, aqui já morreu um colega com esse... esse negócio de doença de rato...Ele tinha um corte, entrou da água aí, depois de uns cinco dias ele morreu, faleceu.”

“Chovia e tinha que sair correndo, e era...tempestade... sempre triste. ‘Morreu’ três ‘menina’ aqui no fundo, aqui, ó. Tinha um cortiçinho no fundo assim, sabe?”

Então as pessoas dormiam e tinha o corredorzinho. O meu cunhado que faleceu, ele salvou dois ainda, que ele trabalhava nesse negócio de salva-vida.”

“Ah, é triste (..) muito triste. Você perde...você perde tudo e, além de tudo, perder um filho, como eu perdi, por causa da enchente. Que ele tava com saúde, tava trabalhando, tava até pintando uma casa de um colega e, quando ele veio, cortou o pé. Quando ele cortou o pé, aquele sangue que descia, eu ainda falei: —Vai deitar.... Ele disse: —Como eu posso, mãe, com tanta água e tanta enchente e tanto prejuízo? Passou três ‘dia’, mais ou menos, ele foi no médico, né? Mas o médico, não sabendo – que foi aqui no posto -... não sabendo das ‘enchente’ que ‘tinha’ acontecido, passou receita pra ele, passou remédio, passou tudo. Mas era a doença do rato... a doença do rato. Então com dez ‘dia’ ele faleceu e isso foi a minha tristeza que até hoje eu não posso ver nem enchente que me dá um trauma..

“O que eu mais sinto na minha vida era quando minhas ‘criança’ ‘pequeninha’, né? ‘Tudo’ ‘pequeno’, roupa deles, tudo, dentro das ‘gaveta’, documento que perdia porque, muitas vezes, meu esposo trabalhando fora e eu dentro de casa, sozinha, eu não dava conta. Meus ‘filho’ era pequeno, filho de 3 ‘ano’, filho de 7 ‘ano’, de 8 ‘ano’ não dá. Eu colocava meus ‘filho’ na janela e o ônibus passava e perguntava... Quando tava a água baixa perguntava se eu queria retirar, e muitas vezes eu retirava meus ‘filho’ ‘pequeninho’ pra casa da vizinha, lá em cima...”

“Quando começa a chover muito eu já fico desesperada! Ai, é muito triste, muito triste...é uma coisa humilhante.”

“...é horrível, é se sentir morrendo no mar. Pedir socorro pra alguém pra vir me ajudar. Ajudar a levantar móveis, ajudar a puxar a água.”

“A minha fotografia lá do nosso casamento tá tudo amassado, tão tudo apagando.”

“Molhou todo o meu enxoval.”

“Quando enche, a água sobe muito rápido, às vezes não dá nem pra poder levantar um sofá, nada... se a gente abre as ‘porta’, entra sujeira, entra rato... Aí eu fico com medo de pegar alguma doença naquela água suja porque a gente é obrigado a pisar na água.”

“É muito difícil, né? A gente sozinha dentro de casa pra ver aquela água subindo, subindo, sem ter onde ir, né? Porque nós não sai de dentro de casa. A gente fica ali com aquela enchente até o pescoço. Se for pra morrer a gente morre.”

“quando tá chovendo a gente já tem aquela sensação que vai dar enchente e começa... Como eu tenho diabetes, a diabetes sobe, da minha mãe a pressão sobe e a gente já começa a erguer as ‘coisa’.”

“Eu sinto é... Sensação horrível (...) de comida que tava no armário que não deu tempo da gente pegar que tava... ela [a enchente) veio muito rápido.”

“porque tem umas pessoas aí que são do norte e não tem ninguém, ninguém mesmo. As vezes tem lá um conhecido em São Paulo uma coisa assim, então a gente aqui se une nessa hora aí”

“Quando dá enchente, enche a casa do meu pai, então eu, como filho, tenho que priorizar[?] ele...”

“Ah, eu procuro ir pôr as coisa pra cima que a gente consegue, né? O que dá pra pôr assim, no alto, né?”

“Se você tá trabalhando e começa a chover forte, cê já vem embora. Você já imagina que vai dar enchente, sabe?... Acaba ficando nervosa porque cê ta lá longe

trabalhando, aí começa a chover forte. Cê larga o serviço e vem embora. Todo mundo que mora aqui, não só eu, todas as pessoas que moram por aqui.”

“Deu enchente na sua casa, cê pode... perigoso, então, cê perder a... familiares e móveis, esses ‘negócio’ né? Como a água do rio é suja, tem intoxicação... Sempre assim...Meu pai, minha avó, tudo é...levantar os móveis... e depois, esperar a água baixar pra recomeçar de novo.”

“É... é raiva... é um sentimento ruim, né, cara? Você vê o que conseguiu aí trabalhando, você vê indo embora. É um sentimento ruim, não é um sentimento bom.”

“Eu fiquei das 8h [20h] da noite até 4h da manhã tirando água dentro de casa, que a água não descia.”

“Ser solidário, ajudar o próximo. Porque sempre tem isso numa enchente...É uma mulher que não pode se locomover, você ir lá ajudar ela, é... amar o próximo cara, é fazer... fazer o bem.”

No que tange à reposição das perdas havidas, o esforço pessoal é sempre penoso e, por vezes, francamente insuficiente:

“Demora [repor as perdas materiais havidas]. Demora porque eu tive que comprar tudo novo, entendeu? Ainda tô pagando ainda.”

“Agora, o colchão tomo aquela umidade, o colchão agora tá estragando, tá rasgando, né? E a gente fazendo aquilo que pode, se der pra comprar uma peça hoje compra, se der pra comprar daqui a um ano compra...”

“Ah, demora. Demora pra repor [os móveis].”

“... o que a gente fala é a respeito de carro. Quem mora no Bom Pastor, assim, uma das maiores preocupações é carro, porque o carro... você tem que salvar.”

“E aqui também tem uma coisa: quando... tem umas pessoas que ‘tá’ vindo na enchente, que aí vê seu carro na garagem, né? Um dá alarde pro outro... Então uma hora é todo mundo tirando os carros, senão...”

“Como que eu reajo? Esperando passar tudo e eu reponho tudo que eu perco... Com a perda emocional é muito mau, qualquer temporal que dá, qualquer chuva que dá... De chuva eu me apavoro, fico tremendo. É horrível, é horrível mesmo.”

“eu comprei móveis usados, aluguei uma casa velha pra não ter, assim, muitos problemas mesmo... Porque tudo que eu perder é velho e eu aterrei a casa, mesmo sendo alugada, e deixei a minha sala sem aterrar. Porque aí, se a água invadir, ela vai invadir naquele espaço e é o tempo que eu tenho pra poder correr pra cuidar de outras coisas, entendeu? Eu tenho 30, 40 centímetros num espaço de, assim, 5 metros quadrados, entendeu? Então dá tempo dela entrar ali e a gente poder correr pra poder fazer outras coisas.”

Em relação às expectativas da ação pública frente à situação do desastre, o afetado entende não terem existido ou sido consistentes as intervenções de caráter preventivo por parte do poder público em razão não apenas da continuidade das enchentes, mas por achar que o escopo do seu problema está unicamente ligado à construção de obras de grande porte.

“... trabalhando...trabalhando, só nos resta o quê? Fazer o quê? Trabalhar, trabalhar...”

“Não tem ajuda nenhuma de ninguém.”

“Nunca tive recuperação... olha, sinceramente, o que eu tenho mais desgosto é de não ter... Nunca ter, assim: —‘Vamo’ fazer uma coisa, um benefício pra ‘poder’ esses ‘morador’ não ‘passar’ esse sofrimento.”

“Bom, eu acho que eles tão fazendo o certo, que é fazer os piscinões, mas acho que eles têm que manter limpos os piscinões todo o ano, cê me entendeu?”

“Deveria canalizar o rio, catar a sujeita. Tem muito lixo.”

“[Sentimento] de revolta porque, um dia após a enchente, falta água. E aí? Não tem água! Não tem água. Aí pra você lavar as ‘coisa’, lavar a calçada, lavar a rua? Não vem ninguém! Meu irmão que vem, sabendo de porta em porta, sabe? Perguntando quem precisa de colchão, de roupa, é assim. É pobre que ajuda pobre, essa é a verdade, entendeu? Porque no outro dia, quando a prefeitura vem aparecer, já é de tarde, aí vem perguntar se alguém precisa de alguma coisa. Até então, ninguém vem prevenir de nada. Agora, esse negócio de faltar água no outro dia é um absurdo.”

“Não... não... não tem lógica (...) faltar água no outro dia, sem água... não tem água. Quando eles [a prefeitura] vêm lavar aqui a rua, todo mundo já lavou, vêm lavar depois de três, quatro ‘dia’, assim. Quando querem, né?”

“Eles ‘devia’ de dar um jeito pra arrumar esse rio...”

“Que arrumasse esse córrego... esse esgoto aí.”

“Limpar mais o rio de 15 em 15 dias, limpar.”

“Em primeiro lugar, canalização no rio, né? Segundo lugar, limparas bocas de lobo.”

“Canalize aquele rio ali. Melhora, melhora um pouco, porque deixa aberto e toca lixo lá dentro. Se tá fechado, ninguém vai jogar lixo dentro, não tem como, né? Quando sobe aquele lixo, sobe aquele cheiro, sofá, tudo dentro do... Ali a água vai pra gente mesmo, né? Não tem pra onde.”

“é... limpar esse rio.”

“alargar mais o rio... Eles fizeram um Piscinão...Mas não resolveu nada, eu acho porque sempre deu enchente aqui. Se você está fora de casa, cê não entra, se você está dentro, você não sai. Porque é horrível as enchentes, fica muito feio.”

“é canalizar aquele rio dali e fazer um negócio pra água não ‘vim’ pra cá.”

“Eles fizeram aquela comporta no final da Avenida, lá... aquele... a comporta... O que que tá servindo aquela comporta lá? Tá servindo hoje em dia pra se jogar lixo, aquele piscinão... era pra água escorrer e cair lá. O que, que acontece? Agora, eles tão jogando lixo, tá tudo cheio de entulho. Então, a água não tem pra onde a água escorrer, ela não tem uma saída. Então é isso que acontece: ela chega lá, ela bate e volta... Ah cara, é... é que os governantes aí né, cara? Não só do nosso país, como nosso município, né, cara? Que eles olhassem um pouquinho mais pra cá, cara, pra periferia.”

“Então é olhar um pouquinho mais pra gente, cara, aqui é... o sofrimento é bastante, cara. Não é... ‘Pô’, só quem... só quem participou de uma enchente mesmo que sabe o que é. O que é perder.”

“Mas todas as vezes que dá enchente o piscinão não tá puxando a... não tem ninguém lá pra mexer com ele. Que é isso?!”

As tensões existentes dizem respeito ao fato de os técnicos, por um lado, acharem que seu esforço é incompreendido pelas lideranças comunitárias, as quais não transmitiriam adequadamente, aos seus representados, o conjunto de ações realizadas, resultando em algum nível de controle da drenagem; de outro, refere-se ao fato de que a persistência do dano é o dado de realidade com o qual o afetado tem que lidar indicando que o esforço público não alcança os níveis de segurança esperados referente à integridade da vida, dos meios materiais e da rotina da comunidade.

A persistência da inserção na localidade, apesar das enchentes, tem vinculação com a titularidade do imóvel, com os laços dos afetados com as demais pessoas do lugar, além de vinculações de trabalho. A propriedade, adquirida às duras penas e, devido às enchentes, com baixo valor de revenda, não possibilita ao morador condições econômicas para sair do bairro, quando esse é o seu desejo. O mesmo ocorre com os locatários, que não solicitam documentação e fiador, numa ausência de exigências formais que favorece a inserção de famílias empobrecidas. Nas moradias locadas, os aspectos construtivos pré-existentes e pós-desastres são os mais precários, ficando o lugar sem a manutenção devida para melhor o morador enfrentar o fator de ameaça. Dentre a população afetada, o inquilino que convive com os efeitos adversos das chuvas por um período prolongado caracteriza-se como o mais vulnerável.

“Porque a casa é minha, né? Então eu moro aqui, né? Por isso que eu moro aqui, porque essa casa é minha, então eu tô aqui até hoje. Eu gosto do lugar, gosto bastante dos vizinhos.”

“Eu moro aqui porque a casa é minha e eu sou obrigada a morar nessa casa, entendeu? Porque, se não fosse minha, eu já teria morado de aluguel e já teria mudado daqui.(...) dá tristeza, de ver a minha geladeira que tá na água, meu fogão.”

“Então inclusive agora eu... Eu moro sozinha... eu tinha meu marido. Agora ele faleceu, ‘fazem’ cinco meses que ele faleceu. E eu tô aqui, agora fico pensando é na enchente que vem em janeiro, fevereiro, março. Até março a gente fica ansiosa. Eu fico ansiosa quando começa a chover, não posso sair de casa. Às vezes meu filho fala: —Mãe, vem pra cá passar uns dias. Eu não posso ir por causa da enchente, né? Não tenho condições, é terrível.”

“Se a gente for vende a casa aqui, a gente não vai encontrar outra pelo mesmo valor. Aqui desvalorizou muito com esse negócio da enchente.”

“... eu não tenho condições de pagar aluguel mais caro aí... porque tem muita casa pra alugar. Então... Aqui eu pago o aluguel de R\$ 400,00, pra ‘mim’ sair daqui e pagar um aluguel de mais de R\$ 600,00 a R\$ 700,00 ‘pau’ já não tá dando. Aí a gente fica agüentando a situação.”

“Se a gente vai pra uma outra área onde não dá enchente e a gente não arruma emprego, não... não tem serviço... E a gente trabalha por aqui, então tem que morar por aqui...”

“É que eu gosto, né? Meus amigos sempre tão aqui, meus pais sempre moraram aqui; também tem minha avó, né? Que minha avó tá... ela é um pouco doente, aí minha mãe quer ficar aqui perto dela, né?”

“Meu motivo aqui é que eu gosto do local, as pessoas são ótimas, não tem nenhuma tipo de poblema, nem de assalto, nada. O único problema que tem aqui é enchente, mas graças a Deus não é sempre, é só quando vem a chuva mesmo.”

“Porque aqui é o único lugar que eu tenho. Eu sou dependente da minha mãe, ela é a proprietária da casa; aluguel eu não tenho condições de pagar.”

“Eu gosto. É... Tudo é perto: Santo André, São Bernardo, São Caetano, é tudo perto. É muito bom aqui. Fora a enchente, aqui é um bairro muito bom.”

“Eu já morro em terreno da Prefeitura e vou pra onde? Tenho nove filhos! Com um monte de filho pra onde é que eu vou?”

“Porque eu não tenho condições de sair daqui.”

“Acostumei aqui, eu gosto daqui, se não fosse esse problema da água... Eu, que tô aqui desde 1971, eu acostumei, gosto do lugar, mas tem esse problema das

‘enchente’ que atrapalha a gente, né? E mesmo o meu ganha-pão, é meu trabalho aqui, eu não posso desfazer, simplesmente sair, fechar as ‘porta’ do meu comércio e sair. Não posso...”

“Meu caso é exatamente esse: não tenho pra onde ir, essa é minha casa e eu não posso sair daqui. Não posso pagar aluguel, não posso... Pra vender também não dá, pra comprar outra também não dá, então continuo aqui.”

Por fim, no referente ao interesse em se engajar em ações preventivas, o grupo em geral tem motivação para fazê-lo, precisando que os canais de interlocução ampliem-se efetivamente.

“É fazer uma reunião, né? Com todo mundo pra chegar na Prefeitura e conversar, né? Pra arrumar o rio.”

“Ah, com certeza, se... Pra ajudar eu teria vontade, sim.”

“Agora o... o Governo, o prefeito mesmo não pode fazer tanta coisa também se não houver ajuda da gente, né. “

“O mínimo que eu posso fazer é ficar tentando lá o tempo todo... Quer dizer, conscientizar o pessoal, que é jovem... Tipo, não jogar entulho, lixo...”

“A gente tem que se unir pra todo mundo, né? Todo mundo pra poder dar força, né? Pra poder a gente fazer alguma coisa porque tem a gente, mas tem gente ‘piores’ ainda... Que perde tudo de tudo...”

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

9.1 Considerações analíticas sobre a pesquisa.

Nas cidades, as chuvas encontram-se associadas a desastres como inundações, deslizamentos, contaminação de corpos d'água, descargas elétricas, vendavais e outros. Tais desastres envolvem contingente humano amplo e crescente, em especial no meio urbano, fazendo vítimas fatais, além de interromper ou comprometer as rotinas importantes do funcionamento da cidade – como fluxos públicos, fixos residenciais e comerciais, abastecimento elétrico, hídrico e alimentar, entre outros, os quais impõem paulatinamente os limites do projeto da modernidade tardia, produzido nas cidades por um meio artificializado substituindo aceleradamente a paisagem natural (VALENCIO ET AL, 2006).

Conforme os relatos apresentados, o sentimento de abandono e de impotência frente às ameaças e vulnerabilidades faz com que desastre seja uma vivência permanente na vida do grupo analisado. Sua fragilização não é consequência apenas da ineficácia das políticas pública da saúde ou do socorro, mas do conjunto de políticas públicas insuficientes e inter-relacionadas que envolvem a educação, a saúde, a habitação, a gestão ambiental e a gestão de riscos. Isto é, da interlocução estruturalmente deteriorada com o Estado, manifesto da interação dos pobres com as diversas frações da burocracia pública.

Os peritos supõem que a abordagem ambiental focalizada no contexto hidrológico é suficiente e sua excelência profissional dispensa que o sujeito beneficiário do resultado de sua técnica se manifeste diretamente.

“(...) Por sistemas peritos quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje. (...) Um sistema perito desencaixa da mesma forma que uma ficha simbólica, fornecendo “garantias” de expectativas através de tempo-espaço distanciados” (Giddens, 1991:36).

Porém, este estudo de caso, como outros, mostra as diferenças nas representações dos peritos – planejadores urbanos - e leigos, quanto às soluções que minimizem os processos desastrosos relacionados às enchentes. Obras estruturais como, por exemplo, os “piscinões”, são a prática corrente da perícia. Mas, para os moradores do bairro estudado, aquela obra de nada resolve, demonstrando uma falta de diálogo para a materialização de uma solução comum entre a concepção da técnica e a experiência vivida no lugar. Reina assim, um ambiente relacional em que o grupo afetado pelas enchentes não crê na perícia e, daí, a ausência de confiança na mesma.

“A confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco e na suficiência da abordagem dos peritos, o que não ocorre com a crença. (...) Ela é (...) um tipo específico de crença em vez de algo diferente dela.” (Giddens, 1991:38)”

A pesquisa de campo demonstra, no discurso coletivo dos afetados, uma divergência em relação à noção de eficácia da prática técnica e baixa reflexividade do Estado para alterá-la. Enquanto as obras e a formação de NUDEC- Núcleos de Defesa Civil - é apresentada pela perícia em Defesa Civil como uma direção institucional para a reflexividade – um passo para enfrentar as enchentes e estabelecer ponto de contato

com o grupo afetado – os relatos dos moradores indicam que esse diálogo não está acontecendo ou sendo percebido como tal, de sorte que o projeto de felicidade e segurança coletivo, próprios da modernidade (cf. GIDDENS, 1991) continua falho na experiência do município de Santo André/SP. A insegurança continua posta no cotidiano dessas famílias em época de chuvas e o “uso da história para fazer história” (cf. GIDDENS, 1991) não está sendo aplicável nas relações sociais e institucionais para que o direito de morar dos sujeitos empobrecidos, e de proteger bens de valor material e simbólico, esteja sendo garantido. A desconfiança social acerca do conhecimento perito, ao discurso de neutralização ou minimização dos perigos e reflexividade da ação do Estado, estaria presente dado a incapacidade dessas perícias em proceder à necessária reavaliação de seu conhecimento bem como em fomentar novas soluções e incremento das ações preventivas, mitigadoras e reparativas dos desastres.

O discurso coletivo mostra que a população atingida reconhece os fatos geradores do desastre mas não dispõe de meios materiais próprios para reduzir sua vulnerabilidade. Desta forma cabe ao gerenciamento de risco, não apenas interpretar os processos técnicos como os sócio-políticos que criam as incertezas diante dessas ameaças ao território.

O desastre havido não é o fenômeno causado pelas chuvas. É o fenômeno revelado por elas. O desastre havido é a forma atual de produção das cidades (cf. VALENCIO ET AL, 2003).

Quanto mais previsível a ameaça e, no entanto, despreparada estruturar-se – em vista de uma trajetória de ausência de cidadania - e assim permanecer a comunidade, mais vulnerável se apresentará e, portanto, maior o risco de agravamento da intensidade dos danos que lhe possa acometer o que favorece o desdobramento da

reflexão acerca de qual a ética e as práticas sociopolíticas que, em termos de gerenciamento de risco, estão sendo adotadas presentemente em prol da proteção de tais grupos (VALENCIO ET AL, 2006).

O discurso coletivo apresentado verificou que o desastre para os afetados é uma representação construída por anos, ou décadas, consecutivas de abandono e, às vulnerabilidades aparentes, corresponde a reincidências dos processos de dor moral, intangível, imensurável.

Conforme VALENCIO ET AL (2006), a vulnerabilidade relacionada às chuvas tem imbricações diretas com as especificidades materiais do ordenamento territorial – em que se associam as variáveis da pobreza e da ocupação irregular em áreas ambientalmente suscetíveis – e, no interior da estrutura social, tem imbricações com as especificidades de subgrupos na lida rotineira com os desafios de proteção da sua integridade social, física, mental e emocional no lugar. Segundo os autores, as perdas sucessivas de seu parco patrimônio a cada enchente poderiam tender a gerar uma desfiliação progressiva de cada um dos seus membros, favorecendo, segundo predisposições e trajetórias de cada um, uma perda gradativa da sua autonomia.

Há, ainda, uma subserviência da cidade aos gestores políticos e administrativos. Os mais fortes (líderes comunitários) se alinham ao governo e passam a ser veículos, em descrédito junto à população, das ações de governo. Do mesmo modo descaracterizam a Defesa Civil como meros socorristas ou como interlocutores das atividades peritas.

Com razão, como mostram Freitas e Gomez (1997), em considerar que a supervalorização da intervenção tecnicista como resposta aos riscos favoreceu a concepção a-histórica e elitista do problema, no qual, por um lado, o cálculo

probabilístico preponderou para garantir a certos grupos de peritos sua presença junto às instâncias de poder e, de outro, a forma de exercício do poder não prescindiu dos mesmos, fazendo a sociedade crer que suas demandas estariam plenamente equacionadas no uso de suas competências. Assim, para os autores, tão grave quanto a ausência de politização dos debates, envolvendo tanto a aceitabilidade de certos riscos como seus resultados, é a predominância de prescrição tecnicista de recomendações aos grupos vulneráveis para que mantenham uma “ação racional” diante do perigo a fim de garantir a ordem pública.

Lefèvre & Lefèvre (2006) indica, como aspecto do problema, no nível macro social, a negatividade primária circular na qual há uma expectativa de solução tecnocrática que contenha uma ameaça, mas que não a solucione definitivamente, gerando o culto a ameaças e desencantamento com as instituições que se apresentem passíveis de contê-las. Neste contexto é que VALENCIO ET AL. (2005) consideram que a perícia de defesa civil age, tendo a interpretação válida dos acontecimentos, mas, conforme se viu nos relatos, não é capaz de apresentar uma resposta condizente, ficando aos afetados à mercê de sua própria rede local de sociabilidade para auto amparar-se quando as águas pluviais sobrem e invadem suas moradias.

Para haver reflexividade é primordial descaracterizar as idéias peritas e considerar o grupo afetado pelas chuvas recorrentemente como portador de um conhecimento empírico sobre a situação e que pode, deste lugar, debater outras concepções de prevenção, preparação, resposta e recuperação.

9.2 Recomendações

Os resultados mostram que os moradores vêm com descrédito as ações municipais de combate às enchentes no município de Santo André e, nesse aspecto, sugere-se que medidas estruturais e não estruturais que os vários órgãos venham tomar sejam debatidas preliminarmente com os afetados.

No comércio, todas as construções foram alteadas, ficando altas em relação à rua e com menor possibilidade de enchente, diminuindo substancialmente os prejuízos materiais, mesmo assim, o lucro cessante continua, por que durante a enchente os compradores não comparecem ou estão sem recursos para fazer aquisições rotineiras. Um seguro específico de lucro cessante para estas ocasiões seria um modo justo de compensar e permitir a continuidade do comércio e o florescimento de outros apoiados na segurança de não haver prejuízos em virtude das enchentes.

Nas visitas a área, ficou constatada que, após muitos anos de enchentes sucessivas, o comércio que não tomou precaução à enchente, alteando o local ou colocando comportas, etc. não sobreviveu, fechando seu estabelecimento. As moradias de aluguel são as que não têm melhorias: a degradação é nítida na construção, estando algumas ao ponto de colocarem os seus moradores em risco de desabamento das lajes, paredes e outras partes estruturais. Os donos dessas casas abandonaram os deveres de melhoramento de aspectos de segurança pelo simples fato de não conseguirem compradores e sendo a única possibilidade de uso o seu aluguel a pessoas de baixa renda. Uma medida de redução do risco seria o fornecimento de crédito para o alteamento das moradias de aluguel com cláusula de não elevação do

valor dos aluguéis a famílias de baixa renda, juntamente com a intensificação da limpeza pública urbana para facilitar escoamento superficial.

Os moradores antigos vêem-se prisioneiros do local, pois não há política pública de empréstimos, recompensa, recompra do imóvel ou isenções que possibilite irem para outros bairros mais seguros. Como um castigo, pela escolha do passado, estabelece uma relação de angústia e medo com o lugar.

Na medida em que sua renda se amplia, os moradores locais reformam, reconstróem a moradia para ter controle em relação à enchente. Sua poupança acaba sendo utilizada para se manter em um local aonde o valor imobiliário tende a diminuir com os anos e as enchentes crescendo, formando um círculo vicioso onde o problema não é definitivamente solucionado. Discutir com essa população de proprietários e com os inquilinos uma alternativa habitacional em área próxima seria uma forma de recompor a área verde da várzea para sua função de drenagem.

O melhor meio para se evitar grandes transtornos por ocasião de uma enchente é regulamentar o uso do solo, limitando a ocupação de áreas inundáveis a usos que não impeçam o armazenamento natural da água pelo solo e que sofram pequenos danos em caso de inundação. Esse zoneamento pode ser utilizado para promover usos produtivos e menos sujeitos a danos, permitindo a manutenção de áreas de uso social, como áreas livres no centro das cidades, reflorestamento, e certos tipos de uso recreacional. A obediência às legislações ambientais para APP – área de proteção permanente, que rege o distanciamento das ocupações em relação ao rio é premente. O incentivo de realocação àqueles que já lá ocupam antes da legislação ou a aplicação da legislação de forma coerente para futuras ocupações poderão trazer equilíbrio às áreas inundáveis. O Plano diretor do município de Santo

André, já introduziu zoneamento para este fim, facilitando para que as áreas inundáveis não sejam ocupadas e que se tenha utilização adequada.

Ao conhecer os meios que a população estudada tem para compreender e se precaver dos eventos sem que o dano moral e psicossocial seja intenso, sugerimos:

- I. Aliar a visão técnica e a visão social do problema socioambiental relacionado à afetação humana pelas enchentes, isto é, verificar o conjunto de necessidades daquela população e discutir soluções técnicas capazes de satisfazer ambos os lados. A comunicação de risco deve ser dialógica, isto é, permitir a discussão e debate de vários pontos de vista em busca de soluções. A capacidade ampliada de comunicação fará com os projetos para a região sejam mais bem aceito e compreendido por ambos os lados. Há momento em que são vítimas, mas também atores, como nos NUDECs, em que devem ver conjuntamente com o poder público as formas de reduzir os danos. Os afetados não devem se sentir sós ou abandonados.
- II. Na razão prática das ações de defesa civil, a municipalidade deve ampliar a capacidade e a agilidade de lidar com o evento enchente de forma matricial. O gerenciamento de eventos depende da capacidade de articulação dos órgãos envolvidos e de um sério planejamento estrutural das ações a serem tomadas, enquanto os organismos municipais não se congraçarem numa visão coletiva do evento e não na particular do é sua tarefa, os eventos terão impacto maior do que o real para a população. Pequenas atitudes, como fechar o trânsito nas áreas inundadas, desviar os veículos para outras regiões de forma a não

paralisar a estrutura de transporte do município, fazendo rotas alternativas, mesmo que lentas, para que haja o fluxo, auxilia tanto aos usuários, como os organismos de emergência que se deslocam para os locais de acidente. A limpeza das ruas e o auxílio a limpeza das casas com agilidade e determinismo formatado em programas gerenciáveis e matriciais com os órgãos municipais e outros, facilita a sociedade afetada a voltar à sua rotina de forma mais rápida. Quanto às perdas havidas, programas de apoio como a isenção do IPTU e outras taxas, o auxílio e o alteamento das redes e das ruas em locais de grande importância para o transporte e a passagem das pessoas trarão conforto na convivência ainda necessária com as enchentes.

- III. Quanto ao AVADAN, a nossa posição é de que a mesma visão social que há de ter os técnicos para interpretar as necessidades do coletivo afetado, deva ser tomada pelos dados que se faz como espelho da tragédia. Neste sentido, estabelecer indicadores capaz de qualificar a urgência e a emergência das necessidades daquela população de forma comparável para se estabelecer padrões e programas de auxílio. Mesmo tratando-se de situações repetitivas as posturas a serem tratadas são adversas na visão dos dados sintéticos e naquele das disposições sociais ao quais os afetados se colocam. Tal processo é difícil, mas sugerimos a ampliação da coleta dos dados em relação a população afeta em suas posturas sociais, tais como este exercício, o conhecimento dos distantes ao evento é diverso daquele que

acompanha o risco. Passar a percepção das necessidades para a melhor solução é o desafio.

9.3 Recomendações Finais

Por estar inserido na espacialidade mais dinâmica do país, integrando a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), o município de Santo André revela uma realidade sociambiental suscetível a desastres relacionados às chuvas, em especial, enchentes ou inundações, constituindo um contingente de afetados que recorrentemente vivencia situações de danos materiais e imateriais. Erros históricos no processo de urbanização do referido município, como a criação de vias marginais e ocupação por moradias em áreas de várzeas, em especial moradias subnormais, podem estar sendo repetidos em outras localidades, as quais também careçam de políticas públicas para atendimento eficaz aos afetados.

Ao tomar em conta a ótica dos afetados para apontar as insuficiências, ineficácias ou ausências de políticas de redução de desastres, sinaliza-se para a possibilidade de mudança qualitativa das práticas decisórias rumo a uma autêntica governança ambiental. Nesse aspecto, o discurso do sujeito coletivo dos afetado pelas enchentes no município de Santo André, objeto deste estudo, deveria passar a ser uma das referências para que a Defesa Civil do município, em conjunto com os demais órgãos do executivo municipal, cooperassem em busca de novas formas de atuação junto com as comunidades vulneráveis visando uma produção social de lugar mais sustentável.

Embora tenha se tratado de um estudo de caso, cujas peculiaridades elencadas não permite, metodologicamente, generalizações, é relevante dizer que, em contextos similares, a modificação da visão técnica para a visão social do problema

pode ser um passo adiante, promovendo-se uma comunicação de risco no qual os moradores não são apenas tidos como vítimas potenciais, mas colaboradores na redução da sua vulnerabilidade, num ambiente negocial que seja possível a valorização concomitante do conhecimento empírico e técnico.

Enfim, as interpretações dos desastres na ótica de grupos afetados abrem portas para que o gestor público tenha o entendimento, sobretudo em bases qualitativas, do processo psicossocial pelo qual as famílias vivenciam, no desastre, a desconstrução de suas rotinas e de seus papéis sociais ativos para reconstruí-los em bases sempre mais precárias. Isto é, a cada experiência de enchente, o sofrimento emocional do afetado, o seu empobrecimento devido à perda de bens de difícil reposição, o sentimento de impotência associado à degradação de si mesmo, como um tipo de dano moral, repercute nas suas interações privadas e públicas de maneira deletéria. E o grupo afetado, por seu turno, possa compreender, nas ações técnicas, uma preocupação pública com a resolução daquela situação adversa.

Vai daí, que tal entendimento pode abrir caminhos para a reformulação de políticas públicas, promovendo, mais do que intervenções estruturais e não-estruturais na localidade em risco, a promoção de uma cidadania participativa na qual os danos materiais e psicossociais relacionados às enchentes tornem-se um passado significativo; porém, superado.

REFERÊNCIAS

AVADAN. Departamento de Defesa Civil de Santo André. Santo André: SEMASA: PSA, 2007.

BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, Anthony; ULRICH, Beck; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 11-71.

BURTON, I.; KATES, R. W.; WHITE, G. F. **The environment as hazard**. New York: Oxford University, 1978. 240p.

CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. **Glossário de defesa civil: Estudos de riscos e medicina de desastres**, **Imprensa nacional**. 2 ed. rev. e ampl. 1998. Disponível em: <<http://www.defesacivil.gov.br/publicacoes/publicacoes/glossario.asp>>. Acesso em: 01 abr. 2007.

CEPAGRI. **Centro de pesquisas meteorológicas e climáticas aplicadas à agricultura**, 2007. Disponível em: <<http://www.cpa.unicamp.br/outras-informacoes/clima-dos-municipios-paulistas.html>>. Acesso em: 01 abr. 2007.

COHEN, Marcelo. **Departamento de Geologia da UFPA**. Disponível em: <<http://www.fgv.centrodeestudosemsustentabilidade>>. Acesso em: 10 mar. 2007.

CPA. Disponível em: <<http://www.cpa.unicamp.br/outras-informacoes/paginas-recomendadas/meteorologia-e-climatologia.html>>. Acesso em: 01 abr. 2007.

DINIZ, Clélio Campolina; DINIZ, Bernardo Palhares Campolina. **A região metropolitana de São Paulo: reestruturação, reespecialização e novas funções**. Documento elaborado no âmbito do Convênio CEPAL/IPEA. Disponível em: <<http://www.cepal.org/publicaciones/xml/1/27841/LCBRSR178ClelioCampolinaeBernardoPalhares.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2007.

DDC: Mapa de risco. Santo André: SEMASA: PSA, 2005. Disponível em: <<http://www.semasa.sp.gov.br>>. Acesso em: 01 abr. 2007.

EIRD. **Estrategia Internacional para la Reducción de Desastres**. Disponível em : <<http://www.eird.org>>. Acesso em 01 abr. 2007.

FREITAS, C.M.; GOMEZ, C.M. **Análise de riscos tecnológicos na perspectiva das ciências sociais. História, ciências e saúde** – Man-guinhos, v. 3, n. 3. Rio de Janeiro: 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701996000300006&lng=pt&nrm=iso

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, Anthony; ULRICH, Beck; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 73-133.

GUIVANT, Julia S. Contribuições da sociologia ambiental para os debates sobre desenvolvimento rural sustentável e participativo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v.19, p.72-88, out. 2002. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dezenove/julia19.htm>>. Acesso em: 16 jul. 2008.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 01 abr. 2007.

IPCC. **Relatório do IPPC**. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br>>. Acesso em: 11 set. 2007.

IRWIN, A. **Sociology and the environment: a critical introduction to society, nature and knowledge**. [s.l.]: Brunel University, 2001.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo**. ed. rev e ampl. Caxias do Sul: Educs, 2003.

LEFEVRE, Fernando, LEFEVRE Ana Maria Cavalcanti, **Depoimento e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Liber Livro, 2005.

LEFEVRE, Fernad & LEFEVRE Ana Maria (2006) Promoção de saúde - **A negação da negação** Editora: Vieira & Lent, 2006

LINDELL , Michael K.; PERRY, Ronald W. **Communicanting environmental risk in multiethnic communities**. London: Sage Plublications, Inc , 2004.

LIETZMAN, Kurt M.; VEST, Gary D. Environmental & security in an international context. **NATO/Committee on the Challenges of Modern Society – Executive Summary Report**. n.5, summer 1999, pp 34-48.

MATEDI, M. Antonio, BUTZKE, Ivani Cristina, A relação entre o social e o natural nas abordagens de harzards e de desastres. **Revista Ambiente e Sociedade**, ano 4, n. 9, semestral, 2001.

MESTRE, José Francisco. **Relatório elaborado sob orientação do CMG Cervaes Rodrigues, no âmbito do Curso de Defesa Nacional (2003/04)**. Disponível em: <<http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=51>>. Acesso em: 26 jul. 2007.

MILETI, D. S. **Disasters by design**: a reassessment of natural hazards in the United State. Washington: Joseph Henry Press of the National Academy of Sciences, 1999.

NARDOCCI, Adelaide C. Painel internacional de mudanças do clima: a base das ciências físicas , sumário para os formuladores de políticas, painel intergovernamental sobre mudança do clima PNUMA, OMM, 2007 . **Revista de Direito Sanitário**, v.3, n.1 , mar. 2002.

OMM. **Organização Meteorológica Mundial**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_Meteorol%C3%B3gica_Mundial>. Acesso em: 11 set. 2007.

PNUD. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/home>>. Acesso em: 01 abr. 2007.

PSA. Diagnóstico do uso e ocupação do solo de Santo André. Santo André: PMSA, 1998. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br>>. Acesso em: 11 set. 2007.

PSA: Prefeitura de Santo André: dados estatísticos. Santo André: PSA, 2003. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br>>. Acesso em: 11 set. 2007.

SANTOS, Magda Carmo dos. **Águas revolta**: histórias das enchentes em Santo André. Santo André: Semasa: PSA, 2002.

SANTOS, Paulo Marques dos Santos et al. **Evolução climática na região metropolitana de São Paulo**. São Paulo: IAG, 2006.

SEADE. **Fundação sistema estadual de análise de dados**, 2005. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em: 11 set. 2007.

SEMASA. **Dados de relatórios de gestão**. Santo André, 2007. Disponível em: <<http://www.semasa.sp.gov.br>>. Acesso em: 11 set. 2007.

SIENA, M.; VALENCIO, N. F. L. S. Moradias afetadas pelas chuvas: dimensões objetivas e subjetivas dos dando pelo recorte de gênero. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 3., 2006, Brasília. Anais... Brasília: ANPPAS, 2006. 16p.

SILVA, Carlos Celso do Amaral. **Curso de gestão ambiental**. São Paulo: Manole, 2004, 791 p.

VALENCIO, N. F. L. S. et al. A produção social do desastre: dimensões técnicas e político-institucionais da vulnerabilidade das cidades brasileiras frente às chuvas. São Carlos. **Revista Teoria e Pesquisa**, v. 44-45, p. 67-115, 2004.

VALENCIO, N. F. L. S. et al. **Diante dos escombros**: perdas materiais e imateriais da moradia atingida por desastre a partir do olhar da mulher. Paper apresentado no Encontro Internacional de Psicologia dos Desastres. Buenos Aires, 2007, 13 p.

VALENCIO, N.F.L.S. et AL (2006). Implicações éticas e sociopolíticas das práticas de defesa civil diante das chuvas: reflexões sobre grupos vulneráveis e cidadania participativa. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação Seade, v. 20, n. 1, p. 96-108, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>; <<http://www.scielo.br>>

VALENCIO, N.F.L.S. et AL (2005). VALENCIO, N.F.L.S. (SIENA, M.; MARCHEZINI, V.; CRISTOFANI, G. Chuvas no Brasil: representações e práticas sociais. *Política e Sociedade*, v. 4. Florianópolis: 2005. p. 163-183.

VALENCIO, N.F.L.S. et al.(2004) .A produção social do desastre: dimensões técnicas e político-institucionais da vulnerabilidade das cidades brasileiras frente às chuvas. *Teoria e Pesquisa*, v. 44-45. São Carlos: 2004. p. 67-115.

Wikipedia. **A enciclopédia livre**. Disponível em: <[http://pt..org/wiki/Santo_Andr%C3%A9_\(S%C3%A3o_Paulo\)](http://pt..org/wiki/Santo_Andr%C3%A9_(S%C3%A3o_Paulo))>. Acesso em 01 abr. 2007.

ANEXO 1

GERAL

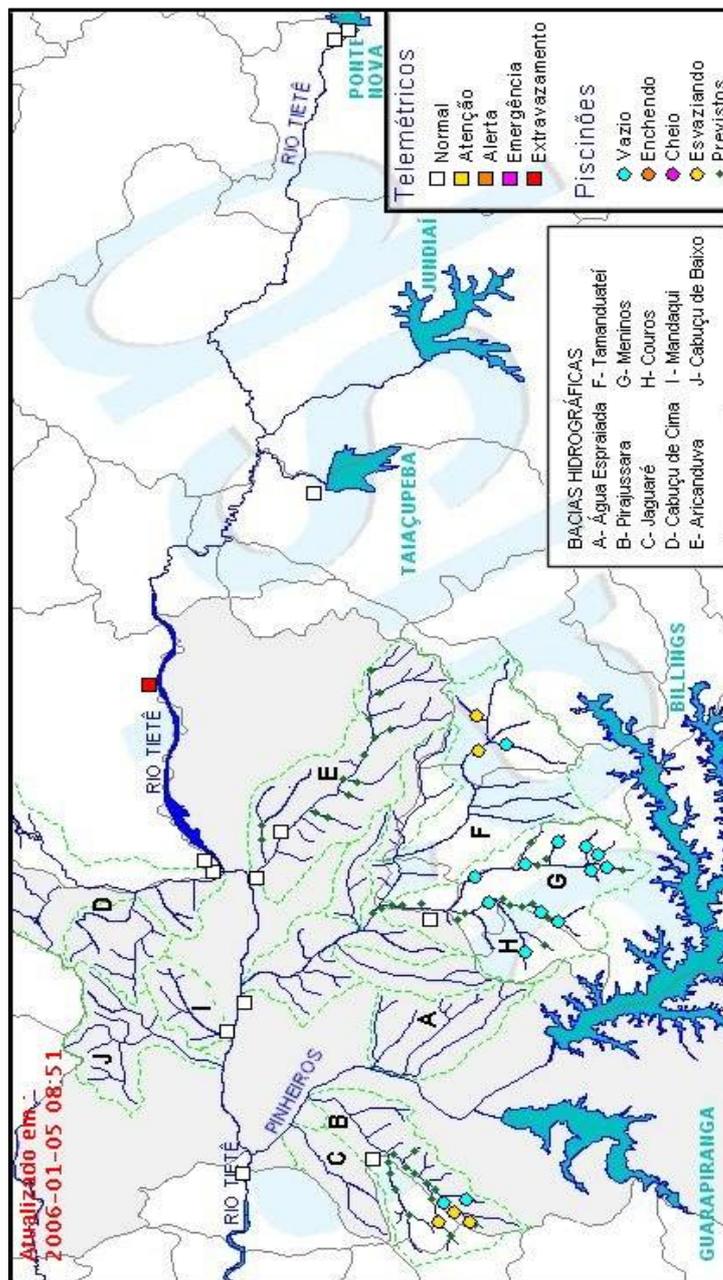
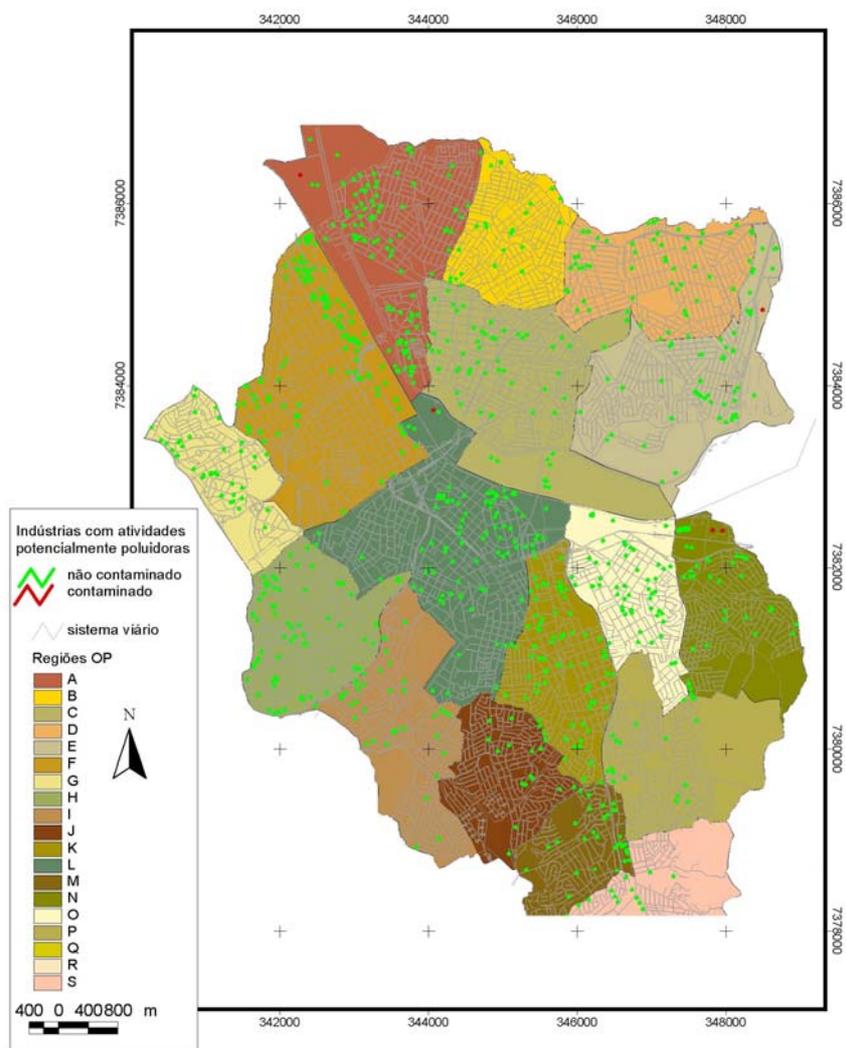


Figura 1

MAPA DOS PISCINÕES E TELEMETRIA DO DAEE NAS BACIAS HIDROGRÁFICAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

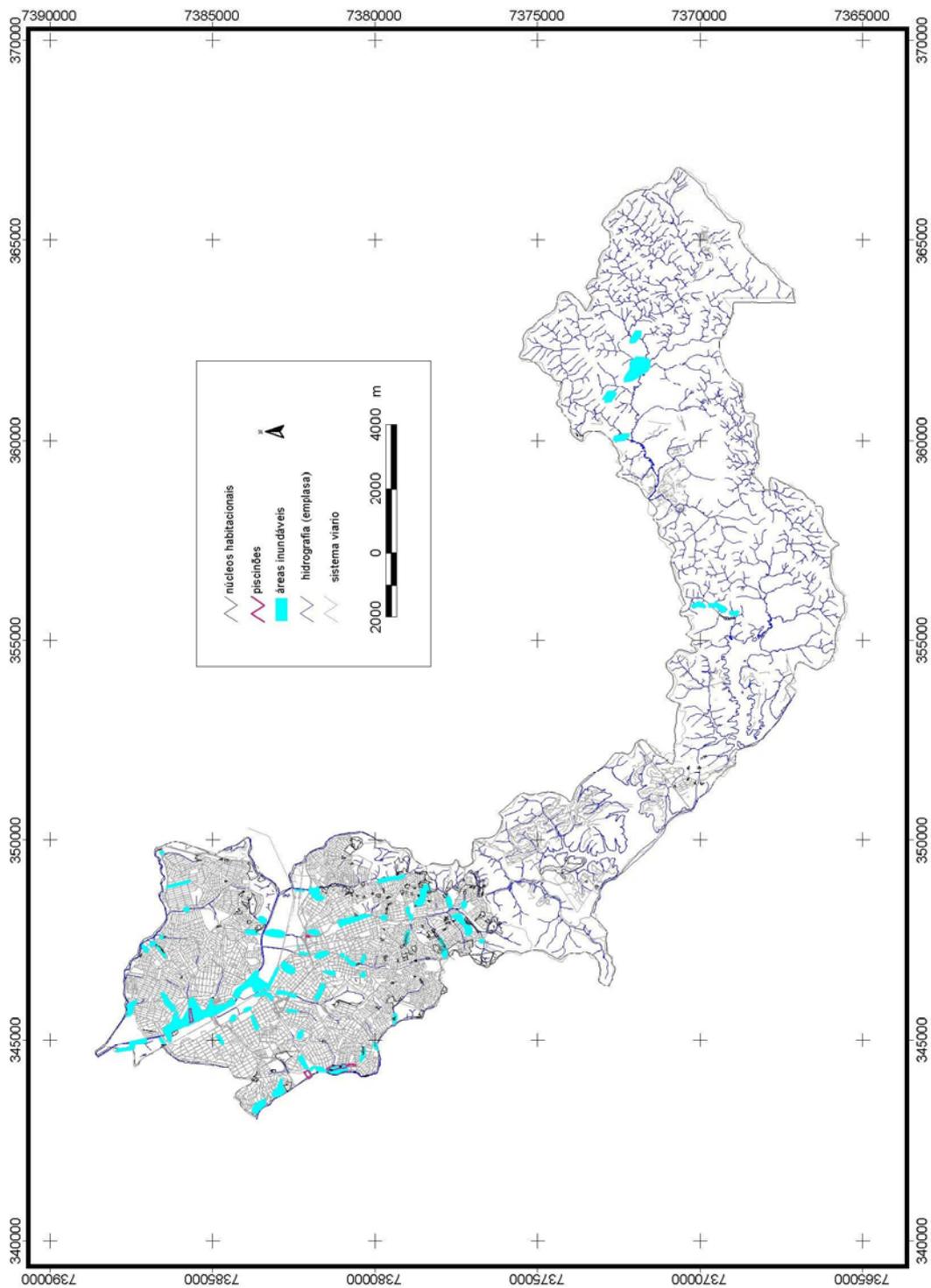
ANEXO 2

MAPAS CIDADE DE SANTO ANDRÉ

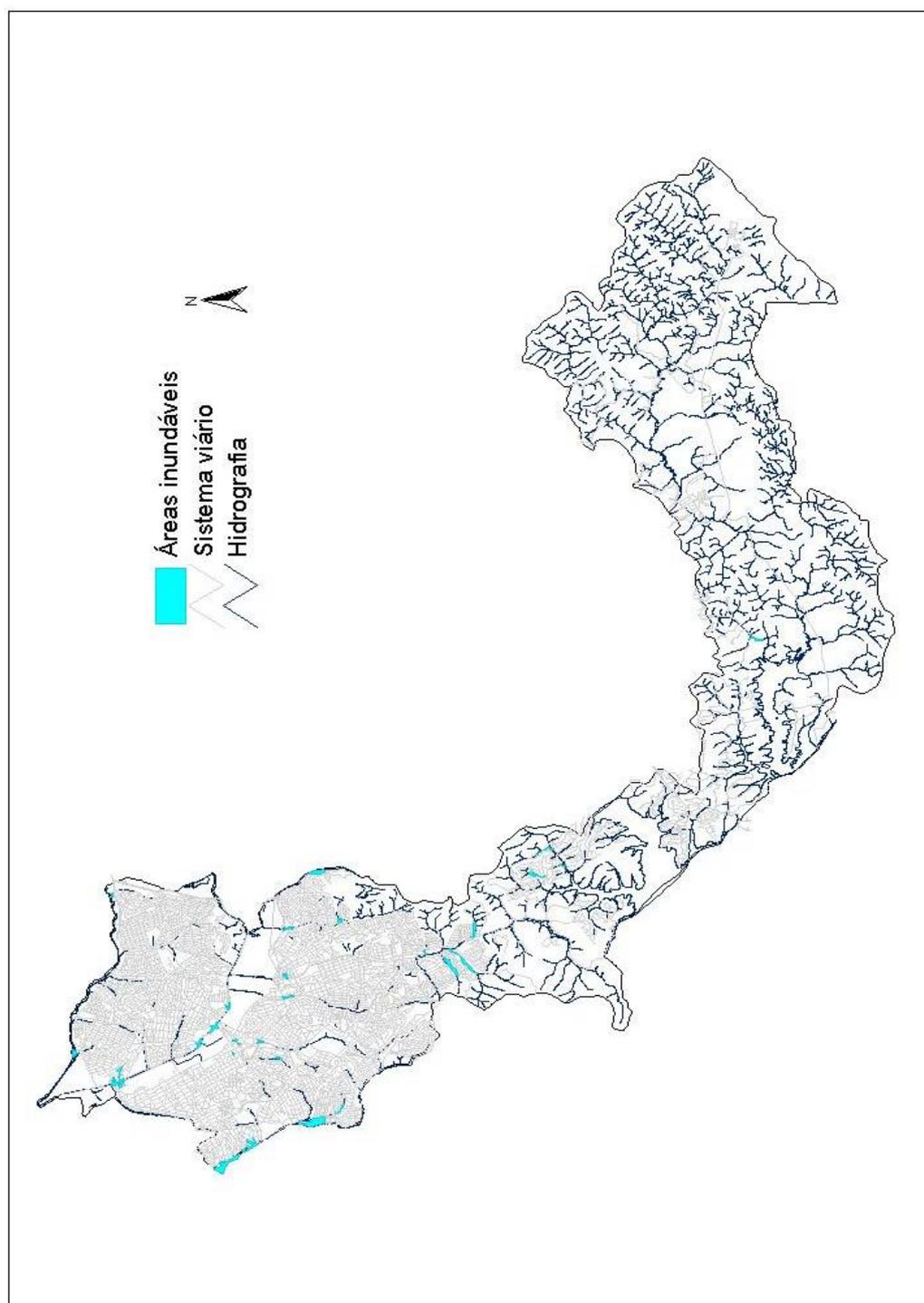


Mapa 1
LOCALIZAÇÃO DAS INDUSTRIAS DA CIDADE DE SANTO ANDRÉ – 2006

FONTE: PMSA,2006

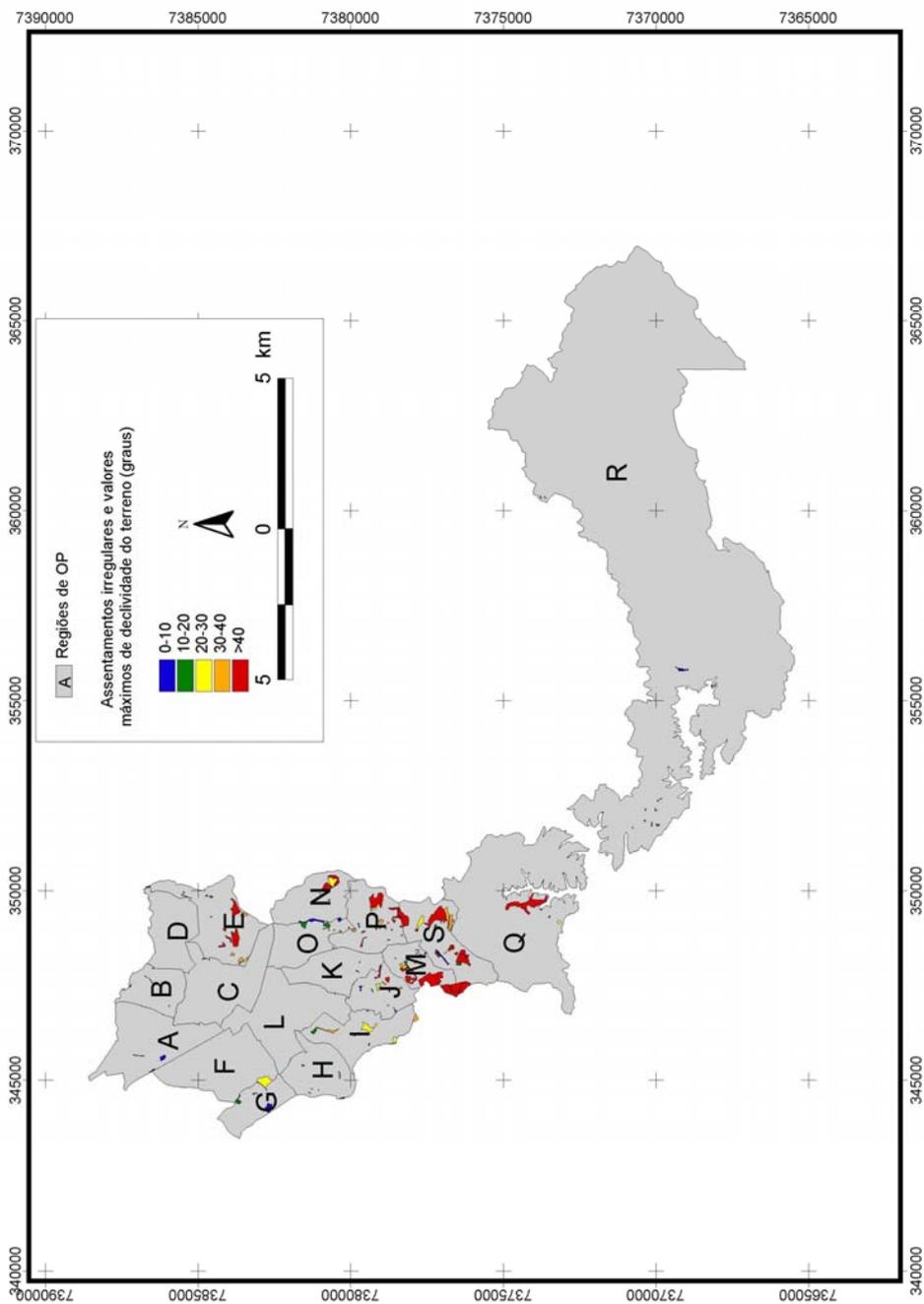


Mapa 2
 LEVANTAMENTO ÁREAS INUNDÁVEIS DA CIDADE DE SANTO ANDRÉ – 2000



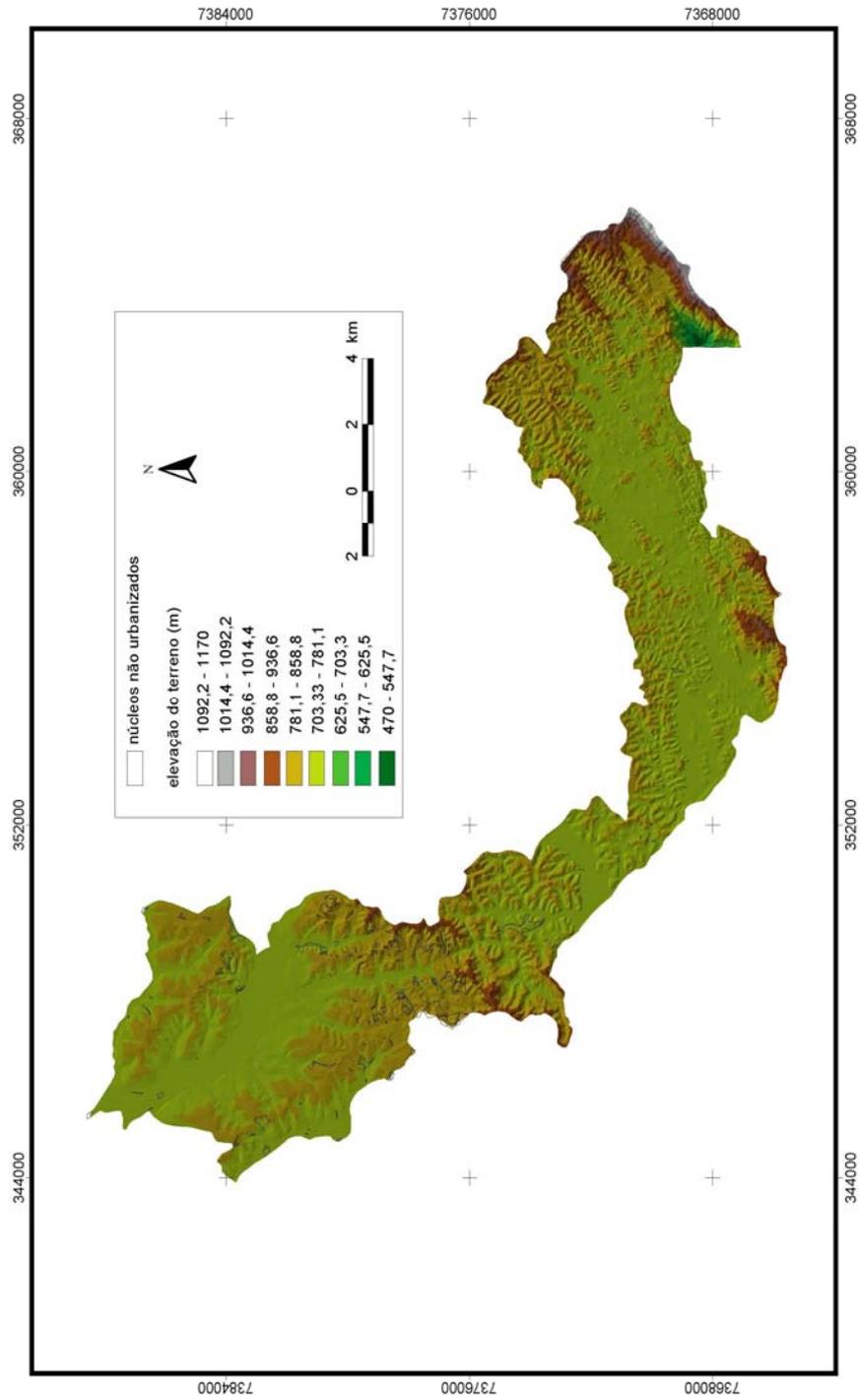
Mapa 3

LEVANTAMENTO DAS ÁREAS INUNDÁVEIS NA CIDADE DE SANTO ANDRÉ – 2006



Mapa 4

LEVANTAMENTO ASSENTAMENTOS IRREGULARES DA CIDADE DE SANTO ANDRÉ



Mapa 5
 LEVANTAMENTO PLANI-ALTIMÉTRICO DA CIDADE DE SANTO ANDRÉ

ANEXO 3

MAPA DE RISCO DA CIDADE DE SANTO ANDRÉ

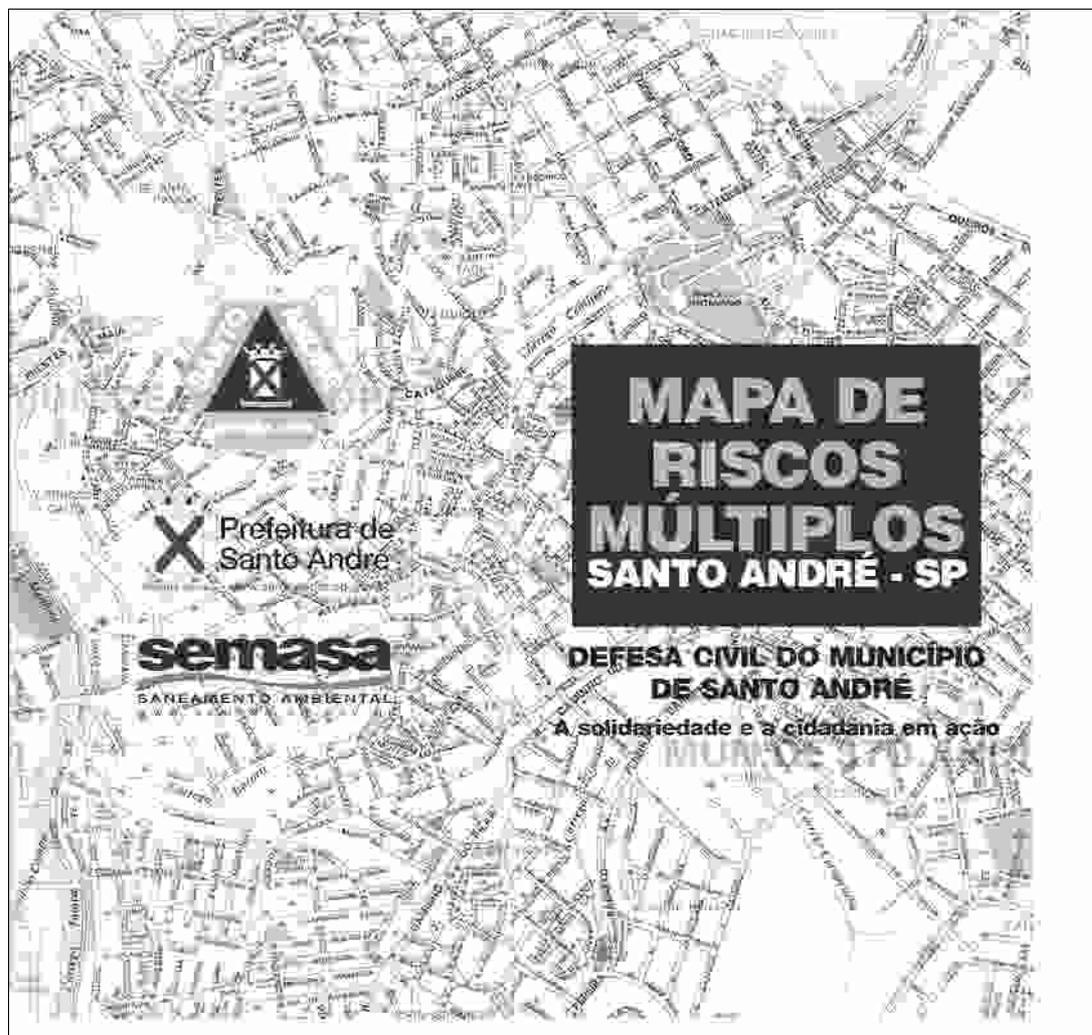


Figura 1
MAPA DE RISCO 2001

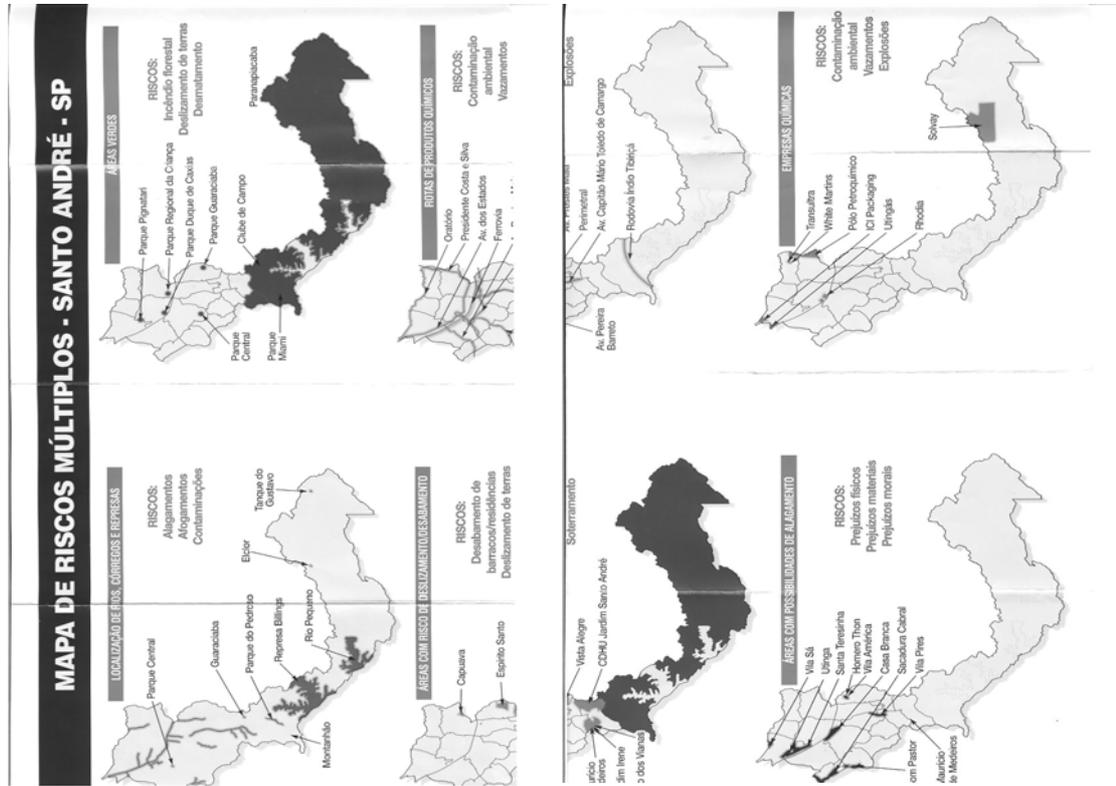


Figura 2
Mapa de risco 2001



Figura 3
CAPA MAPA DE RISCO 2006

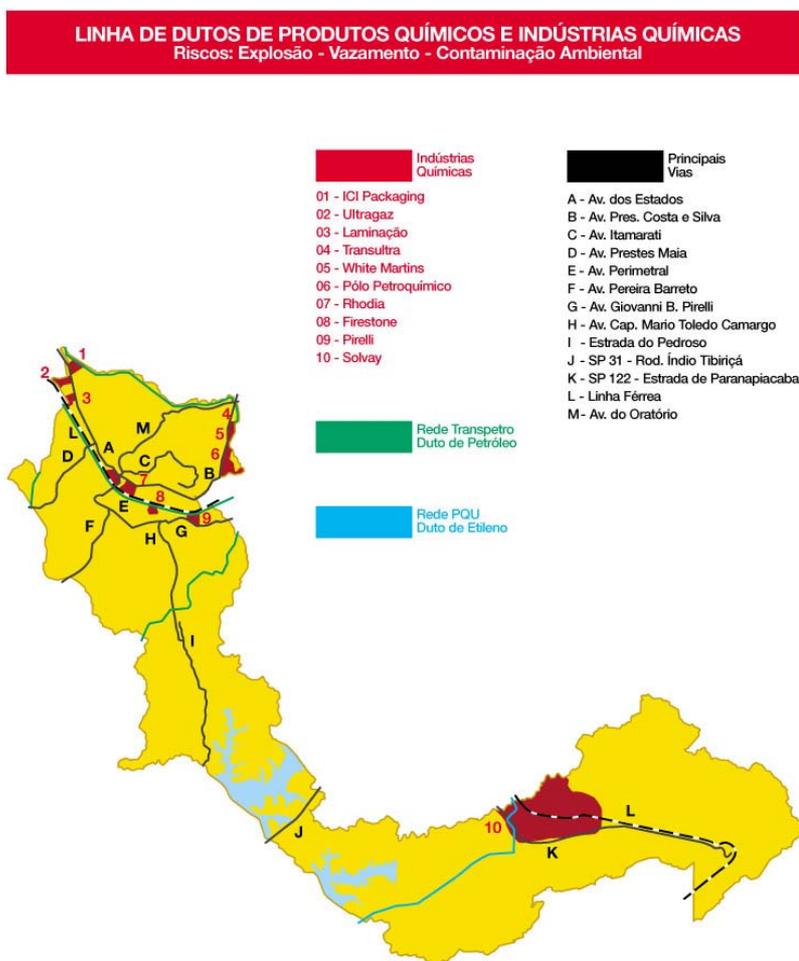


Figura 4

MAPAS DE RISCO 2005/2006 – DUTOS E INDÚSTRIAS PETROQUÍMICA

ELABORAÇÃO DDC SEMASA, 2005

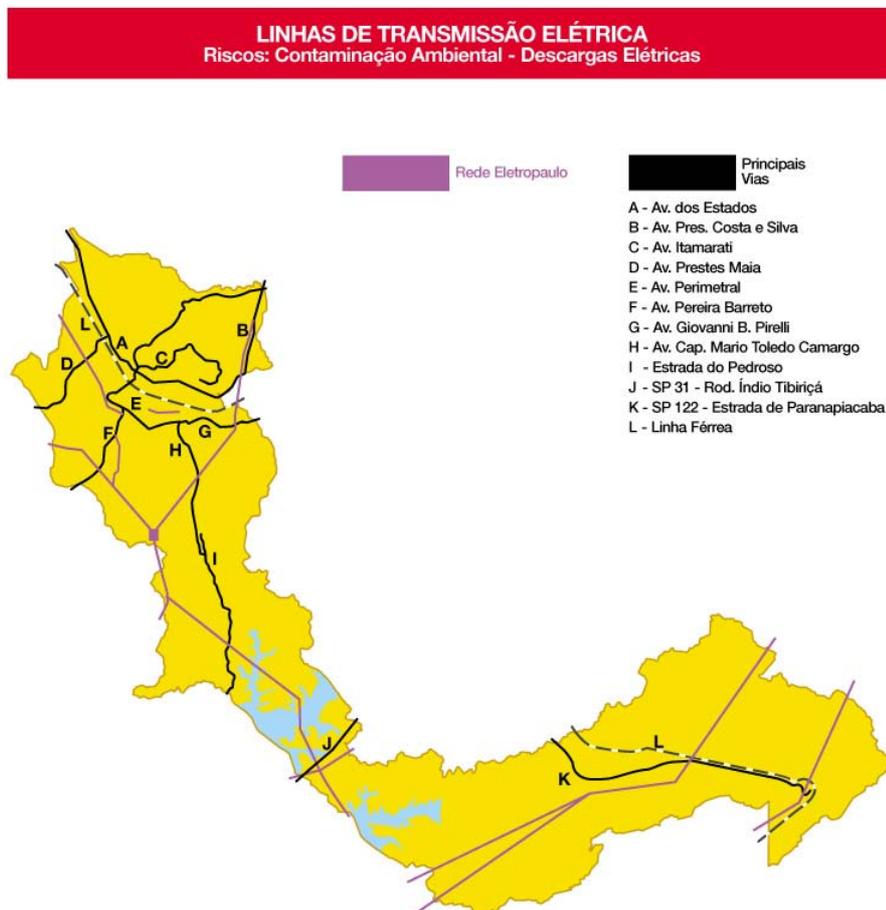


Figura 5
MAPAS DE RISCO 2005/2006 – ELETRICIDADE

ELABORAÇÃO DDC SEMASA, 2005



Figura 6

MAPAS DE RISCO 2005 -2006 - PRINCIPAIS RIOS

ELABORAÇÃO DDC SEMASA, 2005

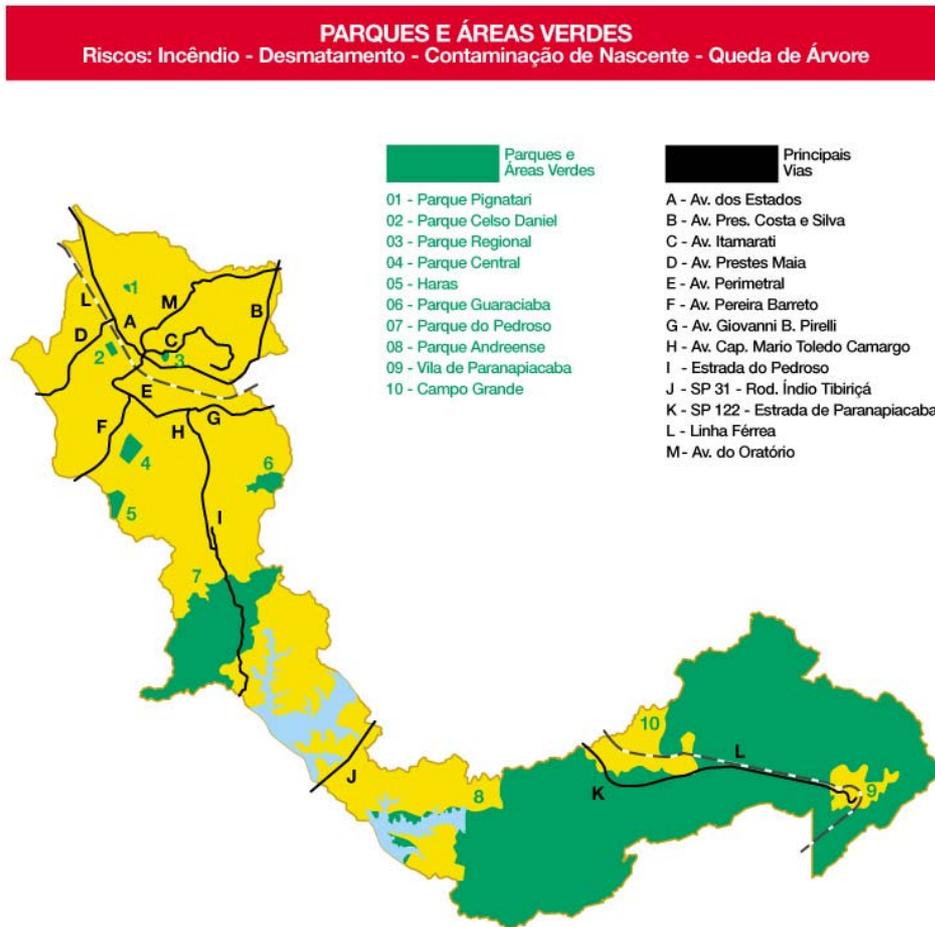


Figura 7
MAPAS DE RISCO 2005/2006 – ÁREAS VERDES

ELABORAÇÃO DDC SEMASA, 2005



Figura 8

MAPAS DE RISCO 2005/2006 – RISCOS GEOLÓGICOS

ELABORAÇÃO DDC SEMASA, 2005



Figura 9
MAPAS DE RISCO 2005/2006 – EMERGÊNCIA

ELABORAÇÃO DDC SEMASA, 2005



Figura 10

MAPAS DE RISCO 2005/2006 – TRANSPORTE DE PRODUTOS PERIGOSOS - ROTAS

ELABORAÇÃO DDC SEMASA, 2005



Figura 11

MAPAS DE RISCO 2005/2006 – ENCHENTES

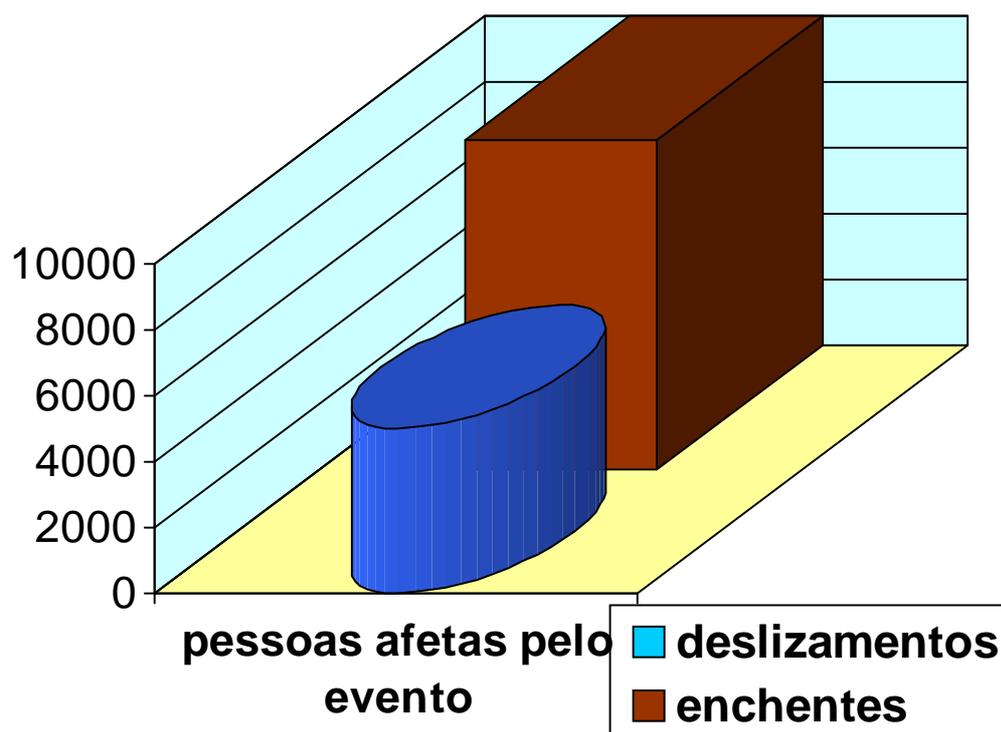
ANEXO 4**POCV 2004 /2005
LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO**

Gráfico 1

PESSOAS AFETADAS POR DESASTRE – POR TIPO DE EVENTO

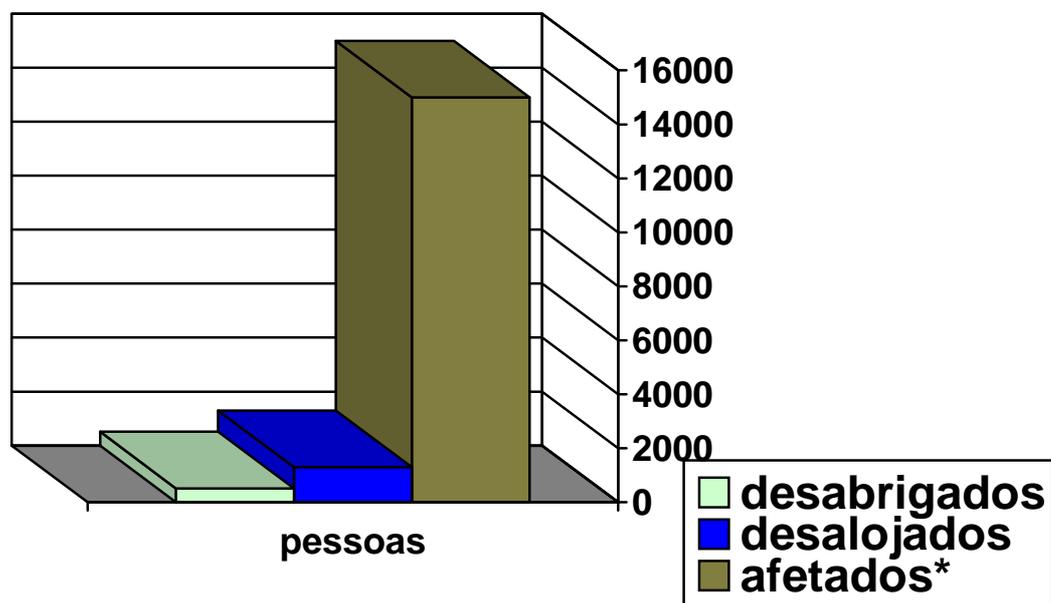


Gráfico 2

PESSOAS AFETADAS POR DESASTRE – POR PERDA DE MORADIA

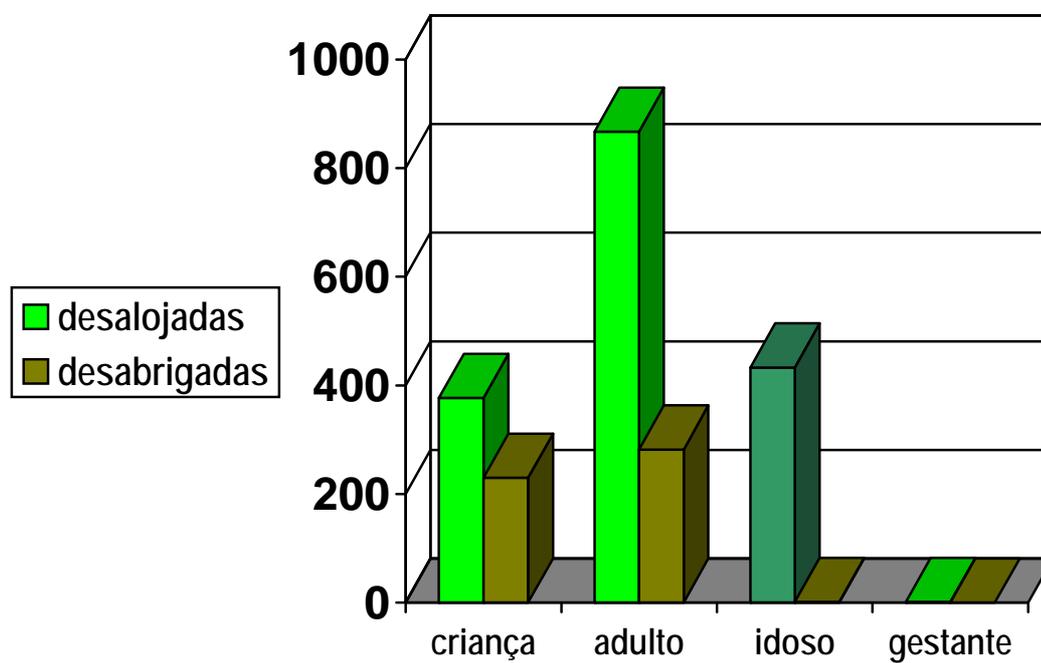


Gráfico 3
PESSOAS AFETADAS POR DESASTRE – POR IDADE

Fonte :DDC-SEMASA 2005

ANEXO 5

PRINCIPAIS OBRAS DE DRENAGENS EXECUTADAS NA CIDADE DE SANTO ANDRÉ DE 1997 A 2006

<i>OBRA</i>	<i>POPULAÇÃO BENEFICIADA</i>	<i>VALOR INVESTIDO (R\$)</i>	<i>FOTO DAS OBRAS</i>
CONTENÇÃO DAS MARGENS DO RIO TAMANDUATEÍ	1.000.000	8.572.184,39	
SISTEMA DE DRENAGEM DAS BACIAS DOS CÓRREGOS CARAPETUBA E CEMITÉRIO	5.500	10.319.876,39	
CANALIZAÇÃO DO CÓRREGO DA AV INDUSTRIAL	7.000	1.416.620,56	
SISTEMA DE DRENAGEM E TANQUE DE CONTENÇÃO DA VILA AMÉRICA	4.000	5.531.344,29	
SISTEMA DE MICRO DRENAGEM NA VILA PIRES	8.700	7.500.000,00	

TOTAL..... 33.340.025,63

Tabela 1

Obras de contenção das grandes enchentes executadas pelo SEMASA

ANEXO 6

AVADAN

		AVALIAÇÃO DE DANOS			
1 - Tipificação		2- Data de Ocorrência			
Código	Denominação	Dia	Mês	Ano	Horário
3- Localização					
UF	Município				
4 – Área Afetada					
Tipo de Ocupação	Não existe/ Não afetada	Urbana	Rural	Urbana e Rural	
Residencial	o	o	o	o	
Comercial	o	o	o	o	
Industrial	o	o	o	o	
Agrícola	o	o	o	o	
Pecuária	o	o	o	o	
Extrativismo Vegetal	o	o	o	o	
Reserva Florestal ou APA	o	o	o	o	
Mineração	o	o	o	o	
Turismo e outras	o	o	o	o	
Descrição da Área Afetada					
5 - Causas do Desastre - Descrição do Evento e suas Características					
SECRETARIA DE DEFESA CIVIL - SEDEC Esplanada dos Ministérios - Bloco "E" - 6º Andar Brasília/DF 70067-901			Telefones - (061) 223 - 4717 (061) 414 - 5802 (061) 414 - 5806 Telefax - (061) 226 - 7588		

Figura 1

Modelo do AVADAN

Fonte SEDEC 2006

6 - Danos Humanos	0 a 14 anos	15 a 64 anos	Acima de 65 anos	Gestantes	Total
Número de Pessoas					
Desalojadas					
Desabrigadas					
Deslocadas					
Desaparecidas					
Levemente Feridas					
Gravemente Feridas					
Enfermas					
Mortas					
Afetadas					

7 - Danos Materiais Edificações	Danificadas		Destruídas		Total
	Quantidade	Mil R\$	Quantidade	Mil R\$	Mil R\$
Residenciais Populares					
Residenciais - Outras					
Públicas de Saúde					
Públicas de Ensino					
Infra-Estrutura Pública					
Obras de Arte					
Estradas (Km)					
Pavimentação de Vias Urbanas (Mil m ²)					
Outras					
Comunitárias					
Particulares de Saúde					
Particulares de Ensino					
Rurais					
Industriais					
Comerciais					

ANEXO 7

DADOS ESTATÍSTICOS – ENCHENTES

BACIA	BAIRRO	ANO						
		2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007*
Billings	Recreio da Borda do	0	1	0	0	0	2	2
	Jardim Clube de Campo	0	1	0	1	0	1	0
	Parque Rio Grande	0	0	0	1	0	1	0
	Parque América	0	0	0	0	0	1	0
	Jardim Eugênio de Lima	0	1	0	1	0	2	0
Itrapoã	Cidade São Jorge	8	4	5	4	2	10	3
	Centreville	1	0	0	0	0	2	0
Cassaquera	Parque Gerassi	1	1	0	0	0	0	1
	Vila Homero Thon	6	0	2	0	0	4	1
	Parque Guaraciaba	0	0	0	0	1	0	0
	Vila Metalúrgica	6	1	1	2	2	2	5
Tamanduateí	Parque João Ramalho	4	3	1	1	0	2	2
	Jaçatuba	5	4	2	1	3	3	0
	Bangu	3	1	1	1	2	1	1
	Santa Terezinha	3	1	1	3	2	3	0
	Utinga	2	1	1	2	1	1	0
	Campestre	0	1	0	0	0	1	0
	Jardim Cambuí	0	0	0	0	0	1	0
	Taióca	Jardim Cristiane	0	0	0	0	0	1
Apiai	Vila Alzira	2	0	1	1	1	5	2
	Vila Helena	0	0	0	0	0	1	0
	Jardim Progresso	0	0	0	0	1	0	0
Oratório	Jardim Ana Maria	2	2	1	0	0	1	1
	Parque Novo Oratório	4	2	1	4	2	1	1
	Jardim Utinga	0	0	0	1	0	0	0
	Vila Lucinda	2	0	0	2	0	0	0
	Jardim Santo Alberto	0	1	2	1	0	0	0
	Vila Sá	9	3	4	6	6	5	0
	Parque Erasmo Assunção	0	0	0	1	0	0	0
Carapetuba e Cemitério	Centro	7	1	0	1	1	3	0
	Vila Bastos	0	0	0	0	0	1	0
	Jardim	0	2	0	0	1	3	0
	Jardim Bela Vista	0	0	0	0	0	0	1
	Casa Branca	8	0	0	1	0	0	0
Araçatuba I (Meninos)	Vila Scarpelli	0	0	0	0	0	1	0
	Jardim Stella	0	0	0	0	0	0	1
Guarará	Sítio dos Vianas	0	0	0	0	1	5	0
	Jardim Santo André	3	0	1	0	1	2	0
	Vila João Ramalho	0	0	0	0	1	1	0
	Jardim Irene	0	0	3	4	8	18	3
	Jardim Santa Cristina	0	0	0	0	0	1	0
	Silveira	0	0	0	0	0	1	0
	Vila Pires	5	4	4	4	1	3	2
	Vila Vitória	3	1	1	0	1	3	0
	Vila Luzita	2	0	6	8	6	10	1
	Vila América	3	0	2	3	2	1	1
Meninos	Vila Palmares	8	2	3	2	3	9	5
	Jardim Bom Pastor	2	1	0	0	2	4	1
	Vila Sacadura Cabral	7	1	1	1	2	7	0
	Vila Príncipe de Gales	0	0	0	0	1	3	0
	Vila Floresta	0	1	0	0	2	3	0
	Vila Valparaíso	0	1	0	0	1	0	0
	TOTAL	106	42	44	57	57	130	35

* Até 31/10/2007

FONTES:
Relatórios Pós-Chuva 2001-2006
Ordens de Serviço 2001-2007 - Relatórios de Vistoria em Ocorrência 2004-2007

Tabela 1 - ENCHENTES SANTO ANDRÉ POR BAIRRO - 2001 A 2007

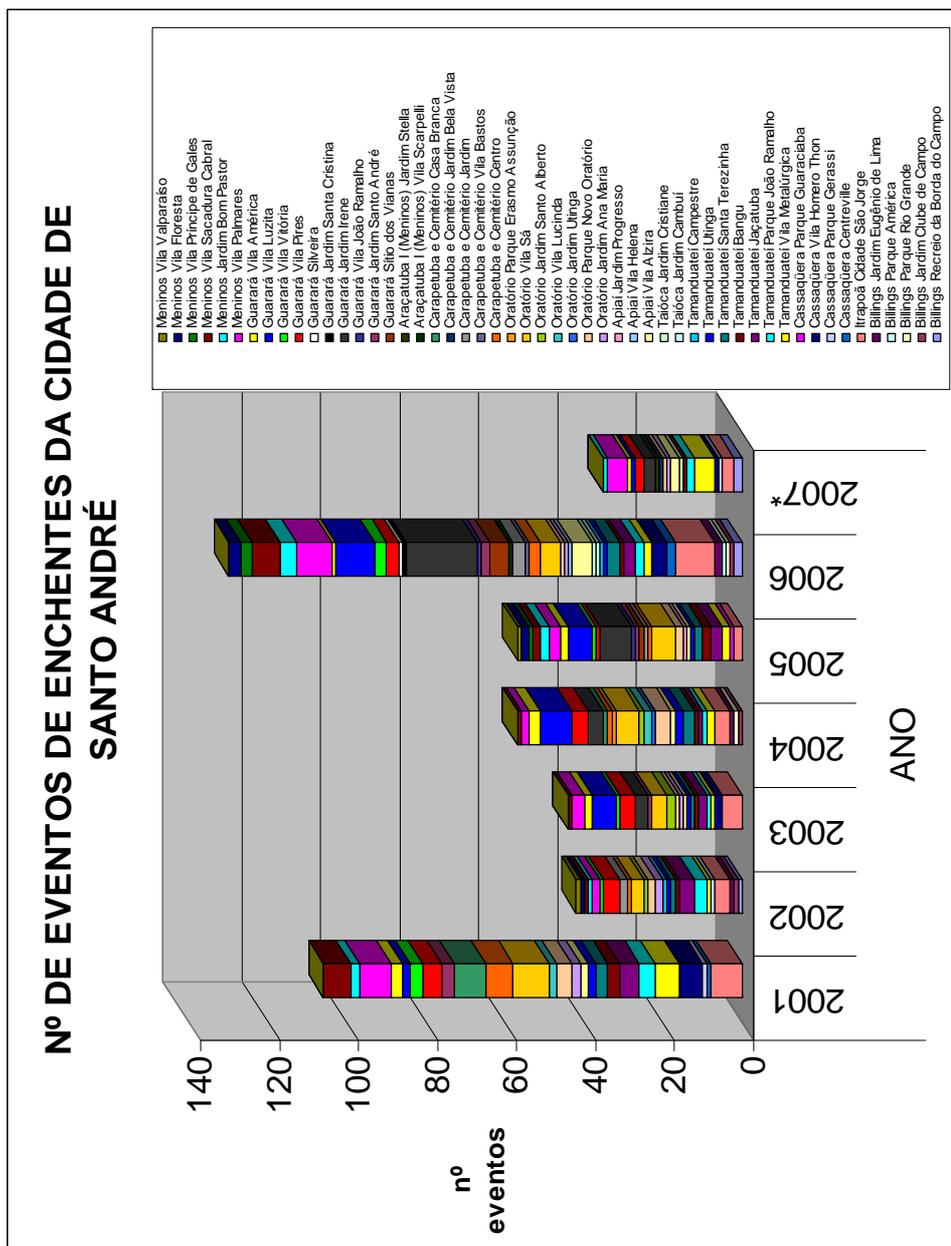


Gráfico 2
NÚMERO DE EVENTOS DE ENCHENTES NA CIDADE

ANEXO 8

TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO DA PESQUISA ORAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

As pessoas abaixo assinadas e identificadas declaram, por meio deste termo, concorda em ser entrevistado (a) na pesquisa de campo referente ao projeto para tese de mestrado intitulado: **Representação Social dos Desastres Relacionados às Chuvas no Município de Santo André na Universidade São Paulo – São Carlos.**

Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Prof^a Dr^a Norma Valencio e executada pelo mestrando Rafael A. T Neves a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 44339717 ou e-mail rafaalneves@semasa.sp.gov.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é buscar o discurso da representação social da população atingida pelas enchentes.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu(s) orientador (es) / coordenador (es).

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado (a), poderei contatar o (a) pesquisador (a) responsável ou seus orientadores, O (a) pesquisador (a) principal da pesquisa me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos

Santo André, 29 de setembro de 2007

Eng^o Rafael Antonio Teixeira das Neves

QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO

DATA: 29 / 09 / 2007		BAIRRO: Jd Bom Pastor	
NOME:		<input type="checkbox"/> Chefe da família <input type="checkbox"/> Filho (a) <input type="checkbox"/> Outros: _____	
ENDEREÇO:			
DATA DE NASC.: / /		CIDADE ONDE NASCEU:	
PROFISSÃO:	GRAU DE INSTRUÇÃO		
	<input type="checkbox"/> Analfabeto	<input type="checkbox"/> 1º à 4ª série 1º grau (básico)	
	<input type="checkbox"/> 6ª / 7ª série 1º grau (fundamental)	<input type="checkbox"/> 1º grau completo (fundamental)	
	<input type="checkbox"/> 2º grau incompleto (médio)	<input type="checkbox"/> 2º grau completo (médio)	
<input type="checkbox"/> Superior incompleto		<input type="checkbox"/> Superior completo	
RENDA FAMILIAR (salários mínimos):			
RESIDÊNCIA: <input type="checkbox"/> Própria <input type="checkbox"/> Alugada		TEMPO DE MORADIA NO LOCAL: _____	
COMÉRCIO: <input type="checkbox"/> Próprio <input type="checkbox"/> Alugado			
ÁREA REGULARIZADA? <input type="checkbox"/> NÃO - Tem cadastro Habitação?: <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> SIM - CF : _____ - _____ - _____			
HÁ ENCHENTE ? :	ONDE		ALTURA DA ÁGUA
	<input type="checkbox"/> Na minha rua não inunda		-----
	<input type="checkbox"/> Enche somente a rua		-----
	<input type="checkbox"/> Enche até o quintal		
	<input type="checkbox"/> Enche dentro de casa		

SE JÁ PASSOU POR SITUAÇÃO DE ENCHENTE NO LOCAL

Quantas enchentes acontecem aqui por ano?		Qual época:	
Data última enchente:			
Na sua opinião qual a causa da enchente?			
Quanto tempo que a água demora a baixar?			
Tem algum recurso na sua casa para evitar enchente? <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim qual?		<input type="checkbox"/> comporta	<input type="checkbox"/> válvula de retenção
		<input type="checkbox"/> bomba	<input type="checkbox"/> alteamento da casa
Quando enche sua família precisa sair de casa? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não		Se a resposta for sim, onde se abriga? <input type="checkbox"/> casa de parentes <input type="checkbox"/> casa de amigos <input type="checkbox"/> outros	
Vem muito lixo junto com a enchente?			
Quais as perdas da família nos dias de enchente? (danos materiais)			
sempre : _____			
às vezes: _____			
raramente: _____			

COMPOSIÇÃO FAMILIAR

	NOME	IDADE	SEXO	PARENTESCO	DEFICIENTE	GESTANTE
1.						
2.						
3.						
4.						
5.						
6.						

QUESTIONÁRIO QUALITATIVO

ROTEIRO:

2 PEDIR PARA ASSINAR O TERMO DE CONSENTIMENTO

3 INICIAR A GRAVAÇÃO COM AS PERGUNTAS: Nome Idade Ocupação

4 QUESTIONÁRIO

EXPLICAR AO ENTREVISTADO QUE ELE DEVERÁ RESPONDER AS QUESTÕES DE FORMA A MOSTRAR SUA VISÃO SOBRE A SITUAÇÃO DO DESASTRE: A IDÉIA É DESCOBRIR O QUE ACONTECE QUANDO HÁ ENCHENTE NO BAIRRO

1. **Você já foi vítima de enchentes, não é mesmo? Explique para mim como é, para você, ser vítima de enchente?** (QUAIS EMOÇÕES, SENTIMENTOS FRENTE AO DESASTRE)
2. **As pessoas costumam reagir às enchentes de diferentes modos, não é? Como é a sua reação?** (PEDIR PARA DESCREVER SUAS REAÇÕES OU AÇÕES QUANDO PERCEBE QUE IRÁ HAVER ENCHENTE NA SUA CASA E EM DURANTE)
3. **Uma enchente causa sempre prejuízo para as pessoas, não é? Você consegue, de algum jeito compensar estes prejuízos** (QUAIS FORAM OS PREJUÍZOS E COMO OS SUPEROU, NÃO SÓ OS MATERIAIS MAS OS EMOCIONAIS)
4. **O que você espera que o Estado, ou o governo, ou a prefeitura façam frente às enchentes?** (OBRA ESTRUTURAL OU DESENVOLVER AÇÕES PESSOAIS ADEQUADAS PARA ENFRENTAR AS ENCHENTES)
5. **Muita gente continua morando num lugar onde acontecem enchentes porque não tem para onde ir, não é mesmo? No seu caso foi isso, ou tem mais algum motivo para continuar morando aqui?** (TENTAR RELACIONAR O SEU CONVÍVIO ECONÔMICO OU EMOCIONAL COM O LUGAR)

Você teria vontade de participar de alguma ação de prevenção de enchentes, ou não? Fale um pouco sobre isso. (COMO VOCÊ PODERIA AJUDAR A COMUNIDADE E O QUE ESPERARIA EM TROCA?)

Respostas - Pergunta 1

1	Sei lá, né, meu? Humilhado, [trecho inaudível]. Eles criticam muito o Governo e tal, mas só que parte da população também é culpada, né? Porque eles jogam lixo, esses 'negócio' todo, né? A gente procura evitar ao máximo, mas lá de cima não evitam, então complica a situação ainda mais, né? Nós 'vivemos' numa situação precária, isso aí já devia ser lei para [trecho inaudível], não tem como. Mas independente disso aí, a população também colabora um pouco com a... com essas 'coisa', né?
2	É muito ruim, é doloroso. É... é muito triste.
3	É constrangedor, é chato. Infelizmente não dá pra gente tá saindo daqui, né? Pra morar em outro lugar, né? Porque as condições não são daquelas melhores, mas é muito ruim
4	Nossa, é um... Assim, na época que entrava mesmo dentro de casa é muito terrível, a gente fica com trauma. Cada vez que chovia, né? A gente ficava desesperado.
5	Ah, horrível, né? Como qualquer uma pessoa que já enfrentou enchente, é horrível.
6	Ai, eu me sinto do jeito que... quase louca ali dentro, cheia d'água ali, né? Eu sinto é... Sensação horrível.
7	Ah sim, já muitas vezes. Muitas vezes. Ah, eu fico apavorada, né? [risos] De repente tá entrando uma água dentro de casa, né? É horrível, né? Muito horrível.
8	Já. O que acontece? (Isso.) Entra nas 'casa', os móveis que tem já era porque todos se 'perde'. Alguns que dá pra salvar, assim, salva, mas tem uns que não dá. Ah, na hora fica uma aflição, né? Pelo amor de Deus, porque os móveis 'vai' tudo embora. Aí tem que comprar tudo de novo.
9	Ai, Jesus Nossa, é muito triste, muito deprimente mesmo porque é um sofrimento. Além de você tá com aquela sujeira, entrar sujeira, estragar suas coisas, ficar dentro daquela água suja, água de rato, de barata, de tudo quanto é bicho, vem sujeira que vem da rua, tudo, de esgoto e você não ter... não poder fugir, não poder sair, não poder tirar porque pára tudo, né? Pára tudo, a água não desce, demora três... duas, três horas dentro daquela água é mui... é triste, triste. Só quem sabe é quem passa.

10	<p>Aí, é terrível, é terrível. É a pior coisa que tem porque cê não pode ficar dentro de casa, a água é imunda, né? Tem medo até de pôr os 'pé' na água e cê perde as 'coisa' porque cê tem que sair de casa, não tem jeito. É terrível, a casa estraga, estraga os móveis, estraga tudo. Estraga tudo.</p>
11	<p>Muitas vezes. Faz 45 'ano' Ai, é muito triste, muito triste. Eu fico muito ???ada, né? Dá até um pouco de depressão. Eu fico depressiva quando, ãhn... Eu vejo a minha casa desse jeito, lotada de água. É horrível isso, nossa Mãe, você não faz idéia de como pode ser. Aí a gente começa a levantar tudo, sofá, é horrível, muito horrível. E depois, pra... pra limpar também, é muito triste, fica aquele barro grosso, a gente pode cair, escorregar, é um perigo. É muito humilhante, é uma coisa humilhante. A gente tem uma casa pra morar e... e... [palavra inaudível] e morar assim... assim... sempre a... apreensiva, esperando. Quando começa a chover, a gente fica na janela olhado de madrugada. Você olha assim e não tem sossego porque começa aquela chuarada e a gente fica pensando na enchente porque ela vem rápido, né? Quando enche, a água sobe muito rápido, às vezes não dá nem pra poder levantar um sofá, nada. É muito triste isso.</p>
12	<p>(Já.) Ah, é muito horrível, né, cara? Cê tá dentro da sua casa e, de repente, a água, do nada, tá dentro de casa. Não tem como explicar isso, é muito péssimo, é ruim demais.</p>
13	<p>Várias vezes, né? É muito difícil, né? A gente sozinha dentro de casa pra ver aquela água subindo, subindo, sem ter onde ir, né? Porque nois não sai de dentro de casa. A gente fica ali com aquela enchente até o pescoço. Se for pra morrer a gente morre, porque quem que vai acudir? Todo mundo tá nas suas casas cuidando das suas, né? Então não tem como...só o meu cunhado que me ajuda. Quando ele tava me ajudando tava tirando as coisas, olha o tanto pro cê ver a situação tambor cheio de gás rolando por a casa por enchente a fora. Não, não teve jeito essa foi a pior. É teve pior. Eu tinha uma beliche e em cima, na parte de cima a gente jogava as coisas, né? Mas ela não agüentava mais tanto tomar enchente também. Você precisava ver minha cama de ferro, vai lá ver como tá. Tá assim, ó...balançando de tanto peso que tá emponhada em cima, porque não tinha as casas em cima e não tinha onde por mais... e olha é um sufoco mesmo, não tem jeito. É a enchente. Essa que eu passei que vai fazer 3 anos nunca vi daquela. Olha agora mesmo essa semana eu vi passando no Rio Grande do Sul, Santa Catarina mas corta o coração, né? Eu que já levei...não é fácil não, não é brincadeira não. A Rose chegou a chorar quando viu aquilo, foi nois três. Não é brincadeira. É enchente, é água, acho que com água e fogo não se brinca. É porque é triste. Agora eu agradeço tanto a Deus que pelo menos a minha casa ficou alta. Graças a Deus, viu? Porque olha, eu tava cansada de remendar. Fazendo escada na frente a água passava do mesmo jeito. Rachadura. Tudo tem jeito não.</p>

14	<p>Como é ser vítima? Ah, em primeiro lugar é desesperador, né? Você cai em prantos, né? Você vê suas coisas tudo indo embora, você luta, luta pra ter as coisas, né? Quando você...primeiro você fica em desespero pra tentar erguer tudo pra tentar salvar alguma coisa. Aí depois você vê que nem a última que a gente teve que de repente você vê as coisas tudo sua indo embora...aquela...com a água, né? Você vê suas coisa indo tudo no meio, roupa, documentos; é desesperador. É tudo desespero que dá na hora</p>
15	<p>Terrível (rs). Ai, a gente já fica na expectativa dependendo do tempo, entendeu, a gente já fica de olho no céu. Se aí a gente vê, se vai, como que, a gente fica pensando se essa chuva que vai vir será forte, se não é, se vai da enchente, se não vai, a gente já fica na</p>
16	<p>Bom, 'teve' três 'enchente' que 'foi' b... 'foi' 'braba' pra mim. Peguei umas quatro delas, mas teve três que 'foi' 'braba'. A pior que eu peguei foi em [19]67, que a água subiu muito. Até meu cunhado salvou acho que umas três pessoas que 'morava' no corredorzinho do fundo. E todas as vezes 'demorou' um pouquinho, mas as pessoas sofrem demais. Agora amenizou um pouquinho, mas já... já vi, já, bastante ali. Aquela de [19]67? (É.) Essa foi du... essa foi grande porque eu não[?] tava trabalhando, né? Eu [trecho inaudível] esse tempo aí, aí saí correndo e não dava nem pra passar, a água indo já em cima. 'Tava' eu e minha mãe só em casa porque meu irmão trabalhava à noite, nós 'tava' na[?]... (No peito?) No... E aquela água fria! (Chegou água no peito?) Tava eu e minha mãe só e o meu irmão tava... Nós 'morava' em três: só tinha eu, minha mãe e meu irmão. Porque a gente [palavra inaudível] o... Era um barraco, sabe? Ah, 'tudo' 'uns' barraco [palavra inaudível] aqui, então a água subiu muito. Aí meu irmão tava no dia trabalhando e minha mãe ficou apavorada. Aí eu fui... Tem uma mulher que perdeu... perdeu tudo ali. Então aí, só[?] de[?] perder... Mas foi triste aquilo ali. Eu perdi muita coisa também, só que... enfim, 'recuperamo'.</p>
17	<p>Ah, é horrível porque, assim, a gente chega do serviço e não dá pra entrar em casa. Se tá dentro de casa não dá pra sair, né? Ah, é horrível. Ai, é horrível porque dá desespero, cê vê enchente... subir a água aí. E se chega dentro de casa o que que eu faço?</p>
18	<p>Ah, várias! Várias! Bom, é ruim a experiência. É ruim essa experiência. Não. Eu... eu não quero falar dessas coisas. Se eu já falar de coisa ruim, isso já... [risos]</p>
19	<p>Fui. Ah é um sofrimento, porque a gente já vê as pessoas tudo 'desesperada' perdendo as 'coisa', uns correndo tentando ajudar, mas a gente não pode fazer nada. A água... Cada vez água vai se alastrando mais e a gente não consegue fazer nada. Não tem o que fazer. E o pessoal ainda passa com ônibus, caminhão, faz por tudo pra derrubar até os 'muro'. É terrível, acho muito triste porque eu não perco nada, mas o pessoal ali de baixo perde muita coisa.</p>

20	<p>Sim. Ah, é difícil, né, meu? Cê... cê consegue as 'coisa' batalhando, trabalhando, de repente vem uma chuva e leva tudo que você conseguiu com... com bastante trabalho. É meio complicado. Raiva, que você vê só em época de eleição gente prometendo, prometendo e prometendo, aí quando você vê época de enchente, você vê esses candidatos aí a gover... a... a senador e vereador. Eles aparecem justamente para ajudar nas... nessas horas de enchente, né? Depois eles somem, daí prometem o mundo e o fundo, aí eles somem. Aí, por isso que me deixa com raiva.</p>
21	<p>Já É horrível, é se sentir afogando no mar. É horrível! eu acho que falei tudo: é horrível, é se sentir morrendo no mar</p>
22	<p>Já É muito triste. Eu, graças a Deus, eu não perdi nada, né? Porque a gente tava aqui, mas de ver as pessoas 'sair' correndo, 'perder' os móveis, 'perder' tudo dentro da casa, roupa, depois não ter mais como recorrer a isso é muito difícil. A gente tem muitas tristezas aqui, 'muita'</p>
23	<p>O que eu... o que eu sinto... A vítima da enchente é... é... É que você não tem a quem recorrer nada, você se sente... Na hora de pagar imposto cê paga imposto, cê paga água, paga luz, paga aluguel, qualquer coisa; e cê tem o prejuízo e ninguém vem ver, nada, você perde tudo. Ou seja, não tem ninguém pra re... pra resolver nada pra você nessa hora, não tem a quem recorrer, né? É... Esse é que é o problema, você se sente, é... A sensação é de [palavra inaudível] preso mesmo.</p>
24	<p>Ah, é... é... triste, né? Cê vê as 'coisa' tudo dentro d'água, né? Cê vê os 'menino' nadando dentro d'água, vê cocô, rato entrando, é... dentro de casa, né? É triste. E vê as 'criança' também, né? Não só as 'minha', mas a... além das minha, as dos meus 'vizinho', né? 'Fica' tudo andando dentro d'água, água suja, os 'rato' andando tudo, é... É muito triste.</p>
25	<p>Já, já Ah, a gente fica com medo, assim, quando começa a... Quando vem a enchente a gente não sabe se ela vai subir muito ou vai ser baixa. Então a gente tem que ficar a... apreensiva, né? E a gente tem que ficar... Tira os carros da garagem, né? Não deixar entrar água, e a gente tem as... tem a comporta, tem tudo. E a gente fica... fica ali até abaixar a enchente.</p>

26	<p>Já Horrível, horrível, [risos] assim não... Situação lamentável. Minha casa não... não dá enchente, né? Mas esse ano de janeiro já chegou bem próximo mesmo já da sala, dos 'quarto', a água... Na verdade o nosso bairro aqui é um bairro esquecido pela prefeitura. A prefeitura se preocupa com outros 'bairro', em plantar árvore, não sei o que; e deixa aí os 'rio' 'tudo' 'cheio' de pernilongo, mosquito da dengue. Eu sei que vocês não têm nada a ver com isso, mas a minha revolta é essa, sabe? Desse bairro.</p>
27	<p>Ah, é horrível, muito difícil. Muita sujeita que vem, muita coisa, né? Então é triste, cê vê perdendo todas as 'coisa', né?</p>
28	<p>Ah, é triste, filha, muito triste. Você perde... você perde tudo e, além de tudo, perder um filho, como eu perdi, por causa da enchente. Que ele tava com saúde, tava trabalhando, tava até pintando uma casa de um colega e, quando ele veio, cortou o pé. Quando ele cortou o pé, aquele sangue que descia, eu ainda falei: -Vai deitar, Odsonilde[?]. / Ele disse: -Como eu posso, mãe, com tanta água e tanta enchente e tanto prejuízo? Passou três 'dia', mais ou menos, ele foi no médico, né? Mas o médico, não sabendo - que foi aqui no posto -... não sabendo das 'enchente' que 'tinha' acontecido, passou receita pra ele, passou remédio, passou tudo. Mas era a doença do rato... a doença do rato. Então com dez 'dia' ele faleceu e isso foi a minha tristeza que até hoje eu não posso ver nem enchente que me dá um trauma.</p>
29	<p>Ai, olha, quando tá chovendo a gente já tem aquela sensação que vai dar enchente e começa... Como eu tenho diabete, a diabete sobe, da minha mãe a pressão sobe e a gente já começa a erguer as 'coisa'. Ou tendo ou não enchente, a gente já vai erguendo, já começa [palavra inaudível] e 'vamo' erguendo. Aí... aí vai entrando e a gente não tem por onde, é um desespero, que entra por um lado, entra por outro e a gente não sabe como fazer. Aí durante aquela enchente toda, né? Aquela aflição que a gente fica, né? E... e depois a limpeza toda pra fazer, aquela doença toda da poeira. Então, é... 'des' que chove até a última vassourada que a gente dá é [trecho inaudível - galo canta ao fundo] com aflição mesmo.</p>
30	<p>Ah, é muito ruim, né? Muito ruim porque a gente... Como a gente trabalha fora é só [trecho inaudível] como no... Quando começa a chover, fica com medo porque sempre a água invade a casa, né? Teve uma última chuva que deu aqui, invadiu uns... uns 3 'palmo' de água na minha casa e acabou com tudo - me levou sofá, me levou um bocado de coisa.</p>
31	<p>Ai, é muito difícil, é... Como eu tenho comércio aqui, ainda pra mim é fácil. O difícil é quem... Os moradores que moram mesmo, que têm suas casas e que perdem móveis. Que a gente vê no outro dia as pessoas colocando móveis pra fora - geladeira, fogão. Isso é o que me comove mais. Como é comércio, eu não sinto tanto a perda como os outros, mas isso deixa a gente bastante triste.</p>

32	<p>Ah, é ruim, né? Por causa que se sente estranho, né? Deu enchente na sua casa, cê pode... perigoso, então, cê perder a... familiares e móveis, esses 'negócio' né? Como a água do rio é suja, tem intoxicação. Aí então é ruim, né? Pra quem mora em lugar que dá enchente.</p>
33	<p>Já É medo. Medo que cê sai... cê sai pra 'trabaia', quando você trabalha, se chega em casa e tem... tá cheia de água, você chega com medo. Ei... Aqui é o seguinte, quando cê tem enchente aqui, cê fica... Sempre quando vem uma, vem outra na seqüência, né? Entendeu? Que vem revisão[?] na[?] seqüência. Aí que ela [palavra inaudível] vem a outra. Ainda bem que... Quando vai... se espalha aqui... Dá enchente aqui a prefeitura vem aqui passa dois, três 'dia' pra 'vim' tomar as 'providência', principalmente aqui nessa[?] aí[?].</p>
34	<p>Com certeza Muito triste! Não só pra mim, mas principalmente pras pessoas que eu vejo. Porque eu, quando eu vim pra cá, eu vim consciente do que estava fazendo. Mas eu vejo que tem muitas pessoas que, quando vêm morar no Bom Pastor, não têm a consciência do tamanho do problema que pode enfrentar. É aquilo que eu falei, eu comprei móveis usados, aluguei uma casa velha pra não ter, assim, muitos problemas mesmo. 'Mais' é muito triste mesmo, você vê... Que nem eu já vi mulheres 'grávida', aqui, saindo assim, de bote. Então, é uma situação assim complicada mesmo. É bem difícil.</p>
35	<p>Já, já fui Ah, de enchente é muito ruim, sabe? A gente... A água vem aí na rua. [...] A água vem da rua e a gente fica preocupado de... de ver entrar dentro de... dentro do comércio e, de repente, ela acaba entrando. E às vezes perde alguma coisa e a gente... o comércio não... Tem[?] que[?] botar[?] tudo no alto, né? Cê pega uma coisinha, baixa, e a gente acaba perdendo alguma coisa.</p>

Respostas - Pergunta 2

1	Ah, fico desesperado pra ajudar meus pais, né? A levantar os 'negócio'. Sempre assim, né? Meu pai, minha avó, tudo é... Tem que ajudar a tirar os 'negócio'.
2	Ah, eu procuro salvar alguma coisa dentro de casa, não deixar nada molhar e esperar a enchente passar pra [palavra inaudível] pra casa.
3	É... Eu procuro, né? Acalmar, amenizar o pessoal, né? Tirar ao máximo o... [trecho inaudível - carro passa ao fundo] de tirar a[?] [palavra inaudível], levantar os móveis, esses 'negócio' todo e... E depois, esperar a água baixar pra recomeçar de novo. Ah, eu procuro salvar alguma coisa dentro de casa, não deixar nada molhar e esperar a enchente passar pra [palavra inaudível] pra casa
4	Ah, eu já sou acostumada. Então, na hora já sei o que que tem que fazer: é levantar as 'coisa', é colocar a comporta. Então eu já sou mais tranqüila porque eu já sou acostumada.
5	Ah, eu fico de olho, né? Pra ver se vai entrar pra erguer as 'coisa'. Isso é, se a gente tá em casa, né?
6	Ah, cê fica apavorada, né? Sem saber o que fazer.
7	Só pensando nos meus filhos, né? Que... que fique lá.
8	Ah, eu procuro ir pôr as coisa pra cima que a gente consegue, né? O que dá pra pôr assim, no alto, né?
9	Tanta salvar o que dá porque não tem coisas que não dá pra salvar: roupas, televisão
10	Ai, eu fico muito... A princípio, a gente vê aquela água vindo, vindo, vindo, a gente fica muito... Primeira coisa, cê fica super nervosa, né? Cê não tem como fugir de casa e nem o[?] que você vai deixar. Cê fica nervo... nervosa, e correr. Aquela correria porque você tem que imediatamente tirar o que mais o que você não quer perder, né
11	Eu levanto o que eu posso levantar e vou embora. Essa é a minha reação porque não tem o que fazer.
12	Olha eu vou te falar até que eu tinha calma, ficava calma, né? Tudo...porque aquelas que vinha eu tinha comportazinha eu colocava, as vezes nem chegava ali , não subia, mas aquela de 3 anos a gente não agüentou, não, não deu pra agüentar não. Foi muita água, muita água mesmo, demais. Nossa parecia o mar. Sabe? Água em todo lado. Lixaria e...olha ela vem lá do Bom Pastor e ela vem vindo de lá dessa travessa...já vem de lá porque enche tudo lá e transborda ela vem pra cá...ela vem vindo, vem vindo e ali vai entrando, não tem lugar pra ela entrar vai. Essa senhora aqui, essa dona Teresa aqui, nem tinha visto a neta dela tirou ela pela janela da enchente e não tinha jeito porque na casa dela também vai, né? Eu acho que nesse pedaço, nessa predv (?)...aqui (?) entra em todo lado. Eu não sei qual é a casa que não vai enchente ali. Acho que só lá pra cima que não, né? Daqui pra baixo...
13	Você diz assim pessoal? Primeiro lugar você fica naquele desespero de salvar o que você pode e cê chora. Tem dia...até meu marido quando me ligou lá quando tava aqui no começo até ele, ele me ligou chorando, chorando de ver aquilo...quem que pode com a água? Não é? Quem que pode com a água? Ninguém...

14	Aí, quando eu percebo que o córrego aqui encheu, que ele já tá no meio, na metade, então a gente já sabe que se, se continuar chuva, aí eu já sei que já vai da enchente, então o que que a gente faz, o que eu faço: como tem as duas saída de água aqui, aí eu fecho as duas saída de água no jardim, fecho ali também que tem esse, essa muretinha que tem aqui na porta da sala, né, no terraço aqui, e no fundo do quintal também, se cê quiser vir também entra lá pra ver.
15	Eu já vi muita coisa ruim aí que a turma faz também, e eu acho errado Eu tive uma reação que a turma pega... joga muita 'porcariada' na rua e eu acho que não pode, acho que tem que recolher, não vão... Não é verdade que tem que recolher isso daí? E tem muitas coisas também que... que eu vi as 'pessoa' pegando esses 'negócio' de sofá, em vez de... Tudo vem da... da água, pra mim fica pior ainda. As 'pessoa' 'joga' muitas 'coisa'... muitas 'coisa' 'suja'.
16	Ai, é 'desesperador' Ah, eu fico preocupada como é que tem que ser? Eu vou sair de casa? Não dá pra sair, aí é difícil.
17	Ah, [trecho inaudível] a gente... É, sempre[?] arruma[?], levantar as 'coisa', né? Ah, 'claro', a preocupação é entrar água, né? [risos] Cê fica com medo também. A gente sente medo, né? Vendo 'aquele' água correndo, aí dá medo mesmo.
18	Hum, hum.Ah, a minha reação é assim, eu fico chocada. Fico chocada porque, assim, a gente batalha tanto pra conseguir as coisas e, num piscar de olhos, a gente já perde tudo. E depois, quem vai pôr as coisas pra gente de novo? Vai trabalhar tudo de novo pra você conseguir tudo de novo, e nem sempre dá.
19	Foi o que eu te disse há pouco, né, meu? É... é raiva, né, meu? É um sentimento... é um sentimento ruim, né, cara? Você vê o que você... o que você conseguiu aí trabalhando, você vê indo embora. É um sentimento ruim, não é um sentimento bom.
20	Pedir socorro pra alguém pra vir me ajudar. (No quê?) Ajudar a levantar móveis, ajudar a puxar a água. Agora faz muito tempo que acabou isso, né? Depois que subiram essa avenida aí é horrível, acabou tudo! Acabou o bairro depois que subi isso, viu? E outra coisa, tiraram os bueiros. Eu acho que não 'devia' nunca ter tirado, nunca, nunca.
21	Sem dúvida Ah, ajudar ao máximo. Depois que passa tudo, é... sempre a gente faz, é... união entre os 'comerciante' pra ajudar a ter roupas, cobertores, colchão, alimento. É ali no Natan, é ele que ajuda as pessoas que não têm mais condições de tá dentro da residência pra limpar e recuperar tudo novamente.
22	A minha reação é desligar os 'frízer', tirar tudo, levar... botar pra cima do balcão, é... levantar mesa e a... essa... É o mínimo que se pode fazer, né? E aguardar, né? Esperar, né? O pior, né?
23	Então, é isso aí: eu fico aguardando, né? Porque também passa caminhões aí, caminhões 'pesado'. E às 'vez' a enchente não chega aqui, mas por causa do impacto do caminhão pesado, ônibus, aí joga água e a gente fica preocupado, muito preocupado.

24	<p>É verdade. É... "Reagia", tem que... Vinha essa... Ficava muito preocupada a erguer[?] as 'coisa', vê se dá pra salvar alguma coisa, vê onde[?] 'dorme' as 'criança' pra não machucar. E tem, é... É mui... é... é muita preocupação, né? É... Cê fica muito agitado porque é um nervoso total na... na hora da enchente, não tem como cê não ficar nervosa. Só. [risos]</p> <p>É... "Reagia", tem que... Vinha essa... Ficava muito preocupada a erguer[?] as 'coisa', vê se dá pra salvar alguma coisa, vê onde[?] 'dorme' as 'criança' pra não machucar. E tem, é... É mui... é... é muita preocupação, né? É... Cê fica muito agitado porque é um nervoso total na... na hora da enchente, não tem como cê não ficar nervosa. Só. [risos]</p>
25	<p>Minha reação, primeiro, é fechar a rua ali pra o carro não passar e... O que eu atuo aqui é ajudar os 'colega', ajudar o outro... ajudar o outro no... a... o... a suspender... a suspender os 'móvi', né? O outro ajuda o outro a fechar a rua. E tem muitos 'banana' que 'recrama' que quer que... quando vai... vem enchente, 'aproveita' pra... pra roubar alguma coisa, né? Vai lá... A turma sai pra 'vê'... limpar, arrumar as 'coisa', a turma 'roba', chega lá e 'roba'. Bom, pelo menos aqui é assim.</p>
26	<p>Com certeza A minha, sinceramente, é ficar esperando a água subir, né? É... Mas eu vejo que tem gente, assim, que a hora que a água tá começando a pingar, já sai correndo, já levanta móveis, já de medo mesmo, né? De... de perder porque já foram vítimas de muitas enchentes. Então hoje qualquer pingo, eu vejo que tem pessoas que 'é' apavoradas, que já levantam a casa inteira.</p> <p>Quando cê vem morar aqui, cê tem que tomar cuidado e ter todo um preparo de coisas, pra poder morar aqui. Eu espero, eu não tenho muito medo por causa disso. Porque tudo que eu perder é velho e eu aterrei a casa, mesmo sendo alugada, e deixei a minha sala sem aterrar. Porque aí, se a água invadir, ela vai invadir naquele espaço e é o tempo que eu tenho pra poder correr pra cuidar de outras coisas, entendeu? Eu tenho 30, 40 centímetros num espaço de, assim, 5 metros quadrados, entendeu? Então dá tempo dela entrar ali e a gente poder correr pra poder fazer outras coisas.</p>
27	<p>Olha, quando a enchente tá subindo, a gente fica com medo, dá um... dá medo. Aí, quando ela pára assim, estaciona e começa a baixar, aí já vai dando aquele alívio. [risos] Aí vai dando aquele alívio.</p>
28	<p>De revolta porque um dia após a enchente falta água. E aí? Não tem água! Não tem água. Aí pra você lavar as 'coisa', lavar a calçada, lavar a rua? Não vem ninguém! Meu irmão que vem, sabendo de porta em porta, sabe? Perguntando quem precisa de colchão, de roupa, é assim. É pobre que ajuda pobre, essa é a verdade, entendeu? Porque no outro dia, quando a... Quando a prefeitura vem aparecer, já é de tarde, aí vem perguntar se alguém precisa de alguma coisa. Até então, ninguém vem prevenir de nada. Agora, esse negócio de faltar água no outro dia é um absurdo. Né? Não... não... não tem lógica! Pode até ser que o meu raciocínio seja bem fraco pra isso, mas faltar água no outro dia, sem água no... Não tem... não tem água. Quando eles vêm lavar aqui a rua, todo mundo já lavou, vêm lavar depois de três, quatro 'dia', assim. Quando querem, né?</p>
29	<p>É Nossa, eu fico... Eu peço... Só rezo, né? Peço a Deus pra acabar aquilo tudo bem.</p>
30	<p>A minha reação é triste. Eu, quando eu vejo que a enchente já tá chegando, até minha pressão - que eu sofro de pressão alta - começa a... a altear. Minha pressão vai alta porque eu já me lembro o caso passado, de [19]91, tá entendendo? Então eu já tenha medo daquela água que os meus 'filho' 'vai' tirar, sabe? Mesmo com bota, mesmo com 'coisa', mas eu já tenha medo deles 'pegar' a mesma doença.</p>

31	<p>Aí, eu tento socorrer o máximo que eu posso das 'coisa' e depois eu vejo já o que foi perdido, não tem jeito. Então eu, é... Um... um vazio de nada poder fazer e só socorrer a vida mesmo, é... a gente tá vivo. Então é ficar num lugar mais alto e 'vamo' ficar vivo, o resto deixa.</p>
32	<p>Eu... eu não tenho nem o que o... o que reagir, entendeu? A gente não tem nem a quem 'reclamar'. Às 'vez' vai 'reclamar' à prefeitura e eles não resolvem nada, então a gente deixa tudo barato mesmo. Deixa pra lá, deixa correr.</p>
33	<p>É... Eu posso dizer que choca mesma, é... fica até mesmo sem reação. Cê quer ajudar as pessoas, mas como aqui enche numa forma que fica perigoso, não dá também pra sair. Então tem que esperar bombeiro, outras pessoas que já tão 'preparada' pra... pra resgatar esses... a... pra ajudar essas pessoas. A gente não tem muito o que fazer, é... é mais rezar pra parar de chover. [risos]</p>
34	<p>(Exatamente.) Eu fico nervosa, muito nervosa, e a minha pressão é super alta. Aí eu já vou lá, tomo o meu remedinho de pressão pra me acalmar. Eu não abro as portas porque, se a gente abre as 'porta', entra sujeira, entra rato, saco[?]. E eu fico assim, muito triste, muito triste. Aí eu fico com medo de pegar alguma doença naquela água suja porque a gente é obrigado a pisar na água; a gente tem que salvar o cachorro que tá no quintal se afogando, aí eu entro naquela água que chega acima do joelho, quase na metade da coxa no meu quintal, que ele é mais baixo que a minha casa, né? Vou salvar o cachorro e vou pegar o gato que tá lá também. Então a gente tem que se virar, né? E... e dentro dessa agonia, é muito triste. [trecho inaudível]. [risos] Eu moro aqui porque a casa é minha e eu sou obrigada a morar nessa casa, entendeu? Porque, se não fosse minha, eu já teria morado de aluguel e já teria mudado daqui.</p>

Respostas - Pergunta 3

1	(É, nas[?] enchente[?].) Aqui, quando dá enchente? (É.) Isso aqui enche tudo, vem aqui de água.
2	É muito difícil compensar. Igual: a gente morava aqui na rua de trás e 'perdemo' tudo, praticamente[?]. A água deu no meio da... da cintura, não teve como recuperar nada.
3	É muito tempo, é bastante tempo. Às vezes nem consegue repor todos, né? Cê vai indo aos pouquinhos, né? (Até pelo valor. O senhor falou que perdeu carro já.) Isso, já. Perdi um Chevetinho velho, mas era meu, né? Independente da... da... o ano, né? Do carro, mas era meu; esse aí eu não recuperei mais. E sem contar, né? Móveis, né? Utensílios, até mesmo alimentos, né? Que, quando perdi, não havia tempo necessário pra... (Para retirar as coisas.) Exatamente.
4	Demora. Demora porque eu tive que comprar tudo novo, entendeu? Ainda tô pagando ainda. (Na última enchente a senhora perdeu muito?) Não. A primeira eu perdi tudo. Perdi 'despesa', perdi tudo. Perdi tudo, tudo, tudo, tudo.
5	Tenho. (Perde muita coisa?) Perde Com certeza, demora demais porque vo... Você perde... Você leva pra... o tempo que cê comprar pra você comprar depois de novo...
6	Já. Quando entrava, perdia móveis, alimento, tudo Ah, demora. Demora pra repor. (Dependendo do valor das coisas que perdeu.) É
7	Não, não. 1° Já entrou, já, mas... (Mas a senhora não chegou a perder nada?) Não, não perdi nada.
8	Ah, eu tive, mas não foi muito. Eu tive pouco, assim, de comida que tava no armário que não deu tempo da gente pegar que tava... ela veio muito rápido. A última que deu muito forte, né? Mas teve pouca coisa e os colchãozinho lá até que eu peguei lá. [risos] É só alimentação, é... E também foi o colchão que eu peguei lá, [trecho inaudível].
9	Olha, teve um ano que teve. Tinha... Não lembro o ano, mas teve. Entrou água, muita água, perdi móveis também. Mas deste ano, foi no tempo do prefeito Daniel, foi naquela ocasião. Entrou água [trecho inaudível - carro passando ao fundo]. Naquela ocasião eu não compensei nada, não recebi nada de volta. [risos] Nada. (Mas quanto tempo a senhora demora para conseguir comprar de novo?) Ah não. (Para repor as coisas?) Bom, aí já não lembro também, [trecho inaudível] porque já faz muito tempo, né?. Eu não lembro.
10	Materiais, é... tem que comprar tudo de novo porque, às vezes, quando molha um guarda-roupa não tem como ficar intacto porque vai... vai desgastando o guarda-roupa. Em baixo, principalmente. Aí vai caindo a porta, tudo, e tem que comprar tudo de novo, né? É prejuízo.
11	Hum, hum Não tenho! Como? Pagando! Tra... trabalhando, né? Trabalhando, só nos resta o quê? Fazer o quê? Trabalhar, trabalhar...

12	Não, de maneira nenhuma.
13	É. Emocionais. Não, eu acho que não. Eu mesma com... eu me controlo, [trecho inaudível] que dá tristeza, de ver a minha geladeira que tá na água, meu fogão. Quer dizer, não dá pra gente [palavra inaudível], é uma coisa pesada, né? Então inclusive agora eu... Eu moro sozinha, [trecho inaudível] e tinha meu marido. Agora ele faleceu, 'fazem' cinco meses que ele faleceu. E eu tô aqui, agora fico pensando é na enchente que vem em janeiro, fevereiro, março. Até março a gente fica ansiosa. Eu fico ansiosa quando começa a chover, não posso sair de casa. Às vezes meu filho fala: -Mãe, vem pra cá passar uns dias. Eu não posso ir por causa da enchente, né? Não tenho condições, é terrível.
14	Olha, não. Não, porque agora foi que a minha filha tirou... Olha, se vê vai fazer 3 anos e agora que ela conseguiu tirar esse guarda comida. Veio semana trasada esse guarda comida aí. O guarda roupa meu filho tirou vou lhe mostrar lá depois pro cê ver. Ó lá aqui ele nem quando lá aqui Porque o que eu tinha estragou, estragou mantimento. Eu tinha não sei quantos litros de leite e aquilo rodou tudo na água, foi embora porque não tinha lugar de por. A água subiu em cima da pia. Não tinha lugar. Em cima da mesa. Pra todo lugar subiu, não tinha jeito. Não teve jeito não, entrou no meu dentro do guarda roupa. Tô te falando que o álbum das minhas netas, parece que tinha uns 3 ou 2 álbum não sei, com tudo as foto dela, foi tudo, estragou tudo. Porque quando vem enchente assim até eu tiro, mas a gente não pensa que vai subir assim, eu não pensava, né? Daí quando eu fui ver... se eu não consigo tirar a roupa do meu filho ele não tinha uma peça pra vestir... jogando em cima da cama, jogando em cima da cama. Agora o colchão tomo aquela humidade, o colchão agora ta estragando, ta rasgando, né? E a gente fazendo aquilo que pode, se der pra comprar uma peça hoje compra, se der pra comprar daqui a um ano compra, se eu num morro, né? Porque a gente tem que pedir a Deus, né? Eu sei que da prefeitura eu não ganhei mais nada não. Eu ganhei muito sim, uns anos atrás eu ganhei muito, eu ia lá e pegava mantimento, mas dinheiro não Nunca deram dinheiro. Depois de uns anos também não deram mais. Num deram. De primeiro vinha dar vacina, agora não dá vacina mais. Não dá mais nada.
15	Umás coisas sim, outras não, né? Umás coisas sim que nem a gente teve que nem o sofá que eu tenho hoje foi um amigo da gente que ia trocar dele e deu o dele pra gente. O hack que tá na sala foi o pessoal da firma do meu marido que pegou e mandou esse hack pra gente. A pia eles fizeram vaquinha e compraram pra gente. Foi assim, pessoas ajudando que a gente pôde... que a gente comprou... vai comprando devagar... fazendo devagar que cê tá vendo aqui. Devagar a gente ta arrumando
16	Tem, mas o último prejuízo que a gente teve, eu até falei com o outro rapaz, eu tenho, a gente tem, o bairro tem um processo na prefeitura, até tem um... a cópia aqui comigo, então acho que foi... eu nem lembro, acho que foi ah uns 8, 9 anos atrás que aconteceu, que nós fizemos esse processo. Mas geralmente, essa foi a última que deu assim, que a gente, que perdemos muita coisa, perdi mantimento, estragou móveis né, então essa foi a última mas a outras é, vem, a gente consegue... vem enche aqui tudo mas não entra dentro de casa, depois a gente limpa o quintal e tudo bem, vamo, que vamo esperar a próxima (rs)

17	<p>Não. Eu... eu... (Prejuízos materiais e não materiais.) É. O sim e o não, né? Ähn... eu... eu acho assim, ó: que nem, quando a enchente entrou em casa, que a água veio... subiu muito, eu mesmo... vai fazer o quê? Cê tem que, é... co... é... socorrer, que é um barraco que levou a água [trecho inaudível] lugar, só que a gente 'perdemo' tudo. Só que eu [trecho inaudível] sou mandão, então se eu vou [trecho inaudível] essa turma aí pra ver os 'colchão', tal e 'vamo'... 'vamo' reagindo. Porque eu acho uma coisa que fizeram de errado pra nós porque dava enchente antigamente e dava enchente assim, ó: dava e escoava logo. Agora 'é' 5h, 6h pra, assim, pra água esco... é... pra água esco... escoar porque em vez da água descer, ela sobe por causa daquela comporta que tem ali. É o cotovelo, pô! A água desce e vai pra cá. Não tinha comporta, como tinha comporta a água ia embora.</p> <p>'Era'... 'era'... 'era' 10 'minuto' e a água escoava, e agora não! Outro dia eu fiquei sozinho, tudo o mundo lá pra cima, eu fiquei sozinho em casa porque minha mãe [trecho inaudível] ???ada, já faleceu já. Eu fiquei das 8h [20h] da noite até 4h da manhã tirando água dentro de casa, que a água não descia, e antigamente descia, não tinha o fa[?]?... é... Também um pou... também atrás da turma também, que 'jogam' muita 'porcariada' também e eu acho errado isso aí. Sabe? Eu falo pra turma e a turma... mas não adianta.</p> <p>Tem um... Eu moro de frente a um terreno baldio que tem ali, eu falei pra fazer uma placa da prefeitura - mas eu mesmo posso fazer - pra 'mim'... eu pregar aquela placa lá pra turma não 'jogar' mais porque eu já levei[?] muito[?] pra colocar aí [trecho inaudível] e tirar. Eu mando! Eu moro aqui em frente, fiquei duas 'hora' tirando, [trecho inaudível] embora, mas só que a turma pega... vai jogando, vai jogando, vai jogando e vai jogando, aquilo ali... Agora, devia fazer... fazer o [trecho inaudível].</p>
18	<p>É verdade. Não. De que jeito? Ah, emocional. Você não pode... Tem que trabalhar, não tem como, né?</p>
19	<p>Como[?]Bom, os materiais 'foi' muito... 'perdeu', mas recuperei. Tem coisa que tá aí ainda porque ele não comprou outro mais. Então tá aí.A minha fotografia lá do nosso casamento tá tudo amassado, [risos] tão tudo apagando. Mas tá aí guardada.... ah, claro que sim, a gente fica triste, né? Sempre.(As lembranças também trazem muita tristeza para a senhora?)'Traz', 'traz', sempre.</p>
20	<p>Ah, eu acho que não. Que nem o meu sentimento agora, meu sentimento tá bem, assim, bem frágil, tá? Porque eu tive um problema de câncer, vou passar por uma nova cirurgia, então eu tô assim, bem... bem isolada do povo, entendeu? Eu não me consigo mais, assim, do jeito que eu era antes, ter uma von... uma vida assim, igual eu te... eu tinha antes, entendeu? Então eu procuro nem saber do problema do povo, porque eu acho que eu não consigo ajudar mais ninguém, entendeu? Eu não consigo, eu não tenho força. Que nem eu 'sube' de uma professora que ela tá com câncer, que ela já teve um problema de câncer, e agora ela tá com câncer; e eu não consigo ir lá conversar com ela. Então tem muitas coisas que eu já não tô mais apta a fazer, não tenho força pra dar pra uma pessoa. Eu acho que foi uma perda, é... assim, da minha mãe. Quando eu perdi minha mãe, entendeu? Eu acho assim, que minha mãe me dava, assim, o maior apoio e agora eu tô vivendo sozinha, entendeu? Porque pai pra mim é assim: não é a mesma coisa, entendeu? Minha mãe não, eu perguntava as coisas e tinha diálogo com ela, conversava. Agora ele não, ele não tem aquele diálogo, só pensa em beber, entendeu? Tem uma coisa que já é de família, né? Não é desde a 'perca' da enchente, entendeu?</p>

21	<p>Sempre. Eu acho que não. Materialmente? Ah, emocionalmente eu acho que nenhum, né, cara? Porque veja bem, eu tenho 40 anos, eu convivo com enchente desde os... quando eu... quando eu come... quando eu comecei entender o que é alguma coisa eu convivo com isso. Então eu acho que emocionalmente não... É apenas mais uma enchente, você sabe que não vai... não vai... não vai acontecer nada, eles não vão fazer nada que é só mais uma enchente. E materialmente você perde, é... móveis, é... colchão, móveis em geral porque nem sempre você tá na sua casa quando a enchente chega. Ela chega de repente, ela não avisa quando vai chover, quando... quando vai dá enchente, não. Então é mais, é materialmente mesmo.</p>
22	<p>É. Consigo porque eu sempre faço, eu consigo ver... ver tudo que eu perdi. Não, aí é tudo... Perda material passa, mas a perda, nossa, no subconsciente é pra sempre. Como que eu reajo? Esperando passar tudo e eu reponho tudo que eu perco, né? (Não, não. Com a perda emocional.) Com a perda emocional é muito mau, qualquer temporal que dá, qualquer chuva que dá... De chuva eu me apavoro, fico tremendo. É horrível, é horrível mesmo. Tenho, tenho muito medo, tenho pavor! (sobre a espera da chuva) Pressão alta, fico tremendo, fico nervosa. Eu gostaria que alguns políticos, principalmente daqui de Santo André, não lembrasse do povo só na hora de pedir voto, que lembrasse na hora de socorrer, quando precisa. (De socorrer?) É lógico.</p>
23	<p>Com certeza Ah! Pra gente, a gente tem um sentimento, acho que só pessoas que passam.... passam mesmo, elas... só elas que sabem[?] os sentimentos delas. É muito triste, é uma tristeza muito grande. Se eu pudesse, acho que limparia a água todinha porque isso aqui vira um rio. Imagina um rio, as pessoas andando no meio dele, ou nadando até. Porque aqui enche, aí dá o quê? Até aqui, mais ou menos, no degrau. Mais pra lá é pior, lá chega a cobrir as casas. É triste demais.</p>
24	<p>Muito prejuízo! É frizer queimado, mercadoria que cê perde, lixos que 'fica' boiando por aí. Depois é... depois leva um mês pra você fazer uma faxina, pra cê limpar. É isso aí, o prejuízo é total.(sobre as perdas materiais) Ah, é com muito esforço, com muito trabalho, né? Sozinho, né? Eu não tenho a quem recorrer, né? É o que falei pra você.</p>
25	<p>Já tive! Pequenos prejuízos, mas já tive. Não tive muito, mas já tive. (SOBRE A COMPENSAÇÃO DAS PERDAS) Aí depende, a gente vive de comércio, né? E... e um mês dá mais, outro mês dá menos. Então a gente não tem uma previsão de quanto tempo demora pra recuperar o prejuízo.</p>
26	<p>É. Hum, hum Como pessoa? Já teve época que deu enchente aqui e eu tinha acabado de fazer compra, né? Pros 'menino' lá em casa... É[?] que[?] eu tinha recebido e tinha que fazer compra, e aí chegou a perder tudo. A geladeira virou, caiu dentro d'água, e chegou a perder tudo. Não foi aqui nesta casa, foi na outra, né? E aí, como pessoa, a gente fica... Sei lá... 'Uai', fazer o quê? A gente tem que morar por aqui mesmo.</p>

27	<p>É, isso aí é... [Palavra inaudível] precisa 'trabaiá', né? Eu encon... Eu confirmei[?] aqui, uma vez que ia pegar uma enchente, caiu [trecho inaudível] água entre[?] as 'perna', caiu... ficou careca 'a' minhas 'perna', ficou sem pêlo nenhum. (Do senhor?) É. Aí, com o tempo eu comprei pomada, e aí fui passando nas 'perna' pra, é... re... retornar 'o'... o normal. É. Inclusive, aqui já morreu um colega com esse... esse negócio de doença de rato, né? Ele tinha um corte, entrou da água aí, depois de uns cinco dias ele morreu, faleceu. É um... é um dos mais risco que mora ali, ó: ali tem uns 50 mil[?] mais risco.</p>
28	<p>Bastante De forma nenhuma... de forma nenhuma. Tem prejuízos assim que são 'incalculável', entendeu? Não só materiais, mas eu acho que em toda situa... Eu mesma nunca tinha visto uma enchente mesmo. A gente ouvia falar, mas quando você está dentro da situação é outra história, é... são cenas que você olha, e que você nunca vai esquecer de ver realmente gente perdendo as coisas, de ver criança, sabe? Correndo no meio da água, com sacola nas 'costa', sabe? Tentando salvar alguma coisa que pode. É complicado, quando dá mesmo de verdade.</p>
29	<p>Ah, causa! Causa bastante. Olha, e... a gente como... A gente é proprietário, a gente protege a casa. Então, graças a Deus, eu nunca... Praticamente eu nunca perdi nada, sabe assim? De falar de[?] perder aqui[?], sabe? Agora, se eu não estou em casa, ih! Se ela vier, ela... perde tudo</p>
30	<p>Não. Não, que minha mãe trabalha em casa, quem é que vai 'vim' almoçar? Se dá enchente meio-dia... Tudo bem, a gente não manda no tempo. Se dá enchente na hora do almoço, ela perde aquilo que ela fez. E aí? Não só ela, como o pessoal do comércio. Porque se deu enchente aqui, quem tá dentro não sai pra fora, quem tá fora não entra. E aí? Não tem, não tem o que compen... É um prejuízo violento, quem tem casa, comércio nessa rua sofre. Não adianta comporta, não adianta nada. O negócio... eles têm que mexer... Sabe? É coisa de... de piscinão, de... de encanamentos e não sei o que, é que...</p>
31	<p>Não. Não tem como, né? De eu recompensar porque não tenho recurso pra recompensar todas as 'coisa' que eu 'perdo'.</p>
32	<p>Prejuízo, é. Não. No começo a Prefeitura de Santo André - isso há muito tempo, né? A Prefeitura de Santo André uma... uma... teve... Man... mandou nós 'receber'... Veio aqui uma pessoa e recuperou a... o prejuízo da... da máquina, do fogão, né? Mas depois, de um tempo pra cá, não tinha mais recuperação, não. Prejuízo era prejuízo. O que eu mais sinto na minha vida era quando minhas 'criança' 'pequeninha', né? 'Tudo' 'pequeno', roupa deles, tudo, dentro das 'gaveta', documento que perdia porque, muitas vezes, meu esposo trabalhando fora e eu dentro de casa, sozinha, eu não dava conta. Meus 'filho' era pequeno, filho de 3 'ano', filho de 7 'ano', de 8 'ano' não dá. Eu colocava meus 'filho' na janela e o 'ônibo' passava e perguntava... Quando tava a água baixa perguntava se eu queria retirar, e muitas vezes eu retirava meus 'filho' 'pequeninho' pra casa da vizinha, lá em cima, no Pueril[?], entendeu? Isso... Nunca tive recupe... nunca tive recuperação, assim... a... Olha, sinceramente, o que eu tenho mais desgosto é de não ter... Desde aquele tempo, que são muitos 'ano', né? Cê sabe. Nunca ter, assim: -'Vamo' fazer uma coisa, um benefício pra 'poder' esses 'morador' não 'passar' esse sofrimento.</p>
33	<p>Nunca é compensado, é... só que a gente vai pro futuro e o passado fica pra trás. Então não tem recompensa, não recompensa. Não tem como você... Tá. Comprar um outro mó... um outro guarda-roupa você compra um outro guarda-roupa com o tempo, mas não... não tem como você... Sabe? Compensar a 'perca', não tem, não tem por onde. Mas só que a gente que a gente vai caminhando pra frente. Mudar a gente não pode mudar do local, se pudéssemos mudar, estaríamos num... numa montanha, mas como aqui é várzea, nós não 'tem' como.</p>

34 As 'vez' que eu perdi sofá, alimentação, essas 'coisa', eu compro de novo e ponho no lugar, não tem outro[?].

35 Não, não dá pra compensar. É perdido, tem que colocar como perdido, é... Mesmo depois, limpeza, tudo é perdido, não repõe mais, ninguém para isso pra gente.

Respostas - Pergunta 4

1	Eles 'devia' de dar um jeito pra arrumar esse rio, né? O rio que é [trecho inaudível] parece[?] que já sabe que vai dá enchente porque, senão, sempre vai dar enchente, né? Quando chover forte.
2	Ah, 'toma' as 'providência' 'necessária' aí pra não dar mais enchente aqui, que ninguém merece passar por isso, não[?]. A gente paga tanto imposto aqui e tudo, e não compensa nada.
3	Bom, às vezes eu acho que eles precisam um pouco da ajuda do... da população. Volto a repetir, né, meu? Mas, sei lá, eles deveriam olhar um pouco mais, entendeu? Aqui são 24 anos que a gente mora aqui, né? O[?] riozinho[?] é sempre o mesmo, né, meu? Aí, sem contar a cavalaria que eles colocam aqui pra pastagem. Ainda bem que ajuda um pouco, né? Que os 'cavalo' já vão pro gramado ali, né? Agora o... o Governo, o prefeito mesmo não pode fazer tanta coisa também se não houver ajuda da gente, né? Se não tiver [palavra inaudível]... (Consciência da população, não é?) Consciência, exatamente. Com a conscientização do... do pessoal.
4	Que arrumasse esse cor... esse esgoto aí. Canalizar ele, né?
5	Melhoria pra aqui Melhoria. Limpar mais o rio de 15 em 15 dias, limpar. Mas sempre tá a gente... Rato o que mais tem aqui vem pra[?] dentro de casa, devido 'os' 'mato'. Olha onde[?] tá? Teve uma vez que deixou um corpo aí dentro de tanto tempo que eles 'demora' pra limpar.
6	Em primeiro lugar, canalização no rio, né? Segundo lugar, limpar o... as bocas de lobo, né? Melhora... Melhorava
7	Canalize aquele rio ali (A senhora acha que canalizando aquele rio, melhoraria?) Eu acho que melhora. Melhora, melhora um pouco, porque deixa aberto e toca lixo lá dentro. Se tá fechado, ninguém vai jogar lixo dentro, não tem como, né? Quando sobe aquele lixo, sobe aquele cheiro, sofá, tudo dentro do... Ali a água vai pra gente mesmo, né? Não tem pra onde.
8	gostaria que eles fizessem para acabar com essas enchentes? Aí cê tem que ver porque tem que estudar e ver o que pode fazer pra melhorar, né? Eu não sei, né? Não sou engenheira, eu não sei. Eu só sei que entra água, né? (Entendi.) O único 'problema' é ser rio sujo, né? Esse rio aqui... O rio dos meninos também, que sempre tá sujo, né? Aí...
9	O que eles 'faça'? Ah, espero que eles 'faça' melhor. [risos] Sei lá, é... limpar esse rio aqui porque esse rio aqui não tem espaço pra... é... Eu acho que não tem espaço, por isso que há enchente, por isso que causa enchente. Não sei.

10	<p>Não tem[?] ajuda nenhuma de ninguém. E, pelo menos, não, porque eles 'imagina'... Mas escuta, mas não... Eu, se não tivesse esse problema eu não... não tinha... não ia perder nada, não ia ter esse trabalho, essa... essa angústia, essa tristeza, esse momento triste que a gente passa, né? Todo mundo, né? Tá louco!</p> <p>Lógico que eu gostaria muito que... Por exemplo, nós aqui temos um... Eu não sei se você [trecho inaudível] que ele, no trabalho dele que... Como é que fala? Apresenta convênio. No programa que ele iria fazer ele propunha pra nós que ele, se se elegesse, ele iria procurar acho que canalizar esse negócio aqui... essa água, fazer uma praça, um jardim pra nós, sabe? Os 'idosos'... os idosos, as 'criança'. Ele propunha aqui pra nós, pra nós seria maravilhoso [que] cuidasse disso aqui. Se não fosse canalizar, mas que fizesse uma coisa pra que não houvesse mais isso, esse transtorno pra todo mundo, né? E além do pessoal não ter condição, ainda perde o que tem, compra, perde o que tem; aí quer comprar de novo, ninguém ajuda, ninguém nada.</p>
11	<p>É, pra não ter enchentes eu não sei... eu não sei o que fazer, mas acho que uma canalização no rio ou... sei lá. Ai, menos lixo, não sei.</p>
12	<p>Eu não sei o que que eles podem fazer, alargar mais o rio... Eles fizeram um Piscinão lá no fim[?]... na... [palavra inaudível] Paraíba[?], que tem aqui no bairro. Mas não resolveu nada, eu acho porque sempre deu enchente aqui. Se você está fora de casa, cê não entra, se você está dentro, você não sai. Porque é horrível as enchentes, fica muito feio.</p>
13	<p>Ah... Ah, eu nem sei, viu? Melhorias [palavra inaudível].</p>
14	<p>Eles não vão fazer nada, né?. Eu espero de Deus. Só de Deus me ajudar, porque da prefeitura não é de hoje que eles vê que nós tem enchente, né? Esse monte de gente que tudo leva enchente, porque não é só nós daqui, né? Porque todo lado por aí leva enchente. Não resolve fazer nada. Esse rio aí uma hora vai canalizar outra não vai, outra hora vai ser pior e fica assim e tome lixo, tome lixo né, desse jeito e não podia pelo menos né...agora tão limpando aí pra trás agora não tira tirar aqueles mato. Depois cresce pernilongo aqui. Mais nada. E não adianta com a água, não pára água, né? A água ela sobe mesmo, se for muita como foi aquela de janeiro ela sobe, agora se é uma enchente baixinha ela vai embora, né? Mas esse rio vira um mar. Nunca viu enchente aqui, né? Chega a vê cê assusta, viu? Não é brincadeira não. Bom foi a última que nós levamos, foi essa aí, essa grandona que eu te falei que a gente ficou de meio-dia até 2, 3, 4 horas da madrugada, que a gente deita que parece que tomou uma paulada que cê não consegue nem dormir, tirando água de balde e vem água e você tira, vem água e não tem fim. Ah não...demais...assim não dá não.</p>
15	<p>Olha, eu esperava pelo menos a atenção deles, de vir ver que nem...na enchente a gente perdeu muita roupa, né? Mantimentos que a gente tinha...eu acho assim, né...eu acho assim né, ninguém...por exemplo eu da minha parte eu não tenho família daqui, né? Da minha parte. Não tenho família aqui,que eles poderiam ver pessoal, pessoal que perder tudo ver se a gente comeu, que ficou o dia inteiro tirando água, tirando sujeira. Ver se a gente comeu, ver se a gente tem água pra tomar aqui, né? Porque do jeito que foi. O que eu vi na época, por exemplo, é que tinha o pessoal acho que da prefeitura com colchões, aqueles colchonetes, né, que quem conseguia, conseguia, quem não...então eu acho, acho que deveriam ver em primeiro lugar isso daí, se tinham como se alimentar naquele dia pra continuar com força a noite limpando tudo, se não tivesse amigos que vem de fora, as pessoas assim que quando lembra tal...que vem as vezes trazer uma pizza, um vem trazer café quente. Então eu acho que seriam eles, que eles deveriam tá passando e vendo se tão sendo alimentado esse pessoal, porque tem umas pessoas aí que são do norte e não tem ninguém, ninguém mesmo. As vezes tem lá um conhecido em São Paulo uma coisa assim, então a gente aqui se une nessa hora aí, mas eu acho que eles deveriam principalmente isso daí, ver se tão com alguma roupa pra vestir na hora, porque você vê ali muita gente molhada e sua roupa tá toda molhada, porque não deu pra salvar</p>

16	<p>Bom, eu acho que eles tão fazendo o certo, que é fazer os piscinões, mas acho que eles têm que manter limpos os piscinões todo o ano, cê me entendeu? E o povo também tem que se conscientizar que não tem mais terra pra absorver a chuva, então cada um tem que fazer tua parte. [É um trabalho de conscientização] Tanto também do Estado, da Prefeitura e do Governo, quanto do pessoal, os moradores também, porque aqui ó, passa o pessoal, para aqui e joga lixo ali. A gente recolhe o lixo tal, 3 vezes por semana tem lixeiro. A gente deixa o lixo aqui e...não. O pessoal passa e para joga as coisa e, entendeu? Mesmo no dia da enchente que tá o córrego cheio, essa última grandona que que teve que eu te falei, a pessoa com um sofá dentro de casa e ele jogou o sofá no rio...escuta, espera! Nós aqui tudo o pessoal tudo teve que esperar no outro dia pra limpar a casa pra tira as coisa pra saber o que que tinha estragado e o que não tinha pra joga fora. Nós não fomo joga na rua. Aí entupiu mais ainda o córrego ainda porque o sofá ficou bem na boca ali ó e a água não ia embora..</p>
17	<p>Eu... eu... eu acho u... uma coisa que eles 'podia' fazer pra melho... É... é minha opinião, [trecho inaudível - muito barulho ao fundo] minha opinião. E... eu acho que é... uma coisa é... é canalizar aquele rio dali e fazer um negócio pra água não 'vim' pra cá, mas a água... a daqui... da... [som de buzinas ao fundo] A água da... a água do, é... [trecho inaudível] não vem pra cá, Poá, ela vem de São Bernardo pra cá.</p> <p>Aqui... aqui atrás é uma rua de terra, nunca deu enchente ali! Nunca deu enchente naquela rua... naquela rua, e a rua de trás, a rua do rio. (Ela é mais alta do que aqui.) Exatamente, a água... a água começa... de cima ela vem baixinha, né? Desde lá de cima já, [trecho inaudível] água. Aí vem e vem puxando de baixo [trecho inaudível].</p> <p>E aqui também tem uma coisa: quando... quando... às 'vez' tem umas pessoas que 'tá' vendo [palavra inaudível] na enchente, que aí vê seu carro na garagem, né? Um dá alarde pro outro: -Ô, [trecho inaudível]! Então uma hora é todo mundo tirando os carros, senão... O pior é que cê vê muito carro aqui nessa rua, aqui.</p>
18	<p>Ah, espero que melhore, pelo menos desentupa os 'bueiro' porque 'deve' ter bueiros 'entupido' por causa da enchente. Acho que é isso.</p> <p>Não sei. Essa rua é muito baixa, começa a chover e enche... rapidinho enche essa rua aí. [...]</p>
19	<p>Arrumar mais as situações aí, né?</p> <p>(sobre as obras estruturais) É muito difícil, né? É muito difícil, mas... mas acho que dá, [trecho inaudível] o rio.</p> <p>O que... o que estragou mais é que levantou a rua. Antigamente a rua era mais baixa, então a água entrava menos. Depois que levantou a rua, aí vem com tudo.</p> <p>Porque a casa era bem baixinha, a gente levantava um pouco, mas sempre ficava tudo, mas... aí vai entrando.</p>
20	<p>Ah, eu acredito que dê pra eles melhorar, sei lá, a... Arrumar um jeito pra não dar enchente pro pessoal não sofrer tanto desse jeito, entendeu? Porque tem muito lixo, apesar, que a população que colabora pra isso, né? Então fica meio difícil, teria que tomar multa, sei lá.</p>

21	<p>Olha, pra... pra te ser sincero, eu não acredito que eles vão fazer... eles vão... vão fazer nada, cara. Porque, é... a gente só vê aí prometendo, desde criança que eu vejo que eles vão, é... é... vão canalizar o rio, vão canalizar o rio, vão canalizar o rio; já tenho 40 anos. E só se for o Rio de Janeiro que eles vão canalizar, porque este rio aqui eu acho que sem chance.</p> <p>Eles fizeram aquela comporta no final da Avenida, lá... aquele... a comporta... O que que tá servindo aquela comporta lá? Tá servindo hoje em dia pra se jogar lixo, aquele piscinão, era... era... O piscinão era pra água escorrer e cair lá. O que, que acontece? Agora, eles tão... eles tão jogando lixo, tá tudo cheio de entulho. Então, a água não tem pra onde a água escorrer, ela... ela não... ela não tem uma saída. Então é isso que acontece: ela chega lá, ela bate e volta.</p> <p>(O que deu de diferença nesse piscinão da época que fizeram para agora?)</p> <p>A água, ela... ela demora mais a vazar. Antigamente até ela... ela enchia da mesma forma, só que a água vazava mais rápido. (Da mesma altura?) É a mesma altura, só que a água vazava mais rápido. Agora... (Não tinha menos?) Não, eu acho... (Não tinha mais?) Ah, depende né, cara? Depende da é... depende da chuva, o... Que foi o que você me falou. Na é... a... Hoje em dia ela demora mais pra... pra eva... pra escoar a água.</p>
22	<p>Eu gostaria que alguns políticos, principalmente daqui de Santo André, não lembrasse do povo só na hora de pedir voto, que lembrasse na hora de socorrer, quando precisa. (De socorrer?) É lógico.</p> <p>Eu não. Eu sei que, quando chove, tem que abrir pra ele recolher a água, né? Mas todas as vezes que dá enchente o piscinão não tá puxando a... não tem ninguém lá pra mexer com ele. Que é isso?!</p>
23	<p>Deveria canalizar o rio, catar a sujeita. Tem muito lixo.</p> <p>E não é só a prefeitura, né? A população inteira, ela 'mesmo' já... Começa por ela, que é porca, que lixo cê coloca no dia que a pessoa... que o lixeiro vem pegar o lixo. Às vezes eles colocam antes, aí vem a chuva e [trecho inaudível] água, no esgoto, lança[?] pro rio, e acaba tampando as canalizações, aí fica tudo parado. Por isso que sempre o rio sobe também.</p>
24	<p>É, o que eu gostaria que fizesse foi o que eu falei aqui: é fazer o trabalho... O mesmo que foi feito em São Bernardo: canalizar o rio, esse rio aqui, canalizar esse rio. Canalizar isso aqui... esse aqui do lado, fazer a... a limpeza constante.</p> <p>O problema da comporta que ele falou lá: não tem ninguém pra... pra... pra fiscalizar, pra orientar, pra abrir, pra... pra olhar. Não tem ninguém [trecho inaudível]. É isso, o que eu esperava é isso aí, né?</p>
25	<p>Olha, primeiro lugar eles têm que... eles têm que canalizar o rio que tem aí atrás (Dos Meninos?) Não sei o nome desse rio. (Divisa com São Bernardo aqui.) Não, é... Esse divisa com São Bernardo é aqui, né? É que nós 'tamo' no meio de dois rios. Esse, divisa com São Bernardo, é esse aqui na frente. Agora aqui atrás tem um que cria muito mato, sabe? Lixo pra todo lado. (Nós fomos lá agora, a gente estava fazendo entrevista lá agora.) É mato, pernilongo. Ah, eu não sei, acho que até cobra tem aí, entendeu? E muito lixo também, então a gente... a... eu acho que em primeiro lugar tem que... que 'incanaliza'... 'incanalizar' esse rio aí.</p>
26	<p>Hum... Eu continuo morando aqui porque é o lugar onde a gente trabalha, o lugar onde a gente arruma emprego muito mais fácil. Se a gente vai pra uma outra área onde não dá enchente e a gente não arruma emprego, não... não tem serviço... E a gente trabalha por aqui, então tem que morar por aqui.</p>

27	O 'ideal' mesmo pra eles 'fazer' aqui, pra ele... Nós[?] 'tamo'[?] é[?] acostumado, eu[?] faço[?] isso, [trecho inaudível], na linha do trem, né? Fazer um paredão, tirar aquele paredão de... de terra ali Ela (OBRAS ESTRUTURAIS) não... não vai resolver to... totalmente, mas vai... vai e... evitar alguma coisa, certo? Evitar alguma coisa, porque a turma evita de jogar sujeira no... no rio, e por isso mesmo que fica ali, cheio... cheio de suje... sujeira. É rato, é tudo quanto é [trecho inaudível].
28	Eu acho que tinha que melhorar a limpeza, né? Das 'rua' e canalizar o rio. Eu acho que se canalizasse o rio ajudaria bastante
29	E agora, hein? [risos] Ah, eu não sei porque a gente já foi em várias reuniões no CA[?] sobre essas enchentes. Olha, muita gente 'recramou' muito desse... do pisci... dum piscinão que tem aqui, né? E quando ele enche, aí a gente fica 3, 4 'hora' na água, da... ilhado. Tem que dizer ilhado, né? E sendo que o Rio dos 'Menino' aqui tá cheio e lá já tá vazio. Ah, sei lá, acho que eu não... não... tô[?] vendo[?] benefício nenhum com esses 'negócio' que eles fizeram. A gente só 'recrama', 'recrama', 'recrama' e ninguém faz nada. [risos]
30	Que 'resolva', né? Não fizeram o piscinão? Não fizeram o piscinão? O piscinão tá resolvendo alguma coisa? Não. O piscinão tá lá em baixo, lá perto da Príncipe de Gales. Tudo bem, o problema é aqui, o problema não é lá. Lá é um outro... um outro setor que cuida. Tem que ter um piscinão aqui. Aqui tem que ter um piscinão porque a bacia, na verdade, é aqui porque vem água de todos os lugares. Então a bacia é aqui, então tem que ter um piscinão aqui no nosso bairro, não lá do outro lado, lá perto do... do Canil, 'aonde' tem um. Tem um piscinão lá perto do Canil. Resolve? Não resolve! Lá a água baixa lá, agora tá lá, cheio de mato, tudo abandonado. Tá assim. E quando dá enchente fica tudo fechado, óbvio, né? As comportas estão sempre 'fechada'. Então...
31	Nem sei 'expricar'. [risos] (O que você acha que eles deveriam fazer?) [...] Nem sei responder [risos] o que é que deveriam... Teria alguma coisa que você acha que eles poderiam fazer? Alguma obra, alguma... É. Fazer mais, é... Limpar mais 'essas' 'rio', né? Os 'córrego' pra ver se não dá tanta enchente.
32	É justamente o que, é... Eu não sei explicar, assim, o que eles 'devia' fazer, mas eles 'devia' tomar providência, cê entendeu? Porque justamente que, quando eu fui entregar minha casa... Quando eu fui entregar minha casa porque só tinha pago três meses de... de... Como é? De aluguel. De aluguel não, de... (Prestação?) De prestação, só que eu pagava. Então um engenheiro lá me falou: -Dona Erutilde[?], não faça isso que você vai se arrepender porque vai melhorar. Não vai ter mais enchente. Naquelas 'altura' tinha sido um palmo que tinha entrado na minha casa, mas nunca tinha havido enchente, então eu fiquei admirada daquilo. Ele me falou que ia, sim, canalizar o rio, então... E nada disso aconteceu. Isso eu digo com... co... com consciência que[?] o que eu tô dizendo. Deus ajude que ele... Se ele tá vivo eu não sei porque foi já há 50 'ano' atrás também, né? Mas ele... isso aí ele me prometeu que ia ter melhoramento. Pelo contrário. Aí nos outros 'ano' era 1... 0,5 m, 1,5 m, chegou a passar... Teve enchente que passou pela janela! Pela janela.
33	Ah, pra mim é... é um trabalho a longo prazo com relação à rede de esgoto. Porque, assim, tem que refazer a rede toda, a rede toda. Porque eu... eu estou falando como moradora, mas eu, como trabalhadora, que tenho que cruzar uma enchente? Entendeu? Então tem que ser na cidade inteira, no município, no estado todo. Uma rede... uma rede de esgoto, uma coisa que dê vazão pro rio, né? Porque não tem como tanta água caber no bueiro, caber no esgoto. Não tem como. E o próprio rio também.

34	<p>Ah, seria bom que eles tomassem as providências, ajudassem a gente, né? Pra parar com isso, mas a... a... Como a gente se queixa, se queixa e eles não resolvem nada, então a gente não tem mais nem a quem apelar. Não tem a quem apelar.</p> <p>Eu acho que... que essas 'comporta' que tem aqui atrás... Quando enche aqui, eles 'fecha' a comporta, então a água represa e mo... enche as 'casa' 'todinha'. Quando a... Se deixasse ela aberta, a água ia embora e eles não fazem isso</p>
35	<p>É acabar com elas definitivamente, né? Porque até agora foi feito piscinão, foi feito... falaram um monte de coisa, até... Faz 15, 20, sei lá, 30 anos que tá a mesma coisa. Melhorou um pouco, mas não solucionou.</p> <p>Na verdade tinha que solucionar o 'pobrema', não minimizar, minimizar não ajuda nada. Continua... o 'pobrema' tá aí, do mesmo... do mesmo jeito.</p>

Respostas - Pergunta 5

1	Ah, o lugar É que eu gosto, né? Meus amigos sempre tão aqui, meus pais sempre moraram aqui; também tem minha avó, né? Que minha avó tá... ela é um pouco doente, aí minha mãe quer ficar aqui perto dela, né?
2	Ah, é uma questão de... de... questão financeira também, que se você [trecho inaudível] aí, o aluguel é mais caro, entendeu? E aqui é mais barato e o bairro é bom, com tudo isso.
3	Porque aqui é o único lugar que eu tenho. Eu sou dependente da minha mãe, ela é a proprietária da casa; aluguel eu não tenho condições de pagar. Aluguel eu não tenho condições de pagar, certo? Com o salário que eu ganho, então eu tenho que morar aqui porque é da minha mãe e é aqui que eu vou ficar.
4	Porque a gente não tem outra 'obição' pra subir mais pra cima
5	Aqui é um bairro muito bom, tudo é perto Eu gosto. É... Tudo é perto: Santo André, São Bernardo, São Caetano, é tudo perto. É muito bom aqui. Fora a enchente, aqui é um bairro muito bom
6	O lugar é muito bom. Mas, assim, a gente não tem condições, né? De ir pra outro lugar.
7	Por falta de opção, né? Se cê não tem condições de morar em outro bairro mais longe da enchente. Ah, não tenho nada contra o bairro. Pra morar é.
8	Eu já moro em terreno da Prefeitura e vou pra onde? Tenho nove filhos! Com um monte de filho pra onde é que eu vou? E já... já tô no terreno da Prefeitura? Pra onde é que eu vou? E também eu preciso fazer um muro ali na minha casa, que eu moro bem de frente ao rio. Mas não tive condições aí. É um muro até grandinho, né? Que, quando eles vieram cavar[?] o rio, eles 'devia' ter feito aquele muro pra mim, só[?] pela[?] Prefeitura. Mas tá aberto lá, se cê passar lá, logo vai olhar - tem a cestinha só e a água entra com mais facilidade, né? Sem o muro, né? E ali o muro tem que ser bem reforçado mesmo pra não... a água não derrubar ele. E pra onde que a gente vai? [risos]
9	Porque eu não tenho condições de sair daqui. Se eu tivesse, não 'taria' mais, não (A senhora não gosta de morar aqui?) Não, por causa das 'enchente', né? Não é que eu não gosto do bairro, eu não gosto das 'enchente', né? Quando enche é difícil, né? Muito difícil
10	Ah, no meu caso é pouco tempo que eu moro aqui, mas dependendo, se for muita enchente, vou ter que mudar.

11	<p>Ah... Eu não tenho condições porque eu já... eu já [trecho inaudível], não tenho condição porque eu... eu já tenho tantas [trecho inaudível]. Pô, não tenho porque não tem condição de... A gente ganha, sobra um pouquinho e você guarda pra necessidades, né? Tem as enfermidades. Cê tem que ter sempre uma reservinha sua, mas não que você tenha condição, é...</p> <p>Por falar nisso, eu tenho uma casinha em Guarulhos, né? Perto 'da' 'minhas' familiares; casinha simples, três comodozinhos, mas eu não... eu... é... Eu preciso... é... Acostumei aqui, eu gosto daqui, se não fosse esse problema da água... Eu, que tô aqui desde [19]71, eu acostumei, gosto do lugar, mas tem esse problema das 'enchente' que atrapalha a gente, né? E mesmo o meu ganha-pão, é meu trabalho aqui, eu não posso desfazer, simplesmente sair, fechar a 'porta' do meu comércio e sair. Não posso, tudo tem um momento, tem a hora de chegar.</p>
12	<p>Não. Meu caso é exatamente esse: não tenho pra onde ir, essa é minha casa e eu não posso sair daqui. Não posso pagar aluguel, não posso... Pra vender também não dá, pra comprar outra também não dá, então continuo aqui.</p>
13	<p>Não têm para onde ir. É verdade. É o meu caso aqui. Porque a casa é minha, né? Então eu moro aqui, né? Por isso que eu moro aqui, porque essa casa é minha, então eu tô aqui até hoje. Eu gosto do lugar, gosto bastante dos vizinhos e aqui [trecho inaudível], mas aí [palavra inaudível] que não acostuma nunca. [risos] Há 45. Eu vim morar aqui eu tinha 15 anos e fiquei. A minha casa era bem mais baixa que essa, né? Antigamente enchia quase 1m de água, agora e depois de... O meu... Era do meu pai essa casa, né? E meu marido comprou dele e conforme foi... A gente foi reformando, foi levantando mais e mais e mais. Mas ainda não deu tudo porque ainda entra água aqui, ainda entra água. Olha, [palavra inaudível]. O meu marido me deixou um... um salário... uma pensão, um salário mínimo. Então eu tô vivendo com esse salário mínimo, né? Não tem como eu mudar daqui porque agora a casa é metade dos filhos, né? E realmente agora, né? [trecho inaudível] o valor dessa casa não pega muito dinheiro. Então não dá pra 'mim' nem comprar um apartamento com o que sobrar pra mim. É econômica</p>
14	<p>Agora eu tenho motivo para morar aqui, porque aqui é meu mesmo e agora melhorou pra mim, porque bem mais alta tudo bem, né? E eu não podia comprar não tinha dinheiro, pra comprar, né? Então... pra arrumar essa também não tinha condição de arrumar, né? Agora foi que Deus me ajudou, né? Que a gente deu um jeito e ergueu aí um pouco mais, porque não dava. Meu filho falou que a gente se acaba na enchente... que é tudo velho nois num sono novo mais... e nois se acaba na enchente e eu não posso fazer nada. Então né, não tem como. É isso aí.</p>
15	<p>Não, não tem mesmo. Não tenho condição de sair, pagar um aluguel. Não tenho condições, não tenho pra onde ir, então a gente tem que continuar aqui. Como é que eu vou sair eu, meu marido, 3 filhos, pra onde que a gente vai? Vou entrar num aluguel de 600, 700 reais, pra depois não pagar o aluguel, não adianta</p>
16	<p>Acontece o seguinte: se a gente for vende a casa aqui, a gente não vai encontrar outra pelo mesmo valor. Aqui desvalorizou muito com esse negócio da enchente. Que nem meu terreno é 9X33, são 297m, pelo IPTU da mais de 100000 reais o valor venal (?) da casa. Se eu pegar 60, 55, 60.000 é muito. E outra, pra quem eu for vender, a pessoa, a caixa econômica não... financia área de risco. Então ou a gente recebe a vista, e depois tem outra, a gente muda daqui, vai compra casa por 50, 60.000 aonde? Cê entendeu? Então a gente continua porque a gente já acostumou também com o bairro aqui, já vai fazer agora dia 3 de outubro vai fazer 52 anos que eu moro aqui</p>

17	<p>Ah, eu não tenho pra onde ir. Mas eu tô satisfeito ali, graças a Deus, porque agora eu arranjei meu sobrado, então a... a água vai só na... só na... na garagem ali, sabe? Então não vai lá pra dentro. Agora, já veio, já aconteceu de ir, e é alto pra chuchu, só que foi chochinho : 2 'palmo' d'água e chegou no... pertinho da estante ali, do sofá, a água limpa, não foi água suja, não. Tava lim... tava indo bem. E não era assim, não. Antes era mais ???ado. Que a turma ergue, né? As 'casa', né?</p>
18	<p>É verdade. Não. A gente paga aluguel aqui, mas a gente até pretende sair daqui, alugar em outro lugar que não enche, né? Mas até agora a gente não achou uma casa. Não, financeiro, se você vai alugar uma casa tipo essa daqui, é tudo pela imobiliária. Então complica mais ainda a situação da gente, não é?</p>
19	<p>Foi. Eu tenho parente em outro lugar, né? É porque aqui... Se eu sair e pagar aluguel não dá, né? Eu gosto daqui.</p>
20	<p>Não, não é o meu caso Ah, eu gosto daqui. Eu gosto, assim, eu tenho muitas... muitas amizades do meu tempo de solteira, entendeu? Então eu gosto. (que motivo sairia de lá) A um assalto muito grande, uma... uma coisa muito psicológica, assim, que me... me vem[?], assim atacar. Não seria a enchente. Porque a enchente pra mim não me atinge, atinge o pessoal mais que tem as casas baixas, né? Pra mim, nunca... Nunca tive problema, só que não dá pra 'mim' ir pra dentro de casa, né? 'Ma' tudo bem, até aí, um dia cê entra.</p>
21	<p>Correto.Ah, motivos tem financeiramente, né, cara? Não... não tenho condições de tá morando num... num lugar mais afastado. 'Aonde' eu moro mesmo não dá enchente, eu mudei daqui... daqui da casa... da casa do meu pai - casei, mudei. Mas, o que acontece? Quando dá enchente, enche a casa do meu pai, então eu, como filho, tenho que priorizar[?] ele. Então quer dizer, eu moro... eu tô fora da enchente, mas tô dentro ao mesmo tempo. Então, pra mim dando enchente ou não enchendo vai me atingir de qualquer jeito. Ah, cara eu não... Onde... onde eu fui... Onde eu nasci, eu me criei, é onde eu conheço todas as pessoas.(se deixasse o bairro?) Ah, não aconteceria nada, né, cara? Não aconteceria nada, é o que eu te disse: hoje em dia eu não tenho condições 'financeira' pra tá saindo do bairro.Senão eu sairia, com certeza.</p>
22	<p>É Não, não é isso Não, condições eu tenho de sair a qualquer momento, eu não tenho é 'compania' pra sair. 'É' eu minha filha, eu e minha filha 'sair' pra onde? Sair mudando por aí, à procura... Sei lá Aqui é bom, apesar de não conhecer ninguém. Tô praticamente isolada, não conheço ninguém. Conheço de bom dia, boa tarde e até logo, mas de amizade não tenho vínculo com ninguém. (da situação financeira) Não, não é Não, eu tô agüentando enquanto... enquanto der[?].</p>
23	<p>Com certeza Não. Meu motivo aqui é que eu gosto do local, as pessoas são ótimas, não tem nenhuma tipo de 'pobrema', nem de assalto, nada. O único 'pobrema' que tem aqui é enchente, mas graças a Deus não é sempre, é só quando vem a chuva mesmo. A gente sempre precisa se organizar, né?</p>

24	(tempo que mora no bairro) Trinta anos. Eu gosto do bairro, eu gosto do bairro. Eu gosto das pessoas, o bairro é bom. Lamentavelmente tem essas mazelas aí, né? Que...
25	Assim, eu gosto de morar aqui, eu gosto. Eu moro aqui há tempos e eu gosto demais. (O único problema são as enchentes mesmo?) É. Eu não tenho nada contra, o... o bairro é muito bom pra morar.
26	Hum... Eu continuo morando aqui porque é o lugar onde a gente trabalha, o lugar onde a gente arruma emprego muito mais fácil. Se a gente vai pra uma outra área onde não dá enchente e a gente não arruma emprego, não... não tem serviço... E a gente trabalha por aqui, então tem que morar por aqui.
27	Muita gente É. Porque não tem outro lu... lugar pra ir embora, né? Foi. Eu gosto do bairro porque o bairro é sossegado... é sossegado, cê tá entendendo? É sossegado...
28	Ah, no meu caso foi uma opção minha. Eu vim consciente, eu até já falei antes, eu vim consciente do que eu estava fazendo, então, foi uma opção. Eu sabendo que era perigoso, que eu poderia estar passando por uma série de problemas. Mas foi uma opção, até por um aluguel mais em conta, tá? E... Mas eu vejo pessoas assim, que realmente não têm outra alternativa. É isso e isso mesmo.
29	Ah, não. Eu... Ah, eu não sei. Como a gente é proprietário, a gente cuida da casa, né? Agora... Não, eu gosto daqui, não é porque... Sabe? Faz 30 'ano' que eu moro aqui, eu gosto daqui. Só que na... Assim, na época da enchente a gente fica, assim, a gente não sai de casa, né? Quando o tempo tá assim bom, aí a gente aproveita porque quando... Essa época de enchente não dá nem pra sair, não por... Não, eu gosto daqui
30	É, eu moro aqui porque eu gosto do bairro, tá? Gosto daqui, é... Toda a vida eu morei aqui. Se eu tivesse condições 'financeira', lógico que eu moraria noutro lugar. Mas como eu não tenho, então cê vai... cê vai lidando. Um ano você levanta a calçada, a mu... a mureta, noutro ano cê coloca a comporta e a gente vai vivendo. Fazer o quê?
31	Ah, o meu caso é esse mesmo, que não tenho outro lugar pra 'mim' morar, né? É difícil, eu vou... pra 'mim' arrumar, ainda com bastante 'fio'. O povo não aluga casa assim, pra pessoa que tem bastante 'fio'. Daí tô... tô aqui mesmo por isso porque, senão, já tinha saído.
32	Não, o meu caso foi isso: pus minha casa pra vender, sabe? Co... Quando deu logo... quando deu logo as 'primeira' 'enchente' eu pus a casa pra vender, mas não... [dirige-se a uma terceira pessoa] Vê aí, 'peraí'. Ai. Aí, quando eu pus a casa pra vender, mas eu dizia nas 'imobiliária' que dissesse que dava enchente porque eu não queria depois reclamação pra cima de mim. E quando ela... Quando aconteceu, que quando eu dizia, ele dizia: -Dona Erutilde[?], pena que o povo não tá comprando porque é na enchente. Então nós não tínhamos mais como sair. Aí então eu resolvi ficar com a minha casa mesmo na enchente. Aí então foi 'onde' nós 'alteamo' 1,50 m, depois 'alteamo' mais 20 cm - 1,70 m - e não teve jeito. E ainda entra água na minha casa, quando dá enchente alta, dá... entra na minha casa. E já fica tudo [palavra inaudível].
33	Não, é exatamente isso, é... é por não ter como sair daqui, questão financeira. Questão

financeira.

34 É... tem pra onde ir, às 'vez' que eu não tenho condições de pagar até[?] o[?] aluguel mais caro aí... porque tem muita casa pra alugar. Então... Aqui eu pago o aluguel de R\$ 400,00, pra 'mim' sair daqui e pagar um aluguel de mais de R\$ 600,00 a R\$ 700,00 'pau' já não tá dando. Aí a gente fica agüentando a situação

35 É... não que eu não tenha pra onde mudar, é a questão é que eu já tenho comércio no bairro há muito tempo e, pra mim, fica inviável mudar pra outro lugar. E como é só comércio, é o que eu tô te falando, talvez não me afete tanto eu pensar de ter que mudar. Mas se eu tivesse morando na rua, que nem os outros vizinhos, com certeza já tinha mudado. Eu não ia esperar, não.

Respostas - Pergunta 6

1	Acho que sim, né? Se for pra melhorar, eu a... ajudaria, sim. Participaria. É fazer uma reunião, né? Com todo mundo pra chegar na Prefeitura e conversar, né? Pra arrumar o rio. (Cobrar da Prefeitura as ações?) É.
2	Ai... [...] Ah, o melhor, né, cara? Fazer alguma coisa que 'vinhesse' o melhor pra gente aqui.
3	Não sei. O mínimo que eu posso fazer é ficar tentando lá o tempo todo... Quer dizer, conscientizar o pessoal, que é jovem, né? Tipo[?] de entulho, [trecho inaudível] lixo, esses 'negócio', tudo venha colaborar para que... A situação fica mais precária ainda. Já é precário normalmente, né? Mas com a colaboração do pessoal [trecho inaudível]...
4	Nós já 'fizemo' abaixo-assinado Ãhn? 'Entregou', (NA PREFEITURA) só que não adiantou nada.
5	Ah, contribuir com alguma coisa, se tiver que fazer alguma coisa, pôr a mão na massa. Alguma coisa que tiver de ajuda.
6	Diminuir? Ai, agora eu nem sei. É... Eu acho que o povo, né? Que tinha que ser mais cuidadoso também, né? Bota o lixo e... Eu acho que o prefeito também devia de cuidar.
7	Eu não gostaria de participar de nada, fico bem longe. [risos]
8	Não. A gente tem que dar... Se unir, né? Pra dar força pra poder melhorar as 'coisa', né? A gente tem que ter um... né? A gente tem que se unir pra todo mundo, né? Todo mundo pra poder dar força, né? Pra poder a gente fazer alguma coisa porque tem a gente, mas tem gente 'piores' ainda, né? Que perde tudo de tudo, tem aqui do lado de cá... Do lado de cá da avenida ali dá um [palavra inaudível], cê[?] chega e[?] chora quando vai lá outro dia, sabe? Porque a gente passa a noite todinha só [trecho inaudível] e lama que entra, né? E fora os 'rato' que vêm. Quem tira as 'criança'? Cê vai deixar na água ali, com rato ali dentro? (Entendi.) Então, e fora... Tem gente pior e pior. Você passa ali e vê onde eu moro, do outro lado de lá. Eu moro pertinho do rio, mas aqui desse lado de cá sou mais nesse[?] rio[?], muito mais. A gente precisa da[?] [palavra inaudível], mas não pode, né? É muito 'poblema', né?
9	Bom, eu não participo, mas meu marido participa bastante, né? (A senhora falou que ele vai muito para a Prefeitura.) Ah, ele é, ele participa de tudo. Ele participa, sim.
10	O que eu gostaria de fazer? Como assim? Se bem que eu não posso consertar, né? Por 'causa' que eu não sei nem por onde começar. Como eu poderia ajudar? Ajudar a tirar alguma coisa de dentro de casa. Acho que só isso, né? Porque o que mais se perde é... 'é' as coisa que tem dentro de casa porque criança, tudo, vai tudo pra casa de algum parente, a... às vezes mora alguém por perto, por aqui e[?] [palavra inaudível].
11	Gostar, eu gostaria, mas i... Eu não tenho condição porque não me sobra tempo nenhum, porque eu trabalho 18h por dias, das 7h às 10h [22h], 11h [23h] no comércio. E depois, quando fecha, ainda eu vou adiantar as coisas todo dia. Na re... na realidade eu vou dormir é... é 1h, 1h30 da manhã e levanto às 6h30, 15 pras 7h. Então eu trabalho 18h, e uma pessoa de 62 anos. Sou obrigada porque eu não tenho condi... Não tenho [palavra inaudível] e quem... é... 'aonde' buscar. Eu sou obrigada a ficar aqui, até que... Eu quero sair daqui, tô pedindo... tô até pedindo a Deus que prepare alguém pra comprar isso aqui pra 'mim' poder sair fora porque a minha idade já não consegue mais esse... é... Dezoito

	horas no trabalho, entendeu?
12	Ah, eu acho que... Não sei, eu não tenho nem tempo pra isso. Não tenho nem tempo pra isso porque eu não sei o que fazer e... Sei lá, não...
13	O que eu pudesse fazer? Ai, o que eu puder fazer eu faço, eu gostaria de ajudar. Não sei como, eu teria que ter uma orientação de alguém, né? Alguém me ajudaria. Não tem como. O meu marido, ele foi presidente da Sociedade Amigos do Bairro, aqui da Miricij[?] há muitos anos atrás, né? Então ele resol... ele queria resolver muitos problemas de enchente, trabalhou muito nessa Sociedade Amigos do Bairro, inclusive fechou, né? [trecho inaudível], fechou. E eu acho bom ir lá... ir lá... [trecho inaudível] já tava a vereadora, [trecho inaudível] era assim. Eu ajudava ele naquela... na Sociedade Amigos do Bairro, ele era... Ele foi presidente 10 anos, trabalhava muito aqui para a comunidade, sabe? Inclusive, as pessoas falavam que a gente ganhava dinheiro sobre isso, sempre [palavra inaudível]. Mas não era nada disso, ele fazia porque ele gostava mesmo de ajudar o bairro, de ajudar as pessoas, né? Eu não sei, ajudaria de qualquer forma porque eu tenho tempo disponível, né? [Trecho inaudível - celular toca ao fundo] eu deixaria de ajudá-las pra ajudar o bairro, ajudaria no que fosse necessário, né? [trecho inaudível].
14	1. Como assim? Participar como? Não, porque eu não tenho aquela leitura, né? Olha eu não tenho mais idade. Não... não tenho leitura pra né... Se eu tivesse o quarto ano, se eu estudasse, né? Tivesse um estudo, aí eu até ia ver como é que era e ia em frente, mas velha, fazer o que?
15	1. Como assim? Como um ação assim no bairro? É seria interessante sim. Seria interessante. Agora... é aquele negócio, né? Negócio de tempo, de você ta podendo disponibilizar... que nem o único que eu tenho... eu cheguei agora a pouco... é no sábado, é no domingo... Não imagina... É no sábado. Porque eu saio bastante com ela pra fisioterapias dela. Daí trabalho, o negócio é isso, mas se tivesse alguma coisa pra visse a gente arruma, a gente arruma tempo sim pra se é um luta pra realmente acontecer alguma coisa aí bom pra gente, né?
16	Eu, assim, de eu participar de tá num grupo participando, nesse sentido que você fala? Não, eu não tenho condições, não posso porque eu tenho meu pai doente, não posso nem sair de casa. Não tenho condições mesmo. Nem pra palestra, de jeito nenhum. Alguma coisa, quando vier alguém pra da uma opinião, uma idéia, tudo bem. Pra participar não tenho condições mesmo
17	Ah, eu iria, sem problema, [trecho inaudível]. Ai, eu queria que todo o mundo, é... de... de... devia [palavra inaudível], sabe? Sem... Conscientização Sem... sem pegar aquele... aquele tal de ficar nervoso, não tem nada. Se tiver um dia e não tiver espaço, não tem 'pobrema'. É ruim isso aí, vamos supor, é... Naquele dia que falei, que tava... que eu tava em São Paulo a gen... a gente ficou com medo! Chovia e tinha que sair correndo, e era... [trecho inaudível] aí, tempestade[?], sempre triste. 'Morreu' três 'menina' aqui no fundo, aqui, ó. Tinha um cortiçinho no fundo assim, sabe? Então as pessoas dormiam e tinha o corredorzinho. O meu cunhado que faleceu, ele salvou dois ainda, que ele trabalhava nesse negócio de... de sal.. salva-vida [trecho inaudível], salvou duas 'criança' ainda. Que a... foi ruim!
18	Não.
19	Pode ser. Hum. É que não dá tempo, né? De fazer isso (ser voluntária)

20	Ah, eu gostaria porque daí eu acho que cê poderia passar pros outros o que está acontecendo. E pelo menos saberia o que tá trazendo a enchente, além do lixo que provoca uma enchente, entendeu? Que eu sei que a maior causa é o lixo. Às vezes a gente poderia orientar as outras pessoas, porque tem muitas pessoas que não... não tão nem aí, né? E a gente poderia orientar, né? -Ó, não joga lixo, 'vamo' colaborar porque você foi prejudicado.
21	Não.Não, eu não gostaria de participar. Por... pela minha descrença, né, cara? Por eu ver muita gente prometendo, prometendo, prometendo e nunca é feito nada.Fica meio difícil deixar de... deixar de ajudar a comunidade, né, cara? A gente tem vontade de ajudar a comunidade, né, cara? Mas ao mesmo tempo a gente vê que tem e pessoas que só se prevalecem desse momento, desse momento. Então que a gente fica meio descrente, cara, de... É tipo assim... É que a gente não pode citar nomes, né, cara? Mas esses candidatos aí a vereadores do bairro - tem um monte aqui no bairro, só aparecem nessas horas. Na hora da enchente, é. Aí so..Nessa hora eles viriam, aí que me deixa com mais raiva, porque aí eles aparecem. Aí na hora mesmo do... na hora que você mais 'precima'... cê precisa deles, eles somem e aí você não consegue achar ninguém. Mas na hora de aparecer, aparecer 'pá' televisão, aparecer pro rádio, todos eles aparecem. E na hora de... e na hora de fazer alguma coisa, eles somem.
22	Mas nem sei como... por onde começar.
23	Ó, em partes, assim, que a gente vê a Defesa Civil, depois que vem a enchente, às vezes no mesmo dia eles passam analisando caso por caso, 'vê' se perdeu colchão, roupa, cobertores. Eles sempre ajudaram, mas tem a parte do comerciante também aqui. Comerciante também... A gente faz a união, a gente se ajunta e acaba sempre ajudando uma família, a outra. É igual eu te falei: o Natan. O Natan dava muitas coisas pra população, tinha tudo; tudo que você imaginar o Natan já foi[?]. Conhece ele, não? Acho que deve tá ciente sobre isso também. Eu não sei se eu fui a única a falar sobre isso.
24	É o que eu já falei, né? Sem isso não adianta, é tu... é só balela, não adianta. Junta um... juntar um grupo de pessoas pra discutir. Ou seja, se não... se não investir, se o estado e a prefeitura não 'investir', não resolve nunca. Isso aqui tá perdurando, há mais de 50 anos que tem isso. Mas vai.
25	É, mas é justamente o que a gente tá falando, né? É... eu acabei de falar: precisa 'incalzar' o rio e fazer uma avenida no rio, que tem o Rio dos 'Menino', né? E uma avenida do lado de cá mais... mais alta. (Igal fizeram em São Bernardo?) Pra proteger e a água de... e a água esparramar pro lado de cá, né? Porque é ma... Essa rua aqui já é mais baixa que ele lá. Então, conforme solta[?] água, ela enche aqui. (Entendi.) E segura aqui[?]. Se eles trabalham numa avenida alta aí na beira do rio, aí a água acho que não... não escapa pra cá.
26	Como que eu poderia ajudar? (É.) Eu não tenho condições de ajudar (Na ação de prevenção) Sim, eu gostaria Aí, eu... Assim, com negócio de enchente, só quem entende mesmo [palavra inaudível] tratar a prevenção que vai saber fazer, né?
27	Não que eu não... não[?] conseguiria[?] tempo pra fazer isso. [Trecho inaudível]. Ah, ajudar, é... Quando dá enchente aqui no Bom Pastor ter u... uma pessoa pra ajudar a fechar a rua, isso é uma...ajuda...ajuda, já. Se o caminhão passa aqui ele bate nas... e... entra água nas... na frente das 'casa' e arrebenta as 'casa', né? Que, aliás tem casa que é bem antiga, né? Com qualquer ???inha a [trecho inaudível], que a parede bate a... bate e arrebenta a cair... cair o reboco, cai tudo. Principalmente menos aqui é assim, então o que podia fazer é isso aí. Fechar a rua pro... pro [palavra inaudível] enchente, pôr um bombeiro

	ali, outro bombeiro na frente e evitar o carro passar, porque aqui é lugar de... Não dá pra carro passar com[?] enchente.
28	Ah... Eu acho que é muito difícil, né? Porque tudo que você faz... Não sei se resolve muito, porque eu vejo moradores aqui assim tão velhos mesmo, tão antigo, lutando por essa causa e que nunca chegaram a lugar nenhum. Antes, se já tivessem chegado não teria esse problema até hoje aqui no Bom Pastor. Porque, desde que eu me entendo por gente, tem esse problema aqui no Bom Pastor, e dizem... Dizem não, né? O meu irmão até morou aqui uma época, que quando subiram a rua ficou pior a situação, né? De algumas casas.
29	Como assim, ação? (Alguma atividade que fosse prevenir enchente.) Não, acho que não. Acho que não, a gente já foi em muitas 'reunião' aqui no CA[?], eu achei que não... Sabe? Que não resolveu nada, sabe? Que a enchente, quando vem, quem é que vai segurar, né? Ah, eu... É que a minha casa ainda é pouquinho alta da rua, né? Porque aquelas que são mais 'baixa', né?
30	Não. Não, não é mi... [risos] Não é minha... Essas 'coisa' já não... Porque, assim, muita gente que mora aqui, ainda mora em casa alugada, né? Então cê sabe? As pessoas alugam, não tão nem aí, né? Quem que já tá morando dentro é que se vira aí, em fazer comporta, em... em fazer as 'coisa', né? Mas e... eu... eu gostaria assim, de... se tivesse, assim, uma ONG, alguma coisa, de participar, sim. Pra prevenir a saúde, né? O pessoal tomar cuidado, né? Fechar[?] córrego, lavar. Isso sim, né? Uma... uma prevenção após, né? Na verdade, seria uma coisa após a enchente, né? Ter um cuidado. Aqui tem muita criança, né? Então isso sim, é... ensinar as 'mãe', ajudar as mães assim: -Olha... Né? -Coloca cloro na água, né? Lava o quintal com cloro, não sei o quê. Sabe? -Porque é bom. Isso sim, mas, caso contrário... É assim, isso seria se existisse uma ONG, né? Que uma... Seria minha única... Minha única ajuda seria essa.
31	Ainda não pensei no assunto, sobre isso, né? O que eu mais gostaria é de sair da... assim, desse lugar, né? 'Inté' pelas 'criança' e tudo, né? É difícil viver num lugar desse. Isso aqui chove e a gente não pode dormir, que já... a pessoa já tá preocupada por causa da enchente, né? Então é difícil, é ruim mesmo.
32	Ah, eu... eu... eu gostaria que tivesse um... Né? Um meio de prevenir. Eu não se... eu, é... Eu nem posso te dizer. Eu tendo que olhar, assim, há tantos 'ano' que nós 'sofre' disso que eu não sei mais nem como eu posso explicar como é que eu queria que fizesse, tá entendendo? Porque, é... Agora entra na área, as 'comporta' tão 'feita', mas o que eu te falo é o... o que eu te... o que eu falo é que não tem...
33	Mas o que seria a prevenção de enchente? Porque a água você não contém! A água da natureza. O que é prevenir?
34	Ó, eu não tenho condições, né? De ajudar porque eu tô... Eu preciso de ajuda, eu não tenho condições de ajudar.
35	Ah, com certeza, se... Pra ajudar eu teria vontade, sim